



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Ane Caroline Souza dos Santos

**O gerenciamento de vozes externas em textos argumentativos de alunos da  
escola básica: uma análise sistêmico-funcional**

Rio de Janeiro

2023

Ane Caroline Souza dos Santos

**O gerenciamento de vozes externas em textos argumentativos de alunos da escola básica:  
uma análise sistêmico-funcional**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Vania Lúcia Rodrigues Dutra

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S237 Santos, Ane Caroline Souza dos.  
O gerenciamento de vozes externas em textos argumentativos de alunos da escola básica: uma análise sistêmico-funcional / Ane Caroline Souza dos Santos. – 2023.  
301 f.: il.

Orientadora: Vania Lúcia Rodrigues Dutra.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino (Ensino fundamental) - Teses.  
2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Língua portuguesa – Escrita – Teses. 4. Língua portuguesa – Textos - Teses. I. Dutra, Vania Lúcia Rodrigues. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90(07)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Ane Caroline Souza dos Santos

**O gerenciamento de vozes externas em textos argumentativos de alunos da escola básica:  
uma análise sistêmico-funcional**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 8 de março de 2023.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Vania Lúcia Rodrigues Dutra (Orientadora)  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Magda Bahia Schlee de Brito Fernandes  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Fábio André Cardoso Coelho  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2023

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, meus pilares, a quem devo tudo que sou e tudo que tenho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida, que me sustentou durante esta longa caminhada. Mesmo quando eu achei que não fosse conseguir, ele me deu força e coragem para continuar e acreditar que seria possível.

À Vania Dutra. Mais que orientadora, mais que professora, mais que uma inspiração, você se tornou uma amiga. Caminhar ao seu lado durante todos estes anos foi um verdadeiro presente. Obrigada por tudo: pela disponibilidade, pela paciência, pelos conselhos, pelos ensinamentos, pelas enriquecedoras broncas e, principalmente, pelo incentivo e por acreditar em mim desde a minha graduação. Nosso caminho nessa reta final não foi fácil, mas nós conseguimos.

Aos meus pais, Sonia e Edwilson, por serem minha rede de apoio para eu ter tempo de estudar durante todos estes anos, pela motivação e pelo amor incondicional.

Aos meus familiares e amigos, por entenderem minha ausência em muitas reuniões e comemorações.

Às minhas amigas uerjianas, Elisa, Isadora e Thamara, com quem dividi muitas felicidades e aflições – acadêmicas ou não – ao longo desses últimos anos.

À competente e doce professora Magda Bahia, que se tornou minha segunda orientadora em todos estes anos.

Aos professores participantes da banca avaliadora, pela disponibilidade, pelas orientações e apontamentos para aprimoramento da minha pesquisa.

Aos professores da UERJ que passaram pelo meu caminho ao longo da minha formação. Todos vocês ajudaram a formar um pouco do que sou hoje como profissional e ser humano.

Aos meus alunos, pela oportunidade de repensar minha prática de ensino todos os dias.

À UERJ, minha universidade do coração, que me acolheu desde 2009 e a quem eu devo por ser a profissional que me tornei hoje.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando reprocuro. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

*Paulo Freire*

## RESUMO

SANTOS, Ane Caroline Souza dos. *O gerenciamento de vozes externas em textos argumentativos de alunos da escola básica: uma análise sistêmico-funcional*. 2023. 301 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho tem como objetivo investigar as estruturas por meio das quais ocorre a inserção de vozes externas em textos escolares produzidos, respectivamente, por alunos concluintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A partir do instrumental teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; EGGINS, 2004; THOMPSON, 2014), perpassando por teóricos como Bakhtin (2003), Maingueneau (2002), Boch e Grossman (2002) e Marcuschi (2007), será feita uma análise quali-quantitativa de sessenta (60) textos – trinta (30) de cada série – para investigar quais são os recursos léxico-gramaticais mais empregados pelos autores desses textos a fim de materializar as vozes externas nos textos argumentativos produzidos. Assim, será possível verificar se o aluno concluinte da Escola Básica emprega, em seus textos, de forma mais madura, consciente e produtiva, em relação ao aluno do 9º ano, os recursos gramaticais de inserção de vozes externas em favor do propósito social do gênero em questão. Nesse sentido, este trabalho tem uma contribuição importante a dar aos docentes os quais buscam um ensino mais produtivo no que diz respeito à produção de textos na escola, pois permite que se compreenda a funcionalidade das escolhas léxico-gramaticais dos produtores de textos frente às diversas possibilidades que a língua oferece.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Linguística sistêmico-funcional. Vozes externas. Produção de textos argumentativos.

## ABSTRACT

SANTOS, Ane Caroline Souza dos. *The management of external voices in argumentative texts by mid-high school students: a systemic-functional analysis*. 2023. 301 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This work aims to investigate the structures through which external voices are inserted in school texts produced, respectively, by students completing Middle and High School. Based on the theoretical tools of Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; EGGINS, 2004; THOMPSON, 2014), passing through theorists such as Bakhtin (2003), Maingueneau (2002), Boch and Grossman (2002) and Marcuschi (2007), a qualitative and quantitative analysis of sixty (60) texts – thirty (30) of each series – will be carried out to investigate which are the lexicogrammatical resources most used by the authors of these texts in order to materialize the external voices in the argumentative texts produced. In this way, it will be possible to verify if the graduating student of the High School uses, in his texts, in a more mature, conscious and productive way, in relation to the 9th grade student, the grammatical resources of insertion of external voices in favor of the social purpose of the gender in question. In this sense, this work has an important contribution to give to teachers who seek a more productive teaching with regard to the production of texts at school, as it allows one to understand the functionality of the lexical-grammatical choices of text producers in the face of the various possibilities that the language offers.

Keywords: Portuguese language teaching. Systemic-functional linguistics. External voices. Production of argumentative texts.

## RESUMEN

SANTOS, Ane Caroline Souza dos. *El manejo de las voces externas en textos argumentativos de estudiantes de primaria: un análisis sistémico-funcional*. 2023. 301 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabajo tiene como objetivo investigar las estructuras a través de las cuales las voces externas se insertan en los textos escolares producidos, respectivamente, por estudiantes que finalizan la escuela primaria y secundaria. Partiendo de las herramientas teóricas de la Lingüística Sistémico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; EGGINS, 2004; THOMPSON, 2014), pasando por teóricos como Bakhtin (2003), Maingueneau (2002), Boch y Grossman (2002) y Marcuschi (2007), se realizará un análisis cualitativo y cuantitativo de sesenta (60) textos – treinta (30) de cada serie – para investigar cuáles son los recursos lexicogramáticos más utilizados por los autores de estos textos para materializar las voces externas en los textos argumentativos producidos. Así será posible corroborar si el alumno que termina la Escuela primaria utiliza, en sus textos, de manera más madura, consiente y productiva, en relación al alumno de la Escuela secundaria, los recursos gramaticales de inserción de voces externas en favor al propósito social del género en cuestión. En este sentido, este trabajo tiene una importante contribución para dar a los docentes que buscan una enseñanza más productiva en relación con la producción de textos en la escuela, ya que permite comprender la funcionalidad de las elecciones léxico-gramaticales de los productores de textos frente a las diversas posibilidades que ofrece el lenguaje.

Palabras clave: Enseñanza de la lengua portuguesa. Lingüística sistémico-funcional. Voces externas. Producción de textos argumentativos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Linguagem em duas perspectivas.....	51
Figura 2 – Estratos da linguagem.....	52
Figura 3 – Divisões do nível extralinguístico.....	52
Figura 4 – As variáveis do contexto de situação.....	55
Figura 5 – Tipos de processos nas orações.....	62
Figura 6 – Tipos de modalidade.....	70
Figura 7 – Formas de referência ao discurso do outro segundo Boch e Grossman.....	88
Figura 8 – Escala de níveis de realização do sistema.....	95
Esquema 1 – Eixo tático e lógico-semântico.....	98
Figura 9 – Sistemas envolvidos na diferenciação dos tipos de projeção.....	104
Figura 10 – Projeção e expansão nas histórias em quadrinhos.....	107
Figura 11 – Família de gêneros da Escola de Sidney.....	131
Gráfico 1 – Porcentagem dos mecanismos empregados por alunos do 9º ano do EF para a inserção de vozes externas.....	253
Gráfico 2 – Porcentagem dos mecanismos empregados por alunos da 3ª série do EM para a inserção de vozes externas.....	268
Figura 12 – Resultado de busca sobre citação empregada no texto 45.....	274

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ensino tradicional x Ensino construtivista.....	32
Quadro 2 – Variáveis do contexto de situação X metafunções da linguagem.....	58
Quadro 3 – Correlação entre conceitos de Jakobson e Halliday.....	59
Quadro 4 – As circunstâncias e seus subtipos na LSF.....	61
Quadro 5 – Tipos de processos verbais.....	66
Quadro 6 – Sistema de Transitividade.....	67
Quadro 7 – Funções primárias da fala.....	68
Quadro 8 – Alguns recursos linguísticos da interessoalidade em Língua Portuguesa.....	71
Quadro 9 – Metafunções, tipos de significado e sistemas de realização.....	76
Quadro 10 – A referência ao discurso do outro segundo Boch e Grossman.....	90
Quadro 11 – Funções organizadoras dos verbos introdutores de opinião.....	92
Quadro 12 – Cruzamento do eixo Tático com o Lógico-semântico.....	100
Quadro 13 – A projeção nas três metafunções.....	103
Quadro 14 – Conectivos e relações lógico-semânticas da elaboração.....	108
Quadro 15 – Categorias e principais conectivos de extensão.....	111
Quadro 16 – Conjunções e adjuntos conjuntivos de relação lógico-semântica de intensificação.....	113
Quadro 17 – Orações: paralelo entre as ideias de Halliday e da gramática tradicional.....	115
Quadro 18 – Orações encaixadas: paralelo entre as ideias de Halliday e da gramática tradicional.....	116
Quadro 19 – Relações lógico-semânticas básicas na visão de Thompson .....	117
Quadro 20 – Tipos de encaixamento.....	117
Quadro 21 – Artigo de opinião X Dissertação-argumentativa.....	136
Quadro 22 – Comparativo das visões de Adam, Marcuschi e Charaudeau.....	143
Quadro 23 – Relação entre sujeito argumentante, proposta e sujeito-alvo.....	146
Quadro 24 – Plano padrão da argumentação formal.....	148
Quadro 25 – Esquema típico da sequência argumentativa.....	148
Quadro 26 – Seleção das vozes externas no Texto 1.....	171
Quadro 27 – Seleção das vozes externas no Texto 2.....	173

Quadro 28 – Seleção das vozes externas no Texto 3.....	174
Quadro 29 – Seleção das vozes externas no Texto 4.....	175
Quadro 30 – Seleção das vozes externas no Texto 5.....	176
Quadro 31 – Seleção das vozes externas no Texto 6.....	178
Quadro 32 – Seleção das vozes externas no Texto 7.....	179
Quadro 33 – Seleção das vozes externas no Texto 8.....	180
Quadro 34 – Seleção das vozes externas no Texto 9.....	181
Quadro 35 – Seleção das vozes externas no Texto 10.....	182
Quadro 36 – Seleção das vozes externas no Texto 11.....	183
Quadro 37 – Seleção das vozes externas no Texto 12.....	185
Quadro 38 – Seleção das vozes externas no Texto 13.....	186
Quadro 39 – Seleção das vozes externas no Texto 14.....	188
Quadro 40 – Seleção das vozes externas no Texto 15.....	189
Quadro 41 – Seleção das vozes externas no Texto 16.....	190
Quadro 42 – Seleção das vozes externas no Texto 17.....	191
Quadro 43 – Seleção das vozes externas no Texto 18.....	193
Quadro 44 – Seleção das vozes externas no Texto 19.....	194
Quadro 45 – Seleção das vozes externas no Texto 20.....	195
Quadro 46 – Seleção das vozes externas no Texto 21.....	196
Quadro 47– Seleção das vozes externas no Texto 22.....	197
Quadro 48 – Seleção das vozes externas no Texto 23.....	198
Quadro 49 – Seleção das vozes externas no Texto 24.....	200
Quadro 50 – Seleção das vozes externas no Texto 25.....	201
Quadro 51 – Seleção das vozes externas no Texto 26.....	202
Quadro 52 – Seleção das vozes externas no Texto 27.....	204
Quadro 53 – Seleção das vozes externas no Texto 28.....	205
Quadro 54 – Seleção das vozes externas no Texto 29.....	207
Quadro 55 – Seleção das vozes externas no Texto 30.....	208
Quadro 56 – Seleção das vozes externas no Texto 31.....	209
Quadro 57 – Seleção das vozes externas no Texto 32.....	210

Quadro 58 – Seleção das vozes externas no Texto 33.....	211
Quadro 59 – Seleção das vozes externas no Texto 34.....	212
Quadro 60 – Seleção das vozes externas no Texto 35.....	214
Quadro 61 – Seleção das vozes externas no Texto 36.....	215
Quadro 62 – Seleção das vozes externas no Texto 37.....	217
Quadro 63 – Seleção das vozes externas no Texto 38.....	218
Quadro 64 – Seleção das vozes externas no Texto 39.....	219
Quadro 65 – Seleção das vozes externas no Texto 40.....	220
Quadro 66 – Seleção das vozes externas no Texto 41.....	221
Quadro 67 – Seleção das vozes externas no Texto 42.....	222
Quadro 68 – Seleção das vozes externas no Texto 43.....	223
Quadro 69 – Seleção das vozes externas no Texto 44.....	225
Quadro 70 – Seleção das vozes externas no Texto 45.....	226
Quadro 71 – Seleção das vozes externas no Texto 46.....	228
Quadro 72 – Seleção das vozes externas no Texto 47.....	229
Quadro 73 – Seleção das vozes externas no Texto 48.....	231
Quadro 74 – Seleção das vozes externas no Texto 49.....	232
Quadro 75 – Seleção das vozes externas no Texto 50.....	233
Quadro 76 – Seleção das vozes externas no Texto 51.....	235
Quadro 77 – Seleção das vozes externas no Texto 52.....	237
Quadro 78 – Seleção das vozes externas no Texto 53.....	238
Quadro 79 – Seleção das vozes externas no Texto 54.....	239
Quadro 80 – Seleção das vozes externas no Texto 55.....	240
Quadro 81 – Seleção das vozes externas no Texto 56.....	241
Quadro 82 – Seleção das vozes externas no Texto 57.....	242
Quadro 83 – Seleção das vozes externas no Texto 58.....	243
Quadro 84 – Seleção das vozes externas no Texto 59.....	244
Quadro 85 – Seleção das vozes externas no Texto 60.....	245

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Panorama Ideb: anos finais do Ensino Fundamental.....	23
Tabela 2 – Panorama Ideb: Ensino Médio.....	23
Tabela 3 – Quantificação das estruturas veiculadoras de vozes externas nos textos de 1 a 30.....	246
Tabela 4 – Total de estruturas veiculadoras de vozes externas (9º ano EF).....	252
Tabela 5 – Quantificação das estruturas veiculadoras de vozes externas nos textos de 31 a 60.....	264
Tabela 6 – Total de estruturas veiculadoras de vozes externas (3ª série EM).....	268
Tabela 7 – Comparação quantitativa das estruturas veiculadoras de vozes entre os dois grupos de textos.....	283

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
1	<b>REPENSANDO A REALIDADE DA ESCOLA BÁSICA</b> .....	22
1.1	<b>Concepções de ensino</b> .....	26
1.2	<b>Concepções de língua</b> .....	33
1.3	<b>Concepções de gramática</b> .....	37
1.4	<b>Concepções de escrita</b> .....	39
1.5	<b>A Escola Básica e os documentos oficiais</b> .....	43
2	<b>A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL</b> .....	48
2.1	<b>Significado ideacional</b> .....	60
2.2	<b>Significado interpessoal</b> .....	67
2.3	<b>Significado Textual</b> .....	72
3	<b>O GERENCIAMENTO DE VOZES NA CONSTRUÇÃO DE TEXTOS</b> .....	77
3.1	<b>Conceitos básicos</b> .....	77
3.1.1	<u>Dialogismo e heteroglossia</u> .....	78
3.1.2	<u>Intertextualidade</u> .....	80
3.1.3	<u>Polifonia</u> .....	82
3.2	<b>O emprego das vozes externas para diferentes autores</b> .....	85
3.2.1	<u>Dominique Maingueneau</u> .....	86
3.2.2	<u>Boch e Grossman</u> .....	87
3.2.3	<u>Luiz Antônio Marcuschi</u> .....	90
3.3	<b>A inserção de outras vozes na visão da LSF</b> .....	93
3.3.1	<u>Os complexos oracionais</u> .....	94
3.3.2	<u>Tipos de relação entre as orações</u> .....	97
3.3.2.1	Projeção.....	100
3.3.2.2	Expansão.....	106
3.3.2.2.1	Elaboração.....	107
3.3.2.2.2	Extensão.....	109
3.3.2.2.3	Intensificação.....	111
3.3.3	<u>Expansões encaixadas</u> .....	115
4	<b>GÊNEROS E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS</b> .....	119
4.1	<b>O gênero textual na Linguística Sistêmico-Funcional</b> .....	125
4.1.1	<u>A noção de gêneros conforme Ruqaya Hasan</u> .....	125

4.1.2	<u>A noção de gêneros conforme J.R. Martin</u> .....	127
4.2	<b>O gênero artigo de opinião</b> .....	130
4.3	<b>O gênero redação escolar</b> .....	134
4.4	<b>Sequências textuais</b> .....	141
4.5	<b>Argumentação</b> .....	144
5	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	150
5.1	<b>Contexto escolar</b> .....	150
5.2	<b>Motivação</b> .....	151
5.3	<b>Procedimentos de coleta e seleção dos textos</b> .....	153
5.4	<b>Procedimentos de análise</b> .....	157
6	<b>ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b> .....	171
6.1	<b>Análise dos textos do nono ano</b> .....	245
6.2	<b>Análise dos textos da terceira série</b> .....	264
6.3	<b>Análise dos resultados</b> .....	283
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	288
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	292

## INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são atividades de extrema relevância nas relações sociais, indispensáveis à formação cidadã e ética dos indivíduos, devendo, portanto, ser estimuladas em diferentes contextos. Nesse sentido, entendemos que a escola representa um espaço privilegiado para o desenvolvimento de um trabalho que visa ao aperfeiçoamento dessas duas habilidades. Todavia, segundo dados fornecidos pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a formação básica do estudante brasileiro apresenta diversos problemas relacionados à aprendizagem da Língua Portuguesa.

Depois de, no mínimo, doze anos de escolaridade, grande parte dos alunos ainda apresenta muitas dificuldades em relação ao uso da língua. Esse cenário não é absolutamente novo, mas, pós-pandemia de COVID-19, intensificou-se e a tendência é que se agrave, cada vez mais, se o campo educacional não for tratado com máxima prioridade pelas autoridades do nosso país.

Para muitos docentes, lecionar língua materna ainda está diretamente relacionado (e, em alguns casos, somente) a ensinar gramática, fazendo com que até hoje, mesmo com o desenvolvimento de inúmeros estudos funcionalistas, o binômio leitura e escrita não tenha um tratamento adequado nas salas de aula espalhadas pelo Brasil. Embora ninguém seja capaz de ouvir, falar, ler ou escrever sem gramática, o trabalho apenas centrado em terminologias e classificações, é insuficiente. Nesse sentido, acreditamos que as práticas que norteiam o ensino de Língua Portuguesa na Escola Básica devem ser modificadas tanto na teoria que orienta o trabalho do professor quanto na prática pedagógica em si, sendo uma consequência da outra.

Quando refletimos especificamente sobre o trabalho escolar desenvolvido com a escrita, ainda vemos vestígios do final dos anos 1980, quando o foco era ensinar o aluno a escrever corretamente, apropriando-se de um sistema pronto e de suas regras (KOCK & ELIAS, 2006). Além disso, mesmo que autores como Geraldi (1997) e Marcuschi (2010) tenham apresentado, ao longo das últimas décadas, novas concepções acerca de como trabalhar com a produção textual – valorizando a interação e o processo de construção de significados –, a ideia de que escrever exige dom ou inspiração, por exemplo, ainda permeia o imaginário de diversos docentes. Além disso, um trabalho produtivo com essa habilidade exige, dentre outros requisitos, conhecimento teórico e tempo de planejamento e de aplicação desse planejamento em sala de aula, o que nem sempre é possível a diversos profissionais.

Por essas e por tantas outras razões, o cenário construído na escola em todos esses anos acaba revelando a prática de uma escrita artificial, inexpressiva, a qual não permite que o aluno construa, de fato, textos eficazes, textos autorais.

A preocupação com essa realidade e o desconforto, como docente, diante dos textos, especificamente os argumentativos, elaborados na escola é que motivou este trabalho. Na verdade, ter a possibilidade de repensar as práticas de ensino é um aspecto que nos interessa desde a época da graduação, afluído, principalmente, depois de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como aluna bolsista. No Mestrado, esse gosto pela interação da pesquisa acadêmica com a prática escolar intensificou-se, trazendo, com mais propriedade, a oportunidade não só de refletir sobre o nosso próprio fazer pedagógico, mas também de colaborar para que outros professores tenham a mesma oportunidade.

Nosso objetivo nesta tese é fazer uma análise quali-quantitativa, verificando se e como ocorre a inserção de vozes externas em textos escritos por alunos da Escola Básica. No total, serão analisadas sessenta produções textuais: trinta artigos de opinião (produzidos pelo 9º ano - EF) e trinta do que se convencionou chamar de “redação de vestibular” (produzidas pela 3ª série - EM) com a mesma proposta temática: “A relação do homem com o meio ambiente”. Ainda que os gêneros textuais sejam diferentes, acreditamos que este não é um aspecto que interfira nos resultados, já que ambos apresentam a mesma base argumentativa. Eles foram escolhidos por já estarem sendo trabalhados pelos docentes nas respectivas séries. Nos casos em que a voz alheia aparece, nosso foco é mapear quais são as marcas léxico-gramaticais responsáveis pela sua inserção, investigando o seu emprego e, conseqüentemente, a funcionalidade cumprida por ela nos textos em questão. Com isso, será possível verificar se as vozes externas são empregadas de forma produtiva e se agregam, ou não, força argumentativa para consolidar o posicionamento defendido nesses textos.

A hipótese inicial a ser comprovada nesta pesquisa é a de que, desconstruindo o normalmente esperado, as produções dos estudantes do 9º ano empregam com mais propriedade que os estudantes concluintes do Ensino Médio os diversos mecanismos léxico-gramaticais de que a língua dispõe para a inserção de vozes alheias em seus textos. Nesse sentido, indo de encontro à crença de que o estudante concluinte da Escola Básica apresenta maior amadurecimento e proficiência no uso da língua, acreditamos que os alunos do Ensino Fundamental empregam a voz de outrem de maneira mais consciente e produtiva, demonstrando mais autonomia e criatividade para lidar com as escolhas que a língua nos oferece. O que justifica a nossa hipótese é o “adestramento” feito por muitas escolas,

principalmente as particulares, em todo o território nacional, para um texto que seja escrito no formato Enem, cobrado para o ingresso em diversas universidades do país, o que anula, muitas vezes, a expressão individual de escrita, a liberdade de composição e, conseqüentemente, a criatividade do estudante. Junta-se a isso o fato de entendermos que o trabalho desenvolvido pelas escolas que investem no modelo de redação de vestibular / redação do Enem acaba por “moldar” o trabalho, propondo “fórmulas” para a construção do texto, em que a temática precisa “caber”. Dessa forma, o estudante direciona seu esforço cognitivo para a forma do texto, desviando a atenção do desenvolvimento do tema em si e, conseqüentemente, da escolha da palavra de outrem que, de fato, diga algo relevante sobre o que se estaria discutindo, de forma a colaborar para a construção do significado do texto.

Na visão de Bakhtin (2003), nos textos, sempre há a presença de diferentes vozes que se articulam, fazendo com que a enunciação seja, essencialmente, polifônica. Em textos argumentativos, estas costumam ser empregadas pelos autores a fim de colaborar para a argumentação a favor da tese defendida.

Como principal suporte teórico para a investigação aqui proposta, recorreremos à Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; EGGINS, 2004; THOMPSON, 2014), doravante LSF. Acreditamos que essa teoria representa um importante instrumento para a análise de textos ao permitir que vejamos, na escolha de determinadas estruturas em detrimento de outras, potenciais de significado. A LSF permite entender não só a funcionalidade das estruturas linguísticas, mas também a motivação do usuário ao empregá-las, uma vez que, nessa perspectiva, a língua tem a função de produzir significados por meio de escolhas influenciadas por contextos sociais e culturais (EGGINS, 2004). Para somar neste estudo, apresentaremos, também, lições de outros pesquisadores que se dedicam ao estudo da língua, do seu ensino e da sua prática na sala de aula.

Nesse sentido, acreditamos que a relevância deste trabalho está na observação do uso real da língua, já que desenvolver um senso crítico sobre a própria escrita é fundamental a fim de que o propósito da comunicação seja alcançado de forma satisfatória.

Com base nessa proposta, destacamos, a seguir, os objetivos específicos, os quais serão perseguidos nesta pesquisa na busca de atingir nosso objetivo geral:

- a) fazer o levantamento das vozes externas empregadas nas produções textuais dos alunos concluintes do EF e do EM, *corpus* deste trabalho;
- b) identificar as marcas léxico-gramaticais que introduzem cada uma dessas vozes no período simples e no complexo oracional;

- c) identificar quais são as formas mais empregadas por esses estudantes para veicular o discurso do outro;
- d) investigar que uso é feito da voz externa: se o aluno apenas a apresenta, se desenvolve a ideia nela contida, concordando ou não com ela, se apresenta alguma justificativa para o emprego dessa voz no texto, tendo em vista seu posicionamento em relação ao tema;
- e) confrontar os resultados quantitativos e qualitativos encontrados em cada grupo de textos, a fim de verificar semelhanças e diferenças.
- f) interpretar esses resultados à luz do contexto do ensino-aprendizagem da produção textual na Escola Básica.

Para alcançar os propósitos aqui delimitados, dividimos este trabalho em seis capítulos, que se seguem a esta Introdução.

Uma vez que a nossa tese está enquadrada na perspectiva do Ensino, o primeiro capítulo é dedicado, primeiramente, a um breve panorama sobre a maneira como a Língua Portuguesa costuma ser abordada nas escolas brasileiras. Em seguida, são apresentadas algumas concepções que orientam e influenciam diretamente o tratamento dado aos conteúdos na sala de aula e, por último, apresenta-se uma reflexão acerca do que sugerem documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, em relação com a realidade do ensino de língua materna na escola básica.

O capítulo 2 é o responsável por apresentar a base teórica orientadora desta tese: a Linguística Sistêmica-Funcional, baseada no modelo de Michael M. K. Halliday (2014). A LSF é de base semântica e preocupa-se com os significados construídos pelos textos localizados sócio-histórica e culturalmente, inseridos nos contextos de situação e de cultura. Halliday acredita que os falantes podem exteriorizar suas experiências a partir do momento em que relacionam a estrutura léxico-gramatical de seus textos às suas intenções comunicativas. Logo, para o autor, a escolha de determinada estrutura na construção de um texto não é uma tarefa aleatória, fortuita, já que cada uma delas pode revelar a intenção de seu autor.

Já o capítulo 3 trabalha, especificamente, com o gerenciamento de vozes na construção de textos, passando por quatro conceitos básicos: dialogismo, heteroglossia, intertextualidade e polifonia. Em seguida, apresenta-se uma breve revisão bibliográfica de alguns estudos, de diferentes linhas teóricas, que vêm enriquecendo as discussões sobre o emprego de vozes

externas em textos, até chegar à perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, que empresta seu instrumento para descrevermos como se materializa a inserção dessas vozes nos textos.

O capítulo 4 traz uma discussão sobre o conceito de gênero textual pautado nas ideias de Marcuschi (2008) e da LSF (HALLIDAY & HASAN, 1985; MARTIN, 1992), buscando diferenciá-lo da noção de tipologia textual – ambos fundamentais para um trabalho que vise a uma escrita mais produtiva na escola. Além disso, visa, ainda, a estabelecer o artigo de opinião e a redação dissertativo-argumentativa como gênero, descrevendo-os e comparando-os.

O capítulo 5, por sua vez, especifica o percurso metodológico, isto é, traz a sistematização do processo de investigação desenvolvido para se chegar a esta tese. De início, apresentam-se a motivação para a escolha do *corpus*, o contexto em que ele foi constituído e os procedimentos de coleta, de seleção e de análise dos textos. Em seguida, a fim de explicitar o procedimento que norteou a investigação das produções, faz-se uma análise detalhada de dois textos componentes do *corpus* da pesquisa – um do 9º ano do EF e outro da 3ª série do EM.

O sexto capítulo é dedicado à análise do *corpus*. Inicialmente, são analisados os tipos de estruturas que introduzem as vozes externas. Em seguida, após uma análise qualitativa dos dois grupos de textos, é feita a interpretação desses resultados à luz da LSF: essas produções são analisadas no que diz respeito ao emprego de estruturas léxico-gramaticais que veiculam a voz alheia.

Nas Considerações Finais, sem a pretensão de sermos conclusivos sobre o tema, apresentamos um resumo do trabalho desenvolvido e algumas reflexões sobre os possíveis desdobramentos que poderão ocorrer, a partir dele, em outras pesquisas relacionadas.

Por último, listamos as referências bibliográficas das obras que foram apoio importante para o embasamento teórico e para a fundamentação do que se apresenta e do que se defende ao longo de nosso texto.

Acredita-se, assim, que discutir as mais diversas maneiras de se inserir uma voz externa no texto argumentativo e suas implicações para a construção do posicionamento de seu autor pode viabilizar uma nova direção para o trabalho com a produção de textos na escola, buscando-se construir uma abordagem mais produtiva no ensino da língua. Logo, esta pesquisa vai além de promover uma reflexão sobre como o ensino da produção textual é abordado na escola básica. Ela visa, principalmente, a auxiliar o professor na complexa tarefa de ensinar a escrever textos em que, de fato, seus alunos consigam materializar, de forma

crítica, clara e objetiva o seu objetivo comunicativo, entendendo a língua como um verdadeiro potencial para a construção de significados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

## 1 REPENSANDO A REALIDADE DA ESCOLA BÁSICA

*Não dá mais para ‘tolerar’ uma escola que, por vezes, nem sequer alfabetiza (principalmente os mais pobres), ou que, alfabetizando, não forma leitores nem pessoas capazes de expressar-se por escrito, coerente e relevantemente, para, assumindo a palavra, serem autores de uma nova ordem das coisas.*

Irané Antunes

Afirmar que o ensino básico brasileiro precisa ser repensado já se tornou uma fala clichê – embora verdadeira – até para quem não está envolvido diretamente com educação. Enquanto a função básica das escolas deveria ser proporcionar a aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo, o que encontramos são instituições públicas e privadas que não oferecem grandes desafios intelectuais aos estudantes e que deixam a desejar em suas funções básicas, como formar verdadeiros cidadãos, pessoas autônomas capazes de aplicar os conhecimentos aprendidos para além dos muros da escola.

Provar essa afirmação é fácil quando se têm à mão os dados do principal indicador de qualidade da educação brasileira, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). O cálculo leva em consideração os dados de aprovação das escolas e o desempenho de estudantes no Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) – que avalia o desempenho em Língua Portuguesa e Matemática<sup>1</sup>.

Para cada ano de divulgação, o IDEB tem metas diferentes e específicas: nacionais, por unidade de federação, por rede de ensino e por escola. Embora a análise desses dados seja bem detalhada de acordo com tais parâmetros, as tabelas abaixo, retiradas do site do Inep, permitem resumir os resultados encontrados até 2019<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> Observar que, a partir de 2023, o Saeb avaliará outras áreas previstas pela BNCC.

<sup>2</sup> Embora os resultados do Ideb 2021 estejam disponíveis para consulta, escolhemos usar os encontrados na edição de 2019. Essa preferência pode ser justificada, porque os dados mais recentes foram colhidos durante a pandemia de Covid-19, ou seja, em condições que acabaram “mascarando”, de forma não intencional, o verdadeiro retrato da educação no Brasil. Além de parte das redes de ensino terem adotado a aprovação automática, a porcentagem de alunos participantes da avaliação (Saeb) foi, pela primeira vez, muito mais baixa em alguns estados, fornecendo dados pouco confiáveis, os quais não apontam com precisão o que aconteceu com o desempenho dos estudantes no período da pandemia.

Tabela 1 – Panorama Ideb: anos finais do Ensino Fundamental

	IDEB Observado								Metas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
<b>Total</b>	3.5	3.8	4.0	4.1	4.2	4.5	4.7	4.9	3.5	3.7	3.9	4.4	4.7	5.0	5.2	5.5
<b>Dependência Administrativa</b>																
<b>Estadual</b>	3.3	3.6	3.8	3.9	4.0	4.2	4.5	4.7	3.3	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.3
<b>Municipal</b>	3.1	3.4	3.6	3.8	3.8	4.1	4.3	4.5	3.1	3.3	3.5	3.9	4.3	4.6	4.9	5.1
<b>Privada</b>	5.8	5.8	5.9	6.0	5.9	6.1	6.4	6.4	5.8	6.0	6.2	6.5	6.8	7.0	7.1	7.3
<b>Pública</b>	3.2	3.5	3.7	3.9	4.0	4.2	4.4	4.6	3.3	3.4	3.7	4.1	4.5	4.7	5.0	5.2

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=12437761>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Tabela 2 – Panorama Ideb: Ensino Médio

	IDEB Observado								Metas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
<b>Total</b>	3.4	3.5	3.6	3.7	3.7	3.7	3.8	4.2	3.4	3.5	3.7	3.9	4.3	4.7	5.0	5.2
<b>Dependência Administrativa</b>																
<b>Estadual</b>	3.0	3.2	3.4	3.4	3.4	3.5	3.5	3.9	3.1	3.2	3.3	3.6	3.9	4.4	4.6	4.9
<b>Privada</b>	5.6	5.6	5.6	5.7	5.4	5.3	5.8	6.0	5.6	5.7	5.8	6.0	6.3	6.7	6.8	7.0
<b>Pública</b>	3.1	3.2	3.4	3.4	3.4	3.5	3.5	3.9	3.1	3.2	3.4	3.6	4.0	4.4	4.7	4.9

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=12437761>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Ao analisar os resultados, é possível perceber que, embora o país tivesse melhorado, até esse momento, seu desempenho nos anos finais do Ensino Fundamental, alcançando 4,9 em 2019, a meta não foi atingida. De acordo com a fonte oficial, das 27 unidades da Federação, 22 aumentaram o Ideb, mas apenas sete alcançaram a meta proposta para a última pesquisa: Amazonas, Piauí, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Paraná e Goiás. No Ensino Médio, o cenário não muda muito: há melhorias, mas ainda sem meta atingida.

A intenção é que cada instância melhore os índices a fim de que o Brasil atinja o patamar educacional da média dos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Afinal, quando vislumbramos um país com redução da desigualdade e crescimento econômico, a qualidade da educação precisa ser verdadeiramente a prioridade nacional.

Nesse sentido, todos os esforços são necessários para que o aluno compreenda melhor a realidade que o cerca, favorecendo sua participação em relações sociais cada vez mais amplas, possibilitando a leitura e a interpretação das mensagens e informações que hoje são

amplamente veiculadas em sociedade. Isso o prepara não só para o mercado de trabalho, mas para uma intervenção crítica e consciente na vida pública. Seguindo essa lógica, é primordial que a escola promova o domínio das artes, das ciências, da matemática, dos conteúdos culturais básicos e especialmente da leitura e da escrita. Sem essas aprendizagens, será muito difícil colocar em prática os direitos de cidadania previsto constitucionalmente. Por isso, o universo escolar deve se preocupar em dotar o aluno da capacidade de buscar informações de acordo com as suas necessidades de desenvolvimento social e individual, indo muito além da simples transmissão de conteúdo sistematizado e do pensamento apenas no vestibular e no ENEM – como acontece em muitas escolas privadas espalhadas pelo Brasil.

Reverter ou atenuar o quadro revelado pelo Ideb de 2019 não é tarefa fácil, uma vez que são muitos os problemas quando o assunto é educação no Brasil, principalmente a pública, e são inúmeros os aspectos que ajudam a construir, como um todo, resultados negativos.

Antes da pandemia de COVID-19, era fácil encontrar discentes que passavam até uma hora copiando matéria do quadro-negro, à moda antiga, como se estivessem em um colégio do início do século XX. Explorar recursos tecnológicos, para muitos, era uma prática limitada, que não passava de ouvir uma música ou assistir a um filme. Embora o contexto pandêmico tenha trazido a necessidade de ressignificação das estratégias de ensino, por causa da inserção mais direta da tecnologia no fazer pedagógico, o que se vê, majoritariamente, além do crescimento da desigualdade pelo não acesso a ela por parte daqueles menos favorecidos, são práticas diárias improdutivas.

A percepção coletiva de que a escola não pode parar – a fim de não haver perda do ano letivo – foi a principal motivação para que a educação remota, até então direcionada, quase em sua totalidade, ao Ensino Superior, chegasse à Escola Básica, principalmente à rede particular (já que a rede pública sofre com um grande sucateamento estrutural, sendo a mais prejudicada).

Com a flexibilização das regras governamentais, conhecemos o ensino híbrido – atendendo a quem está em casa e a quem está no ambiente escolar, respeitando o devido rodízio de estudantes, proposto pelo Governo. Embora os jovens, frutos da revolução tecnocientífico-informacional, estejam acostumados a lidar com, por exemplo, celulares e *tablets* na vida cotidiana, na aprendizagem a adaptação não é tão fácil assim, pois exige foco e maturidade por parte deles. Para o docente, um desafio novo: como lidar com toda a responsabilidade que envolve estar à frente de uma turma presencial, buscando a aprendizagem, cuidando do comportamento, do distanciamento social, preocupado com a

vulnerabilidade frente ao vírus, mas também tendo que atender a quem não está lá fisicamente, tirando dúvidas via chat, e ainda estar à frente de questões técnicas como câmera, microfone e tantos outros aspectos? Complexo demais. Estranho demais. O medo do novo se faz presente e tudo isso traz à tona a necessidade de adaptação das partes envolvidas.

Embora tenhamos acesso a diversos programas, aplicativos e ferramentas que poderiam tornar a vida estudantil menos monótona, o dia a dia tem revelado que as “mudanças” nem sempre são significativas: agora, quem está de casa também copia do quadro, mas desta vez com o empecilho de uma câmera, nem sempre, com boa resolução (isso quando se tem câmera e computador em sala). Ser tecnológico acabou se tornando sinônimo de usar slides, prática essa muito interessante, didática, mas que, se não bem empregada, acaba colocando o aluno em um lugar de comodismo, uma vez que ele se torna um mero telespectador, apenas ouve e assiste, mas não anota, não pergunta, não interage e está, portanto, longe de ser ativo no processo de aprendizagem. Torna-se apenas um número dentre os colegas de classe. Conhecê-los e criar vínculos não é fácil, o que gera uma postura comum de se encontrar: alunos desinteressados, desmotivados e, quando em casa, dormindo na frente da tela, jogando on-line ou fazendo alguma outra atividade de maior interesse para eles.

No que diz respeito ao trabalho docente – parte da questão para a qual podemos tentar contribuir –, é fato que grande parte do aprendizado de nossos alunos depende da forma como é trabalhado o conteúdo em sala de aula: a reflexão sobre ele e sua aplicação. Em linhas gerais, o resultado do ensino variará dependendo da maneira como o professor conduzir política e ideologicamente a sua prática pedagógica, ou seja, dependendo da escolha de estratégias que vão desde a seleção de conteúdos até a forma como trabalhá-lo e sua avaliação, que não precisa ser, necessariamente, por meio de uma prova sem consulta com data e hora marcada.

No caso da disciplina de Língua Portuguesa, nossa área de trabalho e principal preocupação, tudo isso está diretamente relacionado, principalmente, às concepções de ensino e de língua que o docente adotar, ainda que sem consciência clara disso. É por isso que, para se conseguir um trabalho mais eficiente na escola, é preciso repensar esses conceitos básicos, pois nem sempre o professor está consciente das concepções diversas que dão base ao seu trabalho diário. Seja pela correria do cotidiano, seja por ter que trabalhar em várias escolas e não sobrar muito tempo, ele, muitas vezes, acaba não refletindo sobre os pressupostos metodológicos que utiliza em sala de aula ou mesmo sobre o objetivo pretendido com determinado conteúdo, com determinada atividade. Esse ponto é preocupante, porque:

não há ensino satisfatório sem o conhecimento profundo, pelo professor, da concepção de língua que adota e, conseqüentemente, da definição do que deveria ser seu objeto específico: os textos. Essa concepção (consciente ou não) interfere nos processos de ensino/aprendizagem, determinando *o que, como e para que se ensina*. (SANTOS, 2017, p.19)

Visando refletir com mais cautela sobre o assunto, focando no ensino de língua materna, leitura e produção textual, vamos expandir a discussão acerca das possíveis concepções adotadas pelo professor frente a questões como ensino, língua, gramática e escrita. Afinal, o entendimento sobre esses aspectos influencia diretamente no desenvolvimento e nos objetivos de suas aulas (KOCH; ELIAS, 2006)

### 1.1 Concepções de ensino

Antes de tudo, é importante destacar o que orienta e baliza o planejamento docente: o currículo formal. Trata-se de um conjunto de conteúdos das disciplinas escolares, que têm metas e objetivos traçados, considerando cada nível de aprendizado e cada área do conhecimento. Contudo, existe uma espécie de Currículo Oculto, o qual se perpetua por meio das relações de poder em sala de aula e engloba tudo o que envolve o aprendizado dentro da escola, a forma de se trabalhar com determinado conteúdo, os modelos de avaliação, isto é, todas as práticas escolares (SAVIANI, 2002).

Nesse sentido, quando chegamos à sala de aula e precisamos transformar o documento teórico em um Currículo Real, prático, aplicável à realidade social de cada turma/série, podemos perceber a interferência de diferentes correntes pedagógicas, adotadas pelo professor, que vão orientar o trabalho, gerando diferentes resultados no desenvolvimento do aluno e formando, conseqüentemente, diferentes sujeitos.

Embora existam muitos pesquisadores que estudam as diferentes concepções de aprendizagem e como elas interferem no currículo, destacamos aqui o trabalho de Mizukami (1986) por descrever as abordagens teóricas mais comuns na educação: *a tradicional, a comportamentalista, a humanista, a cognitivista e a sociocultural*. Embora, de acordo com Duarte (2010), resumir em poucas linhas o pensamento de uma corrente pedagógica seja um ato, de certa forma, arbitrário, nosso objetivo aqui é explicitar quais são e como se caracterizam essas concepções pedagógicas, uma vez que, como mencionado anteriormente,

as diferentes formas de trabalhar com o currículo interferem diretamente no tipo de formação que oferecemos aos estudantes.

A postura tradicional, primeiramente, defende a ideia de que o docente é o detentor do saber e que os alunos devem captar todos os conhecimentos oferecidos por esse “ser superior” (MIZUKAMI, 1986). Nesse caso, o aluno é visto como uma página em branco a ser preenchida com conhecimentos prontos, não havendo espaço para troca, e o conteúdo se destina, muitas vezes, a uma mera memorização (principalmente para um teste ou uma prova), resultando em uma aprendizagem mecânica e repetitiva. Portanto,

a escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos (SAVIANI, 1991, p. 18).

A abordagem comportamentalista – também conhecida como behaviorista ou tecnicista –, por sua vez, parte do ponto de vista de que aprendemos diante de determinados estímulos. O aprendizado seria uma resposta do organismo a algo que o impressiona a partir do exterior, gerando uma espécie de estímulo-resposta. Nesse sentido, o incentivo, por exemplo, por meio de elogios, prêmios ou reconhecimento dos colegas, é a base para fazer com que o aluno aprenda. Mais presente do que se imagina, muitos pais e professores, mesmo sem ter um conhecimento formalizado, utilizam os esquemas do comportamentalismo no dia a dia: dar uma nota boa pode ser uma tentativa de tentar aumentar a frequência de um comportamento adequado, deixar jogar video-game se o boletim escolar está azul se transforma em uma forma de dizer “você merece”, ou proibir seu uso diante de uma recuperação também passa a ser uma resposta a um comportamento negativo.

Principal referência nessa abordagem, Skinner (2003) entende que ensinar significava “o arranjo das contingências de reforçamento sob as quais o aluno aprende” (p. 64). Nesse sentido, a motivação é externa e a ênfase não está no processo, mas, sim, no produto. O essencial para o processo educativo seria, portanto, o empirismo, em que o conhecimento passa a ser uma descoberta, “o resultado direto da experiência” (MIZUKAMI, 1986, p. 26). A educação, aqui, deve funcionar como a produção em uma fábrica: execução de instruções programadas, transmissão de conhecimentos, mas também de comportamentos éticos, práticas sociais e habilidades consideradas básicas para o controle e a manipulação do ambiente (social, cultural) no qual o aprendiz está inserido.

Enquanto isso, a pedagogia humanista pode ser enquadrada dentro do que Saviani (1991) chama de a pedagogia nova – marco inicial para surgimento de tendências não-diretivas e não autoritárias. Segundo ele, na aprendizagem, o professor funciona como um orientador e estimulador, pois a iniciativa deve ser do aluno, o qual deve decidir o quê e como aprender. Assim, aprender é consequência espontânea do ambiente estimulante e da relação entre o aluno e o professor. Para os adeptos dessa abordagem, a escola deve ser um ambiente para todos, democrática e com afrouxamento das normas disciplinares, oferecendo condições ao desenvolvimento e à autonomia do aluno, centro do processo ensino-aprendizagem.

Já a visão cognitivista, que teve como principal referência Jean Piaget, biólogo e filósofo suíço, tem como fundamento a valorização do caráter interacionista entre o sujeito e o objeto. A escola, aqui, é a responsável por oferecer condições para que o aluno possa aprender por si próprio, valorizando mais a prioridade psicológica da inteligência do que a aprendizagem. O docente, então, deve reconhecer que o aluno está inserido em uma situação social e se basear na investigação, no erro, na solução de problemas, ajudando o estudante a aprender a pensar. Por isso, este acaba tendo um papel ativo, de observar, experimentar, comparar, relacionar, argumentar, levantar hipóteses, compor, utilizando-se artifícios, como jogos e trabalhos em equipe.

Vista como um ato político, a educação, sob essa perspectiva, deve provocar e criar condições para o desenvolvimento da reflexão crítica, comprometida com a sociedade e com a cultura, transformando o indivíduo em si. Nesse sentido, a escola deve oferecer as condições para que o aluno possa aprender por si mesmo, dando liberdade e promovendo um ambiente desafiador favorável para aguçar a motivação intrínseca do aluno. Já o ensino deve proporcionar o desenvolvimento da inteligência, mantendo relação direta entre o homem e o meio em que está inserido, a sociedade, sua cultura, seus objetos e valores. Saviani (1984, p. 11), afirma

que essa maneira de compreender a educação (...) tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento: do aspecto lógico para o psicológico; (...) de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia.

Por fim, a abordagem sociocultural, desenvolvida por Paulo Freire, também é denominada por Bordenave (1984) como “pedagogia da problematização” ou “educação libertadora”. Ela preocupa-se muito mais com a vida e com os conhecimentos já trazidos pelo aluno, procurando compreendê-lo e fazê-lo ter interesse pelo aprendizado, aproximando o

conteúdo trabalhado da vida fora da escola (MIZUKAMI, 1986). Nas palavras de Bordenave (1984, p. 41):

A situação preferida é quando o aluno enfrenta, em situação de grupo, problemas concretos de sua própria realidade. A aprendizagem realimenta-se constantemente pelo confronto direto do grupo de alunos com a realidade objetiva ou com a realidade mediatizada (...). O aluno desenvolve sua consciência crítica e seu sentido de responsabilidade democrática baseado na participação.

Como se pode ver, o fenômeno educativo nessa abordagem, interacionista não fica limitado à educação formal, por meio da escola, mas vincula-se a um processo amplo de ensino-aprendizagem. A escola deve ser organizada e funcionar bem para a educação ser processada em múltiplos aspectos. O aluno é visto como uma pessoa que determina e é determinada pelo contexto a sua volta – social, político, econômico e cultural. O professor conduz todo o processo de ensino-aprendizagem, trazendo para a sala de aula temas geradores e funcionando como um mediador. Esses são os elementos básicos para que os objetivos educacionais sejam definidos a partir das necessidades dos sujeitos.

Se observarmos com um pouco de cautela, percebemos que todas essas abordagens podem ser organizadas em dois grandes grupos: abordagem tradicional e abordagem construtivista.

A primeira delas acaba por valorizar a variedade e a quantidade de noções, informações e conceitos, priorizando o protagonismo do mestre e não valorizando a formação de um pensamento crítico por parte do aluno, que deve acreditar no que o professor diz como “verdade absoluta”. É como se o aluno fosse uma tabula rasa na qual, progressivamente, são impressas informações e imagens fornecidas pelo professor no ambiente escolar (MIZUKAMI, 1986; BECKER, 2002). Nas palavras de Mizukami:

atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está “adquirindo” conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico. (1986, p.11)

Sob essa concepção, a aula expositiva é, muitas vezes, a atração principal. Encontrar professores que considerem uma boa aula aquela com mera apresentação dos conteúdos, tal qual em um auditório (BECKER, 2002; MIZUKAMI, 1986), ainda é uma realidade muito presente. Ao orientar o seu trabalho de tal maneira, o docente corrobora, mesmo que involuntariamente, a ideia de que só ele pode fazer o aluno adquirir conhecimento. Ou seja, cada uma das partes tem sua função bem delimitada: ensinar e aprender, respectivamente,

formando, então, uma relação dicotômica, na qual o aluno jamais ensinará e o professor jamais aprenderá (BECKER, 2002). Tanto é que:

ao se pensar nas características apresentadas por um professor tradicional, é comum ver aquele que, de forma geral, observa a entrada desses alunos na sala de aula aguarda até se sentarem em carteiras enfileiradas, afastadas umas das outras para evitar qualquer conversa e possível interação, esperando uma turma sentada, quieta e silenciosa. (SANTOS, 2017, p. 21)

Aqui, outros fatores igualmente relevantes no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem – como a vida emocional ou afetiva do aluno – também acabam sendo negligenciados por se acreditar, indevidamente, que seriam capazes de comprometer negativamente o processo.

Não satisfeita, Mizukami (1986) ainda destaca uma outra vertente do tradicionalismo educacional, a qual muitas vezes passa despercebida e é muito comum nas salas de aula brasileiras: o ensino intuitivo. Pensando em uma espécie de provocação, a principal marca dessa forma de ensino seria o “método “maiêutico”, cujo aspecto básico é o professor dirigir a classe a um resultado desejado, por meio de uma série de perguntas que representam, por sua vez, passos para se chegar ao objetivo proposto” (p. 17). Que aluno nunca se deparou com tal cenário? Não é à toa que, de acordo com Saviani (1991), o método tradicional continua sendo o mais utilizado pelos sistemas de ensino, principalmente aqueles destinados aos filhos das classes populares.

Por isso, concordamos com a crítica de Paulo Freire (2005) à abordagem acima explanada: ela transforma o ensino em uma espécie de depósito bancário, pois o professor “deposita” o conteúdo nas mentes dos alunos, de forma semelhante a recipientes a serem preenchidos, perpetuando um cenário no qual “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (FREIRE, 2005, p. 68).

Aqui, o desobediente jamais é o educador, mas o aprendiz, aquele que precisa ser instruído a não ferir as regras impostas. Essa educação não é, então, libertadora, mas opressora (FREIRE, 2005) por não promover a conscientização do estudante, ratificando, assim, uma relação vertical e autoritária, em que não é permitido fazer críticas, questionar ou duvidar do professor. Nesse caso, a educação “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo” (FREIRE, 2000, p. 101).

Indo além da educação tradicional, no entanto, chegamos ao construtivismo educacional, que parte das considerações sociais e socializadoras da educação escolar (SOLÉ & COLL, 2006), valorizando o desenvolvimento do intelecto com as atividades do sujeito inserido em uma situação inicial.

Longe do que muitos podem pensar, construtivismo não é técnica nem método nem exatamente uma metodologia, mas uma nova forma de lidar com a aquisição do conhecimento, tendo como fundamento principal entender “a aprendizagem como um processo de construção recursivo, interpretativo, realizado por aprendizes ativos que interagem com o mundo físico e social” (FOSNOT, 1998, p. 47). Sob essa lógica, o construtivismo visa ao apagamento de uma atitude escolar objetivista, o que gera mudanças na visão, na elaboração e no desenrolar das práticas didáticas.

Becker (1993, p. 88) resume perfeitamente tal conceito quando afirma:

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

Para que isso se materialize e o aluno participe, de fato, da elaboração do seu conhecimento, o professor assume o papel de mediador, criando uma ponte entre o conhecimento e o aprendiz, motivando reflexões, transformando conhecimentos científicos em noções mais palpáveis. Assim, é possível promover uma assimilação de conteúdos e imagens, levando o aprendiz a entrar em contato com suas próprias hipóteses, com suas formas de compreender as coisas ao seu redor (MACEDO, 1994).

O conhecimento passa a ser entendido como uma construção contínua, em que a passagem de um estado de desenvolvimento para outro é sempre caracterizado pela formação de novas estruturas que não existiam antes no indivíduo (MAURI, 2006). Dessa forma, adquirir conhecimento passa a ser uma espécie de produto da interação homem-mundo, sujeito-objeto, não se enfatizando nenhum dos polos da relação, fazendo-se com que o ato de adquirir conhecimento não seja limitado ao momento da aula.

Então, não restam dúvidas de que o objeto de aprendizagem, no construtivismo, ultrapassa a limitação do ensino tradicional, tornando essa forma de lidar com a construção do conhecimento fundamental para um trabalho mais produtivo com a língua. Ensinar é muito mais do que colocar alunos sentados em fileiras, olhando fixamente para o professor.

Aprender presume atribuir um sentido, construindo significados implicados em tal conteúdo, não se partindo do zero (SANTOS, 2017).

O quadro a seguir esclarece, de maneira mais didática, algumas das principais diferenças entre essas duas visões de ensino, o quadro abaixo resume, então, um pouco dessas duas grandes visões de ensino:

Quadro 1 – Ensino tradicional x Ensino construtivista

<b>Ensino tradicional</b>	<b>Ensino construtivista</b>
O professor é o gerador do saber. O aluno é passivo, apenas recebe o conhecimento.	O professor é um mediador do conhecimento. O aluno é o construtor do próprio saber.
Não há preocupação com a motivação interna do estudante.	Há responsabilidade pela motivação do estudante, que pode ser construída pela prática e pela relação professor-aluno.
O principal objetivo é transmitir conhecimento.	O principal objetivo é instigar a busca pelo conhecimento de forma autônoma.
Desconsidera o conhecimento prévio do aluno em relação ao conteúdo a ser dado, sendo ele, então, considerado uma página em branco a ser preenchida.	Considera o conhecimento prévio do aluno fundamental para relacioná-lo ao conteúdo na construção do conhecimento.
O erro do aluno é considerado um problema, não sendo considerado didaticamente.	O erro do aluno faz parte do processo ensino-aprendizagem, mostrando o que ele não aprendeu sobre o assunto a fim de que o professor possa ajudá-lo.
Testes e provas são feitos com o objetivo de classificar o aluno no grupo.	Testes e provas são feitos com objetivos diversos, como diagnosticar e avaliar o ensino.
O professor precisa somente dominar a disciplina que ensina.	O professor precisa dominar a disciplina que ensina, mas também precisa estudar como abordá-la, considerando as fases de desenvolvimento dos alunos.

Fonte: A autora, 2022.

Hoje, não restam dúvidas de que o maior desafio perante tais realidades diz respeito à capacidade de o professor entender que não é mais o dono da sala de aula (e nunca deveria ter sido), o centro do ensino, e de mudar sua postura. Rever posturas, preparar novas aulas e novos materiais capazes de atender à realidade e à verdadeira necessidade do público, considerando o aluno como protagonista no processo de aprendizagem, pode ser trabalhoso, cansativo, é verdade, mas também é um passo fundamental para transformar a sala de aula e um lugar mais interessante e rico, dando espaço à troca.

Para que isso aconteça, na prática, Macedo (1994, p. 59) é bem assertivo ao destacar a necessidade de quatro pontos:

Primeiro: é importante para o professor tomar consciência do que faz ou pensa a respeito de sua prática pedagógica. Segundo, ter uma visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores culturais de sua função docente. Terceiro, adotar uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor. Quarto, ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características de aprendizagem de seus alunos.

Considerando-se tais pontos, fica claro que repensar os valores construídos ao longo da formação docente é a chave para promover um ensino mais produtivo nas escolas. Na área do ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, é preciso, portanto, considerar conceitos básicos – como as concepções de língua, de gramática e de escrita – para auxiliar, verdadeiramente, na formação de leitores e escritores proficientes, cidadãos críticos e conscientes de seu papel social.

## **1.2 Concepções de língua**

A língua é, sem dúvidas, a essência da comunicação e da interação humana. Por meio dela, conseguimos compreender e nos posicionar na sociedade em que estamos inseridos, assumindo diferentes papéis. Por ela nos estabelecemos como humanos (PINO, 2005), temos a chance de entrar em contato com a história de nossos antepassados e nos relacionamos na vida cotidiana, inclusive com pessoas que nunca vimos ou com quem nunca tivemos contato pessoal. Graças à internet, barreiras são quebradas, e hoje podemos interagir com qualquer pessoa em qualquer lugar e a qualquer tempo.

Não podemos confundir, no entanto, língua com linguagem. Em um sentido mais amplo, no senso comum, esta indica qualquer tipo de comunicação entre os seres vivos, como a linguagem dos animais e da música. Já pelo ponto de vista da linguística, a linguagem é comumente vista como “a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas”. (MARTELOTTA, 2008, p. 16).

Analisar mais a fundo o que vem a ser língua, por sua vez, não é tarefa simples. Pelo contrário, a complexidade desse conceito pode ser comprovada a partir das diversas concepções existentes. Pensar nela significa pensar também no seu uso, ou seja, nos processos de fala e de escrita. Do mesmo jeito que é importante o professor refletir acerca do que seja, de fato, ensinar a fim de buscar um melhor aproveitamento da aula, “entender as diferentes perspectivas teóricas sobre a conceituação de língua também é fundamental para o docente da área das linguagens” (SANTOS, 2017, p. 22). Assim, três correntes fundamentais destacam-se: a primeira delas é a fundamentada por Saussure sob o viés do estruturalismo; a segunda tem como base os estudos gerativistas de Chomsky; a terceira, por sua vez, é conhecida como interacionista e tem o respaldo na Análise do Discurso e nos estudos mais atuais.

Ferdinand de Saussure, considerado pai da Linguística, defende que o estudo da linguagem comporta duas partes: língua (*langue*) e fala (*parole*). Aquela, em sua essência, teria um teor social, e esta seria a parte individual da linguagem (SAUSSURE, 2006). Seu foco de estudo são as formas normatizadas da língua, supondo-se que ela seja uma espécie de produto, pronta acabada e estável.

O principal não é a ligação do signo com o indivíduo nem com a realidade por ele transmitida, mas a relação do signo com outros signos no interior de um sistema (SANTOS, 2017), fazendo com que aquele seja visto independentemente das relações ideológicas que a ele se ligam. Na visão de Saussure, a língua, além de ser psíquica e abstrata, também é considerada coletiva e social ao abarcar um grupo de pessoas, mas não ignora a expressão individual de cada um. Constituída por um código de regras e estruturas que todo indivíduo assimila da comunidade de que faz parte, ela seria produto social da faculdade da linguagem, reunião de convenções essenciais adotadas pelo corpo social para permitir a prática dessa faculdade pelas pessoas (SAUSSURE, 2006).

A partir dessa perspectiva, a língua passa a ser sinônimo de um sistema de signos linguísticos que é regido por leis internas e próprias que nada se relacionam com o mundo exterior (SAUSSURE, 2006), não havendo espaço se considerar o sujeito. Já que a língua está dada e tem um funcionamento independente, não cabe ao sujeito alterá-la ou criticá-la. Afinal,

ele é apenas um usuário dela. Essa visão traz consequências diretas na forma como o ensino é visto: se a língua está pronta e é autônoma, o estudante tem o papel de apenas entender e aceitar, sem maior intervenção, as chamadas regras gramaticais anteriormente impostas.

A postura defendida por Noam Chomsky, no entanto, vai de encontro às propostas do estruturalismo: agora, não se acredita na ideia de língua como sistema homogêneo, estável, sincrônico e desvinculado de questões ideológicas. Os princípios propagados pelo norte-americano têm como concepção básica a existência de uma Gramática Universal, formada por princípios invariantes aplicados de modo idêntico para todas as línguas.

Para ele, os seres humanos apresentam uma predisposição genética capaz de permitir a aquisição da linguagem, sendo a língua apenas uma forma de representar a mente, o pensamento humano. Ou seja, o homem já vem ao mundo dotado de um mecanismo que lhe permite aprender qualquer língua, basta que seja exposto a falantes de uma ou de mais de uma língua. É inato: quando nasce, toda criança já possui em seu cérebro estruturas abstratas universais, mas, com o passar do tempo, vai selecionar e internalizar aquelas referentes à língua falada no contexto em que está inserida (TRASK, 2004). Em outras palavras, o ser humano nasce programado biologicamente para desenvolver certos conhecimentos, inclusive o linguístico.

Nesse sentido, a língua é entendida como homogênea e estática, uma vez que não leva em consideração que a produção de um enunciado tem um propósito e uma utilização social, isto é, “para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala, como, quando e para quem se fala” (TRAVAGLIA, 1998, p. 22), o que afeta diretamente a forma como se perpetuam as visões de ensino em sala de aula.

Redefinindo posições no âmbito desses estudos, o pensamento do russo Mikhail Mikháilovitch Bakhtin (1895-1975) ganha destaque. Uma das personalidades mais influentes do século XX, suas ideias ganharam fama por criticar as teorias vigentes no início do século, propondo um novo olhar para o estudo da linguística. A princípio, ele concorda com Saussure ao entender a língua como fato social que surge na necessidade de comunicação. Entretanto, discorda quanto à concepção de língua como sistema de regras.

Na visão bakhtiniana, as esferas da atividade humana, nas mais variadas formas, envolvem, sempre e diretamente, o uso da língua. Ou seja, ela deve ser entendida como sinônimo de prática social e de linguagem, historicamente situada, fundada nas necessidades de comunicação. O sujeito, ao se deparar com enunciados, interage com os discursos em um

ato responsivo, concordando com eles ou não, complementando-os e construindo-se na interação, dando origem ao conceito de dialogismo<sup>3</sup>.

Segundo Koch (2000), nessa perspectiva interacional da língua, os sujeitos não são determinados pelo sistema linguístico, mas são vistos como construtores sociais, sujeitos não passivos, mas ativos, que se concebem e são concebidos no texto.

Sob essa perspectiva, a língua passa a ser um lugar de manifestação essencialmente ideológica, fruto da interação humana, representando diversas maneiras de significar a realidade. É por meio dela que as pessoas conseguem praticar ações, faladas ou escritas, considerando-se o contexto social e histórico envolvido no ato comunicativo. Para Bakhtin, a língua deve ser vista como uma forma de possibilitar relações sociais, sendo na interação que os discursos se estabelecem, como ele e Volochinov (2006, p. 125) afirmam:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Falar, mesmo que brevemente, sobre essas concepções é importante, já que elas influenciam diretamente a postura colocada em prática nas aulas de língua materna. Os pensamentos do linguista russo trouxeram contribuições significativas para o ensino de língua portuguesa, alterando a forma como o texto é visto em sala de aula, pois, ao analisar as aulas de língua sob uma perspectiva interacionista, consegue-se ultrapassar o ensino focado em estruturas, em regras, desvinculado do propósito de uso da língua, desconsiderando a interação entre os sujeitos.

Isso implica diretamente o entendimento, a partir de agora, de que a língua não é constituída apenas pelo componente gramatical, desfazendo a crença de que estudar português é estudar sua gramática (SANTOS, 2017). Embora a gramática seja importante e regule alguns aspectos do ensino da língua, ela não é o único componente a ser considerado no trabalho em sala de aula. Prova disso é que, para se comunicar efetivamente, não adianta apenas saber conceituar e identificar as diferentes classes de palavras, dominar análise sintática ou os casos de emprego do acento grave. Isso é importante, mas não o suficiente (ANTUNES, 2007). Nesse sentido, conjugar os diferentes aspectos que constituem o ensino-aprendizagem da língua materna na Escola Básica torna-se tarefa fundamental para os

---

<sup>3</sup> Esse termo será discutido de forma mais ampla mais à frente, no capítulo que trata do gerenciamento de vozes na construção de textos.

professores e os pesquisadores da área do ensino, permitindo-se que a prática pedagógica seja repensada a partir das práticas pedagógicas, ou seja, da leitura, da escrita, da escuta e da fala.

### 1.3 Concepções de gramática

Dentre tantos autores que trabalham com reflexões acerca do que seja gramática, pautamo-nos nos estudos de dois deles a fim de discutir brevemente sobre o assunto.

Para o primeiro, Sírío Possenti (1996, p. 63, grifos do autor), a “gramática” pode ser entendida como um “conjunto de regras” e esta definição pode ser considerada de 3 formas diferentes: 1) conjunto de regras *que devem ser seguidas*; 2) conjunto de regras *que são seguidas*; 3) conjunto de regras *que o falante da língua domina*.

Em sua visão, é fundamental ressaltar essas noções, pois cada uma delas está diretamente relacionada a uma determinada concepção de gramática normativa, descritiva ou internalizada.

A gramática normativa pode ser enquadrada na primeira concepção apresentada: conjunto de regras *que devem ser seguidas* para que se possa falar e escrever bem. Como explica Perini (1985, p. 22, grifos do autor), ela “pode ser entendida como o esforço de ensinar um dialeto particular de uma língua (*a língua padrão*) a pessoas que conhecem e empregam outro (*a língua coloquial*)”, o que não acontece por questões linguísticas, mas por motivações sociais, culturais e políticas, capazes de definir o que seria o discurso de maior prestígio. Ou seja,

Gramática é o conjunto sistemático de normas para falar bem e escrever, *estabelecidas* pelos especialistas com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores. Dizer que alguém “sabe gramática” significa dizer que esse alguém “conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente”. (FRANCHI, 2006, p. 16, grifos do autor).

Já a segunda concepção, “conjunto de regras *que são seguidas*”, está relacionada diretamente ao conceito de gramática descritiva: associada ao trabalho dos linguistas, sua “preocupação é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas” (POSSENTI, 1996, p. 65), não caracterizando seus usos como certos ou como errados, mas, mostrando, por exemplo, a divisão das palavras em classes, como substantivo, adjetivo, pronome, numeral ou

verbo, ou ainda a subdivisão de cada uma destas. Dominar gramática, assim, na perspectiva da descrição, para Franchi (2006), está relacionado a descrever estruturas da língua, fazer distinções de categorias, de funções e de relações referentes à construção de expressões e avaliar se estas são ou não gramaticais.

Por fim, a terceira definição pode ser relacionada à existência de uma gramática internalizada, entendida como um conjunto sistemático que permite ao indivíduo dominar a significação e as regras para que ele possa adequar seu desempenho linguístico dependendo da situação social. Travaglia (1998) vai ao encontro de tal pensamento e defende que essa gramática implícita está ligada ao saber linguístico empregado pelo usuário de uma língua dentro de determinados limites impostos pela sua disposição genética humana, em condições apropriadas, considerando a natureza social e antropológica.

Expandindo o debate sobre o assunto, Antunes (2007) vai além e destaca 5 visões de gramática que circulam na mente das pessoas como um todo:

1) gramática como saber intuitivo que todo falante tem: aqui, ela é capaz de abarcar todas as regras de uso de uma língua. O falante, consegue, assim, envolver desde o processo de formação de sílabas até os arranjos mais complexos, porque nada no campo da linguagem foge a esse conceito. Isso deixa claro que qualquer pessoa que fala uma língua o faz porque, mesmo inconscientemente, sabe sua gramática, demonstrando que existe uma “gramática internalizada”, desenvolvida desde sempre (SANTOS, 2017).

2) gramática como conjunto de regras que definem o funcionamento de uma norma específica: contempla apenas os usos da língua prestigiada socialmente, enquadrando apenas o domínio normativo, definindo o que é “certo” e “errado”, o que “deve” ou “não deve” ser dito. Pensar dessa forma só ratifica o preconceito linguístico, excluindo, por exemplo, a ideia de que é preciso um contexto situacional para se fazer uso da língua e da gramática de forma adequada.

3) gramática como uma área ou perspectiva de estudo: entendida como campo de pesquisa científica sobre a língua, podemos pensar em tipos diversos de gramática, como: a estruturalista, a funcionalista, a tradicional, a gerativa. Cada uma delas apresenta um conjunto de teorias para analisar os fenômenos linguísticos.

4) gramática como um livro: em uma quarta acepção, esse termo tão amplo assemelha-se e limita-se a um objeto, que concentra os elementos estruturais da língua, descrevendo-os, apresentando suas especificidades a partir do ponto de vista de quem o escreve, sendo fonte de consulta e de estudo para estudantes de todos os níveis.

5) gramática como disciplina escolar: é aqui que complicações são constantes, pois um bom professor de língua materna, de acordo com o consenso, deve trabalhar com a gramática no começo, no meio e no fim de todas as suas aulas. Quando o professor não segue essa linha de raciocínio, acaba, muitas vezes, tendo até mesmo o seu trabalho colocado em dúvida por muitos pais de alunos. Esse pensamento, ainda muito forte em algumas instituições, é o que faz haver a divisão entre essas aulas, as de Redação e as de Literatura, como se as duas últimas fossem possíveis sem a gramática e como se a gramática funcionasse fora das atividades de comunicação (ANTUNES, 2006).

Após essas reflexões, não restam dúvidas de que é preciso explorar a gramática sem equívocos e sem maiores limitações, pois estes têm levado a escola, com frequência, a um tratamento centrado em definições e classificações. Ela deve ser vista como parte integrante e constituinte da língua em uso para que as aulas de língua portuguesa consigam despertar no aluno a percepção sobre a funcionalidade de suas escolhas entre as várias possibilidades que a língua oferece. Afinal, é nos textos, de fato, que ela aparece. Essa postura é capaz de promover a subtração de atividades mecânicas das aulas de língua e possibilitar tarefas mais produtivas, que tenham como fim a leitura e a escrita.

#### **1.4 Concepções de escrita**

Até o final dos anos 1980, nas aulas de língua portuguesa, dedicava-se grande parte do tempo a ensinar o aluno a se expressar corretamente, ou seja, a escrita privilegiava o uso das regras da gramática normativa e da ortografia. Nesse sentido, o investimento maior era na realização de análises morfológica e sintática de palavras, de frases soltas, pois julgava-se que tal postura era suficiente para capacitar um aluno a escrever. Para entender um pouco melhor sobre o papel da produção textual na escola, nada melhor do que um breve percurso histórico subdividido em três períodos, como proposto por Beth Marcuschi (2010), no artigo “Escrevendo na escola para a vida”: a) início do século XX aos anos 1950; b) anos 1960 e 1970; c) anos 1980.

a) O século XX dá continuidade ao encaminhamento pedagógico adotado no final do século anterior. Prova maior disso é o Colégio Pedro II, instituição referência, localizado em diferentes cidades do Rio de Janeiro. Nele, segundo Meserani (1995), redação não era “matéria dada”: os docentes usavam um tema fora do programa, delimitavam o número de

linhas e esperavam a produção da turma. Privilegiavam-se a composição livre, a produção com base em uma gravura, a produção de textos narrativos ou de cartas. Exigia-se, além do atendimento às regras gramaticais, o uso de dois elementos: imaginação e originalidade – mesmo sem grande especificação do que significavam, pedagogicamente, essas palavras. Conforme Marcuschi (2010), essa postura fazia com que a escrita fosse vista, por muito tempo, como uma tarefa que visava “à escolha de palavras corretas, nobres e bonitas, que falam à alma e trazem um ensinamento”, desconsiderando, portanto, totalmente o processo da construção de significados.

b) Nas décadas seguintes, cresceu de forma muito significativa o acesso da população brasileira à educação pública formal. Se até o momento só tinham acesso ao estudo aqueles com melhores condições econômicas, agora o perfil do alunato muda, dando chance às classes menos abastadas. Com a criação da disciplina “Comunicação e expressão” – fruto da Lei 5692 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 – o resultado foi, nas palavras de Razzini (2000), a troca da boa fala e boa escrita dos livros literários “antológicos” por uma diversidade de textos, de origens diversificadas, capazes de transmitir a eficácia da comunicação. Normalmente, os livros escolares dessa época ensinavam que:

“em toda comunicação deve existir alguém, chamado emissor, que transmita uma informação ou mensagem. Também deve existir alguém, chamado receptor, que a receba e a entenda. Quem fala e escreve é o emissor; quem ouve ou lê é o receptor. Mensagem é aquilo que se comunica através das palavras de nossa língua ou através de outros sinais.” (MESQUITA; LIMA, 1978, p. 27)

Nessa perspectiva, o texto exigido parecia ser uma espécie de prova em que o objetivo maior era fazer o professor averiguar se o aluno havia entendido ou não os conceitos acima, dirigindo-se nem que fosse a um receptor abstrato, distante, sem saber nenhuma informação sobre ele. O que prevalecia, então, era o modelo a ser seguido. Afinal, o atendimento à narração, à dissertação ou à descrição era garantia de clareza da mensagem e de sucesso do texto em si. Concordamos com a visão de Marcuschi (2010) ao afirmar que esses ensinamentos visam à “formação de um aluno capaz de se expressar com eficiência via mensagens padronizadas, dirigidas para qualquer pessoa e, ao mesmo tempo, para ninguém”.

c) Nos anos 1980, no entanto, começa-se a mudar, de forma mais significativa, o rumo do ensino de língua materna. Estudiosos como Geraldini (1997) passaram a defender a ideia de que a redação escolar não seria um texto por ser um produto artificial, longe da realidade vivida fora da escola. O ideal a se fazer, a partir de então, na visão dos especialistas, era

deixar de “fazer redação” e finalmente “construir textos”. Essa proposta traz à tona uma mudança de concepção quanto ao entendimento do ensino da escrita nas salas de aula brasileiras, trazendo o entendimento de língua como

“um sistema que vai se constituindo e reconstituindo historicamente pela ação dos usuários, um sistema sensível ao contexto, plástico e flexível, que aceita e prevê variações, deslocamentos, inversões, ambiguidades, inovações [...] quando de sua utilização pelos falantes, nos processos de interação verbal. É a partir dessa compreensão que se formula a expressão “produção de texto”, com a qual se pretende evidenciar o ato, o processo de elaborar um texto.” (COSTA VAL, 1998, p. 84).

Mesmo que esse percurso histórico já apontasse um caminho a ser seguido para que se explorasse a escrita de forma contextualizada, na escola, hoje, essas ideias ainda têm, de forma geral, dificuldades para se concretizar por diversas razões.

A primeira delas é a criação de alguns mitos (GARCEZ, 2008), que geram fortes impactos atemporais na vida dos estudantes brasileiros. São alguns exemplos: crer que escrever seria um dom para poucos; achar que escrever não demanda empenho; entender a escrita como um ato isolado, não relacionado com a leitura; ou, também, entender essa atividade como um ato autônomo, dissociado das práticas sociais.

Além disso, o foco meramente na língua escrita formal, ou seja, em questões como ortografia e pontuação, por exemplo, ainda é uma prática muito comum na escola quando o assunto é produção textual, explicitando a ideia que, para escrever bem, é preciso dominar as regras gramaticais. Muitas vezes, o que vemos é que a linguagem passa a ser entendida como um sistema pronto, acabado, em que o papel do escritor é se apropriar desse sistema e de suas regras (KOCK & ELIAS, 2006).

Outra postura que se mantém viva nas escolas até hoje e que prejudica o desenvolvimento de uma postura mais produtiva quanto à escrita é o entendimento desta como manifestação do pensamento. Nesse sentido, os sujeitos tornam-se donos, controladores de suas vontades e de suas ações. Na visão de Koch & Elias (2006), quando o texto passa a ser entendido como um produto da representação mental do seu autor, ele acaba por desconsiderar as experiências e os conhecimentos prévios do leitor ou a interação que esse processo envolve.

Pensamentos e práticas como essas criam, na maioria das pessoas, uma falsa ideia de que não sabem escrever. Mesmo que seja uma tarefa árdua, superar o “branco” e o “desespero” frente a uma folha de caderno ou uma tela de computador em branco é possível.

Desconstruir essa falsa crença, superando tais visões limitadoras, é o primeiro passo para formar produtores de texto proficientes.

Visando a contribuir com a tarefa complexa de ensinar a produzir textos, os estudos da década de 80 deixam claro que escrever passa a ser uma forma de interação, exigindo estratégias diferentes e a ativação de distintos conhecimentos. Desde então orienta-se que as aulas de produção textual devem assumir que os alunos/autores são seres ativos no processo de escrita. Ensinar a escrever passa a ser equivalente a ensinar a concatenar ideias, fazer escolhas lexicais e sintáticas, ligando termos e gerando sentidos, considerando o que está sendo produzido (MARCUSCHI, 2008).

Sob essa perspectiva contrastante, conseguimos chegar, finalmente, a um possível caminho para o trabalho com a escrita na escola. De acordo com Rojo (2008), acreditamos que este deve considerar práticas plurais, ser sensível à cultura do aluno e significativo para verdadeira formação de pessoas críticas e protagonistas na vida em sociedade.

Além disso, é fundamental considerar a tríade leitor-texto-autor, tentando ao máximo explorar nas salas de aula as práticas sociais e os textos que circulam na sociedade. Por exemplo, o gênero carta acaba por se tornar útil e de fácil aplicação na vida dos alunos. Diferentemente do pensamento de muitos, que alegam não haver mais espaço para ela na vida contemporânea, é possível, sim, fazer um trabalho interessante e útil com esse gênero na escola: mostrar a origem das cartas, sua importância em outros tempos em que não existiam telefone ou internet, apresentar e analisar a Carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento histórico-cultural-literário do Brasil. Mais que isso, é possível, ainda, refletir sobre a evolução do gênero com a tecnologia e sua aplicabilidade ainda hoje, mesmo que não se use mais, muitas vezes, o papel e a caneta como suporte<sup>4</sup>, mas os meios digitais. Carta de reclamação, carta aberta, carta do leitor, carta ao leitor e carta de apresentação para um intercâmbio no exterior, por exemplo, são provas de que elas não estão mortas ou ultrapassadas. Assim, concordamos com Marcuschi (2010), quando, muito assertivamente, afirma que a escrita na escola deve ser vista “como um ensaio ou mesmo uma prévia convincente do que será requerido aos jovens aprendizes no espaço social”.

Além disso, a correlação prática do objeto de estudo, direta ou indiretamente, com diversos livros e filmes – como Cartas para Julieta, A última carta de amor e Querido John, sendo este último do autor estadunidense Nicholas Spark, sensação entre adolescentes em todo o mundo – tende a possibilitar uma maior identificação dos alunos com o que está sendo

---

<sup>4</sup> Tal qual Marcuschi (2008), entendemos suporte como uma superfície ou objeto (físico ou virtual) o qual permite a manifestação concreta e visível do texto.

abordado. Seguindo tal lógica, o ensino de produção escrita consegue contemplar letramentos diversos, como o literário e o jornalístico. Claro, tudo isso atendendo devidamente à faixa etária dos alunos.

O que não se pode mais aceitar é que se acredite na ideia de que uns nascem com talento para escrever e outros não. A verdade é que escrevemos e lemos constantemente, todos os dias, em situações diversas: bilhetes, mensagens de Whatsapp, listas de compras, propagandas etc. É preciso amadurecer a ideia de que somos todos capazes de produzir textos e que essa capacidade resultada de um árduo trabalho de escrever e reescrever e refletir sobre o que foi escrito – não de uma “luz divina” que inspira o indivíduo. É um processo e envolve vários aspectos: compreensão, inferência, intertextualidade, ideologia, contexto de produção e de recepção, domínio da língua escrita.

Tudo isso deve fazer parte das aulas, cabendo ao professor organizar o trabalho com esses diferentes aspectos, visando à autonomia de seus alunos, à proficiência e à capacidade de construir textos que respondam às exigências postas pelas diferentes práticas sociais contemporâneas (MARCUSCHI, 2010).

### **1.5 A Escola Básica e os documentos oficiais**

Como vimos, ao longo das últimas décadas, a Escola Básica passou por diversas transformações no que diz respeito ao ensino, principalmente o de Língua Portuguesa. A partir de 1980, a concepção de linguagem como interação deu início a um ensino centrado em textos de diferentes formas e com diferentes objetivos, orais e escritos, mas não foi garantia de resolução dos dois principais desafios enfrentados na área de linguagem: ensinar os alunos a ler a escrever.

Como bem nos relembra Santos (2017, p. 28),

Na década de sessenta, por exemplo, buscava-se no aluno o fracasso escolar para que a autoridade do professor ganhasse destaque e conseguisse “ensinar”, declarando que ele era o único detentor do conhecimento. Nos anos oitenta, livros e artigos com propostas novas começavam a circular entre os que ensinavam: “Como se ensina” e “Como se aprende”. No final da década de 1990, os PCN surgem com a finalidade de ajudar o educador na realização da sua tarefa, juntamente aos educandos, objetivando uma produtividade maior da prática docente e um melhor aproveitamento do aluno.

Foi só no final da década de 1990, com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que o cenário começou a mudar – pelo menos em tese, já que muitos professores não tiveram acesso aos PCN. Visando a uma maior produtividade e a um melhor aproveitamento do aluno, eles nasceram com o objetivo de auxiliar o professor (SANTOS, 2017) e foram, por onze anos, o principal norteador do trabalho docente.

Segundo o documento, o objeto central do ensino de língua materna deve ser o texto, enquanto os estudantes, por sua vez, devem ser vistos como produtores de textos, aqueles que podem ser entendidos pelos textos que produzem e que os constituem como seres humanos (PCN, 2000). Nessa perspectiva, o ensino gramatical descontextualizado, que pouco significa para a maioria, não mais encontra espaço:

não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. (PCN, 2000, p. 23)

Ou seja, a partir dos PCN, aulas de gramática a partir de conceitos e classificações não são mais bem vistas, pois, além de serem desestimulantes, graças a tantas regras, nomes e exceções, pouco contribuem para a aprendizagem sobre o uso da língua, como ler, escrever, ouvir e falar.

Por essa razão, o primeiro objetivo dos Parâmetros é defender que a formação escolar precisa estar diretamente relacionada à prática de cidadania, fazendo o aluno refletir, avaliar, analisar e, principalmente, posicionar-se de forma crítica frente aos mais diferentes contextos (SANTOS, 2017). Além de defenderem a importância de o aluno conquistar sua autonomia, tendo um papel ativo na relação ensino-aprendizagem e na construção social do conhecimento, os PCN também permitem que o docente tenha a oportunidade de refletir sobre sua prática pedagógica, repensando “sua postura, os objetivos e conteúdos a serem abordados, o tratamento dado a esses conteúdos e a forma como ele avalia a construção do conhecimento do aluno” (SANTOS, 2017, p. 28).

Em 2018, um outro documento oficial foi instituído no Brasil e veio para atualizar o documento anterior: a Base Nacional Comum Curricular. Diretriz de nível federal, afirma em seu texto introdutório ser

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 1).

De forma geral, a proposta da BNCC é determinar os conhecimentos essenciais que todos os estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio devem adquirir, ano a ano, independentemente do local onde estudam ou moram. Nesse sentido, todos os currículos de todas as instituições de ensino do país, públicas ou privadas, deverão trabalhar com esses conhecimentos. A BNCC é de aplicação obrigatória e foi implementada com o objetivo central de reduzir as desigualdades de aprendizado, já que todos os alunos, pelo menos na teoria, passam a ter mesma oportunidade de aprender o que é fundamental. Para isso, todos os materiais didáticos passaram por revisões a fim de garantir que seus conteúdos contemplem o planejado.

A proposta da Base é não retirar a autonomia das escolas nem dos professores: definida por cada município, ela orienta os currículos com *o que ensinar*, isto é, com habilidades e conhecimentos fundamentais para todos os brasileiros. Já o *como ensinar* é responsabilidade de cada rede e de cada unidade escolar. Na teoria, isso seria interessante, por exemplo, no trabalho com as diversidades regionais, pois cada instituição poderia incluir, em seus currículos e em seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), os conhecimentos regionais que julgarem pertinentes.

Elaborada à luz dos PCN, a BNCC é um documento muito mais específico. Ela é um divisor de águas exatamente por determinar com mais clareza os objetivos da aprendizagem em cada ano escolar e por permitir uma progressão mais transparente dos aprendizados ao longo das etapas escolares. Vale lembrar: um documento não exclui o outro. Hoje, embora a Base seja obrigatória, os Parâmetros continuam existindo, mas apenas como um documento orientador não obrigatório.

No entanto, nem tudo é tão simples quanto pode parecer. A prática é muito mais complexa. Primeiramente, vale destacar o fato de muitas escolas, principalmente as públicas, precisam de adequações e de formação profissional para colocar em prática determinados aspectos, sobretudo os que demandam o uso de tecnologias. Por exemplo, estabelece-se que os alunos aprendam a apresentar-se por meio de perfis diversos, como biodata e currículo web e de ferramentas digitais, como gif e site. O problema, nesse caso, não é a habilidade em si, mas a falta de recursos tecnológicos para desenvolvê-la e a ausência de profissionais devidamente capacitados para trabalhar esses conteúdos com os alunos.

A mesma questão da ausência de estrutura acontece, por exemplo, quando tratamos da habilidade esperada dos estudantes de analisar redes sociais, contrastando feeds e discutindo manipulações. A realidade é que a maioria das escolas públicas espalhadas pelo Brasil sofre

com a falta de professores e de estrutura básica, oferecendo à comunidade o que é possível dentro de suas limitações. Salas de aula bem ventiladas, com quadros-negros e carteiras em boas condições não é a realidade da maioria das instituições. Nesse sentido, pensar em laboratórios de informática modernos e devidamente equipados para cumprir com a teoria é ainda muito distante da nossa realidade.

Além de todos esses desafios, mudar a mentalidade de professores que estão há anos em sala de aula e, conseqüentemente, a visão de cada um deles sobre o que ensinar também não é uma tarefa fácil, ainda mais pelo fato de as práticas pedagógicas e os procedimentos específicos a serem adotados pelas escolas nas salas de aula já virem prontos nos livros aprovados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Tal fato faz com que não haja uma participação do docente na postura a ser seguida. Ele não se identifica, muitas vezes, com a proposta, que passa a funcionar como uma espécie de imposição, de uma “lei” vinda de cima, distante da sua realidade.

Nesse contexto, coordenação pedagógica e direção desempenham um papel indispensáveis para ajudar o corpo docente a colocar em prática a BNCC. Por meio de um material voltado especificamente aos gestores, eles podem ajudar a equipe a interpretá-la, a fazer os ajustes necessários no planejamento considerando a realidade escolar. Mais que isso: eles são importantes também para traçar ações e caminhos para auxiliar os alunos com defasagem em relação ao exigido como conhecimento mínimo para cada série.

Colocar tudo isso em prática não é nem de longe uma tarefa fácil considerando a realidade escolar brasileira, principalmente na rede pública. No entanto, por mais que ainda existam inúmeros desafios para o atendimento à Base, ela representa um grande passo em diversas áreas do conhecimento ao atuar diretamente em toda uma rede, impactando na elaboração de materiais didáticos, currículos, planejamentos e planos de aula.

No caso de Língua Portuguesa, especificamente, temos, no documento, a reiteração de uma concepção enunciativo-discursiva da linguagem, como podemos ver abaixo:

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas buscando atualizá-las em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século [...]. Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica: um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 2018, p. 67).

Para tanto, o documento indica o texto como unidade de trabalho quando menciona que

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2018, p. 67).

Para estruturar esse trabalho por meio de práticas concretas de interação, a Base Nacional Comum Curricular orienta que o ensino da língua materna seja organizado em quatro eixos, denominados práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica<sup>5</sup>.

É exatamente na visão interacional de língua propagada por esses documentos oficiais – a qual tenta ir além de uma simples análise estrutural e gramatical dissociada do uso – que este trabalho se pauta. Se “a gramática, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e para passar de ano [...]” (PCN, 2000), é preciso explorar uma outra estratégia, em nosso caso, a funcionalista. Dentre as vertentes dos estudos funcionalistas existentes, escolhemos, como base teórica para este estudo, a Linguística Sistêmico-Funcional, teoria apresentada no capítulo a seguir.

---

<sup>5</sup> Não aprofundamos a abordagem sobre esses eixos por não serem eles o foco principal do trabalho, mas cada um desses tópicos pode ser encontrado de forma detalhada na própria Base Nacional Comum Curricular.

## 2 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

*E Deus disse...Com um enunciado, o mundo veio a sua existência. A origem oracional do universo, conforme citado em Gênesis, espelha o nosso próprio uso da língua a fim de construir realidade e transformar experiência em significado. Tamanho é o poder generativo de realidade da gramática que ela nos possibilita definir 'a experiência básica do ser humano'(tradução nossa)<sup>6</sup>*

(HALLIDAY, 2004, p. xv).

Por meio da visão adotada na Base Nacional Comum Curricular para a prática de ensino na Escola Básica, é possível perceber como formalismo e funcionalismo complementam-se. Embora os formalistas, representados, por nomes como Bloomfield, Trager, Bloch e Fries, preocupem-se mais com a forma, desconsiderando situações comunicativas reais, não é correto afirmar que essas duas abordagens são, como muitos pensam, excludentes. A verdade é que a língua é dois lados de uma mesma moeda, ao mesmo tempo significante e significado, como bem lembra Mary Kato (1998) no seu artigo *Formas de Funcionalismo na Sintaxe*. Partindo dessa ideia, acreditamos que o funcionalismo vai além da visão proposta pela outra abordagem, entendendo a linguagem articulada como um sistema de comunicação, centrado no uso e nas funções, o que está, também, estritamente ligada aos propósitos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma de suas vertentes e base teórica deste trabalho.

A LSF, proposta por Michael Alexander Kirkwood Halliday (1925-2018), desenvolveu-se de forma intensa nos anos 1980, surgindo como um desmembramento desse último prisma. As pesquisas do autor, somada a de vários outros, deram origem a sua *Introduction to functional grammar*, cuja primeira versão é publicada em 1985, reeditada em 1994 e revista e aumentada por ele e Christian Matthiessen em 2004 e em 2014.

Como é possível ver na epígrafe, Halliday defende que, assim como o universo, surgiu por meio de um enunciado (de acordo com a visão de Gênesis), ao fazermos uso da linguagem, podemos construir diversas realidades e dar sentido a nossas experiências a fim de

---

<sup>6</sup> Texto original: And God said...With an utterance, the world came into existence. The clausal origin of the universe, as told in Genesis, mirrors our own use of language to construe reality, and transform experience into meaning. Such is the reality-generatinf power of grammar, that is enables us to define 'the basic experience of being human' (HALLIDAY, 2004, p. xv).

realizarmos interações sociais. Ou seja, com a gramática, é possível transformar o mundo, criando ou recriando novas realidades.

De forma introdutória, podemos destacar que a LSF se trata de uma teoria sociosemiótica que estuda a linguagem em todos os formatos nos quais ela se apresenta, lidando com o funcionamento da língua por meio de uma abordagem léxico-gramatical pautada no uso linguístico dos falantes em seu contexto de realização. Ou seja, léxico e gramática são termos que não se separam, mas funcionam como uma espécie de *continuum*. Afinal, não é possível o uso da língua sem um deles.

Primeiramente, a teoria é social, pois existe para satisfazer as necessidades de comunicação dos seus usuários. As tradicionais descrições meramente estruturais, dominantes até então em linguística, são vistas como insuficientes por Halliday. Ele propõe que a análise feita não pare no sistema da língua, mas que considere também, ao mesmo tempo, suas funções, defendendo, portanto, o uso e a máxima de que “a forma particular assumida pelo sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionada com as necessidades sociais e pessoais que a língua é chamada a servir” (GOUVEIA, 2009, p. 15).

Além disso, a LSF também é semiótica – mas não da mesma maneira que Saussure (2006) entendia a semiótica. Para Halliday, essa visão do estudo dos signos linguísticos ainda é muito limitada pelo fato de o signo ser entendido como uma entidade isolada. Na sua visão, esse conceito deve ser expandido, uma vez que a semiótica passa a ser o estudo dos sistemas de signos ou, pensando de forma mais ampla, dos sistemas de significados, em que a língua é o mais relevante e mais vasto na cultura humana.

Com base nessas considerações, pode-se perceber que a LSF preza por uma abordagem de base semântica, a qual tem como objetivo identificar os papéis exercidos pelas diversas unidades linguísticas nos textos, com base na função de cada uma delas na construção de significados. Ou seja, os funcionalistas assumem a postura de que a gramática não é um sistema independente bem como não pode ser entendida separadamente de fatores tais como comunicação, cultura, interação. Logo, o texto passa a ser uma configuração de significados selecionados na totalidade de opções que a língua oferece, e a construção de seu sentido torna-se o principal foco da análise. Afinal, normatizar e padronizar de forma descontextualizada retira da língua a sua característica complexa e dinâmica, transformando-a em uma entidade com vida própria, alheia aos que, de fato, fazem uso dela (BAGNO, 2004).

Por isso, para Halliday e Matthiessen (2014), dois termos são fundamentais: texto e oração. O primeiro é o ponto de partida para toda e qualquer pretensão de entendimento de como podemos utilizar a língua para conseguir coisas e fazer com que elas aconteçam. É o

objeto de análise e a unidade de descrição da LSF. Já o segundo é a “unidade principal de processamento da léxico-gramática, porque é nela que os significados são mapeados numa estrutura gramatical integrada”. Mais que isso: é também “a unidade principal de processamento da gramática, já que tudo se processa à volta da oração: acima de, abaixo de, para além de.” (GOUVEIA, 2009, p. 20).

Um outro conceito introdutório importante quando o assunto é LSF é o de *agnação*, termo derivado do latim *agnati* e que significa *parentesco*. Gleason (1965, p. 202) emprega esse termo com o objetivo de definir as relações entre sentenças as quais apresentam um vocabulário básico em comum, mas estruturas gramaticais diferentes. Isso porque, além de estabelecer o que é possível, mais ou menos provável em uma língua, também é importante descrever as relações existentes entre diversas possibilidades. Afinal, as variadas formas de se expressar uma mesma unidade semântica não são simples escolhas, não se trata de maneiras diferentes de se dizer a mesma coisa. Longe disso: diferentes opções trazem variações de significado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

A aplicação desse conceito foi feita em alguns momentos na análise do nosso *corpus*, como no fragmento retirado do texto 38:

No filme “WALL-E” é retratado o planeta Terra não habitado por seres humanos, devido a grande quantidade de lixo e gases tóxicos em sua atmosfera.

No exemplo acima, da maneira que foi construído, não conseguimos identificar quem, no filme Wall-e, retrata o planeta Terra não habitado por seres humanos. Por isso, no capítulo 6, a fim de explicitar o agente do processo “retratar”, quando analisamos a estrutura que veicula a voz externa, entendemos que, aqui, a mensagem tem o seguinte teor: No filme Wall-e, o diretor retrata o planeta Terra não habitado por humanos (...).

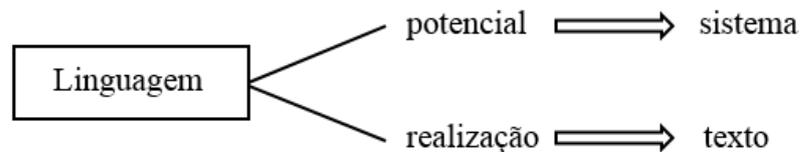
A linguagem, na LSF, passa, então, a ser entendida como um potencial de significados que configura um sistema no qual os usuários selecionam as opções mais cabíveis para construir os sentidos desejados dentro de um determinado contexto. Assim, é possível exteriorizar as experiências humanas e fazer com que exista uma correspondência de sentido e completude entre a estrutura desse sistema e a intencionalidade causadora da exteriorização dessas experiências (SANTOS, 2017).

Na esteira de Halliday, Fuzer e Cabral explicam:

Em termos conceituais, sistema difere de estrutura. A *estrutura* é o ordenamento sintagmático na linguagem: padrões ou regularidades, que respondem à pergunta “o que vai *junto* com o quê?”. *Sistema* é o ordenamento paradigmático da linguagem: padrões ou regularidades que respondem à pergunta “o que pode figurar *em lugar de* quê?”. Qualquer conjunto de alternativas constitui um sistema (FUZER; CABRAL, 2014, p. 21)

Sistematizando, podemos chegar à seguinte figura, baseada em Fuzer e Cabral (2014):

Figura 1– Linguagem em duas perspectivas

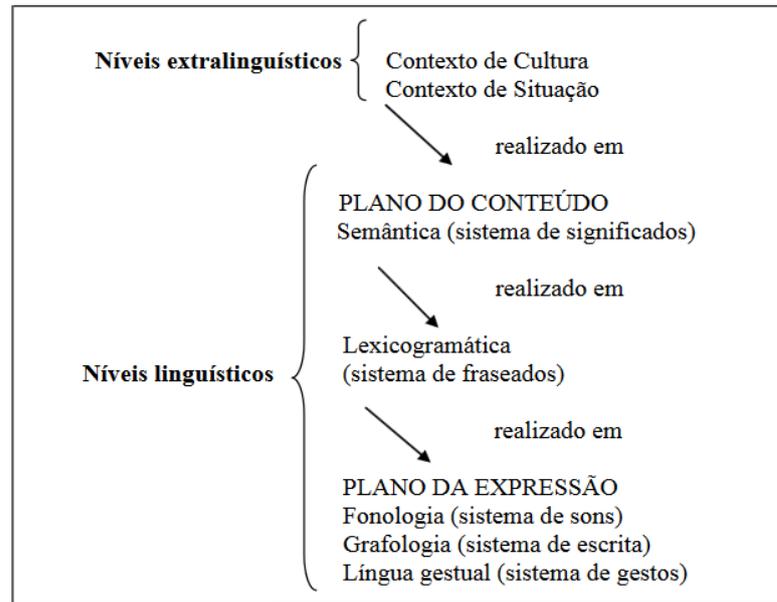


Fonte: A autora, 2021.

Sob essa ótica, fica fácil entender o nome *sistêmico-funcional* dado pelo autor para denominar sua abordagem: sistêmico diz respeito ao leque de opções que o falante tem disponíveis para organizar seu discurso (eixo paradigmático) – a cada escolha feita, surge uma nova possibilidade em um outro estrato da língua – e funcional devido ao fato de esse discurso cumprir funções no seu contexto de uso (FUZER; CABRAL, 2014).

Como forma de esquematizar essas ideias, Halliday e Matthiessen (2014) propõem que a linguagem se divide em estratos, espécie de camadas, que estão inseridos em dois níveis, extralinguístico e linguístico, materializando-se sempre um no outro, como mostra a imagem a seguir:

Figura 2 – Estratos da linguagem

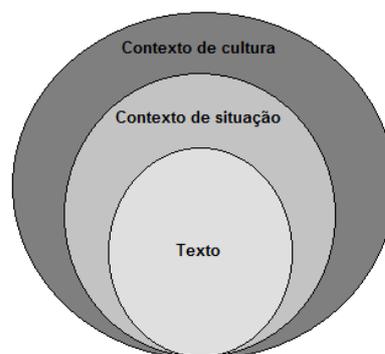


Fonte: GOUVEIA, 2009, p. 24.

É importante destacar que, quando produzimos um texto, todos esses níveis são acionados de forma simultânea, e nossas escolhas léxico-gramaticais dependerão do contexto. Por exemplo, uma história para dormir contada por uma mãe ou por um pai, descrevendo uma cena de perigo, sem dúvida, terá escolhas léxico-gramaticais diferentes em comparação a um jornalista falando sobre uma situação de perigo em rede nacional. Afinal, o objetivo entre as duas narrativas também é diferente.

Localizado no nível extralinguístico, o *contexto* é um conceito na perspectiva da LSF, pois se desdobra em dois outros, necessários para que se construa o entendimento adequado de um texto, como ratifica a imagem a seguir:

Figura 3 – Divisões do nível extralinguístico



Fonte: FUZER; CABRAL, 2014, p. 26

A noção de *contexto* chega à LSF, principalmente, sob a influência dos estudos do antropólogo Malinowski (1923). Antes disso, o termo *con-text*, em inglês, referia-se simplesmente à dimensão espacial dessa noção, isto é, palavras e sentenças vizinhas à sentença analisada (HASAN, 1989).

Por meio de estudos etnográficos, Malinowski (1935) buscava analisar a língua utilizada em uma comunidade de agricultores, nas Ilhas Trobriand, no Sul do Pacífico. Com o estudo, observou o uso pragmático da língua pelos trobriandeses, percebendo que o enunciado era empregado não só para expressar um pensamento ou uma ideia, mas também para mediar as atividades práticas, sendo as palavras parte da ação e equivalentes às ações (MALINOWSKI, 1935). Em outras palavras, segundo o autor, para compreender as falas, era preciso entender o mundo das ideias, as diversas atividades, as regras econômicas de jardinagem do local, isto é, o contexto de cultura. Afinal, considerar as palavras faladas nesse lugar, tratando-as de forma dissociada do seu momento de ação e de situação, certamente faria com que elas permanecessem sem sentido, vazias.

Malinowski também traz considerações importantes sobre o contexto de cultura quando relata a grande dificuldade para fazer traduções claras e coerentes, de palavras ou enunciados, para o inglês, o que fez com que ele tome consciência de que traduzir não é apenas substituir uma palavra por outra, considerando as línguas de partida e de destino, mas significa também considerar os sinais linguísticos e o background cultural de uma sociedade (MALINOWSKI, 1935).

Partindo dessas ideias e, principalmente, da última figura apresentada anteriormente, podemos perceber como o *contexto de cultura* é amplo. Ele circunda o texto, está diretamente relacionado às formas como diferentes culturas empregam a língua e envolve todas as construções possíveis, como as formas de tratamento e o recurso de polidez. A fala de alguém sentado a uma mesa de jantar, por exemplo, dizendo “Você poderia me passar a jarra de suco?” não significa propriamente uma pergunta, mas uma espécie de ordem (Passe-me a jarra de suco), atenuada, com a devida modalização, que pode não ser compreendida claramente por todas as pessoas. Além disso, esse conceito ainda se relaciona às práticas institucionalizadas em vários grupos sociais, como a profissão, a família, a escola, dentre outros. Por exemplo, um grupo de capoeiristas pode falar de uma “meia-lua”, enquanto pessoas de fora desse grupo talvez não entendam imediatamente o conceito específico a que a expressão se refere no esporte, pensando literalmente em uma lua pela metade, quando, na verdade, se trata de um tipo de golpe. Da mesma maneira, capoeiristas e instrumentistas

provavelmente terão mais familiaridade com o conceito de “atabaque”, um instrumento musical de percussão afro-brasileiro, do que outras pessoas.

Martin e Rose (2008) expandem a discussão quando relacionam o contexto em questão com as noções de gênero. Para eles, as culturas aparentemente envolvem um grande conjunto de gêneros, os quais são reconhecidos pelos membros da sociedade em que circulam. As ideias de Eggins (2004) vão além e são esclarecedoras ao apontar uma maior abstração associada à noção de gênero, mostrando que este pode ser compreendido como um amplo arcabouço o qual concede finalidade às interações de tipos particulares, adaptável a variados contextos de situação em que é empregado. Ou seja, de forma geral, o gênero é relacionado, então, ao contexto de cultura, fazendo com que os autores o liguem a aspectos macro-estruturais ou padrões discursivos genéricos<sup>7</sup>.

Seguindo essa lógica, Motta-Roth e Herbele (2005) defendem o contexto de cultura como sendo o reflexo da padronização do discurso em termos de atos retóricos ou atos de fala, visto que estes são efetivados por meio da linguagem, cujas características retóricas são recorrentes, em circunstâncias específicas. Assim, fica claro que o contexto de cultura é o responsável por dar sentido, de forma geral, ao texto (EGGINS, 2004).

Compreendido como “o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando” (FUZER & CABRAL, 2014, p. 27), o *contexto de situação*, por sua vez, é particular e abrange a realização da linguagem em determinado contexto. Ou seja, aqui são considerados todos os elementos que se relacionam ao texto no momento de sua realização: o cenário formado pelo lugar e pelos objetos, os indivíduos presentes, seus comportamentos, palavras, termos empregados.

Halliday (1989) afirma que o contexto de situação serve para justificar por que determinadas coisas são escritas ou faladas em determinado momento, e outras não. Ter conhecimento sobre esse tipo de contexto possibilita ao usuário da língua realizar algumas previsões, auxilia-os a criar uma expectativa a respeito do que está por vir durante uma interação escrita ou falada. Segundo o autor (1989), quando uma pessoa está lendo ou escutando com o objetivo de aprender, predizer passa a ser muito importante e, sem essa habilidade, o processo se desacelera.

Entendendo, então, que a linguagem se configura como caracterizadora do ambiente textual, Halliday e Matthiessen (2014) desdobram esse contexto situacional em outras três categorias – campo, relação e modo. Essas três variáveis do contexto de situação são

---

<sup>7</sup> Discussões sobre gênero com base na LSF serão aprofundadas no capítulo 4.

conceitos muito relevantes na LSF por serem a base do sistema semântico, particularizando a noção de contexto, caracterizando o texto e mantendo uma relação direta com as funções que a língua pode exercer, como veremos adiante.

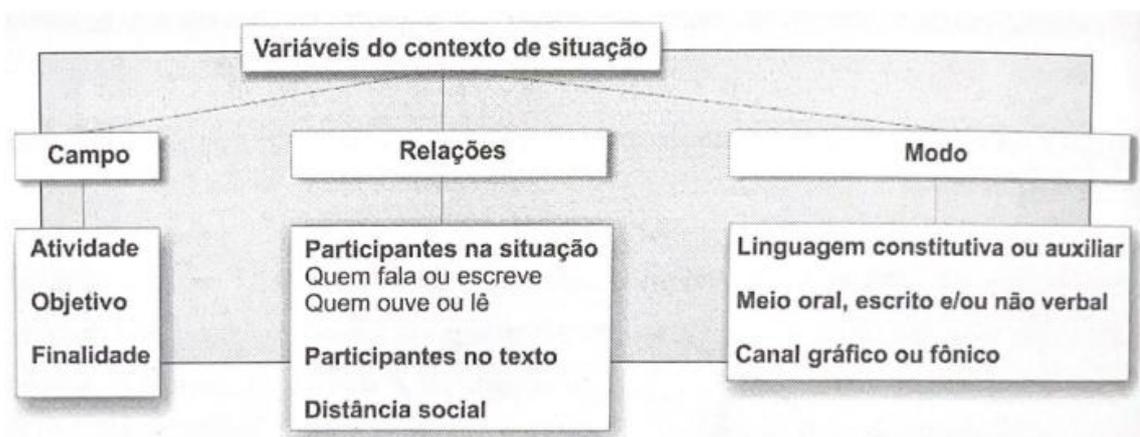
O *campo* remete à atividade, à natureza da prática social, ou, como bem define Gouveia (2009, p. 27), diz respeito “à codificação da experiência, àquilo que se fala, ao assunto do texto”. Está relacionado ao foco das ações (verbais ou não verbais) executadas e aos seus objetivos.

As relações referem-se à natureza dos participantes, a seus status e papéis, considerando, por exemplo, a persuasão, o grau de formalidade e uma possível hierarquia. Essa variável é vista ainda por Gouveia (2009, p. 27) como uma “codificadora de aspectos linguísticos relativos às pessoas envolvidas na comunicação e à relação existente entre elas”.

Já o modo analisa que papel a linguagem está cumprindo na interação. Diz respeito à organização simbólica do texto, sua importância e sua função no contexto: se ele, por exemplo, é escrito ou falado, se é narrativo ou argumentativo em uma interação particular (GOUVEIA, 2009, p. 27).

Esses conceitos podem ser sintetizados na figura a seguir:

Figura 4– As variáveis do contexto de situação



Fonte: FUZER; CABRAL, 2014, p. 30.

A seguir, a fim de esclarecer melhor esses conceitos, trazemos como exemplo um editorial – texto que marca o posicionamento de determinado veículo de comunicação sobre um assunto da atualidade – retirado, sem modificações, do site do jornal Diário de Pernambuco:

### **O planeta pede socorro<sup>8</sup>**

Os governos têm de sair de suas respectivas zonas de conforto e encarar a questão com a implantação de medidas eficazes para a proteção do planeta

O planeta exauriu sua capacidade de prover o consumo da humanidade. Em pouco mais de sete meses, esgotamos os recursos naturais necessários para atender, durante 12 meses, as necessidades de consumo de todo o mundo, ou seja, neste ano precisaríamos de 1,6 do planeta Terra para equacionar a demanda do consumo do ser humano, diante do crescimento populacional e da capacidade da natureza de oferecer os recursos necessários.

Medidas já foram tomadas, diante da gravidade do problema, pelos governantes globais, ainda que tímidas. Há de se fazer muito mais, tendo no horizonte a mudança do atual modelo de desenvolvimento para a economia sustentável, de baixo carbono, conforme sacramentado no Acordo de Paris. O que mais preocupa os especialistas em meio ambiente é que, apesar de iniciativas visando o aumento da produção de energia limpa, por exemplo, o consumo não sustentável vem crescendo em escala geométrica.

As autoridades mundiais precisam perseguir a redução da emissão de carbono, de longe o principal problema ambiental na esfera global. De acordo com dados levantados pela ONG Global Footprint Network, para reverter o processo de esgotamento dos recursos naturais do planeta, será necessário reduzir as emissões de carbono em 30%, conforme previsto pela Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU).

Os governos têm de sair de suas respectivas zonas de conforto e encarar a questão com a implantação de medidas eficazes para a proteção do planeta, pois a fome é uma das mais nefastas consequências do aquecimento global. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) alerta que as mudanças climáticas ameaçam a segurança alimentar na América Latina e no Caribe. No Brasil, o Nordeste é a região mais afetada pelas mudanças no clima, além de consideráveis partes da Amazônia. O racionamento de água em cidades do Sudeste também serve de alerta para as autoridades.

Relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente afirma que está em curso a exploração predatória da Terra, com a retirada sem controle eficaz da biomassa nos últimos 40 anos, a extração mineral e o uso de combustíveis fósseis como causa mais grave para o esgotamento do planeta. Não se deve mais esperar a efetiva mudança no modelo atual

---

<sup>8</sup> FONTE: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2016/09/editorial-o-planeta-pede-socorro.html>. Adaptado. Acesso em: 28/09/2021.

de desenvolvimento para o da economia sustentável, que pode impedir o desaparecimento de recursos naturais para as gerações futuras.

Sobre o texto, podemos afirmar que:

- ✓ O *campo* pode ser entendido como o posicionamento do jornal sobre a relação exploratória do homem sobre o planeta e a necessidade de se reverter esse cenário.
- ✓ As *relações* são guiadas majoritariamente pela formalidade e pelo distanciamento que o gênero editorial impõe; a presença de estruturas do tipo “Há de se fazer muito mais” e “Não se deve mais esperar” marcam a modalização do discurso; há uma hierarquia indireta, isto é, uma escala de importância entre quem escreve e quem lê.
- ✓ O *modo* que materializa esse discurso é o escrito, resultado de uma linguagem constitutiva.

Na perspectiva hallidayana,

não existe nenhuma faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado. Em outras palavras, a linguagem fornece uma **teoria** da experiência humana, e certos recursos léxico-gramaticais de cada língua são dedicados a esta função (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014, p. 30, grifo dos autores) [tradução nossa].<sup>9</sup>

Entendendo essa organização ao redor de uma finalidade, os estudiosos defendem que, em nossas práticas comunicativas, a linguagem é capaz de desempenhar três funções básicas: a primeira é “apresentar” o conteúdo do texto, representando nossa experiência na linguagem. Diz respeito à exteriorização das experiências do mundo interior e exterior, isto é, ao “conteúdo” da comunicação, uma vez que estamos sempre falando sobre alguma coisa ou alguém (ideacional); a segunda é responsável por estabelecer e manter relações sociais entre os participantes da situação de comunicação. Ou seja, constrói o modo como um sujeito atua sobre o outro – já que estamos sempre expressando atitudes e desempenhando papéis ao usar a língua –, despertando novas perspectivas em relação à comunicação ocorrida entre eles (interpessoal); a terceira, por sua vez, ajuda a organizar a informação como mensagem, já que estamos sempre estruturando nosso dizer em forma de textos coerentes. Ela atua como um elo

---

<sup>9</sup> Trecho original: there is no facet of human experience that cannot be transformed into meaning. In other words, language provides a **theory** of human experience, and certain of the resources of the lexicogrammar of every language are dedicated to that function (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014, p. 30).

entre as funções anteriores, pois o usuário da língua consegue construir textos organizando as suas experiências vivenciadas em textos coerentes a partir do sistema linguístico (textual). A estas, Halliday denomina *metafunções da linguagem*.

Cientes disso, podemos chegar a este quadro:

Quadro 2 - Variáveis do contexto de situação X metafunções da linguagem

<b>VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO</b>	<b>METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM</b>
Campo	Ideacional
Relações	Interpessoal
Modo	Textual

Fonte: SANTOS, 2017.

Halliday e Matthiessen (2014) destacam ainda que essas três metafunções não atuam de forma isolada, mas interagem simultaneamente para garantir a construção dos textos, oferecendo-lhes um caráter multifuncional, o que se reflete na estrutura da oração e se relaciona diretamente com a léxico-gramática da língua. Por isso, elas não se excluem, mas se interrelacionam.

Além disso, os autores alertam para a razão pela qual nomearam esses três componentes como “metafunções” e não “funções”, como propôs o linguista Roman Osipovich Jakobson, “um dos primeiros linguistas a pensar sobre as questões de enunciação” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 22).

Sendo considerado um dos autores mais importantes do século XX, Jakobson investigou o campo dos processos da significação. Sua teoria está presente na academia e em inúmeros livros didáticos até hoje. Ele apresentou os elementos da comunicação – remetente, destinatário, referente, código, canal, mensagem – e sua relação com o que denomina ser as funções da linguagem: emotiva, que apresenta as emoções e a subjetividade do eu e, por exemplo, poemas; conativa, que busca o convencimento do interlocutor, típico das propagandas; referencial, cuja ênfase está na informação; metalinguística, quando a linguagem se refere a ela própria; fática, que tem como objetivo estabelecer ou interromper a comunicação; e poética, quando o foco está no modo como a mensagem é construída. Seu pensamento pode ser assim resumido:

O REMETENTE envia uma MENSAGEM, ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere [...], apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou

parcialmente comum ao remetente e ao destinatário [...]; e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e a permanecerem em comunicação. (JAKBSON, 2005, p. 123)

Mesmo que Halliday e Jakobson tenham uma visão funcionalista da linguagem e compartilhem de algumas ideias, a abordagem sistêmico-funcional vai além e traz à tona ampliações não só teóricas, mas também metodológicas. Para Halliday e Matthiessen (2014), não podemos entender “função” como simplesmente “objetivo” ou “meio” de uso da linguagem pois, na visão destes, o conceito de funcionalidade é o elo que organiza todo o sistema da língua. É aqui, então, que a teoria hallidayana vai de encontro à visão de Jakobson e de outros funcionalistas, porque defende que tal entendimento sobre o uso da linguagem oferece pouca contribuição para a análise gramatical da língua em si. Por isso, “o termo ‘metafunção’ foi adotado para sugerir que a função era um componente integral dentro da teoria geral”<sup>10</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 31, grifos dos autores), sendo a funcionalidade, então, intrínseca à linguagem.

O quadro a seguir traça uma possível correlação entre os estudos desses dois teóricos. Embora haja uma diferença numérica entre as funções da linguagem propostas por Jakobson e as metafunções de Halliday, é possível relacioná-las até certo ponto.

Quadro 3 – Correlação entre conceitos de Jakobson e Halliday

<b>Funções – Jakobson</b>	<b>Metafunções – Halliday</b>
Referencial	Ideacional
Emotiva	Interpessoal
Conativa	Interpessoal
Fática	Interpessoal
Poética	Textual + Ideacional
Metalinguística	Ideacional + Interpessoal

Fonte: inspirado em ARNT e CATTO, 2010

Para maior esclarecimento dessa correlação e por se tratar de conceitos basilares da LSF, cada elemento da segunda coluna, será, a seguir, explicado com maior detalhamento.

<sup>10</sup> Trecho original: The term ‘metafunction’ was adopted to suggest that function was an integral component within the overall theory ( HALLIDAY; MATTHIESSEN 2014, p 31).

## 2.1 Significado ideacional

O significado ideacional é o responsável por desempenhar duas funções específicas: relacionar os significados experienciais – responsáveis por representar nossas experiências no mundo, internas ou externas, e cuja unidade de análise é a oração – e combinar harmonicamente grupos lexicais e grupos oracionais – cuja unidade de análise é o complexo oracional. Assim, a metafunção ideacional, de forma geral, entende a oração como representação, e seu significado é construído por meio do sistema de transitividade, o qual visa reconhecer a ação realizada, quem participa dela e as circunstâncias envolvidas.

O termo “transitividade” não é novo para quem passou pelas aulas de Língua Portuguesa na Escola Básica. Aprende-se na escola que o verbo é considerado transitivo direto quando não requer um complemento regido de preposição, sendo possível obter uma resposta sobre perguntas do tipo “o quê?” ou “quem?” (objeto direto); aprende-se, também, que este pode ser transitivo indireto quando requer um complemento regido de preposição, havendo, portanto, uma preposição antes dos pronomes interrogativos: “que” ou “quem”, obtendo-se como resposta um objeto indireto; além disso, que os verbos podem, ainda, ser considerados intransitivos, ou seja, podem não precisar de um complemento, pois já têm sentido completo no contexto em que são empregados.

Todavia, transitividade, na perspectiva da LSF, não corresponde ao que se diz tradicionalmente nas gramáticas e nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Na teoria aqui adotada, a transitividade passa a ser a responsável pela representação do mundo real, das experiências, e das ideias, lembranças, reflexões que se enquadram no nível da consciência. É a base da organização semântica da experiência, um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades. É ela que “permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada” (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 68). Fuzer e Cabral (2014, p. 11) analisam que:

(...) transitividade é, na GFS, um sistema de relação entre componentes que formam uma *figura*. Figuras são constituídas de um processo e participantes (quem faz o quê) e, eventualmente, de associadas ao processo (onde, quando, como, por que etc.). As figuras são diferenciadas conforme tipos gerais de classificação dos processos: figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comporta-se. (Grifo das autoras)

Partindo dessa citação, é possível chegar aos três elementos por meio dos quais as figuras são apresentadas: processos, participantes e circunstâncias.

Os Processos dizem respeito às representações linguísticas das ações constituintes da realidade e são categorizados de acordo com o seu significado no contexto de interação. Tipicamente, são realizados por um grupo verbal. Os participantes são aqueles sujeitos envolvidos na enunciação, como pessoas, coisas, seres, que promovem a ação (processo) ou recebem a consequência dela. Normalmente são materializados por um grupo nominal. As circunstâncias, por fim, são comumente realizadas por grupos adverbiais ou preposicionais. Podem indicar, como o próprio nome já afirma, determinadas circunstâncias e estão relacionadas aos elementos periféricos aos acontecimentos.

O quadro a seguir reúne os tipos de circunstâncias, seus subtipos e alguns exemplos de realização.

Quadro 4 – As circunstâncias e seus subtipos na LSF

<b>Tipos</b>	<b>Subtipos</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Extensão</b>	Distância	unidades de medida
	Duração	unidades de tempo
	Frequência	unidades de contagem de frequência
<b>Localização</b>	Tempo	advérbios de tempo, às, até, no(a)
	Lugar	preposições de lugar, no(a), em
<b>Maneira/Modo</b>	Meio	por meio de, pelo, com
	Qualidade	advérbios de intensidade
	Comparação	advérbios de comparação, como
	Grau	muito, advérbios de grau
<b>Causa</b>	Motivo/razão	como resultado de, já que, porque
	Propósito	a fim de, para, com a finalidade de
	Em nome de alguém	contra, em favor de
<b>Contingência</b>	Condição	se, caso
	Ausência	sem, na ausência de
	Concessão	ainda que, embora
<b>Acompanhamento</b>	Aditivo	além de, tal como
	Concomitante	com, sem
<b>Papel</b>	Produto	em (algo)
	Guisa	como, no papel de
<b>Assunto</b>	Em relação a	no que se refere a, sobre
<b>Ângulo</b>	Ponto de vista	segundo, na opinião de, na visão de
	Fonte	nas palavras de, de acordo com

Fonte: traduzido e adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 313-314.

O último tipo de circunstância apresentado (ângulo: ponto de vista e fonte), mostra-se o mais importante para o desenvolvimento deste trabalho, pois seus subtipos são utilizados

para a inserção de vozes em textos de caráter opinativo. Por isso, trataremos deles especificamente no capítulo seguinte.

Aprofundando-nos, por sua vez, na questão dos Processos, por sua vez, a LSF entende-os como “eventos que constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social. Como são realizados tipicamente por verbos, a ideia de mudança perpassa a noção de processo” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 41). Se, para a LSF, a função básica da língua é “dizer alguma coisa”, esta pode ser alcançada por seis tipos de processos diferentes.

Cada um deles estabelece o seu próprio esquema de construir um domínio particular da experiência. Assim, o sistema de transitividade busca representar as experiências vividas no mundo que nos cerca e no de nossa consciência, configurando também o mundo abstrato das relações de classificar e identificar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Os seis processos formadores desse sistema e sua devida significação são apresentados por meio da figura a seguir, trazida de Halliday e Matthiessen (2014, p. 216) e adaptada por Souza e Mendes (2012) para a língua portuguesa. Nela, percebemos uma representação em círculo, o que não é à toa: sua forma circular representa o caráter contínuo da classificação, a qual só pode ser feita nos contextos de uso efetivo desses processos em combinação com circunstâncias e participantes a eles relacionados (SOUZA; MENDES, 2012).

Figura 5 – Tipos de processos nas orações



A seguir, veremos cada um desses Processos, devidamente exemplificados com trechos de textos argumentativos, produzidos por alunos da Escola Básica, os quais pertencem ao nosso *corpus*.

O primeiro, chamado de *Material*, indica ações de mudança, que podem acontecer por meio de atividades concretas ou abstratas. Refere-se à transformação de estado das coisas, ao agir sobre o mundo, ao “fazer”. O agente responsável por essas mudanças é denominado de Ator. É ele quem vai desenrolar o processo, no tempo, levando a um resultado diferente de antes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Já quem sofre/recebe a ação, sendo diretamente afetado pelo processo, é chamado de Meta. Nesse sentido, é possível observar a ação de duas formas: 1) do ponto de vista de quem a executa, dando destaque ao Ator; 2) do ponto de vista de quem a sofre, destacando o participante Meta. Dependendo do enfoque dado, temos a presença de orações passivas ou ativas.

Vejam um fragmento retirado do texto 3:

O homem	<u>desmata, queima e destrói</u>	grande parte da flora e da fauna mundial.
<i>Ator</i>	<i>Processos Materiais</i>	<i>Meta</i>

Outros participantes também são muito comuns quando o Processo é Material. O Beneficiário, como o próprio nome já diz, é quem se beneficia do processo, recebendo bens materiais (Beneficiário Recebedor) ou serviços (Beneficiário Cliente), não sendo necessariamente algo positivo. Na gramática tradicional, associamos esse termo à função sintática de objeto indireto. Já o Escopo diz respeito a um “participante que não é afetado pela performance do processo material” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 50). Nesse caso, o verbo passa a ser deslexicalizado, perdendo, então, o seu sentido pleno e tendo seu sentido completado com um grupo nominal, que passa a funcionar como uma extensão do verbo. Por fim, a Circunstância, correspondente à função de adjunto adverbial, associa-se aos processos trazendo ideias de, por exemplo, espaço, modo, causa ou tempo. Esses dois últimos conceitos ficam melhor esclarecidos quando vemos o exemplo a seguir, retirados do texto 4:

a sociedade mundial	<u>está pagando</u>	o preço	todos os dias	por maltratar o meio ambiente.
<i>Ator</i>	<i>Processo Material</i>	<i>Escopo</i>	<i>Circunstância</i>	<i>Circunstância</i>

Os Processos *Mentais*, por sua vez, diferentemente dos anteriores, exprimem as atividades do mundo interior, da consciência, estando relacionados ao “sentir”. Aqui, há a presença de dois Participantes: o primeiro é o Experienciador – quem vivencia o pensar, o sentir, o ver, é quem demonstra estado de consciência –, e o segundo é o Fenômeno – o que é pensado, sentido, visto, percebido ou criado pela mente do Experienciador.

Halliday e Matthiessen afirmam que as atividades referentes a esse Processo podem ser de quatro tipos: 1) de afeição, que, como o nome denuncia, demonstram afeto, emoção, como os verbos gostar, empatizar, detestar; 2) de percepção, envolvendo os cinco sentidos humanos (visão, tato, audição, olfato e paladar), materializados em verbos do tipo ver, sentir, ouvir; 3) de cognição, que não se relacionem aos cinco sentidos, mas trazem o que é pensado à consciência – pensar, decidir, imaginar; 4) desiderativos, responsáveis pela expressão de desejos e vontades com termos como querer, sonhar, vislumbrar.

Ex: “O homem percebe a fúria da natureza hoje” (Texto 1).

O homem <i>Experienciador</i>	<u>percebe</u> <i>Processo Mental</i> <i>perceptivo</i>	a fúria da natureza <i>Fenômeno</i>	hoje <i>Circunstância</i>
----------------------------------	---------------------------------------------------------------	----------------------------------------	------------------------------

O terceiro Processo representa a noção de “ser” e “estar” e permite uma relação entre entidades diferentes, recebendo o nome de *Relacional*. Aqui, temos necessariamente dois participantes na oração: 1) portador e atributo, quando se está atribuindo uma característica; 2) identificado e identificador, quando se estabelece uma relação de identificação. Veja os exemplos retirados, respectivamente, dos textos 3 e 4:

Nós <i>Portador</i>	<u>somos</u> <i>Processo Relacional</i>	individualistas. <i>Atributo</i>
------------------------	--------------------------------------------	-------------------------------------

A arara azul <i>Identificado</i>	<u>era</u> <i>Processo Relacional</i>	um animal típico do Brasil. <i>Identificador</i>
-------------------------------------	------------------------------------------	-----------------------------------------------------

Na fronteira desses três principais, há também os chamados Processos Secundários, ou Intermediários. Ainda que tenham uma classificação própria, baseada em critérios semânticos e gramaticais (THOMPSON, 2014), esses Processos Secundários mantêm algumas

características dos Processos Principais e acontecem normalmente com menor frequência nos textos. São três: *comportamentais*, *existenciais* e *verbais*.

Os Processos *Comportamentais* situam-se em uma fronteira entre os *materiais* e os *mentais*, podendo apresentar características de ambos – o que não os deixa tão nítidos. Eles representam os estados do comportamento fisiológico e psicológico humano (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e incluem verbos como dormir, bocejar, dançar, tossir. O Participante aqui é chamado de Comportante, um alguém que é consciente (como o Experienciador nas orações mentais), mas que realiza Processos com características materiais, mentais e até verbais.

Texto 9:

A gente	<u>ri</u>	no Instagram	durante dia e noite.
<i>Comportante</i>	<i>Processo Comportamental</i>	<i>Circunstância</i>	<i>Circunstância</i>

Os Processos *Existenciais* estão na fronteira entre os *relacionais* e *materiais*, sendo responsáveis por registrar a existência ou ocorrência de algo. Segundo Fuzer e Cabral (2014), eles são realizados, na língua portuguesa, de forma geral, pelos verbos “haver”, “existir” e “ter”. A diferença básica entre as orações relacionais e as existenciais é que estas, embora sejam Processos de “ser”, são constituídas por somente um Participante, denominado de Existente.

Texto 15:

Em algum momento de nossa história	<u>houve</u>	a segregação entre homem e meio ambiente.
<i>Circunstância</i>	<i>Proc. Existencial</i>	<i>Existente</i>

Por fim, temos os Processos *Verbais*, encontrados na fronteira entre os *relacionais* e os *mentais*. De acordo com Gouveia (2009, p. 32), eles estão relacionados ao ato “de dizer e de comunicar e incluem não apenas verbos de enunciação (pedir, dizer, mandar, perguntar, afirmar, etc.), mas também processos semióticos que não são necessariamente verbais, como mostrar ou indicar, por exemplo”. Quem fala é o dizente. O que é falado é a verbiagem. Quem é atingido pelo processo de dizer, alvo. O exemplo a seguir, retirado do texto 14, ilustra bem esse papel:

Eu	<u>Informarei</u>	aos leitores	os efeitos dos maus tratos ao meio ambiente
<i>Dizente</i>	<i>Proc.Verbal</i>	<i>Alvo</i>	<i>Verbiagem</i>

Além disso, vale destacar que esses processos podem ser encontrados com muita facilidade em notícias, em textos argumentativos diversos, por exemplo, quando os autores, comumente, fazem uso de fontes externas, como dados estatísticos e citações, para confrontar ou comprovar seus pontos de vista por meio de verbos como: argumentar, apontar, informar, sugerir. Essa estratégia será melhor explorada no capítulo seguinte, o qual trata exatamente das vozes externas.

Halliday e Matthiessen (2014) mostram que, na língua inglesa, os processos verbais podem ser divididos em dois grupos maiores e cinco subgrupos, como ilustra o quadro a seguir:

Quadro 5 – Tipos de processos verbais

Tipos		Exemplos
<b>Atividade</b>	Alvo	acusar, denunciar, elogiar, caluniar, criticar, repreender, xingar
	Fala	conversar, falar
<b>Semiose</b>	Neutro	contar, dizer
	Indicação	anunciar, contar (algo a alguém), convencer (alguém de algo), prometer, relatar, persuadir, explicar, informar
	Comando	ameaçar (alguém de algo), convencer (alguém a pensar ou a fazer algo), exigir, implorar, ordenar, solicitar, mandar

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL 2014, p. 72.

De acordo com o quadro, é possível perceber que a escolha de um verbo em detrimento de outro não pode ser aleatória. Cada subtipo apresenta uma determinada funcionalidade semântica e deve ser empregado de acordo com os propósitos comunicativos que pretendem ser alcançados. Se dizemos, por exemplo, que X conta alguma coisa é diferente de dizer que X denuncia alguma coisa. Enquanto no primeiro há neutralidade, porque esse verbo não costuma expressar força argumentativa, no segundo damos bastante força no que será apresentado, denunciado.

A fim de retomar e resumir o Sistema de Transitividade, reunimos todos esses processos e respectivos participantes a seguir:

Quadro 6 – Sistema de Transitividade

<b>Processo</b>	<b>Categoria de significado</b>	<b>Participantes envolvidos de forma direta</b>	<b>Participantes envolvidos de forma indireta</b>
<b>Material</b>	Ações e acontecimentos	Ator e Meta	Recipiente, Cliente e Escopo
<b>Mental</b>	Pensamentos, desejos, percepções e sentimentos	Experenciador e Fenômeno	-
<b>Relacional</b>	Atribuição / Identificação	Portador, Atributo, Identificador e Identificado	Atribuidor e Beneficiário
<b>Comportamental</b>	Comportamentos fisiológicos	Comportante	Comportamento
<b>Existencial</b>	Existir	Existente	-
<b>Verbal</b>	Dizer	Dizente e Alvo	Recebedor e Verbiagem

Fonte: Elaborada pela autora com base em HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014.

## 2.2 Significado interpessoal

O *significado interpessoal* permite que o autor do texto, oral ou escrito, expresse o seu ponto de vista, suas atitudes e seus julgamentos por intermédio das funções da fala, podendo-se identificar a posição assumida por ele na situação comunicativa. É o responsável por mostrar o ponto de vista de quem se expressa mediante a seleção dos elementos léxico-gramaticais utilizados na construção do texto. O estabelecimento e a manifestação dessas relações podem se materializar por meio do sistema léxico-gramatical *Modo*.

Nele, a oração é entendida como uma troca entre o falante/autor e o ouvinte/leitor em um evento comunicativo qualquer (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Nessa interação, dois tipos de valores podem ser trocados: *informações* ou *bens e serviços*. Na troca de

informações, é negociada a própria linguagem: o falante/escritor espera que o interlocutor tome conhecimento do que é enunciado ou responda ao que foi perguntado. Dessa forma, o falante dá alguma coisa ao ouvinte (fornecendo informação) ou demanda algo dele (solicitando informação). Já na troca de bens e serviços, o falante usa a linguagem para influenciar o comportamento do outro, levando-o a fazer aquilo que o primeiro deseja (FUZER; CABRAL, 2014).

Para realizar essa interação, quem emite a mensagem pode optar pelo uso dos três modos oracionais existentes na Língua Portuguesa:

- Declarativo: “No fundo, nós não estamos dando a devida importância para as questões ambientais mais importantes do planeta.” (Texto 1)
- Imperativo: “faça sua parte, pesquise e coloque em prática”. (Texto 15)
- Interrogativo: “Por isso, é necessário discutir: como a sociedade lida com o meio ambiente?” (Texto 15)

É assim que podemos chegar às quatro funções primárias da fala: *ofertar, comandar, declarar e perguntar*, como resume o quadro abaixo:

Quadro 7– Funções primárias da fala

<b>PAPEL DA TROCA</b>	<b>INFORMAÇÕES</b>	<b>BENS E SERVIÇOS</b>
FORNECER – DAR	Declaração Ele deu-me um beijo	Oferta Você quer um beijo?
DEMANDAR - SOLICITAR	Pergunta O que ele lhe deu?	Comando Dê-me um beijo.
	<b>PROPOSIÇÃO</b>	<b>PROPOSTA</b>

Fonte: traduzido e adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 136.

Para os autores, a linguagem, em eventos interativos, pode assumir papéis de “dar” e de “solicitar”. Quando uma informação é dada, há uma declaração; quando se dá um bem e/ou serviço, temos uma oferta. Quando se solicita uma informação, faz-se uma pergunta e, quando são solicitados bens e serviços, dá-se uma ordem.

Fuzer e Cabral (2014, p. 105) esclarecem os conceitos alocados na última linha do quadro, explicando que:

Quando a língua é usada para trocar informações, a oração tem a forma de uma *proposição*. Uma proposição é algo sobre o que se pode argumentar, seja negando-a, afirmando-a, colocando-a em dúvida etc. Quando a língua é usada para trocar bens e serviços (atividades), a oração não pode ser negada ou afirmada e é chamada *proposta* (grifo das autoras).

O Modo é constituído basicamente por dois elementos: o *Sujeito* e o *Finito*.

O primeiro deles atende à classificação da gramática tradicional, ou seja, é o elemento sobre o qual informamos alguma coisa. Por exemplo, na oração “**O homem percebe a fúria da natureza hoje**” (Texto 1), o termo **O homem** é o elemento do qual se diz alguma coisa, ou seja, **O homem** é o *Sujeito* da oração. Tipicamente um sintagma nominal, esse termo ainda pode ser omitido ou retomado por pronomes, principalmente pessoais e demonstrativos.

O termo *Finito*, por sua vez, é a parte verbal que carrega a opinião do emissor, englobando a polaridade positiva e negativa, isto é, o sim ou o não. Para Mattoso Câmara (1986), o finito é o verbo em uma de suas formas verbais, conjugado, o qual apresenta o processo em condições concretas de realização, diferentemente do infinito (ou infinitivo), que apenas significa a natureza do processo. Em outras palavras, ele indica o momento da realização do processo, o qual é expresso pelo verbo flexionado, por meio do emprego de desinências verbais ou de verbos auxiliares, estes presentes nas locuções verbais.

Identificando-se o Sujeito e o Finito, tudo que sobra na oração é chamado de *Resíduo*, que, por sua vez, pode apresentar três elementos (Predicador, Complemento e Adjunto), que não precisam aparecer ao mesmo tempo, mas que, quando aparecem, costumam apresentar-se nessa ordem.

Na oração a seguir, por exemplo, retirada do Texto 6, é possível ver esses conceitos em uso:

<i>Modo</i>		<i>Resíduo</i>		
isso	Pode	mudar	muito	a nossa vida.
<i>Sujeito</i>	<i>Finito (modalidade)</i>	<i>Predicador</i>	<i>Adjunto</i>	<i>Complemento</i>

Em se tratando de significado interpessoal, o uso do *pode*, nesse fragmento, também precisa ser destacado. Se fosse feita qualquer outra escolha léxico-gramatical, o sentido mudaria e a projeção do posicionamento do autor idem. Para confirmar, basta fazer uso da agnação, pensando em uma outra construção, como: “isso certamente mudará muito a nossa vida”. No exemplo original, percebe-se a ideia de dúvida, de possibilidade, não existe

comprometimento do autor com o que é dito, pois ele não quer assumir a responsabilidade pela validade da informação. Já no criado, não há uma certeza total em relação aos impactos que a sustentabilidade (termo resgatado pelo pronome “isso”), mas, se pensarmos no contínuo sim-não, a mensagem está mais próxima do extremo positivo do que do negativo, restando uma certa dúvida, mesmo que sutil.

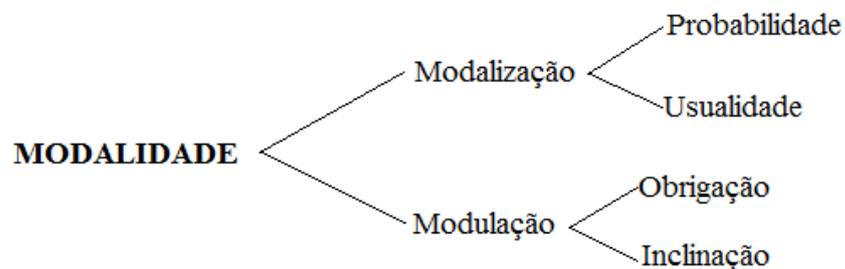
Nesse sentido, é possível perceber a funcionalidade dos elementos léxico-gramaticais que atuam em um texto, assim como sua contribuição para “revelar” o ponto de vista do autor em relação ao que diz. A esses recursos chamamos de *Modalidade*.

Halliday e Matthiessen (2014), com base na abordagem sistêmica, afirmam que *Modalidade* é aquilo que se encontra entre o sim e o não, entre o afirmativo e o negativo, ou seja, é o campo intermediário entre a polaridade positiva e a negativa.

Para compreender melhor esse conceito, é importante pensar em duas noções: compromisso e responsabilidade. Afinal, o autor do texto, oral ou escrito, expressa seu posicionamento por meio da modalidade, manifestando maior ou menor compromisso com a mensagem construída. Consequentemente, há uma maior ou menor responsabilidade em relação ao que está sendo dito.

Existem, portanto, dois tipos de modalidade: *modalização* e *modulação*, sendo o primeiro, principalmente, famoso nos livros de autores como Lyons (1977), Castilho e Castilho (1993) e Koch (2009), esta última referência nos estudos da Linguística Textual. Na perspectiva da LSF, modalização e modulação se subdividem, ainda, em dois grupos distintos, como mostram Fuzer e Cabral (2014, p. 114):

Figura 6 – Tipos de modalidade



De acordo com Schlee (2016, p. 6):

Halliday acrescenta ainda que esse significado vai depender da função da oração com o evento interativo, ou seja, dos valores trocados no processo de interação. Se a oração veicula uma informação (proposição), a modalidade indicará algum grau de probabilidade ou “usuabilidade”. Caso veicule bens e serviços (proposta), a indicação será de obrigação ou inclinação.

Aprofundando esse raciocínio, é possível notar que o primeiro tipo de modalidade (também conhecido por modalidade epistêmica) pode ser materializado por verbos modais, adjuntos modais, grupos adverbiais e expressões como *é possível*, *é provável*, *é certo* (FUZER; CABRAL, 2014). Por exemplo:

- Certamente, a instabilidade dessa interação se dá pelo o uso inconsequente dos tesouros da Terra. (Texto 40)
- a situação exposta no filme Wall-E poderá ser apenas uma distante realidade. (Texto 48)
- De início, salienta-se o contexto de crescente aniquilação dos ecossistemas terrestres, que, sem dúvidas, tem como principais causas motivos econômicos. (Texto 41)

Enquanto isso, a modulação, também chamada de modalidade deontica, divide-se em obrigação e inclinação, que podem ser construídas com verbos modalizadores, adjuntos modais, expressões como *é necessário*, *é preciso*. Por exemplo:

- a Mídia televisiva deve criar propagandas chamativas e de fácil compreensão acerca das corretas ações de cuidado com o ecossistema. (Texto 48)
- Dessa forma, é imprescindível que o ser humano adote um modo de vida mais sustentável. (Texto 41)
- os governantes poderiam constituir políticas públicas de investimento em fiscalização e conscientização sobre meio ambiente. (Texto 42)

A seguir, com base em Halliday e Matthiessen (2014) e em Fuzer e Cabral (2014), mostramos alguns dos diversos recursos linguísticos da interpessoalidade em Língua Portuguesa:

Quadro 8 - Alguns recursos linguísticos da interpessoalidade em Língua Portuguesa

<b>Recurso</b>	<b>Tipo</b>	<b>Exemplos</b>
Verbos modais	Probabilidade	Poder, parecer, dever...
Verbos modais	Usualidade	Costumar...

Verbos modais	Obrigação	Dever, ter que...
Verbos modais	Inclinação	Dispor-se a..., determinar-se a...
Adjuntos modais	Tempo	Uma vez, ainda, logo, s�, já...
Adjuntos modais	Probabilidade	Talvez, possivelmente, provavelmente, certamente...
Adjuntos modais	Usualidade	Raramente, às vezes, usualmente, sempre, nunca...
Adjuntos modais	Obviedade	Naturalmente, certamente, claramente...
Adjuntos de comentário	Validação	Em geral, em termos gerais, amplamente...
Adjuntos de comentário	Presunção	Evidentemente, sem dúvida...
Expressões modalizadoras	Probabilidade	� possível, � provável, é certo...
Expressões modalizadoras	Usualidade	é raro, é usual, é constante...
Expressões modalizadoras	Obrigação	é permitido, � aceitável, é preciso, � necessário...
Expressões modalizadoras	Inclinação	� desejável, está disposto a...

Fonte: A autora, 2021

### 2.3 Significado Textual

O significado textual, por fim,   construído pela estrutura temática e pela estrutura de informa o, especificando as rela es dentro do texto ou entre o texto e a situa o. Além disso, engloba os recursos oferecidos pela língua para organizar textos de maneira coerente e coesa.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), a ora o tem o caráter de uma mensagem, organizando-se, em todas as línguas, de maneira a adquirir *status* de evento comunicativo. Para que isso acontea, garantindo a tessitura do texto, conta-se aqui com três componentes: a

estrutura temática, o sistema de informação e a coesão (HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014). Em outras palavras, é correto dizer que a metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais, podendo também ser chamada de função habilitadora.

No nível da oração, a gramática gerencia esse fluxo de discurso por meios de duas estruturas: a estrutura de Informação e a estrutura Temática.

A estrutura da informação é aquela que permite chegar a uma relação de *Dado e Novo*. O primeiro, como o próprio nome explica, diz respeito a um elemento de conhecimento compartilhado pelos interlocutores, fazendo referência a uma informação arquivada, recuperável ou inferível, composta daquilo que é, normalmente, previsível pelo contexto. Já o *Novo* vai além de apresentar uma informação desconhecida para o leitor/ouvinte. Também diz respeito àquilo que não é recuperável, partindo do discurso precedente (FUZER; CABRAL, 2014). Nesse sentido, é importante observar o *contexto de situação* e o *contexto de cultura* para afirmar com certeza se uma informação é nova ou dada, pois tudo vai depender, também, do interlocutor e do seu grau de conhecimento.

O outro sistema de análise que envolve a organização da mensagem diz respeito à estrutura temática, também chamada de organização temática (EGGINS, 2004), a qual se materializa na organização da oração, considerando-se os elementos léxico-gramaticais que a encabeçam e os que se seguem a eles. À estrutura apresentada em posição inicial da oração, considerada até o fim do primeiro elemento experiencial (participante, processo ou circunstância), damos o nome de Tema.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 89), Tema é:

o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é o elemento que orienta a oração e a localiza dentro de um contexto (...). O restante da mensagem, a parte na qual o Tema se desenvolve, é chamado de Rema pela escola de Praga. Como estrutura da mensagem, portanto, uma oração consiste de um Tema acompanhado por um **Rema** (grifo do autores) [tradução nossa]<sup>11</sup>.

Ou seja, o Tema é o responsável por expressar a informação dada, a qual já é conhecida pelo ouvinte ou que é recuperável no contexto, enquanto o Rema refere-se a todo o restante da oração, apresentando as ideias que se seguem ao Tema. Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 1) explicam que o Rema “expressa a informação nova: aquela que o ouvinte

<sup>11</sup> Texto original: “the element which serves as the point of departure of the message; it is that which locates and orients the clause within its context (...). The remainder of the message, the part in which the Theme is developed, is called in Prague school terminology the Rheme. As a message structure, therefore, a clause consists of a Theme accompanied by a **Rheme**” (grifo dos autores).

desconhece, e que corresponde, efetivamente, ao conteúdo que se deseja que ele passe a conhecer”.

Entretanto, os mesmos autores vão de encontro às ideias do fundador da LSF quando afirmam não ser a posição inicial o que define o Tema, mas a forma pela qual essa função se realiza. Para eles, existem “quatro hipóteses principais para o papel exercido pelo Tema nos textos, que também estão relacionadas ao papel de orientador para o leitor” (p.13). São elas:

- os tipos de significados que são colocados em posição temática variam dependendo do propósito do escritor;
- é possível manipular as reações dos leitores e ouvintes em relação aos textos mudando o conteúdo dos Temas desses textos;
- padrões diferentes de progressão temática correlacionam-se a gêneros diferentes;
- o conteúdo dos Temas correlaciona-se com o método de desenvolvimento de um texto ou de um segmento, método este que é percebido pelo leitor do texto (VENTURA e LIMA-LOPES, 2002, p. 13).

Fuzer e Cabral enriquecem a discussão ao afirmar que, na parte correspondente ao Tema, podemos encontrar funcionalidades diversas, como:

- Fazer a ligação entre a oração que está sendo criada e as orações que vieram antes dela no texto.
- Pela sua reiteração ao longo do texto, revelar o assunto em alguns tipos de texto. - Estabelecer um contexto para a compreensão do que vem a seguir – o Rema (FUZER; CABRAL, 2014, p. 131).

Na escrita, principalmente, é importante estar atento a essa relação entre a escolha léxico-gramatical e a organização temática das orações, já que os usuários da língua escrita não podem utilizar a entonação para marcar as partes mais importantes e as que devem ficar em segundo plano. Além disso, também é importante entender como determinada informação é apresentada, mantida e/ou retomada no texto, o que contribui diretamente para o fluxo da mensagem e a organização das ideias. Tudo isso por meio da estrutura temática.

De acordo com Ventura e Lima-Lopes (2002), os Temas podem ser classificados:

**A - De acordo com as metafunções – ideacional, interpessoal e textual – que os caracterizam.**

a) *Tema Ideacional*: quando corresponde a Participante, Processo ou Circunstância.

A relação do homem com o meio ambiente existe desde o primeiro dia que a raça humana apareceu... (Texto 38)

b) *Tema Interpessoal*: quando realizado pelos Adjuntos Modais, os Vocativos, os Finitos, os elementos Qu- interrogativos e os elementos Qu- exclamativos.

É indubitável que a sociedade usufrui dos recursos do planeta de maneira não sustentável.  
(Texto 40)

c) *Tema Textual*: quando constituído por adjuntos conjuntivos, conjunções (subordinativas e coordenativas), continuativos, pronomes relativos, ou seja, elementos que “relacionam a oração ao texto que a antecede”.

Ademais, a postura negativa da sociedade em relação ao meio ambiente é outro ponto a ser observado. (Texto 33)

## **B- De acordo com a quantidade.**

a) *Tema Simples*: ocorre em orações nas quais há somente um único Tema (ideacional).

Os nativos, não apenas dessa região, consideram os sentimentos da mãe natureza, ... (Texto 5)

b) *Tema Múltiplo*: ocorre em orações nas quais, antes do Tema ideacional, há um Tema textual e/ou um Tema interpessoal.

É fundamental, portanto, um equilíbrio entre a preservação e a exploração, buscando, cada vez mais, cuidar do meio ambiente e desenvolver a sociedade.” (Texto 36)

No caso desse último exemplo, o tema é considerado múltiplo porque se trata de mais de um, sendo eles classificados, respectivamente, como Tema Interpessoal (“É fundamental”), Tema Textual (“portanto”) e Tema Ideacional (“um equilíbrio entre a preservação e a exploração”).

Sobre essa classificação, Baker (1992) afirma que a escolha individual de um Tema em uma dada oração não é muito significativa. No entanto, a escolha dentro de um contexto

mais amplo e a maneira pela qual tais temas são ordenados desempenham um papel importante na organização de um texto e no fornecimento de um ponto de orientação para a manifestação da linguagem. Afinal, parte-se do princípio de que cada um deles pode ajudar na construção do perfil de um determinado tipo de texto, como poderá ser visto posteriormente no caso específico do gênero redação de vestibular, constituído pela tipologia argumentativa.

Para resumir as ideias trabalhadas até o momento, apresentamos o quadro a seguir:

Quadro 9 - Metafunções, tipos de significado e sistemas de realização

<b>METAFUNÇÃO</b>	<b>SIGNIFICADO</b>	<b>SISTEMA POR MEIO DO QUAL O SIGNIFICADO SE REALIZA</b>
Ideacional	Ideacional	Transitividade – papel dos elementos linguísticos na oração
Interpessoal	Interpessoal	Modo e Modalidade – ponto de vista do enunciador expresso por meio das funções da fala
Textual	Textual	Estrutura temática e de informação – especificação das relações dentro dos textos ou entre os textos e a situação

Fonte: SANTOS, 2017, p. 59.

Não restam dúvidas, nesse sentido, de que a LSF oferece um vasto aparato teórico-metodológico para análises textuais, permitindo que cada aspecto seja analisado de acordo com os objetivos de cada pesquisa. Como estamos interessados em analisar, especificamente, como estudantes do Ensino Fundamental e Médio gerenciam vozes externas em seus textos, o próximo capítulo aborda mais especificamente essa temática em diversas perspectivas, incluindo, principalmente, a sistêmico-funcional.

### 3 O GERENCIAMENTO DE VOZES NA CONSTRUÇÃO DE TEXTOS

Eu estudei só seis meses. Agora eu fui me valer do livro. Que não era o livro didático não. Eu não queria saber de categorias gramaticais não. Queria saber de outras coisas. Eu lia era revista, era livro, jornais. Eu queria era satisfazer minha curiosidade, não era ler gramaticalmente como vocês por aí não.

*Patativa do Assaré*

Cientes da funcionalidade e da versatilidade da perspectiva sistêmico-funcional para os estudos da língua, não restam dúvidas de que ela é um caminho viável para construirmos um ensino capaz de formar alunos mais conscientes de suas escolhas na hora de construir seus textos, alunos que possam refletir sobre os elementos composicionais dos textos em diferentes contextos.

Quando falamos sobre fazer referência ao discurso do outro, falamos de uma estratégia de produção textual útil em textos argumentativos, a qual ajuda a mostrar como o autor (no nosso caso, o aluno) se posiciona – ou não – de forma coerente sobre determinado tema. No entanto, colocar-se no lugar do outro, mobilizando ideias para defender um ponto de vista, é, na visão de Pinton e Pereira (2017), um dos pontos mais problemáticos para alunos da Escola Básica. Essa dificuldade por si só já revela que a maioria certamente desconhece ou não domina adequadamente as estratégias para negociar um ponto de vista com o seu leitor.

#### 3.1 Conceitos básicos

Antes de pensarmos especificamente sobre como as mais diversas vozes podem ser inseridas no texto sob o viés da LSF e quais os significados que podem produzir, é importante trabalharmos com conceitos básicos fundamentais quando o assunto é discurso alheio, como dialogismo, heteroglossia, intertextualidade e polifonia.

### 3.1.1 Dialogismo e heteroglossia

Mikhail Bakhtin, filósofo, filólogo, teórico de Literatura e historiador da cultura russa, já foi aqui mencionado no capítulo em que abordamos as concepções de língua. É hora de expandir um pouco a visão acerca de seus estudos e de sua relevância.

Por meio da Linguística e da Comunicação Social, o estudioso<sup>12</sup> aborda temas com base nas realidades humanas, como a linguagem, o sujeito e a relação entre ambos. O viés teórico por ele defendido define termos importantes, tendo como base o uso da língua como atividade social, conforme já vimos anteriormente. Ou seja, a língua não deve ser vista como um sistema formado por categorias gramaticais abstratas como defende a visão estruturalista saussureana. Afinal, na prática, a nossa consciência linguística, como interlocutores, nada tem a ver com um sistema abstrato de estruturas como imaginava a visão estruturalista saussureana. Pelo contrário: a língua atende às necessidades de comunicação e está sempre permeada de um conteúdo e de uma ideologia, não funcionando, por exemplo, como um simples verbete de dicionário.

O princípio que norteia e fundamenta a produção do Círculo de Bakhtin<sup>13</sup> é exatamente este: o fato de não entender a língua como um ato puramente individual, o que desconsideraria seu caráter social. Nesse sentido, deixa-se de focar na língua – entendida como um sistema de norma estáveis, afastada do seu contexto de produção – para privilegiar a linguagem em uso como objeto de estudo. Esta, por sua vez, diz respeito a um processo interacional entre indivíduos situados sócio-historicamente e é vista como uma atividade construída na interação com o outro.

Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 72), “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Isto é: nada é dito a partir do “zero”. Seguindo essa linha de raciocínio, apenas Adão, personagem bíblico, o primeiro a enunciar uma palavra em um mundo virgem, seria o único indivíduo da história a evitar completamente

---

<sup>12</sup> Vale destacar que, como seus estudos estavam direcionados ao campo literário e à teoria da comunicação, Bakhtin não era considerado um Linguista.

<sup>13</sup> Vale destacar que o pensamento de Bakhtin não é formado somente pelos seus escritos. Para Faraco (2009), a expressão “Círculo de Bakhtin” é empregada para nomear o conjunto da produção de diversos estudiosos, de diferentes áreas, que se reuniam frequentemente no contexto histórico da Rússia entre os anos de 1919 e 1929. Faraco (2009) acrescenta que esse nome foi dado posteriormente por pessoas que estudavam as obras desses pensadores russos. Dentre tantos nomes, o de Bakhtin foi escolhido porque ele produziu uma obra que se sobressaiu no conjunto.

a relação com os discursos alheios (BAKHTIN, 1993). Afinal, todos eles são construídos com base em um primeiro. Tudo o que se diz hoje já foi dito em algum momento.

É assim que chegamos, então, ao conceito de dialogismo da linguagem, o qual ultrapassa a simples noção de diálogo como sendo apenas uma interação face a face. Dialogismo, aqui, é entendido como um princípio geral de comunhão solidária e coletiva da linguagem, sem nenhum tipo de passividade. Para o estudioso russo, estar vivo significa participar de um diálogo, sendo, portanto, a vida humana essencialmente dialógica. (BAKHTIN, 1987). Nesse sentido, o sujeito bakhtiniano é construído na e pela interação com os outros, reproduzindo o seu contexto social imediato em suas falas e em suas práticas sociais.

Em sua perspectiva (1993, p. 86),

(...) todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto.

Além disso, ainda no horizonte dialógico, o autor apresenta o conceito de plurilinguismo:

(...) em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições socioideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos socioideológicos, entre correntes, escolas, círculos etc. Estes “falares” do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos “falares” socialmente típicos. (...) todas as linguagens do plurilinguismo, qualquer que seja o princípio básico de seu isolamento, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas da sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas. (BAKHTIN, 1993, p. 98)

O plurilinguismo, também chamado de heteroglossia, pode ser entendido, então, como a presença de diversas vozes sociais manifestadas na linguagem, dirigindo-se a outras vozes,

suscitando uma resposta<sup>14</sup>. Vale destacar que social, neste caso, não é uma mera oposição ao termo individual, porque, o individual, para Bakhtin (2010, p. 58), “é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social”. Nesse sentido, a forma pela qual expressamos ideias e pontos de vista é permeada de estilos, de contextos e de intencionalidades distintas, sofrendo influência do meio em que vivemos, do tempo, da nossa profissão, do nosso nível social, da nossa idade e de tudo que nos cerca. Por tudo isso, é correto afirmar que o dialogismo se manifesta na heteroglossia.

Partindo dessas ideias, Bakhtin e Volochinov, no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), partem da diferenciação do que seja discurso direto e indireto e dedicam-se ao estudo do chamado discurso citado, principal maneira de manifestar a alteridade na interação. Para eles, o discurso citado é o discurso no e sobre o discurso, é a enunciação na e sobre a enunciação, todavia é, também ao mesmo tempo, um discurso sobre ele próprio, uma enunciação sobre ela própria.

Com base em uma concepção sociológica da linguagem, os autores buscam esclarecer que a presença da palavra do outro em um discurso vai além de questões sintáticas e estruturais, como se acreditava antes. Mais que isso: envolve também o viés semântico, o que reformula a noção gramatical de discurso citado para uma nova perspectiva de pesquisa.

Assim, não restam dúvidas de que “o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana” (BRAIT, 2006, p. 9). Não é à toa que os dois próximos conceitos abordados têm suas origens exatamente nos estudos do estudioso russo.

### 3.1.2 Intertextualidade

O conceito de intertextualidade surgiu na década de 1960 com a francesa Julia Kristeva, quando ela partiu dos pressupostos de Bakhtin para estudar literatura e, desde então, vem sendo muito trabalhado nos estudos linguísticos contemporâneos. Para ela, “todo texto se

---

<sup>14</sup> A isso é o que Bakhtin (2003) chama de caráter responsivo da língua.

constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (1977, p. 72).

Nas palavras de Koch e Elias (2016, p. 39), “Em nossas práticas comunicativas, recorremos a textos que se cruzam e se entrecruzam em novas e variadas combinações. **Intertextualidade** é o nome que se dá a essa relação entre textos” (grifo da autora). Elas explicam, ainda, que todo texto é um intertexto, ou seja, sempre há a inserção de outros textos no que está sendo construído, o que pode ser percebido de acordo com a capacidade do leitor de ativar seus conhecimentos de mundo a fim de identificar a fonte inicial utilizada. Em outras palavras, não apenas quem escreve é afetado, mas também quem lê, por precisar ter um conhecimento partilhado para reconhecer o que é intertextual. Se isso não acontece, a eficácia da comunicação e da interação pode ficar gravemente comprometida.

Beaugrande e Dressler (1983), por sua vez, defendem tanto a importância desse termo na língua que o colocam como um dos critérios de textualidade. Ao lado, por exemplo, da coerência e da coesão, é um dos fatores que permite a um texto ser assim considerado. Aqui ela nos é útil ao pensarmos que funciona como estratégia argumentativa, colaborando para o processo de defesa de posicionamento e convencimento do interlocutor, seja implícita ou explicitamente.

Vejamos um fragmento do texto 11, produzido por um aluno do último ano do Ensino Fundamental, parte de nosso *corpus*:

Segundo o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema (IPBES), “Um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção”. Por isso, devemos cuidar daquilo que nos pertence.

Nele, é possível identificar um caso de intertextualidade explícita, funcionando estrategicamente como sustentação à ideia de que é preciso alterar o estilo de vida se quisermos diminuir o impacto humano no planeta. Nesse caso, sob a forma de citação direta, apresentar a fonte funciona, para quem faz a afirmação, como um argumento de autoridade, porque se trata de um órgão especialista na área, o que o torna, então, confiável, merecedor de crédito. É como se o aluno estivesse dizendo “*eu estou apenas transcrevendo o que foi dito; quem diz (...) fala com conhecimento de causa; merece, portanto, credibilidade*” (KOCH e ELIAS, 2016, p. 48) [grifo da autora].

Já neste outro fragmento, retirado um pouco antes do mesmo texto, o autor diz:

Primeiramente, o que é ser sustentável? Segundo a Uol, sustentabilidade significa suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. Em outras palavras, significa adotar pequenas grandes atitudes no nosso cotidiano, visando diminuir o seu impacto ao meio ambiente (...).

Aqui, prescinde-se das aspas, e há a adaptação das ideias apresentadas no portal de notícias Uol, ou seja, o autor modifica o discurso, adaptando-o a suas próprias palavras, configurando uma citação indireta (KOCH e ELIAS, 2016). Embora o foco esteja no site citado, por meio do emprego de uma conjunção conformativa, quando o autor usa suas próprias palavras, ele acaba se comprometendo mais com a “tradução discursiva” (KOCH e ELIAS, 2016, p. 50), uma vez que o texto foi adaptado ao seu discurso. Em suma, ao fazer uso de suas próprias palavras, ele faz referência a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

Ao considerar o nome intertextualidade de forma mais restrita, Genette (2009) prefere usar transcendência textual ou transtextualidade, estabelecendo uma tipologia dessas relações:

a) intertextualidade – presença de um texto em outro, por exemplo, por citação, direta ou indireta, como visto anteriormente.

b) paratextualidade – relação com a periferia do texto, como título, ilustração, prefácio.

c) metatextualidade – comentários de um texto por outro texto (por exemplo: resenhas)

d) arquitextualidade – mais abstrata, coloca um texto em relação com as diversas classes das quais ele faz parte. Ex: um poema está em relação de arquitextualidade com um soneto ou com obras líricas.

e) hipertextualidade – um texto se relaciona com outro anterior, mas não como forma de comentário, e sim de, por exemplo, paródia, transposição ou pastiche<sup>15</sup>.

### 3.1.3 Polifonia

---

<sup>15</sup> Ao contrário da paródia, o pastiche trata-se da imitação de um estilo ou gênero, na arte e na literatura, a qual, normalmente, não apresenta um viés crítico ou satírico.

O conceito de polifonia teve sua primeira aparição no campo da linguagem com Bakhtin, em 1929, para caracterizar um romance de Dostoievski, o qual era, para o teórico, polifônico por mostrar diversas “máscaras” adotadas pelo autor. Nesse sentido, partindo da visão dialógica da linguagem, já vista por nós, a polifonia abriria espaço para diferentes vozes ideológicas, permitindo que elas convivessem no mesmo discurso sem que houvesse uma voz dominante.

Cabe destacar: dialogismo e polifonia não são a mesma coisa. O primeiro nos conscientiza de que “nenhuma significação se instaura, em nenhum evento concreto, sem a presença de, no mínimo, dois centros de valor” (TEZZA, 2003, p. 232), já o segundo pode ser entendido como a ânsia de um mundo “no qual a multiplicidade de vozes plenas e de consciências independentes e não fundíveis tem direito de cidadania – vozes e consciências que circulam e interagem num diálogo infinito” (FARACO, 2009, p. 77). Em outras palavras, enquanto o dialogismo deve ser entendido como a interação entre, pelo menos, dois centros de valor, a polifonia passa a ser o espaço de todas essas vozes.

Faraco (2009) explica, ainda, que o termo polifonia, na visão bakhtiniana, em termos de análise, é pouco produtivo. Isso porque funciona mais como uma categoria ética e filosófica, sendo compreendido como uma utopia, em que nenhuma voz requer uma única verdade, sendo todas elas equipolentes, ou seja, haveria pluralidade, democracia e nenhuma voz social se sobreporia a outras.

É por isso que essa nomenclatura, elaborada no contexto de textos literários, foi apropriada posteriormente por diferentes estudiosos do discurso, como é o caso de Ducrot (1987). No livro “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, o autor amplia as discussões sobre o tema e defende que a polifonia não deve ser aplicada apenas em textos (sequências de enunciados) como propõe Bakhtin, mas também em enunciados em si, isolados, os quais abarcam, ao mesmo tempo, um conjunto de vozes.

Nesse sentido, o autor vai de encontro à ideia de unicidade do indivíduo falante<sup>16</sup>, pressuposto dominante em outras teorias linguísticas, como o estruturalismo e a gramática gerativa. Ele afirma que o enunciador traz outros sujeitos – vozes – para o texto por meio de marcas linguísticas, o que dá origem a sua abordagem teórica da Polifonia, agregada à Teoria da Argumentação na Língua, com a publicação de *Les mots du discours*<sup>17</sup> em 1980.

Nessa obra, logo no primeiro capítulo,

<sup>16</sup> A ideia de unicidade do indivíduo falante pode ser entendida como um sujeito unívoco assumindo ao mesmo tempo dois papéis: autor do enunciado e responsável pelo que é dito no interior desse enunciado.

<sup>17</sup> Tradução: As palavras do discurso.

o autor apresenta e defende a tese da necessidade de distinguir, na descrição da enunciação que constitui o sentido do enunciado, o locutor, definido como o autor das palavras, dos enunciadores, que são os agentes dos atos ilocucionários, e, de forma correlativa, o alocutário, a quem é dirigida a enunciação do locutor, do destinatário, a quem se dirigem efetivamente os atos ilocucionários produzidos pelos enunciadores. Essa distinção possibilita explicitar as várias vozes que se manifestam no enunciado e lhe conferem sentido. (AZEVEDO, 2011, p. 65)

Essa diferenciação permite a identificação das várias vozes manifestadas pelos enunciados. Ao identificar essa pluralidade, Ducrot direciona um olhar sobre diferentes temas relacionados à pressuposição, à ironia, à argumentação e percebe que o locutor pode assumir três posições distintas, considerando-se as opiniões expressas no enunciado: identificar-se com os enunciadores por meio da aceitação ou da afirmação; aprová-los, mostrando estar de acordo com eles, como acontece com a pressuposição; ou opor-se a eles, recusando seu ponto de vista, como ocorre com a ironia (BARBISAN e TEIXEIRA, 2002). Tudo vai depender do propósito do locutor em querer organizar suas expectativas a fim de sustentar melhor seu ponto de vista.

Seguindo esse raciocínio, o autor nos apresenta os índices de polifonia, ou seja, marcas linguísticas que indicam, no enunciado, os eventuais autores da enunciação. Resumidamente, são eles (KOCH, BENTES e CAVALCANTI, 2007):

- a) negação: pressupõe um enunciado afirmativo de outro enunciador.

Texto 9: O homem não é um ser alienado (enunciado 1: O homem é um ser alienado).

b) marcadores de pressuposição: são uma forma de ativar no discurso o conhecimento linguístico do ouvinte para que a interpretação ocorra da maneira pretendida pelo enunciador. Aqui, as intenções do enunciador são expressas de forma indireta. Palavras do tipo *ainda*, *agora*, *já*, ou, por exemplo, verbos indicadores de permanência ou mudança (*continuar*, *deixar de*, *passar a*) cumprem esse papel. No exemplo a seguir, o termo “hoje” permite perceber que no passado a situação era diferente.

Texto 13: Muitas pessoas hoje são negligentes com a questão da natureza.

c) aspas: servem para manter uma espécie de distanciamento, colocando a responsabilidade do enunciado no outro. Por isso há a reprodução integral da fala por meio das aspas.

Texto 8: Estudos dizem que “cerca de 66% do ambiente marinho foi

significativamente alterado por ações humanas”.

d) operadores argumentativos: mobilizam outros discursos, dando ênfase a uma ideia e podendo conduzir o leitor àquelas tidas como certas. No trecho seguinte, por exemplo, o uso de *No entanto* introduz uma postura contrária àquela defendida no dia comemorativo. Essa voz, inserida pelo conector, dá força argumentativa à mensagem apresentada, enfatizando um problema na relação homem x natureza.

Texto 34: Dia 22 de abril, comemora-se, mundialmente, o “Dia da Terra”, cujo objetivo é a conscientização dos indivíduos sobre a preservação do meio ambiente. No entanto, a natureza, na atualidade, é vista, muitas vezes, apenas como um mero recurso para prosperidade econômica dos países.

e) futuro do pretérito: sugere uma possibilidade, apresenta uma hipótese. Isso possibilita um afastamento da responsabilidade pelo dito, pois a escolha verbal feita mostra uma opinião que pode ser, inclusive de muitas outras pessoas.

Texto 42: os governantes poderiam constituir políticas públicas de investimento em fiscalização e conscientização sobre meio ambiente.

Depois dessa explanação, é possível chegar à seguinte conclusão: os conceitos de polifonia e intertextualidade, embora se inter cruzem, não podem ser vistos como sinônimos. Segundo Koch (2000), esta exige a presença de um intertexto, cuja fonte pode ser mencionada ou não (respectivamente, intertextualidade explícita ou implícita), e aquela diz respeito à representação de pontos de vistas de diferentes enunciadores, ou seja, aparecem no texto vozes de enunciadores que mostram perspectivas diversas, das quais o locutor se aproxima ou não. Assim, é correto afirmar que o conceito de polifonia é mais amplo, englobando os casos de intertextualidade, mas que ambos atestam a presença do outro no texto, podendo servir como estratégia de produção argumentativa.

### 3.2 O emprego das vozes externas para diferentes autores

Pensando especificamente nas diversas formas de introduzir e gerenciar vozes externas em um texto, deparamo-nos com vários pesquisadores, em diferentes áreas da Linguística, que têm enriquecido a discussão sobre esse tema ao longo dos anos, merecendo destaque. Por isso, faremos uma breve revisão bibliográfica de alguns desses estudos. Nossa intenção não é aprofundar essas perspectivas, mas apresentar um breve panorama antes de chegarmos à análise de como a Linguística Sistêmico-Funcional – principal suporte teórico desta pesquisa – lida com esse aspecto.

### 3.2.1 Dominique Maingueneau

Linguista e professor da Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne, Maingueneau concentra seus estudos na Linguística e na Análise do Discurso Francesa. Em conformidade com os estudos de Bakhtin (2014), na obra “Elementos de linguística para o texto literário” (1996, p. 103), ele traz um questionamento que norteia sua análise: “Como integrar uma enunciação, o discurso citado, que dispõe de suas próprias marcas de subjetividade, de seus embreantes, numa segunda, o discurso citante, ligado a uma outra instância enunciativa?”

No decorrer do livro, ele defende que há diferentes caminhos para englobar o discurso alheio – sem que se perca a sua subjetividade – na tessitura do discurso citante. Indo ao encontro das ideias de Bakhtin (2014), o francês também acredita que essas diversas formas para se inserir o discurso alheio recebem a influência do propósito comunicativo de cada texto e do contexto sócio-histórico, podendo assumir ora uma forma, ora outra.

Para Maingueneau (2002), as maneiras de citar o dizer do outro devem satisfazer a duas exigências: indicar que aconteceu um ato de fala e marcar os limites que separam o discurso citante do discurso citado. Assim, é possível delimitar bem dois atos enunciativos, o de quem cita e o de quem é citado, garantindo a fidelidade ou não ao discurso alheio.

Dialogando com as ideias de Koch, ele cita a existência de basicamente três tipos de discurso citado: o direto, o indireto e o indireto-livre.

O discurso direto é a reprodução “fiel” do discurso alheio, ou seja, visa “restituir as falas citadas e se caracteriza pelo ato de dissociar claramente as duas situações de enunciação” (MAINGUENEAU, 2002, p.140). Nesse caso, segundo o linguista, o autor-produtor pode, apontar autenticidade – já que as palavras são realmente as proferidas pelo autor do texto-base –, querer mostrar objetividade e seriedade em seu texto e eximir-se da

responsabilidade sobre as falas citadas por se distanciar delas. Além disso, ele destaca que a citação no discurso direto pode variar de acordo com a forma com a qual é colocada no texto, isto é, de acordo com a forma como é enunciada pelo uso do verbo, podendo acontecer de três formas diferentes: verbo posicionado antes do discurso direto, intercalado no interior do discurso direto e no final da citação.

O indireto, por sua vez, é aquele que “apresenta uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas” (MAINGUENEAU, 2002, p. 148). Ou seja, o autor constrói seu texto utilizando o que foi proferido por outras pessoas, mas tem uma imensa diversidade de formas para traduzir a mensagem com suas próprias palavras. Afinal, para ele, o discurso indireto “não reproduz um significante, mas dá um equivalente semântico integrado à enunciação citante” (MAINGUENEAU, 1996, p. 109). Para o autor, essa escolha é muito significativa ao passo que condiciona a interpretação, dando certo direcionamento ao discurso citado.

O indireto-livre, por fim, é, segundo o autor, é muito mais usado nos romances do que na imprensa, sendo o tipo mais clássico de hibridismo (MAINGUENEAU, 2002). Em outras palavras, a polifonia, aqui, não diz respeito a duas vozes claramente distintas (discurso direto), nem à absorção de uma voz por outra (discurso indireto), mas funciona como uma mistura perfeita de duas vozes. Ou seja, ele é um pouco da mistura dos dois anteriores, uma vez que a voz do autor se funde à externa a ponto de não ser possível, muitas vezes, diferenciá-las. Nesse sentido, podemos afirmar que ele não possui marcas próprias e que, sem contexto, não pode ser devidamente identificado.

De uma forma ou de outra, o mais importante é que essas diferentes maneiras de marcar o discurso alheio colaboram para a construção de uma posição autoral<sup>18</sup>, podendo exprimir, por exemplo emoções, julgamentos e apreciações.

### 3.2.2 Boch e Grossman

---

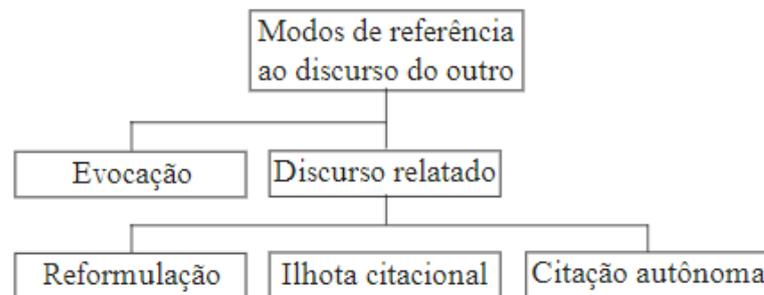
<sup>18</sup> Aqui, já indo além da visão dada pelo Enem, vista anteriormente, entendemos autoria de forma ampla, como marcas de estilo ou de individualidade. Além disso, seguimos a ideia de Possenti (2002) quando este relaciona a noção de autoria a duas atitudes: dar voz a outros enunciadorees e manter distância em relação ao próprio texto.

Também considerando que existem variadas formas para introduzir a voz alheia, Boch e Grossman (2002) apresentam um trabalho de muita relevância, o qual foi ponto de partida para diversos outros. Ao analisar os textos de profissionais e de alunos universitários franceses, apontam que existem variadas formas de se referir ao discurso de outrem, sendo a citação (discurso direto) somente uma dentre outras formas existentes – mesmo que ela seja a mais explícita.

O estudo apoia-se nas ideias de enunciação e de dialogismo da linguagem (BAKHTIN, 2003), isto é, em um olhar que permite considerar a referência a um trabalho como uma atividade entre os sujeitos em uma enunciação específica: nesse caso, na produção de textos acadêmicos. Assim, fazer referência a outros discursos, por meio da própria citação, por exemplo, não significa inserir mecanicamente determinada informação ou conceito, mas sim fazer um exame de compatibilidade (COMPAGNON, 2007) entre o texto que está sendo elaborado e o que se pretende usar como referência.

O esquema a seguir (BOCH e GROSSMAN, 2002, p. 100) apresenta a visão dos autores:

Figura 7 – Formas de referência ao discurso do outro segundo Boch e Grossman



De acordo com o modelo proposto pelos estudiosos, a evocação é quando o autor de um texto faz alusão a outros trabalhos, mas colocando-os em segundo plano, sem citá-los ou resumi-los:

Ex: Na área de Língua Portuguesa, alguns autores se destacam por colaborarem diretamente para uma reflexão sobre as práticas de leitura e de escrita, como Antunes (2006), Koch e Elias (2016) e Marcuschi (2010).<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Exemplo criado pela autora, pois a categoria não foi encontrada no *corpus* deste trabalho, já que esse modo é pouco explorado na escrita de estudantes (BOCH e GROSSMAN, 2002).

Já o discurso relatado acontece quando o escritor busca resumir, reformular ou citar o discurso do outro. Esse é o ponto que nos interessa. Por isso, vale olhar com mais calma as três categorias que o evidenciam: (i) a reformulação, a qual acontece quando o escritor integra a fala do outro a sua própria, assumindo-a<sup>20</sup>; (ii) a ilhota citacional, que indica a fonte exata de certos termos ou expressões, permitindo “tanto a integração quanto a colocação em evidência do segmento citado, pela marca escritural, graças ao itálico e às aspas” (BOCH e GROSSMAN, 2002, p. 100), mas sem autonomia; e (iii) a citação<sup>21</sup> em si, que é o que possibilita, finalmente, a criação de um espaço autônomo na enunciação. O exemplo de cada um segue abaixo:

- (i) Segundo a atual Constituição Federal, a sociedade tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. (Texto 43)
  
- (ii) Logo, esse seletto grupo se faz fiscalizador de seus atos, desse modo, a sua caça pelo “mais valia” torna-se seu exclusivo objetivo (Texto 42)
  
- (iii) Como diz o filósofo Demócrito: “O animal é tão ou mais sábio que o homem: conhece a medida da sua necessidade, enquanto o homem ignora.”. (Texto 38)

Em (i), a partir da marca introdutória “Segundo a atual Constituição Federal”, o autor recorre a uma reformulação para citar um discurso que aparece sem autonomia enunciativa, integrado ao seu próprio discurso – tanto no viés enunciativo quanto no temático.

Em (ii), recorreremos às aspas para destacar o segmento de texto que foi retirado de uma fonte externa – Karl Marx – preservando a fala do outro por meio das aspas e com uma integração dos pontos de vista enunciativos.

Por fim, em (iii), a partir de uma marca introdutória do discurso reportado (Como diz o filósofo Demócrito...), o aluno recorre a uma estratégia que permite, por meio da utilização de elementos gráficos (neste caso as aspas), a identificação do discurso do outro como originário de uma fonte externa. Essa preservação da fala alheia evita, inclusive, que a voz do aluno se confunda com a voz de Demócrito.

<sup>20</sup> Equivale ao discurso indireto citado anteriormente. Para saber que estamos desse discurso sem autonomia enunciativa, o autor dá duas dicas: presença de estruturas que marquem a introdução ao discurso relatado – como “segundo X”, de acordo com X” – e ausência de aspas.

<sup>21</sup> Marcada normalmente por aspas ou itálico.

Considerando que a ilhota citacional está, de certa forma, inserida na citação, os autores (2002, p. 101) nos apresentam critérios úteis para a identificação de cada tipo de referência ao discurso do outro:

Quadro 10 – A referência ao discurso do outro segundo Boch e Grossman

Evocação	Reformulação	Citação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de marcas introdutórias de discurso reportado (tais como: <i>segundo X</i>, <i>como afirma X</i>, ou equivalentes).</li> <li>• Ausência de desenvolvimento temático do dizer do outro.</li> <li>• Presença de um nome próprio de autor, frequentemente com data à qual o autor do artigo se refere, sem precisar o teor do texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Presença de marcas introdutórias do discurso reportado (<i>segundo X ...</i>, <i>de acordo com X ...</i>, <i>para X ...</i>, <i>como X afirma ...</i>, <i>como X pretende ...</i>, etc.).</li> <li>• Ausência de marcas escriturais tais como aspas (ou verbais, como <i>eu cito X</i>, <i>para retomar as palavras de X</i>).</li> <li>• O discurso do outro é integrado no discurso de quem escreve e não tem autonomia enunciativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcas, geralmente escriturais, como aspas, itálico ou bloco tipográfico, permitem identificar um segmento do texto como extraído de uma fonte externa; essas marcas podem, às vezes, ser substituídas por comentários metalingüísticos: <i>eu cito X ...</i>, <i>para retomar as palavras de X ...</i>);</li> <li>• Autonomia enunciativa do segmento citado (salvo no caso da “ilhota citacional”).</li> </ul>

Fonte: BOCH e GROSSMAN (2002, p. 5)

### 3.2.3 Luiz Antônio Marcuschi

Nascido em Guaporé, na Serra Gaúcha, Luiz Antônio Marcuschi é considerado um dos maiores linguistas brasileiros da atualidade. Falecido em 2016, o autor é conhecido sobretudo por seus trabalhos sobre linguística textual, gêneros textuais e análise da conversação, ganhando destaque quando o assunto é a forma como lidamos com o discurso alheio, o que muito nos interessa.

No artigo “A ação dos verbos introdutórios de opinião”, de 2007, entre as páginas 147 e 150, o autor analisa como a reprodução da opinião de outras pessoas, mesmo sendo feita a princípio de forma inocente, acaba levando à distorção do discurso que se pretende relatar. Segundo ele, o problema, principalmente no discurso jornalístico, foco do seu estudo, é que, a partir do momento em que os verbos são escolhidos por quem reporta, já existe uma manipulação do que é relatado. Dessa forma, chegamos a um grande desafio do jornalismo: informar sem manipular. Para Marchuschi, isso acontece porque o redator repassa ao leitor as

opiniões de um alguém, funcionando como uma espécie de filtro, que recebe e emite informações.

Partindo do pressuposto de que não há neutralidade discursiva, ele se dedica a analisar a manipulação de uma voz externa, especialmente a partir do que ele chama de verbos introdutores de opinião. É assim que o autor identifica, então, as quatro formas linguísticas mais comuns capazes de relatar opiniões em artigos de opinião – *corpus* analisados por ele:

a) Mediante um verbo: a opinião do outro é introduzida por meio de um verbo cujo sentido antecipa o caráter geral do que é relatado. Para que isso aconteça, há uma infinidade de verbos, dentre eles: dizer, concordar, declarar, pensar, lembrar, acusar, indagar e contar.

O sociólogo Durkheim afirma que o individualismo é um produto ensinado como valor pela sociedade. (Texto 57)

b) Mediante uma nominalização: aqui, no lugar da forma verbal, a opinião é inserida pelo processo de nominalização de um verbo. Embora nem todos os verbos possam sofrer esse processo, dentre os mais comuns, destacam-se, por exemplo elogiar, criticar, denunciar, confirmar, declarar, que nominalizados passam a assumir as formas: elogio, crítica, denúncia, confirmação e declaração, respectivamente.

Ciente disso, a denúncia de Bauman de que vivemos numa sociedade líquida em que as pessoas, inseridas no contexto do capitalismo, necessitam cada vez mais comprar produtos para se sentirem completas, nunca fez tanto sentido. (Texto 51)

c) Mediante uma construção adverbial ou preposicional: dessa forma, aparentemente neutra, é possível introduzir um discurso integral ou parafraseado. Dentre as expressões adverbiais mais comuns, destacam-se: segundo, de acordo com, para, na visão de, a seu ver, entre outras.

Sob essa perspectiva, segundo Nicolau Maquiavel, no livro “O Príncipe”, para se manter no poder, os governantes devem operar em busca do bem universal. (Texto 48)

d) Mediante uso de aspas ou de dois pontos: a opinião, nesse caso, aparece de maneira simples, diretamente inserida no texto, não havendo nenhuma expressão introdutória, apenas a inserção das aspas ou da pontuação.

“Para a ganância, toda a natureza é insuficiente”. A relação exploratória e desgastante do homem com o meio ambiente é responsável, principalmente, pela degradação ambiental. (Texto 45)

Todos esses verbos introdutores de opinião funcionam, para Marcuschi (2007, p. 149), como parafraseantes sintéticos porque “resumem em uma só palavra o sentido geral do discurso a relatar”. O autor explica, ainda, que eles ganham papel especial quando um texto é formado a partir de posições conflituosas, pois são capazes de hierarquizar os autores das opiniões relatadas. Por exemplo: será que é a mesma coisa relatar que alguém *disse* algo ou que alguém *confirmou, defendeu, reforçou* algo? Não mesmo. Afinal, citar o pensamento de alguém implica tomada de decisão. Nessa linha de raciocínio, ele explica, então, que o verbo mais “coringa” de todos seria o dizer, pois funciona como uma espécie de vale tudo, aparecendo em todas as funções e sendo mais recorrente em discursos populares.

O linguista segue sua análise defendendo que esses verbos têm a função de organizar o texto de que foi retirada a citação, costurando as ideias. Baseado, portanto, nesse papel lógico-organizador, ele nos propõe a categorização abaixo (MARCUSCHI, 2007, p. 163-164), que reúne as sete classes gerais dessas funções:

Quadro 11 – Funções organizadoras dos verbos introdutores de opinião

<b>Função organizadora</b>	<b>Exemplos</b>
Verbos indicadores de posições oficiais e afirmações positivas	comunicar, declarar, afirmar, confirmar,
Verbos indicadores de força do argumento	ressaltar, destacar, frisar, enfatizar
Verbos indicadores de emocionalidade circunstancial	desabafar, gritar, apelar, ironizar
Verbos indicadores da provisoriedade do argumento	imaginar, achar, pensar, julgar
Verbos organizadores de um momento argumentativo no conjunto do discurso	prosseguir, introduzir, acrescentar, continuar
Verbos indicadores de tomadas opositivas,	defender, discordar, reafirmar,

organizadores dos aspectos conflituosos	negar
Verbos interpretativos do caráter ilocutivo do discurso referido	censurar, sugerir, elogiar, aconselhar

Ao final de sua análise, o autor afirma que acredita estar contribuindo com a semântica e com a pragmática no que diz respeito à utilização de mecanismos para expor opiniões alheias. Isso acontece porque, segundo ele, a partir do momento em que é oferecido ao leitor um instrumento de análise menos ingênuo e mais crítico, é possível analisar mais claramente as intenções comunicativas de alguém. Afinal, as palavras não são apenas instrumentos de comunicação, mas também de ação.

### 3.3 A inserção de outras vozes na visão da LSF

Antes de tudo, é preciso lembrar que a Linguística Sistêmico-Funcional, teoria desenvolvida por Michael Halliday, é uma teoria de descrição gramatical que se propõe a estudar, a entender, de que formas as escolhas linguísticas de um indivíduo estão relacionadas às suas intenções comunicativas (GOUVEIA, 2009). Por meio dela, podemos compreender

a gramática da língua com os usos estruturais de significado de mundo e os elementos do léxico da língua e sua regra de colocação, como recursos unificados, em um estrato de organização global da linguagem léxico-gramatical, como uma rede de sistemas em conjunto, em que a unidade básica de análise é a oração (MELO e ESPÍNDOLA, 2014)

Nesse sentido, a léxico-gramática pode ser entendida como um subsistema composto pela gramática e pelo vocabulário, o que juntos constituem o sistema linguístico. Nele, a língua é organizada para criar e expressar significados, o que se materializa graças às escolhas linguísticas realizadas no sistema. Halliday e Matthiessen (2014) explicam que, quando olhamos para a gramática dessa forma, transformamos nossas experiências em significados, realizando relações sociais.

Em segundo lugar, precisamos revisitar as três metafunções defendidas pelo estudioso responsável pela fundamentação teórica desta tese: a ideacional, ligada à variável Campo e responsável pela representação das experiências no mundo exterior (social) e interior (psicológico); a interpessoal, que, relacionada à variável Relações, expressa o ponto de vista

de quem fala, suas atitudes e julgamentos; e a textual, a que, relacionada à variável Modo, é responsável pela tessitura do texto inserido um contexto, organizando a mensagem em prol dos objetivos do sujeito falante. Essas três são a base da vertente teórica sistêmico-funcional e funcionam como verdadeiros instrumentos que possibilitam refletir léxico-gramaticalmente sobre como um discurso é construído em contextos diversos. Com esse olhar mais aguçado, podemos refletir sobre a construção textual e responder a perguntas como “o que se escreve?”, “por que se escreve?”, “para quem se escreve?”, “com que objetivo se escreve?” e “como se organiza essa escrita?”.

Não é diferente quando falamos sobre vozes externas: na perspectiva da LSF, a noção de voz “está relacionada ao modo como o escritor transmite, via texto, representações de suas experiências, e as materializa por meio de escolhas léxico-gramaticais efetuadas sempre em função do contexto inserido” (NININ, 2015, p. 597). Para isso, não basta encontrar o ponto de vista de outro autor, mas é preciso relacionar esse outro discurso às discussões feitas no texto.

Nesse sentido, na hora de escrever um texto, por exemplo, de base argumentativa, como é o caso dos que compõem o *corpus* deste trabalho, o aluno deve assumir posicionamentos e revelar sua própria voz ao mesmo tempo em que precisa recorrer a outras como uma forma de sustentar a sua. Essas vozes podem ainda aparecer no texto como uma maneira de o seu autor se isentar da responsabilidade pela fala ou pelos pensamentos incluídos em seu texto.

Visto que esses textos buscam convencer o interlocutor, imprimindo credibilidade ao que é dito, os elementos da léxico-gramática escolhidos para a composição textual são fundamentais, pois determinadas construções podem demonstrar a habilidade do estudante (ou a falta dela) na hora de utilizá-las. Por isso, é de nosso interesse, nesta tese, analisar as vozes discursivas, tanto pela forma de testemunhos como critérios da verdade, quanto pela apresentação de fatos ou pelo uso de exemplos, ilustrações, dados estatísticos.

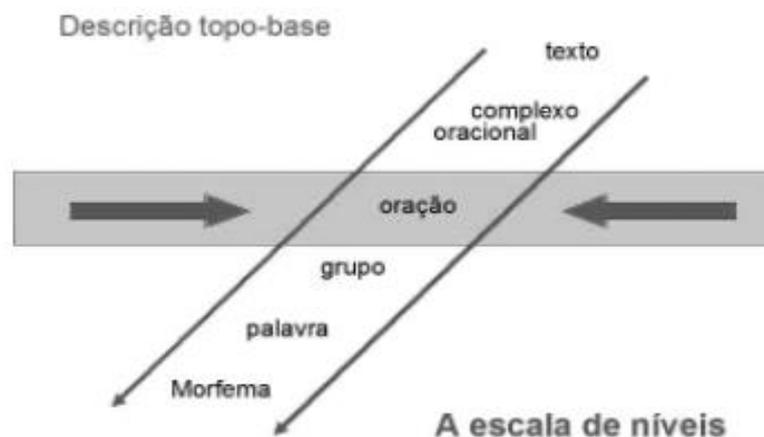
Para um maior aprofundamento dessa discussão, no entanto, é preciso expandir os horizontes e focar também em uma outra fonte potencial de construção de significados no que diz respeito à inserção de vozes alheias nos textos que formam nosso *corpus*, a qual veremos a seguir.

### 3.3.1 Os complexos oracionais

Como abordado no capítulo anterior, há, na metafunção ideacional, uma bipartição entre dois significados: o experiencial e o lógico. O primeiro organiza a experiência, atuando na construção oracional por meio do Sistema de Transitividade, também já devidamente apresentado. O segundo, por sua vez, é caracterizado pela construção das relações lógicas na produção de configurações mais densas, mais complexas, nas quais duas ou mais orações se unem em um todo maior, os complexos oracionais<sup>22</sup>, que, na Norma Gramatical Brasileira, correspondem, grosso modo, ao período composto. Para Thompson (2014), essa metafunção lógica é tão importante na construção e na análise dos mais diversos textos que deve ser vista como uma quarta metafunção.

O autor, na obra *Introducing Functional Grammar*, ainda explica que a gramática tradicional diferencia três tipos de períodos: os simples (com apenas uma oração), os compostos (com duas ou mais orações coordenadas entre si) e os complexos (com duas ou mais orações, principais e dependentes subordinadas). Segundo o autor, na escrita, como os períodos são bem sinalizados, isso já demonstra que existe, na linguagem, uma unidade acima da oração, a qual, em determinados aspectos, é mais importante na veiculação de sentido, pois os períodos, na escrita, são sempre pontuados, diferentemente das orações. A figura a seguir, ilustra bem essa ideia.

Figura 8 - Escala de níveis de realização do sistema



Fonte: GOUVEIA, 2009, p. 21.

Na oralidade, por sua vez, como não há pontuação, o autor destaca que, mesmo a entonação e a pausa ajudando a marcar os trechos de fala que se ligam a outros, formando unidades mais complexas, elas normalmente não correspondem a unidades gramaticais

<sup>22</sup> No inglês: *complex clauses*.

maiores nos enunciados. É por essa razão que os systemicistas usam como base também os sinais de interdependência para estabelecer os limites destes, isto é, utilizam a noção de complexo oracional. No entanto, Thompson deixa claro que adotar o complexo oracional não torna tudo mais simples. Prova disso acontece quando, segundo ele, pensamos a respeito de falas com longas sequências de orações coordenadas: devemos considerar todas elas como parte de um complexo oracional ou não? E, se tivermos que dividi-las, como fazer? Na escrita, devemos seguir a pontuação, ou seja, se um período começa com o “Mas”, temos um novo complexo oracional, já que a pontuação reflete como o autor queria que o texto fosse lido (THOMPSON, 2014). Na oralidade, porém, há casos de resolução mais complexa, como o exemplo trazido por ele próprio:

Eu disse a ela no verão eu disse que era pagar a conta de telefone em separado porque eu pensei eu apostei que iria ser grande e ela disse oh eu não sei e então ela disse então a primeira vez que chegou ela disse você vai pagar não vai *mas* então eu pensei era muito grande e eu pensei eu realmente não acho que deveria pagar tudo isso e por isso eu conversei sobre isso com ela *mas* ela não foi muito simpática (THOMPSON, 2014, p. 187) [tradução nossa]<sup>23</sup>

A partir desse caso, ele nos traz duas considerações que valem ser destacadas: a primeira é que existe aqui apenas um complexo oracional porque há a presença de conjunção coordenativa (em itálico) em todos os pontos onde poderíamos fazer uma divisão, cujo papel principal é indicar que o discurso do falante não acabou. A segunda é que não podemos ver a construção anterior como problemática. Afinal, trata-se de uma fala informal, em que o mais importante não é fazer uma divisão em partes marcadas de forma explícita, mas sim marcar a continuidade do que está sendo dito. Assim, pode-se constatar que, quando comparada ao conceito de período composto, a noção de complexo oracional permite uma análise mais abrangente dos discursos, atendendo às formas orais e escritas.

Eggin (2004), por sua vez, resume, explicando que o termo complexo oracional é usado pelos systemicistas para denominar uma unidade semântica e gramatical quando duas ou mais orações são unidas de maneira significativa e sistêmica. Quando isso acontece, são construídas relações lógico-semânticas representadas por segmentos linguísticos presentes em mensagens textualmente relacionadas (HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014).

De acordo com os autores (2014, p. 430),

---

<sup>23</sup> Texto original: “I said to her in the summer I said I’d better pay the phone bill separately because I thought I bet it’s going to be big and she said oh I don’t know and then she said then the first time it came she said you’re going to pay aren’t you but then it was quite large and I thought I don’t really think I ought to be paying all of this and so I had a word with her about it but she wasn’t very sympathetic.”

Semanticamente, o efeito da combinação de orações em um complexo oracional é de uma integração **mais estreita no significado**: as sequências que são realizadas gramaticalmente em uma oração complexa são interpretadas como subsequências dentro da sequência total de eventos que compõem um episódio inteiro(...). (grifo do autor) [tradução nossa]<sup>24</sup>

Assim, percebemos que as orações que, na perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional<sup>25</sup>, formam um complexo oracional são sempre dependentes umas das outras, porque, semanticamente, elas formam um todo sequencial significativo.

A seguir começamos a demonstrar como essa relação entre orações acontece na perspectiva da LSF.

### 3.3.2 Tipos de relação entre as orações

Pensando na taxonomia da relação entre as cláusulas (orações), Halliday e Matthiessen (2014) dedicam um capítulo inteiro de sua gramática para tratar desse aspecto. Nele, os autores investigam como é construído, ao longo do texto, o fluxo de eventos e explicam que a integração de significados fica muito mais forte, em diversos tipos de textos, devido à combinação de orações.

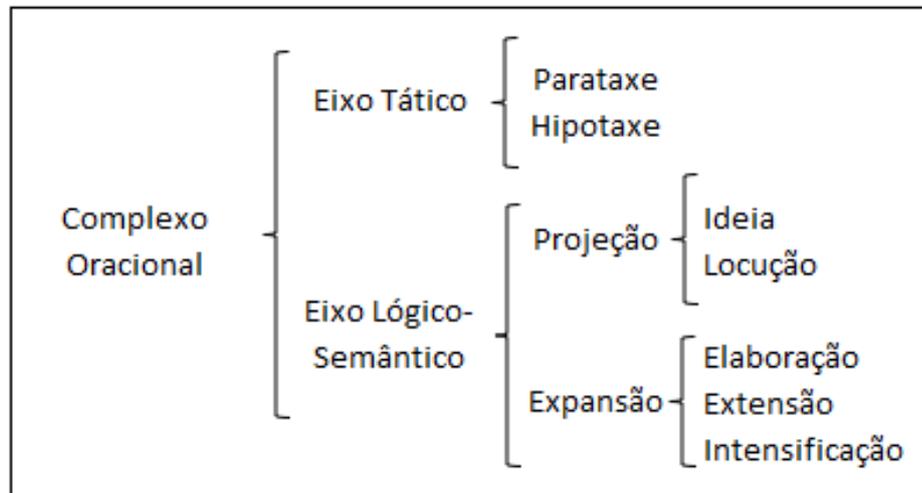
Assim, eles propõem dois eixos básicos para mapear sistematicamente as maneiras de complexação de orações – o tático e o lógico-semântico –, os quais são subdivididos em subsistemas mais específicos, como evidencia o esquema a seguir, baseado em Halliday e Matthiessen (2014, p. 438):

---

<sup>24</sup> Texto original: “Semantically, the effect of combining clauses into a clause complex is one of **tighter integration in meaning**; the sequences that are realized grammatically in a clause complex are construed as being subsequences of events that make up a whole episode(...)”.

<sup>25</sup> Halliday denomina sua gramática como Gramática Sistêmico-Funcional. Segundo ele, uma teoria que se propõe a analisar o texto deve ser fundamentada em uma gramática. Caso contrário, passa a ser um simples comentário sobre o texto (HALLIDAY, 1994, p. xvi). O autor defende ainda que precisamos de uma gramática que incorpore a descrição semântica como parte de si, mas que mantenha também a análise do texto com base na explanação dos padrões de fraseados (HALLIDAY, 1994, p. xx).

Esquema 1 – Eixo tático e lógico-semântico



Fonte: A autora, 2021.

Quando Halliday apresenta essas duas dimensões, já mostra um avanço de sua pesquisa quando comparada a perspectivas anteriores, pois, para ele, o sistema lógico-semântico não possui uma estrutura sintática pré-determinada, podendo acontecer em todo sistema léxico-gramatical da língua.

O sistemicista explica também que há diversas formas de entrecruzar esses dois eixos, o que revela a dinamicidade da língua (HALLIDAY e MATTHIessen, 2014), deixando claro que o usuário vai escolher construções as quais melhor atendam aos seus propósitos. Ou seja, o que comanda a escolha de uma ou de outra construção é a necessidade comunicativa do falante/escritor, como bem preveem os domínios funcionalistas. Assim, construir um complexo oracional é sinônimo de fazer escolhas entre as possibilidades que a língua oferece, já que podemos transmitir uma informação por meio de uma oração simples ou unindo duas orações em um nexoracional<sup>26</sup>.

A partir do esquema apresentado, é possível, inicialmente, relacionar as relações táticas a um polo [+ formal] e as lógico-semânticas a um polo [+ funcional].

Ao tratar do primeiro sistema, também chamado de táxis, Halliday e Matthiessen (2014) explicam que todas as orações, dentro do complexo, ligadas por uma relação lógico-semântica, são interdependentes, isto é, o sentido de uma unidade é interdependente da outra. Isso pode acontecer em dois graus distintos: parataxe e hipotaxe. Aquela (a) pode ser entendida como a relação que ocorre entre dois elementos semelhantes, um iniciando o

<sup>26</sup> Entende-se por nexoracional qualquer par de orações relacionadas por interdependência ou por taxer (HALLIDAY; MATTHIessen, 2014, p.441).

complexo e o outro continuando, com igualdade de status (equivale à coordenação). Ou seja, ela nivela as informações. Esta (b), por sua vez, pauta-se na relação entre um elemento dependente e seu dominante, apresentando uma relação de desigualdade entre eles (equivale à subordinação).

(a) O homem percebe a fúria da natureza hoje, mas não muda sua postura.

(Texto 1)

(b) Embora o homem perceba a fúria da natureza hoje, não muda sua postura.

(Frase criada, baseada em 1)

Destacam ainda os autores que (2014, p. 441):

A distinção entre parataxe e hipotaxe evoluiu como uma importante estratégia gramatical a fim de orientar o desenvolvimento retórico do texto, tornando possível que a gramática atribua *status* diferentes para figuras dentro de uma mesma sequência. A escolha entre parataxe e hipotaxe caracteriza cada relação entre duas orações (cada nexos) dentro de um complexo oracional e complexos oracionais são com frequência formados por uma mistura de parataxe e hipotaxe (...). [tradução nossa]<sup>27</sup>

Prova disso é o fragmento a seguir, em que o conectivo “e” ajuda a nivelar, enquanto a estrutura “para que” inicia uma oração tradicionalmente conhecida como subordinada adverbial com valor de finalidade:

“Por isso, o poder público e a coletividade devem defendê-lo e preservá-lo para que as gerações futuras usufruam desse recurso.” (Texto 43)

Os autores acrescentam que a táxis pode expressar uma grande quantidade de relações lógico-semânticas, sendo possível agrupá-las em um número menor de tipos gerais com base em duas relações fundamentais: projeção e expansão, como mostra o esquema anterior. Ou seja, na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, os sistemas de Táxis e Relação lógico-semântica não são autônomos, mas se entrecruzam na constituição dos nexos clausais.

<sup>27</sup> Texto original: The distinction between parataxis and hypotaxis has evolved as a powerful grammatical strategy for guiding the rhetorical development of text, making it possible for the grammar to assign different statuses to figures within a sequence. The choice between parataxis and hypotaxis characterizes each relation between two clauses (each **nexus**) within a clause complex; and clause complexes are often formed out of a mixture of parataxis and hypotaxis (...).

Essa ideia pode ser resumida no quadro a seguir, o qual demonstra a gama de combinações possíveis entre ambos os sistemas, apresentando, também, exemplos.

Quadro 12 – Cruzamento do eixo Tático com o Lógico-semântico

		<b>Parataxe</b>	<b>Hipotaxe</b>
<b>Projeção</b>	Locução	João disse: Estou indo embora.	João disse que estava indo embora.
	Ideia	João pensou consigo: vou embora	João pensou que ele iria embora.
<b>Expansão</b>	Elaboração	João não esperou; ele foi embora.	João foi embora, o que surpreendeu a todos.
	Extensão	João foi embora, e Fred ficou para trás.	João foi embora, enquanto Fred ficou para trás.
	Intensificação	João ficou assustado, então ele foi embora.	João foi embora, já que ele ficou assustado.

Fonte: baseado e traduzido de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.447.

A seguir, passamos a analisar mais detalhadamente cada um desses conceitos apresentados na primeira e na segunda coluna, visto que são fundamentais para a análise que será feita, no capítulo seguinte, das produções textuais escolares que compõem este trabalho.

### 3.3.2.1 Projeção

Quando um texto é escrito, o autor não apenas se autoexpressa. Normalmente, ele dialoga, convoca, convida, traz outras vozes, de outras pessoas, como corretas, fortes, válidas, confiáveis e legítimas para compartilhar pensamentos, avaliações e/ou opiniões.

Hunston (1985), sobre esse assunto, traz à tona uma distinção importante para organizar a interação em textos escritos: afirmação e atribuição. Segundo a autora, o que não é afirmado pelo próprio autor é atribuído, e essa atribuição transfere a responsabilidade pelo que está sendo dito.

Para Halliday e Matthiessen (2014, p. 508), inserir a voz de outrem é mais comum por meio da projeção, definida como “a relação lógico-semântica pela qual uma oração passa a funcionar não como uma representação direta da experiência (não linguística), mas como uma representação de uma representação (linguística)” [tradução nossa]<sup>28</sup>. Nesse sentido, podemos detectar a projeção quando há mais de um ato de fala, composto de duas unidades informacionais (DECAT, 1999).

O ponto de partida para tratar desse conceito é entender que todo discurso é formado e perpassado por um outro, por variadas vozes sociais, ou seja, parte-se da ideia de que toda interação verbal é dialógica, como vimos com Bakhtin. Por isso, as palavras de outras pessoas não podem ser desprezadas. Afinal, os enunciados que produzimos são fruto do entrelaçamento de diferentes discursos.

Prática muito usual na escrita de textos de opinião, como os usados neste *corpus*, é a projeção a responsável pela tentativa de fortalecer, intensificar e legitimar (ou refutar) pontos de vista, promovendo o fluxo informacional da mensagem. Não é à toa que, quando pensamos nos seus usos mais comuns, Halliday e Matthiessen (2014) mostram que podemos relacioná-los a quatro funções básicas: atribuir fonte ao texto jornalístico, apresentar pontos de vista diversos no discurso científico, construir o diálogo na narrativa e estabelecer marcas de perguntas e respostas na reprodução de diálogos. Outros discursos, no entanto, segundo os estudiosos, usam essa estratégia para atribuir a si ao discurso um caráter de escrita científica.

Indo ao encontro dessa ideia, Melo e Espíndola (2014, p. 210) defendem que

A função da projeção é compartilhar valores, crenças e posicionamentos dialógicos, associadas às posições do conteúdo da mensagem enunciada. Por meio desse recurso, pode-se dar maior prestígio e credibilidade aos significados projetados dependendo da fonte que serve de base à citação ou ao relato.

Vejam os exemplos abaixo retirados de uma mesma produção textual de um aluno concluinte do Ensino Médio (Texto 46):

Diante desse cenário, é válido destacar que o governo possui o dever de preservar as riquezas naturais do Brasil. Indubitavelmente, Francis Bacon, filósofo e cientista, citou: “Só se pode vencer a natureza obedecendo a ela”. Desse modo, são essenciais que mudanças atuem diretamente na construção de boas ações dos governantes. Por conseguinte, deve-se investir em medidas capazes de proteger o planeta, por exemplo, melhor reciclagem do lixo,

<sup>28</sup> Texto original: “the logical-semantic relationship whereby a clause comes to function not as a direct representation of (nonlinguistic) experience but as a representation of a (linguistic) representation”.

reduzir o desmatamento e aumentar a plantação de árvores nas cidades.

Nesse sentido, é fundamental salientar que a população depreda a natureza hodiernamente pela consequência de decisões equivocadas. Sob esse viés, o lema arcade da literatura “Inutilia Truncat”, significa cortar o inútil e levar uma vida sem exageros. Dessa forma, é importante que os indivíduos diminuam o consumismo exagerado e reaproveitem materiais que anteriormente seriam descartados.

Nos dois parágrafos de desenvolvimento desse texto dissertativo-argumentativo, podemos perceber como, respectivamente, a citação de Francis Bacon e a referência a um dos lemas do arcadismo cumprem o mesmo papel: ajudar a dar credibilidade, segurança, confiabilidade, ao argumento apresentado anteriormente. Ao fazer essas referências, o estudante não apenas cita de forma aleatória, mas relaciona essas ideias àquilo que deseja defender.

Sem um modelo de realização definido, o Sistema de Projeção pode acontecer em diversos ambientes gramaticais e ser estruturada nas três metafunções hallidayanas. Na ideacional, ela organiza a experiência em uma sequência contínua de eventos a partir do Sistema da Transitividade e é realizada na ordem dos complexos oracionais (parataxe e hipotaxe). Na interpessoal, a projeção aparece no Sistema de Modo, na ordem de uma oração como proposição (quando há oferta ou demanda de informações) ou como proposta (quando há demanda ou oferta de bens e serviços). Na textual, por fim, Thompson (2014) explica que o Sistema de Tema e o Sistema de Informação podem ser úteis à identificação dos recursos de projeção, a qual acontece, por exemplo, nas apóstrofes, nas aspas, nos adjuntos de modo, nas metáforas interpessoais. Em uma orientação mais semântico-discursiva, a projeção também pode ser analisada sob o viés da Avaliatividade<sup>29</sup>, no subsistema de engajamento<sup>30</sup>, o que lhe confere o caráter de um sistema multifuncional.

O quadro a seguir organiza melhor essas informações:

<sup>29</sup> O Sistema da Avaliatividade, desenvolvido por Martin e White (2005), é parte integrante da LSF e é realizado na metafunção interpessoal. Por meio de três tipos de subsistemas – Atitude, Engajamento e Gradação – estreitamente relacionados, o falante/escritor pode, respectivamente: expressar posicionamentos, afeto, julgamento, apreciação; posicionar-se em relação a outras vozes, negociando-as; e situar os fenômenos de acordo com a intensidade com que ocorrem. Na LSF, o engajamento é o subsistema responsável por trabalhar com o dialogismo. Como nosso foco é na léxico-gramática, não aprofundaremos essa ideia, mas ela pode ser vista com detalhes em Martin e White (2005).

<sup>30</sup> Subsistema “que se ocupa dos modos como a voz textual posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, procurando caracterizar diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis, ou seja, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto” (NININ e BÁRBARA, 2013).

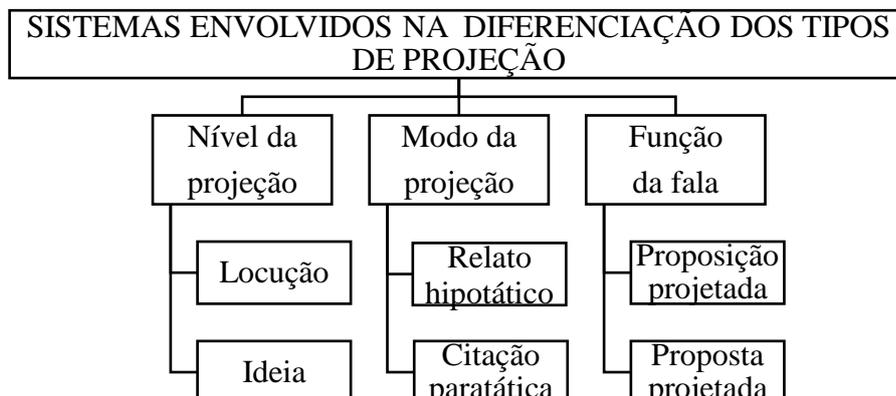
Quadro 13– A projeção nas três metafunções

SISTEMA SEMÂNTICO DE PROJEÇÃO		
IDEACIONAL	INTERPESSOAL	TEXTUAL
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na léxico-gramática a projeção é encontrada no componente Experiencial no Sistema de Transitividade – nos processos mentais (representa o que é pensado); nos processos verbais (representa o que é dito); ou nas metáforas que envolvem os usos dos processos materiais e comportamentais, nominalizados em processos mentais e verbais.</li> <li>• No componente Lógico, localizado no estrato léxico-gramatical e semântico, a projeção é entendida como Sistema LÓGICO-SEMÂNTICO por organizar a experiência, a partir do Sistema gramatical da Transitividade; acontece na ordem dos complexos oracionais – hipotaxi - reportar e parataxi – citar).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Sistema de projeção ocorre no nível da léxico-gramática no Sistema de Modo, na ordem da oração em uma proposição, nos casos de oferta ou demanda de informações; ou como proposta, nos casos de oferta ou demanda de bens e serviços; em metáforas interpessoais.</li> <li>• Numa orientação mais semântica e discursiva, no Sistema de Avaliatividade, no subsistema de engajamento, a projeção manifesta-se nos textos para marcar atitude de quem cita ou relata e também avaliar o valor da informação enunciada, dando-se maior ou menor credibilidade aos significados projetados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na léxico-gramática o Sistema de Tema e o Sistema de Informação podem contribuir para identificar os recursos de projeção – adjuntos modais; aspas duplas, apóstrofes; em metáforas interpessoais.</li> <li>• No nível semântico, a projeção é mais abstrata, no entanto, pode ser presumida no Sistema de Coesão que estabelece significação a mensagem, por meio de elipse, da substituição e referenciação.</li> <li>• Na metafunção textual, a projeção faz algumas incursões concernentes aos significados ideacionais e interpessoais.</li> </ul>

Fonte: MELO; ESPÍNDOLA, 2014, p. 211

Halliday e Matthiessen (2014) seguem explicando que existem tipos diferentes de projeção e destacam três sistemas envolvidos, conforme mostra o esquema a seguir de nossa autoria, mas baseado na perspectiva desses autores:

Figura 9 –Sistemas envolvidos na diferenciação dos tipos de projeção



Fonte: A autora, 2022.

Como é possível perceber, existem dois níveis do plano de conteúdo da linguagem. Podemos representar o conteúdo de uma oração verbal, do que é dito (locução), mas também do que é pensado, isto é, de cláusulas mentais (ideia), principalmente dos processos cognitivos e desiderativas:

- O educador Paulo Freire já citava que “Ninguém luta pelo o que não entende e ninguém transforma aquilo que não conhece”. (Texto 49)
- Thomas Hobbes já vislumbrava metaforicamente que o homem seria o lobo do próprio homem, expressando o poder autodestrutivo do ser humano na ausência do contrato social, teoria política apresentada em sua obra *Leviatã*. (Texto 50)

Nos exemplos em questão, os verbos destacados marcam, respectivamente, os processos verbal e mental desiderativo. Para os autores, essa diferenciação também pode ser materializada, por exemplo, quando pensamos nos cartuns ou nos quadrinhos, gêneros híbridos, já que as “nuvens” trazem os pensamentos enquanto os balões, as falas.

O modo da projeção, por sua vez, acontece pelas relações táticas de interdependência das orações. Nesse sentido, conforme o esquema, podemos combinar orações projetantes e projetadas de duas formas.

O relato hipotático, correspondente ao discurso indireto, sofre a influência por parte do autor, mostra só o principal do que foi dito e pode ser caracterizado pela relação de dependência entre as orações. Por isso, o texto elaborado pode ser bem diferente do original, fazendo com que o evento não seja necessariamente verdadeiro, mas faça sentido no texto.

Ele funciona como o padrão básico para projetar significados, isto é, aqui, a projeção não é vista como um evento autônomo, mas, sim, dependente.

De acordo com a ideia defendida pelo filósofo Immanuel Kant, o homem sem educação não é nada. (Texto 47)

Por outro lado, a citação paratática pode ser entendida como a forma mais simples de projeção, cuja materialização da mensagem acontece pelo uso da citação (como o próprio nome revela), marcada por aspas ou por dois pontos. Trata-se da fala reproduzida literalmente. Aqui, a cláusula projetada, segundo Halliday e Matthiessen (2014), absorve todos os recursos interativos da oração com troca, incluindo vocativos e expletivos, por exemplo.

Segundo o ativista Mahatma Gandhi defendia, “Temos de nos tornar a mudança que queremos ver” (Texto 45)

Nos dois exemplos anteriores, mesmo mudando o modo de projeção, é possível perceber aspectos em comum: além de, nos dois textos, a voz externa ser empregada com o intuito de dar credibilidade ao argumento defendido – o que não é bem articulado em ambos – , há a presença da projeção de locução na construção do enunciado.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), esta pode estar relacionada ao Experienciador de uma oração mental, com o sentido de “como / conforme / consoante / segundo... pensa”, ou a um Dizente de uma oração verbal – com o sentido de “como / conforme / consoante / segundo... diz”. Além disso, a circunstância de ângulo pode ser de dois subtipos diferentes: ponto de vista, quando se refere à fonte da opinião (na opinião de x); ou fonte, quando se refere à origem da informação (de acordo com y). Muitas vezes, pode ser entendida como se nela existisse embutida uma oração verbal, e costuma ser materializada por complexos introduzidos por preposição, como *segundo, conforme, de acordo com*:

Nesse contexto, segundo o pensamento do cofundador do Greenpeace Paul Watson, inteligência é a habilidade das espécies de viver em harmonia com o meio. (Texto 44)

A função da fala, por fim, pode ser subdividida em duas se considerarmos a metafunção interpessoal, vista no capítulo anterior: ela é proposição projetada quando é utilizada para troca de informações e é proposta projetada quando é empregada para ofertas e comandos.

Antes de encerrar a discussão acerca desses três sistemas envolvidos na diferenciação dos tipos de projeção, vale fazer um adendo: embora os exemplos aqui apresentados mostrem a projeção dentro de um complexo oracional, essa estratégia de inserção de voz externa também pode acontecer normalmente no chamado período simples.

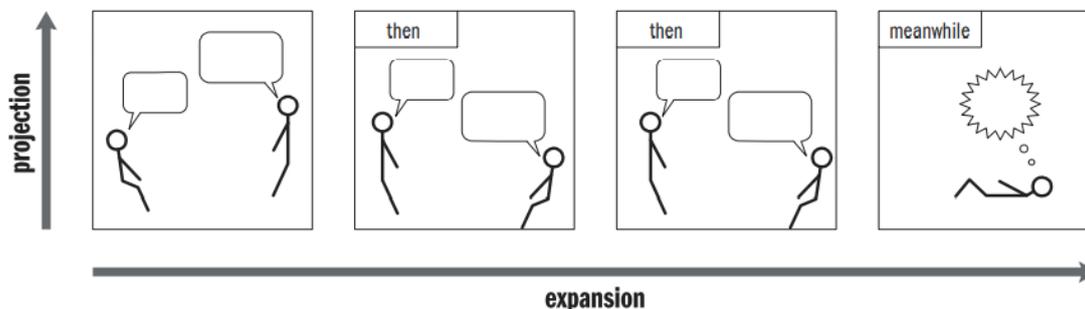
Segundo o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema (IPBES), “Um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção”. (Texto 11)

### 3.3.2.2 Expansão

Enquanto na projeção são relacionados fenômenos da ordem da experiência (processos do dizer e do pensar) com fenômenos de uma ordem superior (fenômenos semióticos: o que as pessoas dizem e pensam), na expansão do significado de uma oração por outra, no entanto, estão relacionados fenômenos da mesma ordem de experiência.

Para Halliday e Matthiessen (2014), esses dois conceitos podem ser diferenciados quando comparamos as estratégias utilizadas na construção de histórias em quadrinhos: a projeção, como já vimos, está preocupada com o dizer e com o pensar, representados nos balões de fala e de pensamento; a expansão, todavia, ajuda no desenvolvimento do texto veiculando quadros que formam uma sequência na horizontal, como mostra a figura a seguir:

Figura 10 – Projeção e expansão nas histórias em quadrinhos



Fonte: HALLIDAY e MATTHISEN, 2014, p. 443

Agora, como o próprio nome sugere, a segunda oração expande, a primeira, o que pode acontecer de três maneiras distintas: por meio de uma elaboração, de uma extensão ou de uma intensificação (realce).

### 3.3.2.2.1 Elaboração

Na elaboração, a segunda oração reitera a primeira com outras palavras, isto é, esclarecendo-a, refinando-a, comprovando-a com maiores detalhes, acrescentando um comentário, um exemplo ou um atributo descritivo. Nesse sentido, a segunda oração não acrescenta nenhum elemento novo à mensagem. Ela apenas apresenta mais informações ao que já fora dito. De forma geral, pode ser caracterizada como um comentário explicativo, ou seja, uma paráfrase (THOMPSON, 2014).

O quadro a seguir mostra a correlação possível das relações táticas e lógico-semânticas quando o assunto é a elaboração, trazendo alguns exemplos de conectivos:

Quadro 14 – Conectivos e relações lógico-semânticas da elaboração

	<b>Parataxe</b>	<b>Hipotaxe</b>
Significado	Exposição, exemplificação, esclarecimento	Descrição
Realização	Segunda: muitas vezes não marcada; pode ser introduzida por <i>isto é, por exemplo, ou seja</i> , ou orações sem conectivo	Segunda: oração relativa não definidora, introduzida por um pronome relativo, ou por uma oração não finita

Fonte: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 462.

Como ficou demonstrado, na elaboração por parataxe, podemos ter, segundo os systemicistas, três significados: a exposição ocorre quando a segunda oração parafraseia a primeira, ou seja, é quando são usadas palavras diferentes para apresentar outro ponto de vista, ou apenas para reforçar a mensagem (a); a exemplificação é autoexplicativa, pois desenvolve a tese da oração primária, tornando-a mais específica ao citar, muitas vezes, um exemplo da vida real(b); e o esclarecimento acontece quando a segunda oração esclarece a primeira, respaldando-a e trazendo um comentário explicativo ou uma explanação (c):

- (a) Noto cada vez mais no meu dia a dia o novo estilo de vida do século XXI, caracterizado por produtos eco-friendly, isto é, produtos que são “amigáveis” ao meio ambiente. (Texto 11)
- (b) O humano é um ser que tem uma grande necessidade de ter muitas coisas em excesso, como por exemplo ter o mesmo pote de plástico mas com cores diferentes. (Texto 12)
- (c) o desequilíbrio que isso provoca leva o homem e a natureza a permanecerem em constante antagonismo quando, na verdade, deveriam conviver como um só. (Texto 31)

Nesses fragmentos destacados, é possível perceber que, embora a forma de materialização mude, eles apresentam em comum o que Halliday e Matthiessen (2014) chamam de tom de concórdia, de igualdade.

Thompson (2014) acrescenta ainda que essas três categorias podem ser identificadas de forma fácil, sendo um problema apenas nos casos limítrofes porque uma mesma conjunção pode ser empregada para marcar diferentes relações de significado ou porque pode acontecer de não haver nenhuma sinalização explícita. Quando isso acontecer, ele nos orienta a parafrasear o complexo oracional, empregando conjunções que correspondam mais estreitamente ao sentido do original, conforme fazemos entre parênteses no exemplo abaixo:

O ser humano não nasce degradando a natureza, poluindo rios, jogando lixo no chão, queimando árvores ou desmatando. (Mas) Ele foi ensinado a isso e não percebe que necessita fazer escolhas diariamente em diversos aspectos para cuidar do que é seu. (Texto 46)

Quando a elaboração é combinada com a hipotaxe, temos, por outro lado, a oração relativa não definidora, que funciona como um recurso para inserir no discurso uma caracterização, uma interpretação de algum aspecto da oração dominante, uma informação de segundo plano, uma forma de avaliação. Essa oração, então, descreve a primeira e corresponde, na gramática tradicional, ao que conhecemos como oração adjetiva explicativa:

Nesse contexto, cabe ao Governo em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, que é responsável por cuidar e preservar a fauna e a flora, investir em programas de reciclagem, que contribuam para a redução da degradação ambiental (Textos 45)

### 3.3.2.2.2 Extensão

Já na extensão, para uma oração expandir a outra, algum elemento novo é adicionado, apresentando: uma adição, quando um processo se une a outro, podendo ser positiva (a), negativa (b) e adversativa(c); uma variação, em que a segunda substitui total ou parcialmente a primeira, podendo ser substitutiva (d) ou subtrativa (e); ou uma alternância, em que a segunda oração mostra-se como uma alternativa à anterior (f).

(a) a exploração do meio ambiente toma enormes proporções, não só por meio de desmatamentos e queimadas, visando ampliar a agropecuária, mas também porque o homem retirada e utiliza exacerbadamente os recursos e os elementos naturais para abastecer as indústrias. (Texto 41)

(b) Considerável parte dos seres humanos nem se importa com os ecossistemas nem pensa nas gerações futuras. (Texto 10)

(c) Eu sei que precisamos desmatar e usufruir dos materiais da natureza, mas acho que devíamos pensar melhor na saúde do nosso planeta e nas gerações futuras, mas nós somos individualistas. (Texto 3)

(d) Deveríamos usar a tecnologia e a modernidade a nosso favor, mas, em vez disso, compramos de maneira inconsequente. (Texto 44)

(e) Quase tudo vai mal: desmatamento, queimadas, lixo em excesso, somente resta a esperança de dias melhores. (Texto 32)

(f) Por isso devemos cuidar do nosso meio ambiente ou o veremos morrer aos poucos. (Texto 4)

Na combinação com a hipotaxe, a adição, a variação e a alternância também podem aparecer, mas agora com orações dependentes, como mostram, respectivamente, os exemplos (g), (h) e (i), podendo ser a subordinada finita ou não finita.

(g) Além de baratear seu custo de vida, (substituir o carro pelo metrô, bicicleta ou pelo ônibus) contribuirá para uma redução na emissão de gases poluentes e uma consequente diminuição da poluição atmosférica. (Texto 11)

(h) Por isso e muito mais, em vez de virarmos as costas para o nosso lixo, devemos cuidar dele: (Texto 1)

(i) Ou percebemos a importância da sustentabilidade, ou vamos sofrer com o mal da nossa

própria natureza. (Texto 6)

A seguir, reunimos alguns conectivos mais comuns para a construção da expansão:

Quadro 15 – Categorias e principais conectivos de extensão

	Categoria	Significado	Parataxe	Hipotaxe	
				Finito	Não finito
Adição	‘e’, aditivo: positivo	X e Y	(ambos...) e; não apenas... mas também	enquanto, enquanto que	ao lado, além de, assim como
	‘nem’, aditivo: negativo	não X e não Y	(nenhum...) nem	-	-
	‘mas’, adversativo	X e por outro lado Y	mas, (e) ainda	enquanto, enquanto que	Sem
Variação	‘em vez disso’, substitutivo	não X mas Y	mas não; não...mas	-	ao invés de, em vez de
	‘exceto’, subtrativo	X mas nem todo Y	só, mas, exceto		exceto por, outro que não seja
Alternância	‘ou’	X ou Y	(ou...) ou (senão)	se...não (...então)	-

Fonte: traduzido de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 471.

### 3.3.2.2.3 Intensificação

A intensificação, por sua vez, ocorre quando a segunda oração expande a primeira intensificando-a, indicando circunstâncias diversas, como causa (a), modo (b), tempo (c, d), condição (e). Essas relações podem ser materializadas por orações finitas ou não-finitas, que, quando comparadas com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, correspondem tradicionalmente às funções das orações subordinadas adverbiais e dos adjuntos adverbiais:

(a) daqui a algumas décadas não teremos mais como utilizá-los, porque eles terão entrado em

extinção (Texto 6)

(b) Faça a diferença, e dessa forma poderemos pensar em dias melhores. (Texto 8)

(c) No momento em que mudarmos, nosso planeta mudará também. (Texto 14)

(d) O ser humano compra, compra, compra e depois joga tudo no meio ambiente (Texto 7)

(e) Na minha opinião todos nós devemos ser um pouco mais sustentáveis, caso contrário  
nosso mundo não existirá para as próximas gerações (Texto 14)

Da mesma forma como ocorre na extensão, Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que na intensificação, em sequências longas, o uso da parataxe é mais comum do que a hipotaxe, principalmente em sequências temporais paratáticas, as quais possuem um papel significativo na construção de linhas de evento em relatos, procedimentos, histórias e outras passagens de texto em que a cronologia é um importante princípio organizador.

Os principais meios para formular uma intensificação estão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 16 – Conjunções e adjuntos conjuntivos de relação lógico-semântica de intensificação

	Categoria	Significado	Parataxe	Hipotaxe		
				Finita	Não-finita: conjunção	Não finita: preposição
Temporal	mesmo tempo	A enquanto B	(e) ao mesmo tempo; (quando)	[extensão], assim que/ enquanto que	enquanto	em (em curso / no processo de)
				[ponto] quando, tão logo, no momento	quando	em
				[espalhado] sempre, em todo tempo	-	-
	tempo diferente: depois	A subsequentemente B	(e) então; e + depois disso	depois que, desde que	desde que	depois de
	tempo diferente: antes	A previamente B	e / mas + antes disso / primeiramente	antes que, até que	até que	antes de
espacial	mesmo lugar	C onde D	e lá	[extensão] tão longe quanto	-	-
				[ponto] onde	-	-
				[espalhado] em qualquer lugar, todo lugar	-	-
Modo	Meio	N via / por meio de M	e + desse jeito; (e) então	-	-	por meio de
	Comparação	N é como M	e + similarmente; (e) então, portanto	como, como se, da forma	como	
causa-condição	causa: razão	porque P então o resultado é Q	[causa ^efeito] (e) então; (e) +			

			assim [efeito ^causa] por; porque	Porque, como, desde que, no caso que, visto que, considerando que		Com, por, como resultado de, por causa de, no caso de
causa: propósito	porque intenção Q então ação P	-		a fim de que, para que	-	(a fim de/ para); com o objetivo de, por receio de
causa: resultado				então	-	para
condição: positiva	se P então Q	(e) então; e + nesse caso		se, desde que	Se	no caso de
condição: negativa	se não P então Q	se não; (ou) em todo caso		ao menos que	se ao menos	mas para, sem
condição: concessiva	se P então contrário à expectativa de Q	[concessão^cons equência] mas; (e) ainda assim; mas + entretanto [consequência^c oncessão] embora		mesmo que (se), embora, enquanto	ainda que, embora	apesar de, sem

Fonte: adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 477-478

De forma geral, ao falarmos de projeção e expansão, até o momento, fomos buscando algumas vezes um paralelo entre a proposta de Halliday e a nomenclatura empregada pela gramática tradicional. Por isso, encerramos com o quadro de Dutra (2021, p. 207), que explicita, de forma geral, essa correspondência e destaca que “faltam, no quadro, algumas orações subordinadas previstas na abordagem da GT. Isso acontece pelo fato de a GSF não as considerar, de fato, orações”:

Quadro 17 – Orações: paralelo entre as ideias de Halliday e da gramática tradicional

GSF	EXPANSÃO			PROJEÇÃO
	ELABORAÇÃO	EXTENSÃO	INTENSIFICAÇÃO	
GT	Coord. Explicativa	Coord. Aditiva	Coord. Adversativa (MAS ≠ E)	Sub. Subst. Objetiva Direta
	Sub. Subst. Apositiva	Coord. Alternativa	Coord. Conclusiva	Sub. Subst. Objetiva Indireta (com processos verbais – verbos de elocução)
	Sub. Adj. Explicativa	Coord. Adversativa (MAS = E)	Sub. Adverbial	

Fonte: DUTRA, 2021, p. 207.

### 3.3.3 Expansões encaixadas

Além das relações de parataxe e hipotaxe, Halliday e Matthiessen (2014) ainda reconhecem um terceiro tipo de estrutura, chamada de encaixamento. Na visão dos autores, aquelas tratam-se de relações entre orações enquanto este deve ser entendido como um mecanismo por meio do qual uma oração funciona como um constituinte dentro da estrutura da oração, não fazendo parte, então, do eixo tático.

Nas palavras dos autores,

Enquanto parataxe e hipotaxe são relações entre orações (...), encaixamento não. Encaixamento é um mecanismo semogênico pelo qual uma oração ou sintagma passa a funcionar como um constituinte dentro da estrutura de um grupo, o qual por si só é o constituinte de uma oração. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 490-491) [tradução nossa]<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Texto original: “Whereas parataxis and hypotaxis are relations between clauses (...), embedding is not. Embedding is a semogenic mechanism whereby a clause or phrase comes to function as a constituent within the structure of a group, which itself is a constituent of a clause.”

Nessa perspectiva, eles explicam que o encaixamento pode ser entendido como um recurso pelo qual uma oração passa a funcionar como uma palavra ou grupo, constituindo, então, na visão dos estudiosos, uma mudança de nível – *rankshifted* –, já que a oração está a serviço de um grupo nominal. Assim, a oração encaixada funciona na estrutura do grupo enquanto o grupo, por sua vez, funciona na estrutura da oração, não havendo relação direta entre a oração encaixada e a externa na qual ela se encaixa.

Nesse sentido, é fundamental salientar que o desinteresse do governo em relação as questões ambientais é o principal responsável pela má relação do homem com o meio ambiente. (Texto 49)

Ao analisar o exemplo acima, seguindo a perspectiva da gramática tradicional, estamos frente a um clássico caso de período composto, formado por duas orações: a principal – “é fundamental salientar” – e sua subordinada, substantiva subjetiva – “que o desinteresse do governo em relação as questões ambientais é o principal responsável pela má relação do homem com o meio ambiente” –, que está sublinhada. No entanto, na visão de Halliday, a segunda não tem status de oração, mas constitui um grupo nominal, funcionando como componente da primeira.

Dutra (2021, p. 209), comparando com a classificação da gramática tradicional, mostra que a oração encaixada corresponde às subordinadas substantivas e às adjetivas restritivas, sendo estas últimas as estruturas mais prototípicas:

Quadro 18 – Orações encaixadas: paralelo entre as ideias de Halliday e da gramática tradicional

GSF	GT
ORAÇÕES ENCAIXADAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sub. Adj. Restritiva</li> <li>• Sub. Subst. Obj. Direta (com processos diferentes dos verbais)</li> <li>• Sub. Subst. Obj. Indireta (com processos diferentes dos verbais)</li> <li>• Sub. Subst. Subjetiva</li> <li>• Sub. Subst. Predicativa</li> <li>• Sub. Subst. Completiva Nominal</li> </ul>

Fonte: DUTRA, 2021, p. 209.

Quando aborda as relações lógico-semânticas, Thompson (2014) reconhece que as orações encaixadas funcionam como componentes de outras orações (as principais), não se aplicando a elas, como um todo, as categorias paratática e hipotática, embora as duas possam acontecer no interior do encaixamento, como complexo oracional encaixado. No entanto, para o especialista, essas orações encaixadas cumprem um papel na análise dos complexos oracionais, já que elas, no mínimo, necessitam ser identificadas para que lhes seja atribuído o papel apropriado. Por essa razão, como é possível ver no quadro abaixo, o autor engloba o encaixamento nas relações lógico-semânticas básicas:

Quadro 19 – Relações lógico-semânticas básicas na visão de Thompson

	<b>Expansão</b>	<b>Projeção</b>
<b>Paratática</b>	Eles não são cabeleireiros,    eles são agentes funerários	Eu disse:    “não, eu não posso fazer isso”
<b>Hipotática</b>	Se você começar a confusão,    nós iremos acabá-la	Um alto oficial negou    que a reunião tenha ocorrido
<b>Encaixada</b>	Isso descreve um pequeno barco [[navegando por mares tempestuosos]]	Eu falei com ele sobre a proposta de Koomhof [[ para patrocinar a viagem]]

Fonte: traduzido de THOMPSON, 2014, p. 194

O encaixamento de orações pode acontecer em três situações: quando essa oração tiver papel de Pós-Modificador de um grupo nominal – o que é mais comum –, de núcleo de um grupo nominal (nominalização) ou de Pós-Modificador de um grupo adverbial. Essas funções estão devidamente resumidas, com alguns exemplos, no quadro abaixo. As orações encaixadas são representadas por [[ ]] e os sintagmas encaixados por [ ].

Quadro 20 – Tipos de encaixamento

<b>Função</b>	<b>Classe</b>	<b>No grupo nominal</b>	<b>No grupo adverbial</b>
Pós-modificador	Oração: finita	a casa [[que Jack construiu]]	mais cedo [[do que esperávamos]]
	Oração: não- finita	a casa [[a ser construída por Jack]]	mais cedo [[do que o esperado]]
	Sintagma	a casa [junto à ponte]	Mais cedo [do que o resto de nós]

Núcleo	Oração: finita	[[o que Jack construiu]]	-
	Oração: não finita	[[para Jack construir uma casa]]	-
	Sintagma	[junto à ponte]	-

Fonte: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 492.

Nesse sentido, quando o encaixamento ocorre na expansão, ele tem essencialmente o papel de delimitar e definir, como acontece em “que Jack construiu”, especificando o termo “casa”, e podendo ser de três tipos: elaboração (a), quando a encaixada é realizada por oração relativa definidora; extensão (b), quando é iniciada por pronome relativo e tem valor semântico de posse; ou intensificação (c), se a oração encaixada constrói uma relação de condição, lugar, modo, causa ou tempo. Nesse terceiro caso, a circunstância pode estar representada na oração encaixada ou no próprio nome, núcleo do grupo nominal.

(a) Portanto, devemos encontrar medidas que reduzam os impactos prejudiciais da relação do homem com o meio ambiente. (Texto 47)

(b) Inegavelmente, o capitalismo desenfreado é peça central de um enorme jogo de xadrez cujos peões representam as pessoas submetidas ao poder do rei. (Texto 48)

(c) Atualmente inúmeras ações poderiam tornar nossa vida mais sustentável e “suportável” na casa Terra em que vivemos. (Texto 9)

#### 4 GÊNEROS E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

*Escrever é estar no extremo de si mesmo, e quem está assim se exercendo nessa nudez, a mais nua que há, tem pudor de que outros vejam o que deve haver de esgar, de tiques, de gestos falhos, de pouco espetacular na torta visão de uma alma no pleno estertor de criar.*

João Cabral de Melo Neto

Em uma análise etimológica, a palavra gênero é derivada do latim *generu*, *genere* e significa: nascimento, origem, linhagem. Na tradição ocidental, esse termo normalmente esteve ligado aos estudos da literatura e o responsável pelo desenvolvimento dessa ideia foi Platão (cerca de 428 a. C. – cerca de 347 a. C.), cujos estudos tiveram grande importância para uma compreensão mais efetiva do fenômeno literário em sua totalidade. Com o objetivo de universalizar a arte e superar uma divisão de textos como sendo apenas prosa e poesia, ele defendia que as obras deveriam ser classificadas pelo que elas têm em comum, pelas características que diferenciam um grupo do outro. Assim, em *A República* (livro III), o filósofo chega a três gêneros literários, muito comuns em livros didáticos e em aulas de Literatura até hoje: o dramático, o lírico e o épico.

A verdade é que os estudos sobre gêneros, ao longo de muitos anos, sempre estiveram nesses limites, voltados para uma perspectiva artístico-literária, como mesmo afirma Rodrigues (2005), sendo considerados “apartados da vida social, e não como formas discursivas que se distinguem dos gêneros de outras esferas socioideológicas” (RODRIGUES, 2005, p. 163).

No entanto, graças às várias vertentes teóricas da Análise do Discurso e da Linguística Aplicada, a discussão sobre esse tema conseguiu extrapolar os limites literários. Na visão de Bakhtin (2003), não é possível separar essa noção de gênero da atividade social, pois os seres humanos só se comunicam, escrevem e falam, por meio deles. Ainda que os usuários de determinada língua possam não ter consciência disso, nossa comunicação acontece de gêneros os quais, na visão bakhtiniana (2003, p. 301), estão presentes na nossa vida “quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

Partindo dessa ideia, Bakhtin explica que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.[...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seu tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Em outras palavras:

o enunciado passa a refletir situações específicas, a partir de um determinado gênero discursivo. Por isso, para Bakhtin, aprender a falar quer dizer aprender a construir enunciados, afinal, falamos através deles, e não através de orações. É assim que os gêneros funcionam como suporte aos enunciados, organizando a nossa fala, da mesma maneira que as formas gramaticais sintáticas a sistematizam (MUSSIO, 2015, p. 179)

Sob essa perspectiva, é possível afirmar que os gêneros, definidos como enunciados relativamente estáveis, são dinâmicos, flexíveis e histórico-culturalmente situados. Embora eles apresentem certas regularidades – as quais foram construídas ao longo do tempo a partir das atividades humanas em uma situação de interação – é preciso investigá-los a partir de sua historicidade (RODRIGUES, 2005). Isso porque as sociedades avançam, desenvolvem-se, sofrem influências de outras culturas e de diversos outros fatores com que a língua tem relação direta, ou apenas se alteram com o passar do tempo.

Se os povos de cultura oral possuíam/possuem um número limitado desses gêneros (canção, mito etc.), as culturas escritas, no entanto, apresentam um número bastante considerável dessas manifestações (notícia, crônica etc.). Fato é que, com o passar do tempo e com o advento da tecnologia, vários outros gêneros foram surgindo, tanto orais quanto escritos, o que fica comprovado ao se pensar, por exemplo, na febre dos podcasts atualmente, seja em plataformas de música ou no Youtube.

Como bem destaca Dutra (2007, p. 56):

Em nosso fazer diário, empregamos muitos gêneros de forma segura e adequada, embora teoricamente não tenhamos consciência de sua existência. Adquirimos esse conhecimento empírico sobre os gêneros assim como adquirimos a língua materna, nas trocas diárias de enunciações concretas, em todas as situações comunicativas com nossos interlocutores, quando as ouvimos/lemos e reproduzimos.

Dessa forma, é possível afirmar que existe uma infinidade de gêneros textuais, porque há também uma inesgotável diversidade de atividades humanas (BAKHTIN, 2003). Uma vez

que eles estão relacionados às práticas sociais, é inevitável que sofram alterações, pois as mudanças na vida social refletem mudanças nos gêneros. Por isso, é importante entendê-los como produtos sociais e, como tais, variados, suscetíveis a mudanças e heterogêneos.

Ao pensar que cada âmbito da atividade humana lida com determinados gêneros que lhe são necessários, embora tenham a mesma essência, a heterogeneidade destes é enorme. Por isso, o autor (2003) ainda os classifica de duas formas, considerando a natureza de cada um e o grau de complexidade com que se apresentam – primários e secundários.

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Improvável, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). (BAKHTIN, 2003, p. 281)

Os primeiros englobam situações comunicativas cotidianas, informais, espontâneas, não formalmente elaboradas, que sugerem comunicação imediata. Além de servirem como componentes aos gêneros secundários, estão ligados diretamente ao discurso oral, mas não somente. Por exemplo: uma conversa no barbeiro, uma conversa no transporte público sobre temas cotidianos, bilhetes. Nesses casos, é possível perceber a presença da coloquialidade e de uma função imediata – chamada por Rodrigues (2005, p. 169) de “ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas)” –, por não existir uma sistematização de regras rígidas estabelecidas. Assim, embora a conversa do dia a dia seja necessária à interação e ao convívio social, continua sendo um hábito simples, às vezes, até trivial.

Os gêneros secundários, por outro lado, estão normalmente mais presos a situações comunicativas mais complexas, comumente mediadas pela escrita. Estes, advindos dos gêneros primários, demandam a necessidade de um maior planejamento prévio por enquadrar situações discursivas formais específicas, como a produção de uma notícia, um relatório, uma tese científica, um requerimento, uma carta de solicitação ou uma palestra ou uma missa. Normalmente, segundo Rodrigues (2005), eles se encontram no campo das ideologias formalizadas e especializadas, as quais medeiam as interações sociais em diversas esferas, como a jornalística, a científica, a artística, a religiosa.

Ainda sob a perspectiva bakhtiniana, é preciso estar ciente de que a comunicação humana é o resultado da necessidade que o ser humano tem em expressar-se. Nesse sentido, o autor russo (2003) propõe que a língua só exige a presença de um locutor e de seu discurso. Se ela pode funcionar como meio de comunicação, essa é uma função acessória e, portanto, não altera sua essência.

É assim que chegamos ao que Bakhtin (2003, p. 290) chama de “atitude responsiva ativa”. Para ele, todo e qualquer ato de compreensão funciona como resposta, cujo conceito é amplo, indo além do clássico “toda pergunta exige uma resposta”. Em sua teoria, a resposta é uma atitude em que o interlocutor mostra seu posicionamento ideológico acerca de determinado discurso, o qual pode ser mediato ou imediato. Na visão de Fuza e Menegassi (2008), a atitude responsiva pode ser dividida de duas formas: externa – quando o autor escreve com o objetivo de que as pessoas conheçam as suas ideias, apresentando compreensão e resposta – ou interna – quando o autor conversa consigo mesmo sobre o texto produzido.

Para entendermos como é feita a classificação de determinado gênero discursivo, é necessário ter em mente que o seu reconhecimento acontece pela identificação de formas prototípicas da realização do texto (ANTUNES, 2009). Por isso, três aspectos definidos por Bakhtin (2016) precisam ser destacados: o conteúdo temático, o plano composicional e o estilo. Essas três características estão total e diretamente interligadas, sendo estabelecidas em função das especificidades de cada esfera de comunicação, principalmente devido a sua construção composicional.

De acordo com Costa-Hübes e Esteves (2015, p. 92), “para identificar o tema de um enunciado e, conseqüentemente, do gênero, é preciso recuperar o contexto de produção sem confundi-lo com o assunto. Isso porque, na visão dos autores, o tema não é repetível, mas sempre inédito, já que “o tema aborda todo o aspecto discursivo do enunciado e não pode ser compreendido se não ultrapassar os limites linguísticos”. Para analisá-lo, é fundamental considerar não só aspectos linguísticos/textuais, como escolhas lexicais, morfológicas, sintáticas, mas também marcas enunciativas e discursivas: papel dos sujeitos, acontecimentos sociais, históricos, outros discursos. De forma geral, podemos dizer que o conteúdo temático diz respeito às diferentes atribuições de sentidos e suas possibilidades de recortes para determinado gênero do discurso, isto é, ao conjunto de temáticas que podem ser abordadas por ele.

O plano composicional trata, por sua vez, da estrutura geral interna do enunciado, ou, mais amplamente, da forma como certo gênero se organiza. Quando escrevemos, desenvolvemos determinado conteúdo temático, cuja forma se configura no decorrer da escrita. Ao final do texto, como autores, espera-se que tenhamos conseguido dizer o que pretendíamos com um número de parágrafos, cada um com sua devida extensão. O conjunto destes é o que confere, então, a forma composicional final, a qual apenas é conhecida após o autor encerrar seu ato de dizer. Seria, de certa forma, o acabamento geral de um texto e se configuraria, inclusive, como algo próximo ao que se denomina gênero discursivo. O

conteúdo, portanto, uniu-se à forma para ser expresso, conferindo a ela um caráter único e mostrando que existe uma forte relação de dependência entre conteúdo temático e forma. Afinal, qualquer projeto discursivo precisará sempre de uma forma composicional, característica de um gênero específico.

Bakhtin (2016, p. 63) afirma ainda que perguntas como “A quem se destina o enunciado?”, “Como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários?” ou “Qual é a força e a influência deles no enunciado?” são indispensáveis quando pensamos na construção composicional, visto que um certo gênero pode ser melhor aceito por um destinatário caso se aproxime de outro e, assim, de outra construção composicional.

Ligado a esses dois aspectos, temos o estilo verbal. Ele consiste nas escolhas linguísticas, enunciativas e discursivas por parte do escritor/falante, visando atingir o ouvinte e conseguir uma resposta, já que, na enunciação, não se espera uma postura passiva. O elemento em questão assume, como bem explica Bakhtin (2003, p. 265), um papel importantíssimo para a atividade de linguagem, pois “todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”.

Certamente, quando pensamos no nome estilo, associamos logo o termo à particularidade de determinado sujeito, sendo esta uma espécie de estilo individual de alguém, seja considerando-se sua escrita, seu jeito de se vestir ou o modo de se comportar. No entanto, Bakhtin (2003) vai além desse prisma e apresenta também um estilo inclinado para as práticas de linguagem, garantindo certa estabilidade, constituindo o que chamamos de estilos dos gêneros. Enquanto o estilo individual é reflexo da singularidade do autor e das suas escolhas particularizadas para elaboração do discurso, o estilo do gênero é resultado da soma de usos linguísticos, discursivos e textuais em um contexto enunciativo qualquer. Nesse sentido, cada gênero apresenta, então, um perfil prototípico, que está, a priori, estabelecido e que deve ser minimamente respeitado por quem o utiliza.

Alinhado com essa ideia, Volochinov (2013, p.97) defende a seguinte definição para estilo: “o estilo são pelo menos dois homens, ou mais exatamente, é o homem mais seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte –, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem”.

Graças à disseminação do pensamento bakhtiniano no Ocidente, houve, com o passar do tempo, uma grande ampliação de trabalhos que consideram o estudo dos gêneros, tanto que várias vertentes teóricas da Análise do Discurso e da Linguística Aplicada os elegeram como objeto de estudo com o fito de contribuir, de alguma maneira, para as pesquisas sobre o

ensino de língua. No Brasil, especificamente, o conceito de gênero, na língua, ganhou destaque a partir dos anos 90, com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, além de ele contribuir para as pesquisas sobre ensino de língua, funciona – ou deveria funcionar – como objeto de análise nas aulas de Língua Portuguesa na Escola Básica.

As ideias bakhtinianas foram incorporadas por diversos estudiosos brasileiros, como é o caso de Luiz Antônio Marcuschi (2008), doutor em filosofia da linguagem e renomado professor de linguística. Para ele, considerando os três aspectos abordados, os gêneros textuais<sup>32</sup> não devem ser vistos como estruturas estanques, rígidas, mas “como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem” (MARCUSCHI, 2008, p. 156). Afinal, eles “não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída” (MARCUSCHI, 2008, p. 163), já que a linguagem surge da vivência cultural do homem, e os textos são o que representa essa vivência por meio dos gêneros.

Em suas palavras:

gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Mesmo que eles tenham uma identidade e nos condicionem a escolhas que não podem ser totalmente aleatórias ou livres, já que apresentam padrões definidos, o estudioso os caracteriza como altamente maleáveis, como entidades plásticas, dinâmicas e flexíveis. Antunes (2009) complementa essa visão quando afirma que os gêneros

variam no decorrer do tempo, das situações, conforme a própria trajetória cultural diferenciada dos grupos em que acontecem. Variam ainda porque assumem novas formas, novas representações e valores, porque alteram sua frequência de ocorrência ou, ainda, porque, surgem “caras novas”, isto é, surgem gêneros novos (ANTUNES, 2009, p. 55).

Já como entidades sócio-discursivas, os gêneros expressam, ainda, regras de funcionamento e, inclusive, de controle da sociedade. Na visão marchuschiana (2008), é possível notar como alguns deles expressam o exercício do poder social e cognitivo realizados

---

<sup>32</sup>Embora Bakhtin e Marcuschi tenham praticamente a mesma visão sobre o assunto, vale destacar a diferença de nomenclatura usada pelos autores: para aquele, *gêneros do discurso*; para este, *gêneros textuais*. Nesta pesquisa adotamos ambos como sinônimos, até mesmo porque a Base Nacional Comum Curricular não faz diferenciação entre esses rótulos.

por determinados segmentos, o que oferece maior ou menor legitimidade ao discurso. Prova disso são, por exemplo, os artigos científicos, textos publicados geralmente em revistas especializadas, que recebem maior reconhecimento, já que apresentam uma série de características consideradas relevantes pela sociedade letrada. É por isso que Marcuschi (2005, p.29) destaca: “...os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual”.

Continuando com a análise da língua em funcionamento, seguimos para aprofundar as discussões sobre gênero, agora na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, base teórica desta pesquisa.

#### 4.1 O gênero textual na Linguística Sistêmico-Funcional

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, a linguagem deve ser vista como uma ferramenta de ação a fim de cumprir uma finalidade específica. Essa concepção, enunciativo-discursiva, defende que a linguagem não só possibilita a transmissão de informações entre interlocutores, mas também deve ser vista como um lugar de interação (GERALDI, 1997), o que dialoga diretamente com a perspectiva adotada por Halliday & Hasan (1985). Para estes, a língua é um sistema sociosemiótico e, por isso, para uma análise linguística mais completa, é preciso que consideremos também aspectos socioculturais.

Na LSF, há duas principais perspectivas de análise de gêneros que consideram a língua como ação – conforme propõe a BNCC: uma desenvolvida por Ruqayia Hasan (HASAN, 1989) e outra, por J. R. Martin (2000). A seguir, falaremos um pouco mais dessas abordagens, explicitando seus pontos de proximidade e de distanciamento, para uma reflexão acerca dos gêneros que compõem o *corpus* deste trabalho – artigo de opinião e redação escolar.

##### 4.1.1 A noção de gêneros conforme Ruqaya Hasan

Ruqaya Hasan foi linguista, professora universitária e uma das principais pesquisadoras da LSF. Antes do seu falecimento, em 2015, deixou relevantes considerações que nos acompanham até hoje e orientam diversas pesquisas na LSF.

Em sua concepção (1989), o contexto é o maior determinante das características que definem um gênero, direcionando a seleção de certos elementos textuais. Prova disso é que o simples fato de trazer uma propaganda como exemplo em seu texto, segundo a própria autora afirma, permite predizer que o formato da mensagem deva conter um elemento para atrair a atenção do interlocutor, elemento esse que tende a aparecer de forma mais significativa, em primeiro plano. Diante disso, ela questiona se existe alguma propriedade específica nos textos que o permita que eles sejam considerados como arquétipos de determinado gênero.

Para o entendimento da sua teoria sobre esse assunto, Hasan nos apresenta dois conceitos fundamentais: o de *Configuração Contextual* (CC) e o de *Estrutura Potencial de Gênero* (EPG). Referência nos estudos da LSF no Brasil, o professor Orlando Vian Jr. (2009, p. 391) explica ambos os conceitos:

A configuração contextual (CC) é o conjunto específico de valores que realizam o campo, as relações e o modo do discurso (HASAN, 1989, p. 55), e, a partir da definição dos elementos da CC de cada texto, podemos fazer considerações sobre as estruturas textuais propriamente ditas (HASAN, 1989, p. 56). É a partir da CC que poderemos fazer predições sobre que elementos da estrutura textual são obrigatórios, bem como quais são opcionais ou recursivos, além de considerações sobre como estes estágios estruturam-se no texto de forma a transmitir os significados que transmitem.

Sob essa ótica, podemos perceber que a CC é formada pelos elementos que compõem as variáveis de registro, dando pistas para a formação da EP de determinado gênero e vice-versa, o que acontece por existir uma relação natural entre língua e realidade.

Se cultura e língua cresceram lado a lado, uma complementando a outra, então uma ocasião de fala reconhecida culturalmente – uma CC – é obrigada a ser conhecida pelas particularidades do tipo de fala associadas a ela (HASAN, 1989, p. 66)<sup>33</sup>

Para a autora (1989), todo gênero tem uma Estrutura Potencial Genérica, sendo constituído de elementos que podem ser de três tipos:

1) obrigatórios: são aqueles que devem estar presentes em todos os textos que pertençam a um determinado gênero. De forma figurada, funcionam como uma “moldura”

---

<sup>33</sup> Texto original: If culture and language have grown up side by side complementing each other, then a culturally recognized occasion of talk – a CC – is bound to be know by the peculiarities of the type of talk associated with it.

para o texto, já que fornecem uma estrutura, na qual as outras funções se inserem (VIAN JR, 2009). É por meio desses estágios obrigatórios que reconhecemos uma EPG. Assim, para a autora, todo texto apresenta uma forma previsível, uma estrutura em potencial, que o faz ser definido com determinado gênero.

2) opcionais: diz respeito aos elementos que podem aparecer no texto, mas que não precisam estar presentes em todos os exemplares de um determinado gênero. Ou seja, eles podem fornecer maiores informações para a construção do sentido do texto, mas, se retirados, não são capazes de afetar a sua função social. O texto continuará, portanto, como um exemplar daquele gênero.

3) recursivo ou iterativo: refere-se aos elementos recursivos, reincidentes no evento linguístico. Estes, de acordo com Motta-Roth & Heberle (2005), abarcam elementos os quais aparecem mais de uma vez em certo evento comunicativo, mas não seguem uma ordem rígida.

Partindo dessa subdivisão, é possível afirmar que a autora visa a

dar conta do leque de opções de estruturas esquemáticas específicas potencialmente disponíveis aos textos de um mesmo gênero de tal forma que as propriedades cruciais de um gênero possam ser abstraídas e qualquer exemplar desse gênero possa ser representado. (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 19)

Embora possa parecer, esse não é um plano fechado e rígido em si, porque uma EPG admite variações. Por isso, para ajudar na tarefa de estudar estruturas genéricas de um gênero, podemos recorrer a algumas características da CC a fim de fazermos certas predicções sobre a estrutura dos textos. Para isso, pode-se responder às seguintes perguntas: que elementos devem ocorrer? Que elementos podem ocorrer? Onde esses elementos devem ocorrer? Onde esses elementos podem ocorrer? Com qual frequência esses elementos podem ocorrer?

Em suma, apesar de a autora não definir, explicitamente, em suas obras o que entende por gênero, com base em seus estudos, podemos entendê-lo como o resultado de cada combinação possível das variáveis *campo*, *relações* e *modo*, que se modificam pelo contexto de situação em que a interação ocorre. Nesse sentido, é o componente *registro* que designa a estrutura textual.

#### 4.1.2 A noção de gêneros conforme J.R. Martin

Em uma perspectiva sistêmica, James Robert Martin (2000) compreende o gênero a partir de uma perspectiva semântica, com padrões de significados que representam as práticas sociais de uma cultura. Caracterizando-o como um processo social em etapas, ele defende que este é orientado para alcançar um objetivo específico. Segundo o estudioso (2000), o processo é social, visto que usamos os gêneros para promover interação como sociedade; em etapas, porque precisamos de mais de uma fase de significado para entendê-lo; e orientado, pois temos um objetivo, buscamos atingir um determinado fim.

É o que chamamos de proposta teleológica do gênero (MARTIN, 1992). Nas palavras de Vian Jr. e Lima-Lopes (2005, p. 29):

A perspectiva teleológica sobre gênero define-o como um sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos. Tendo em vista que a teleologia “considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins”, os estágios nos quais um texto se estrutura levam o usuário a um ponto de conclusão, podendo ser considerado como incompleto pelo falante/ouvinte caso essa conclusão não seja atingida.

Martin (1992), para fundamentar seus estudos, parte dos conceitos de registro e de metafunções de Halliday (2014), dos conceitos de gênero de Hasan (1989) e de Bakhtin (2003), para estudar a linguagem como atividade social. Lapidando o estudo do funcionamento da linguagem, ele se destaca ao considerar o contexto e a função social daquilo que é produzido. Agora os gêneros passam a ser determinados sócio-historicamente, uma vez que são estabelecidos por estruturas espaciais e temporais, ou seja, os textos de um mesmo gênero variam considerando, por exemplo, classe social, etnia ou gerações.

Nesse sentido, eles são fruto das necessidades socioculturais humanas: a linguagem aparece como derivada das necessidades de um ambiente secundário do ser humano, o qual, de acordo com Malinowski (1970), é criado para resolver os problemas gerados pelas primeiras necessidades orgânicas do indivíduo, ou seja, pela necessidade de construir um novo ambiente.

Segundo Vian Jr. e Lima-Lopes (2005), para Martin, o gênero posiciona-se em relação ao registro, fazendo com que gênero e registro se relacionem e se realizem mutuamente de forma proveitosa. Sob essa perspectiva, o registro funciona no nível do contexto de situação, refletindo “a diversidade metafuncional no nível da linguagem materializada pela léxico-gramática, ao passo que o gênero o faz no nível dos processos sociais” (VIAN Jr. & LIMA-LOPES, 2005, p. 34), no contexto de cultura.

Quando entende que as motivações sociais estão diretamente ligadas à estrutura textual, Martin (1992) defende que o gênero é composto por estágios. Ou seja, como o gênero é a materialização da interação verbal, apresenta alguns passos, algumas etapas, a fim de que se possa, por meio dele, alcançar o propósito comunicativo, porque estamos diante de uma atividade sociossemiótica em que os significados são construídos de forma gradativa. Seguindo essa linha de raciocínio, chegamos ao que o autor denomina como modelo de Estrutura Esquemática: nele, cada parte tem um elemento predominante e cada um desses elementos tem uma função no gênero, o que colabora com parte de seu propósito. No entanto, é válido ressaltar que os estágios são flexíveis, podendo estar, por exemplo, em posições diferentes em textos de um mesmo gênero. Tudo depende das necessidades do autor do texto e do contexto de situação.

Enquanto Bakhtin (2003) classificava os gêneros de acordo com sua natureza e sua complexidade, como visto anteriormente, Martin não se prende a essas questões. Ele privilegia os dois tipos de contexto apresentados pela LSF, pois estes influenciam diretamente na materialização linguística de um texto, devendo, portanto, ser analisados juntos, em sua totalidade. No entanto, isso não significa que não haja um ponto em comum entre eles, afinal a perspectiva teleológica de Martin (1992), assim como os estudos bakhtinianos, defende que o objetivo social do texto passa pela sua ideologia, pelas práticas sociais e pelas convenções, próprias à vivência do falante.

Na comparação entre os modelos de Hasan (1989) e Martin (1992), mesmo ambos os estudos estando alinhados à perspectiva funcional de Halliday, a diferença de posicionamento é clara. Se para ela o registro é o ponto de partida para a observação dos gêneros (pois a estrutura textual é a realização das escolhas de registro, o que resulta nas combinações contextuais), para Martin, o registro é uma maneira de instanciar o gênero, o qual é organizado segundo o campo, as relações e o modo, demonstrando a multifuncionalidade da linguagem.

Nas palavras de Vian Jr. E Lima-Lopes (2005, p. 34):

enquanto Martin defende que o gênero é instanciado mediante escolhas das variáveis de registro, Hasan afirma que essas variáveis é que são realizadas pelo gênero. Dessa forma, para Martin, é o gênero que pré-seleciona as variáveis de registro, associando-as a partes específicas da estrutura textual.

De acordo com Martin (1992, p. 505-506), cinco razões devem ser consideradas para que não se estabeleça o registro como ponto de partida para a análise de gêneros:

1) a importância do significado social da interação;

2) a chance de esclarecer por qual razão nem todas as combinações entre campo, relações e modo acontecem;

3) a facilidade para se analisarem as mudanças ocorridas nos estágios de um gênero;

4) a conscientização das distintas formas de desenvolvimento que um texto pode manifestar;

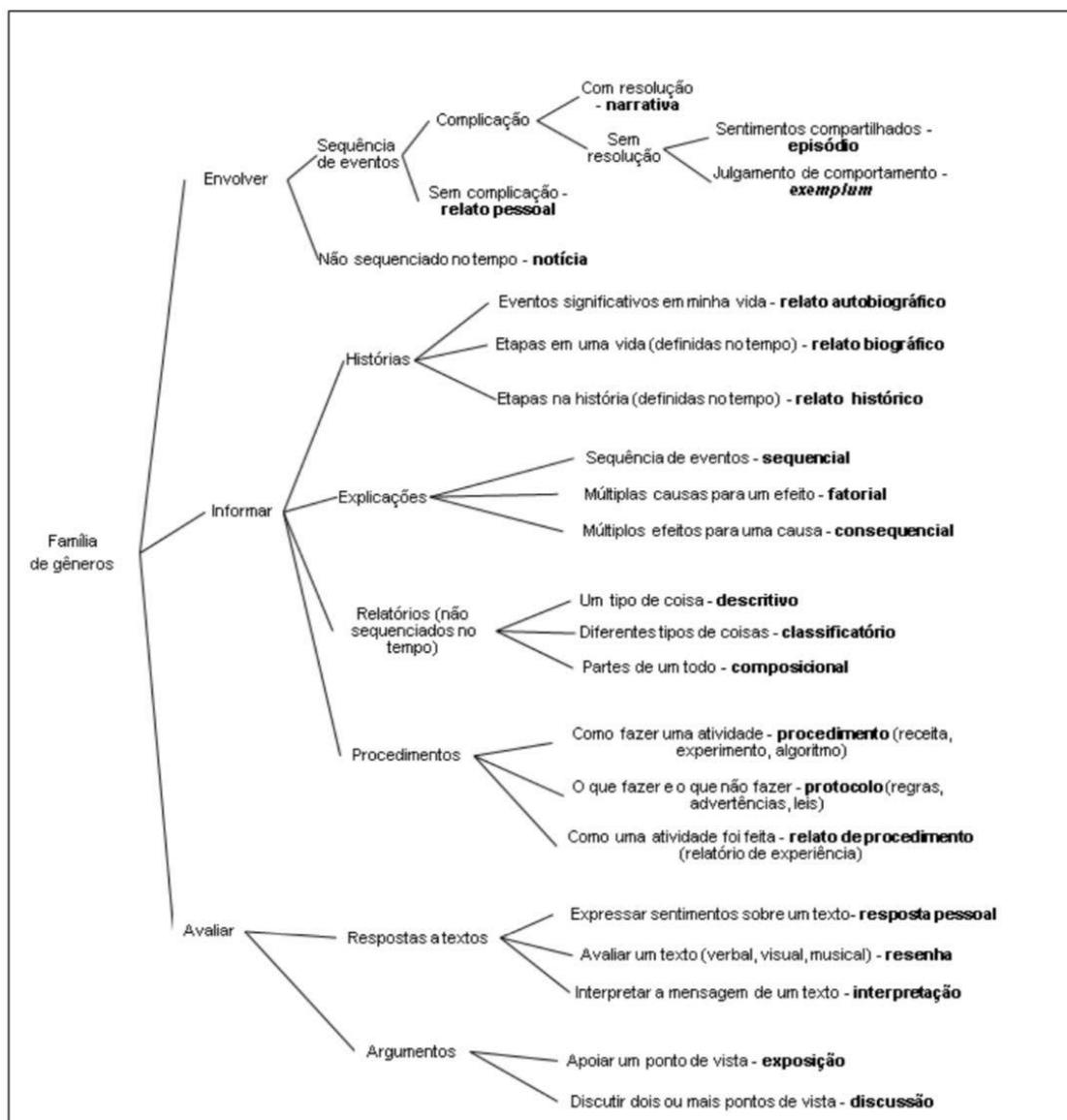
5) a correlação complementar dos significados que podem alcançados na análise do registro.

Partindo dessas ideias, é correto afirmar que Martin (1992) enxerga o mundo como um grande sistema de relações entre meios e fins, e o contexto de cultura passa a ser “o pano de fundo no qual a interação está inserida, disponibilizando um potencial semiótico de realização” (VIAN Jr. & LIMA-LOPES, 2005, p. 35). Logo, ao considerar uma língua estruturada para o uso, com foco em dois diferentes tipos de contexto, o autor amplia os conceitos de gênero e de registro vistos em obras anteriores de Michael Halliday, permitindo-nos ter uma visão mais abrangente sobre os gêneros que circulam na sociedade.

#### **4.2 O gênero artigo de opinião**

Segundo Rose e Martin (2012), os gêneros escolares ou acadêmicos podem estar subdivididos com base em três funções sociossemióticas – envolver, informar e avaliar, como ilustra a figura a seguir:

Figura 11 – Família de gêneros da Escola de Sidney



Fonte: traduzida e adaptada de ROSE; MARTIN, 2012, p. 312.

De acordo com o mapa da figura 11, podemos afirmar que estamos diante de três universos quando o assunto é o estudo dos gêneros. Parte-se do âmbito do Envolver, com, por exemplo, narrativas – pois tratam-se de textos do cotidiano, mais fáceis de os alunos terem contato em casa, com suas famílias, antes mesmo de ingressarem na escola –, indo em direção àqueles que demandam avaliação e, conseqüentemente, maiores habilidades linguísticas por parte de quem os produz.

É nesse último grupo em que se encontra o artigo de opinião, parte do *corpus* desta pesquisa. Encontrado no rádio, na TV, nos jornais, nas revistas e na internet, ele é famoso por utilizar temas polêmicos, assuntos sociais controversos, os quais exigem um posicionamento

de quem ouve, assiste ou lê. De forma geral, as discussões abordadas nesses textos estão relacionadas a acontecimentos recentes e ao momento histórico em que se inserem, podendo até ser possível traçar uma semelhança com a notícia, a qual se baseia em fatos para a construção do texto. Todavia, a grande diferença entre tais gêneros está no fato de que o artigo traz sempre à tona uma opinião, enquanto a notícia, tecnicamente, tenta ser imparcial.

Nas palavras de Bräkling (2000, p. 154), o artigo de opinião é

um gênero de discurso onde se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor.

Ainda que não seja visto como um gênero escolar, este é, com frequência, abordado na sala de aula, uma vez que é considerado socialmente funcional. Por meio do uso da linguagem, ele é uma forma de auxiliar o aluno a estar preparado para enfrentar determinadas situações em que é preciso se posicionar diante de um certo tema. Dessa forma, quando o estudante entende e produz um artigo de opinião, além de desenvolver estilo de linguagem e adequação ao discurso, por exemplo, passa a ver o texto como um lugar em que é possível se manifestar, expor seu ponto de vista, reclamar, opinar sobre determinado assunto, seja de ordem pessoal ou coletiva. Nesse sentido, o aluno tem a possibilidade de atuar como sujeito nas práticas discursivas que permeiam a sociedade, nas mais diferentes esferas do conhecimento, desenvolvendo, o seu lado cidadão.

Ao analisar a última figura, é possível perceber que os textos avaliativos se subdividem em responsivos e argumentativos, sendo o segundo grupo o que mais nos interessa, pois nele se encaixam os artigos de opinião, que podem ser, por sua vez, de dois tipos diferentes: exposição e discussão. O primeiro defende um único ponto de vista durante todo o texto, enquanto o segundo promove a discussão de dois ou de mais posicionamentos.

Seja por um caminho ou por outro, busca-se um posicionamento visando à sustentação de uma ideia. Isso acontece porque esse gênero tem como propósito apresentar o ponto de vista (denominado tese) do autor em relação a um tema ou polêmico, ou de interesse social. Ao invés de simplesmente apresentar uma questão em si, o autor defende um determinado ponto de vista sobre ela por meio de argumentos, os quais devem ser fortes e convincentes para provocar ou aumentar a adesão do interlocutor às ideias apresentadas (PERELMAN, 1988), como veremos mais à frente quando explorarmos a argumentação em si. Assim, não

restam dúvidas de que, aqui, ter conhecimento sobre o tema é fundamental para escrever, pois, sem ele, não há como sustentar uma opinião, como já afirmavam Faraco e Tezza (1992).

Alinhamo-nos à perspectiva de Martin (1992) ao entender que as características do contexto de produção (enunciador, assunto, propósito comunicativo) orientam o formato de escrita do artigo de opinião. Geralmente, ele tem um espaço físico limitado, ocupando, normalmente, no máximo, a extensão de uma página, é apresentado na seção destinada a opiniões e é publicado semanal, quinzenal ou mensalmente.

Como bem destaca Antunes (2006, p. 46), “quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo”. Ou seja, em se tratando de um artigo de opinião, o articulista pode privilegiar uma linguagem mais comum ou mais trabalhada, isto é, pode escolher entre uma sintaxe mais acessível, com palavras, expressões e construções mais corriqueiras, ou pode se distanciar de tudo isso. Quem influencia diretamente essas escolhas são os contextos, de cultura e de situação, vistos anteriormente.

Seguindo ainda os preceitos da teleologia martiniana (1992) de que devemos seguir estágios com propósitos bem definidos e orientados para fins específicos, podemos pensar em diversas etapas para organizar um artigo de opinião. Embora existam várias formas de estruturá-lo, é comum eles apresentarem os seguintes elementos (PERFEITO, 2007):

- 1) contextualização do tema a ser trabalhado;
- 2) apresentação do posicionamento assumido;
- 3) uso de argumentos para embasar a postura assumida;
- 4) consideração de posicionamentos divergentes e antecipação de possíveis argumentos que vão de encontro à postura assumida;
- 5) emprego de argumentos que neguem a opinião contrária;
- 6) Retomada da ideia defendida inicialmente;
- 7) Chances de negociação;
- 8) Conclusão (ênfase ou retomada da tese defendida).

No entanto, não se pode esquecer de que não há uma ordem específica para esses elementos se organizarem. Aliás, nem todos precisam estar presentes: como visto anteriormente, tudo depende das necessidades do autor do texto e do contexto de situação, o que torna esses estágios flexíveis,

Dentre as características do gênero que valem a pena destacar quando o assunto é artigo de opinião, Bräkling (2000) aponta, dentre outras: o emprego majoritário da terceira

pessoa do discurso, o uso do presente do indicativo – ou do subjuntivo – na apresentação do tema, o uso de operadores argumentativos para garantir a coesão textual e orientar a sequência do discurso (mas, portanto, além disso) e o uso de vozes externas. Ou seja, embora o articulista se coloque como uma autoridade diante do que diz, muitas vezes, ele busca essa última estratégia para validar seu posicionamento, dando maior credibilidade ao que é dito.

A identificação do discurso do outro é, portanto, imprescindível quando lidamos com o ensino desse gênero, devendo ocupar espaço nas discussões em sala de aula. Uma maior reflexão sobre esse aspecto leva o aluno a perceber que circulam, no cotidiano, diferentes discursos e que as várias vozes em um mesmo texto representam, na verdade, o debate socialmente construído sobre o assunto abordado.

Logo, é correto afirmar que artigo de opinião, ao ser “escolarizado”, possibilita ao aluno uma concepção mais crítica da vida real, o que colabora com sua formação cidadã. Ao trazer suas experiências de mundo e de sociedade, ele pode, então, questionar, recusar ou aceitar valores. Tudo isso, sem dúvidas, contribui com o seu processo de formação e com a construção da sua identidade ao promover uma ressignificação de relações consigo, com o outro e com o mundo (Bräkling, 2000).

### **4.3 O gênero redação escolar**

Não é novidade que escrever é, ou deveria ser, uma prática comum na vida escolar dos jovens brasileiros, tendo até mesmo uma disciplina específica para esse fim desde muito cedo. Se no Ensino Fundamental há espaço para as mais variadas formas de manifestação escrita – quadrinhos, poemas, textos publicitários, crônicas, artigos de opinião –, visando, inclusive, ao desenvolvimento da criatividade individual, no Ensino Médio, por sua vez, predomina um outro texto, a redação escolar, mais conhecida como dissertação-argumentativa, cuja produção tem como objetivo fazer com que os alunos apresentem um ponto de vista articulado, empregando ideias, conceitos e também conhecimentos linguísticos adquiridos ao longo da vida estudantil.

Ao refletir posicionamentos ideológicos que fazem parte do diálogo entre o aluno, a proposta de redação e o mundo que o cerca, entendemos que esses textos devem ser vistos como respostas à situação social em que são produzidos e como formas de ação social, já que

a partir delas mobiliza-se o conhecimento necessário para produzir um determinado texto que cumpra uma função social específica.

Sob esse viés, defendemos que as redações, incluindo as de alunos concluintes do Ensino Médio, por exemplo, parte do *corpus* desta tese, constituem-se como um gênero textual, tendo em vista alguns fatores:

1) ser produzido em uma situação comunicativa determinada – na sala de aula, nos tempos dedicados à Produção Textual, ou em casa, em situação de aprendiz, sobre um tema dado, em um modelo específico, para ser enviado ao professor.

2) haver escritores (alunos) e leitores (professores);

3) construir-se com base em um modelo composicional específico – texto dissertativo-argumentativo em prosa, de no máximo 30 linhas, sobre um tema previamente estabelecido;

4) buscar cumprir, principalmente nos últimos anos escolares, uma função social bem delimitada: fazer com que o aluno exprima seu ponto de vista, treinando a escrita para o ENEM, o maior vestibular do país e a principal forma de ingresso nas universidades, o qual exige exatamente esse tipo de escrita.

Embora, para muitos, a elaboração de textos dissertativo-argumentativos em aula possa parecer artificial, falsa,

no contexto da escola, especificamente nas aulas de redação, essa é a situação comunicativa que se impõe (portanto, nesse contexto, torna-se real, com forma e função definidas). Nela, os interlocutores estão presentes: está presente também tudo o que o locutor representa – um segmento social, uma religião, uma geração, uma faixa etária –; existem um projeto e um contrato de comunicação, esse último com regras muito mais rígidas e claras que aquelas que costumam reger os contratos dos gêneros fora da escola.

A redação escolar é uma realização linguística concreta, um texto empírico que cumpre a função de ser instrumento de prática de língua escrita, para o aluno, e de avaliação do desempenho linguístico daquele nos planos comunicacional e formal, para o professor. É um texto vinculado à vida cultural e social, o que o relaciona com o real, mas de circulação restrita ao âmbito da escola e, em alguns casos, da família. (DUTRA, 2007, p. 61)

Ampliando as discussões, é correto afirmar que a redação pode ser considerada um gênero exatamente por causa da superação e da ampliação da esfera comunicativa dessa espécie de texto. Ou seja, embora esteja mais vinculada ao domínio discursivo escolar, como Dutra (2007) nos mostra, ela ultrapassa os muros da escola, consolidando-se como um gênero efetivo nas práticas sociais vigentes.

A verdade é que ela deixa de ser “escolar”, por sair do contexto da escola, passando a funcionar em contextos de concurso, mas continua sendo “redação”. Além do próprio vestibular, basta pensarmos nas provas de seleção para colégios, estágios, intercâmbios e

empregos: a redação dissertativo-argumentativa é a preferida. Quase todos os concursos públicos, por exemplo, privilegiam esse texto, o qual passa a ocupar uma posição de destaque, consolidando seu uso como prática linguística socialmente situada.

A principal função da redação é levar o autor a dissertar e argumentar. Nessa dissertação-argumentativa, é esperado que haja um posicionamento diante de questões sociais, culturais, filosóficas, políticas, dentre outras, passando esta, então, a ser uma forma de “interpretar, analisar, relacionar fatos, informações e conceitos gerais, a fim de construir argumentos em favor de uma determinada tese” (XAVIER, 2010, p. 14). Para tanto, é preciso que o autor esteja ciente, pelo menos, das características principais do gênero – para diferenciá-lo de outros.

O quadro a seguir faz um breve resumo e nos ajuda na distinção entre o artigo de opinião e a redação (dissertação-argumentativa), gêneros-*corpus* desta pesquisa:

Quadro 21 – Artigo de opinião X Dissertação-argumentativa

<b>Artigo de opinião</b>	<b>Redação/dissertação-argumentativa</b>
Título persuasivo e/ou polêmico	Título não obrigatório <sup>34</sup>
Texto assinado	Texto sem assinatura
Linguagem conotativa com uso de ironia, sarcasmo, ambiguidade.	Linguagem denotativa
Uso da 1ª do singular ou do plural	Uso preferencial da 3ª pessoa
Pessoalidade / subjetividade	Impessoalidade / objetividade
Extensão variada	Extensão de 25 a 30 linhas
Interlocutor específico ou universal	Interlocutor universal

Fonte: A autora, 2022.

Embora se tratando ambos de textos em prosa, vale destacar que a divisão em parágrafos na redação, visa delimitar, claramente, seu início, meio e fim. Na primeira parte, resume-se o tema a fim de que o leitor tenha uma noção inicial, introdutória mesmo, do que será abordado e apresenta-se o posicionamento central a ser defendido – conhecido como tese. Há quem defenda também a clássica apresentação dos argumentos nessa etapa, como

<sup>34</sup> De forma geral, esse critério costuma variar de acordo com o professor, com a escola ou com a banca que avaliará o texto produzido.

forma de orientar o que será abordado no texto. No desenvolvimento, amplia-se o tema de forma progressiva, utilizando dados, fatos e informações para fortalecer o que se defende. Por fim, encerrando a sequência de ideias debatidas ao longo das linhas, costuma-se ratificar a tese, apresentando ou não alguma proposta de intervenção social, como o próprio ENEM exige.

Ampliando as discussões, Costa Val também afirma: “não se pode duvidar que a redação escolar é um gênero”, pois, assim como o resumo, a prova, o questionário ou dever de casa, por exemplo, define “padrões para ações recorrentes no funcionamento cotidiano da escola” (2016, p. 69). No entanto, concordamos com a autora quando ela afirma que hoje “a redação escolar não propicia ao aluno desenvolver-se como sujeito autor”, mas, muitas vezes, o leva a “renunciar à sua individualidade e à sua subjetividade” (COSTA VAL, 2016, p. 71). Essa é uma verdade quase universal que fica clara ao observarmos no que se transformaram as aulas de produção textual no Ensino Médio (e por que não de Ensino Fundamental também?) no Brasil.

Se as aulas de Produção Textual, durante toda a vida escolar, deveriam ser um lugar para explorar a produção textual em suas mais variadas formas orais e escritas, o que podemos perceber é que, quando se chega ao Ensino Médio (ou já no final do EF II), graças ao vestibular, tudo muda. Problemas podem existir em qualquer segmento escolar com, por exemplo, práticas desorientadas e visões deturpadas no que tange ao ensino de língua materna, principalmente, devido à postura adotada pelo docente, como visto no início deste trabalho. No entanto, o que queremos destacar aqui é a escrita mecânica predominante nos últimos anos nas salas de aula brasileiras, principalmente da escola privada, que acaba deixando de ser um lugar de manifestação individual, de “libertação” das palavras e passa a ser apenas um lugar de treino, que visa a apenas um objetivo: a nota satisfatória no Exame Nacional do Ensino Médio, e até mesmo a nota 1000.

Todos os anos, o ENEM ganha uma grande repercussão nacional tanto pelo número de inscritos quanto pelas polêmicas que envolvem a prova. Quando criado, em 1998, ele apenas buscava verificar o domínio de habilidades e competências de alunos concluintes da Escola Básica, mas foi em 2010 que a prova se tornou forma de ingresso às principais universidades do país: em dois dias de prova, os candidatos realizam 180 questões (90 por dia) e produzem uma redação – o item mais valorizado no exame devido à sua pontuação. A nota alcançada nessa produção é, na maioria das vezes, determinante para alcançar a vaga desejada, sobretudo nas carreiras mais concorridas, como Medicina, Direito ou Engenharia, fazendo

com que a redação ganhe ainda mais força por ser o único espaço da prova em que o aluno poderia, de fato, mostrar-se.

Para conseguir uma boa nota na produção textual, é importante compreender quais são as competências exigidas e o que será levado em consideração pelos avaliadores. No concurso, pede-se a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo (ou seja, uma redação escolar), sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política, o qual será avaliado com base em cinco competências (INEP, 2020) que os alunos devem – ou deveriam – desenvolver durante a Educação Básica. Cada um desses critérios avaliativos varia de zero a duzentos pontos e baliza todo o trabalho feito em sala de aula.

O primeiro deles envolve o domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. Isso significa observar a correção gramatical, usar as palavras com precisão e evitar marcas de oralidade. É a partir dele que são avaliadas as normas linguístico-gramaticais aprendidas durante a formação escolar, por exemplo, a grafia das palavras, os sinais de pontuação e as regras morfosintáticas.

O segundo aspecto a ser avaliado na construção do texto tem relação com o entendimento do tema e o uso da tipologia textual dissertativo-argumentativa. Muito mais do que apenas expor ideias, aqui se avalia a construção do posicionamento do aluno frente à proposta apresentada, valorizando a aplicação de conceitos de diversas áreas do conhecimento. Para isso, estratégias argumentativas como exemplos, dados estatísticos, pesquisas, fatos, citações, alusões históricas e comparações são bem-vindas, permitindo que o aluno desenvolva uma argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo. Isso permite fugir do senso comum e construir autenticidade textual por meio da “autoria”<sup>35</sup>.

O terceiro quesito avaliativo destaca a coerência textual. É o que faz com que o texto faça sentido para o leitor. Nesse critério, avalia-se como opiniões, fatos, informações e argumentos são selecionados e organizados ao longo da construção textual. Tal competência trata, pois, da inteligibilidade do texto, da relação de sentido entre suas partes e de sua relação com o mundo real num processo cooperativo entre quem escreve e quem lê.

Já a coesão textual, como quarta competência, é o modo como o texto está estruturado semanticamente e cuja relação de sentido se mostra na superfície da linearidade textual (HALLIDAY; HASAN, 1976). Nesse sentido, um grande cuidado com a estruturação dos

---

<sup>35</sup> O conceito de autoria, no âmbito da avaliação do Enem, será considerado no que diz respeito a dois aspectos: à fuga do senso comum e à não vinculação do texto produzido somente a informações presentes nos textos da coletânea que compõem a prova de redação.

parágrafos, dos períodos e com o processo de referenciação é recomendado para evitar frases fragmentadas que prejudiquem a estrutura lógico-gramatical do texto e a repetição ou a substituição inadequada de palavras.

Por último, está o critério que avalia a capacidade crítica do aluno de encontrar possíveis soluções para problemáticas de ordem social, política, econômica apresentadas no tema. A proposta de intervenção, além de estar coerente com o texto e ser detalhada, precisa respeitar os direitos humanos, não rompendo com valores como cidadania, liberdade, solidariedade e diversidade cultural.

Questionada por uns, aclamada por outros, não podemos negar que a forma como o texto no vestibular ENEM hoje é avaliado busca considerar aspectos diversos da formação do estudante. Diante da situação de prova, de avaliação, espera-se que o aluno tenha a capacidade de expressar suas ideias de forma organizada, argumentando e opinando criticamente sobre um determinado assunto da esfera político-social.

No entanto, a produção que deveria considerar as particularidades de cada aluno, inclusive a autoria, como citado na competência II, leva a um outro cenário, muito grave, presente nas salas de aulas de colégios e de cursinhos espalhados pelo Brasil: alunos “robôs” seguindo uma fórmula, um modelo de escrita considerado eficiente – até mesmo copiados de redações nota 1000 divulgadas – para conseguir uma nota alta e, conseqüentemente, ingressar no Ensino Superior.

A verdade é que a estética do Ensino Médio foi alterada por causa desse exame, que passou a orientar todo o trabalho docente. É como se tudo que fora feito antes na vida escolar ficasse em segundo plano. Não há, de forma geral, mais espaço para a criatividade (para o aluno ser, de fato, autor do seu texto), para a manifestação de um pensamento próprio, inclusive confrontando opiniões, como foi antes abordado ao tratar do gênero artigo de opinião. Muitos escrevem religiosamente quatro parágrafos para “agradar” a banca de avaliação. A situação fica ainda pior quando vemos, não raramente, professores motivando textos-padrão (os famosos “caveirões”), fórmulas de escrita para várias partes do texto ou “decoreba” de frases célebres para serem “jogadas” no texto, independentemente do tema a ser discutido, ofuscando, então, a pluralidade de pensamento e a identidade diversa dos jovens, não permitindo, como nos antecipou Costa Val (2016), que eles se expressem como verdadeiros sujeitos-autores.

Esse formato pode até ter seu lado útil quando “prepara” o aluno para a prova do ENEM e para outros exames seletivos, sendo a salvação, por exemplo, para quem tem dificuldade de se expressar ou alguma espécie de bloqueio com a escrita. Todavia, essa escrita

não contribui para a construção da autoria no processo de escrita, deixando claro que é preciso que a escola vá além das estratégias de mecanização. Estas só servirão na hora da prova. Atingindo esse objetivo, fica a pergunta: como o aluno lidará com a escrita na vida, na universidade, no mundo do trabalho? De nada adianta alcançar uma nota máxima no vestibular, mas não conseguir se expressar de forma eficiente em outros contextos comunicativos. Nem precisamos ir tão longe: basta ver o desespero de alunos concluintes do EM quando precisam prestar vestibular para uma universidade que exija um texto diferente do padrão ENEM, como acontece na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), na Pontifícia Universidade Católica (Puc) ou na Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest).

A escrita, nesses moldes fechados, então, acaba funcionando como um desserviço à comunidade escolar por ir de encontro a todo o trabalho mais lúdico, criativo, explorador, autoral feito no Ensino Fundamental I e II. Por isso, mesmo que o gênero em questão imponha padrões sociocomunicativos (MARCUSCHI, 2008), não podemos fazer dele o único objetivo da escrita na escola. É preciso orientar os estudos para a produção desse gênero na escola na direção de uma escrita “verdadeira”, com um propósito a ser atingido e tendo em vista um leitor constituído; uma escrita que tenha, de fato, um autor e que não reproduza a voz do senso comum, até porque é possível atender às competências do vestibular, saindo do “quadrado”, da “receita de bolo” que prevê seu início e seu fim, não coibindo uma escrita autêntica.

Na rede pública, o cenário piora. Muitas vezes, sequer há o ensino da produção textual. Muitos professores, infelizmente, subjagam a capacidade de seus alunos, não têm paciência para um trabalho sério que desenvolva essa habilidade ou não querem ter mais trabalho em casa para corrigir e, por isso, acabam não explorando como deveriam o trabalho com a escrita. Quando este acontece, vê-se, muitas vezes, uma escrita solta, descompromissada das situações da vida prática fora da escola, reafirmando uma crise sem igual no ensino público das grandes cidades brasileiras.

Sob esse viés, concordamos com Afrânio Barbosa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando ele diz que o trabalho com a Língua Portuguesa deve

compreender seu funcionamento hoje e no passado, em um processo dinâmico de capacitação dos alunos para a produção de textos orais e escritos os mais variados. Falamos do aprimoramento de uma habilidade a servi-los tanto na eficiente concatenação dos tópicos para uma atividade em sala de aula quanto para uma reunião de negócios em seus futuros empregos; tanto para redação em um vestibular que venham a prestar quanto para a elaboração de relatórios técnicos em suas

profissões vindouras. Falamos do aprimoramento que, pouco a pouco, conduz o alunado à formação do seu próprio estilo de escrever cartas, diários, páginas eletrônicas. (BARBOSA, 2014, p. 31)

As palavras do professor revelam uma prática de ensino muito distante da realidade. De forma geral, não há espaço, nos encontros semanais, para relatórios, cartas, fichamentos ou páginas eletrônicas. Estes ficam apenas no imaginário, fazendo com que a disciplina considerada mais importante perca a essência, dando lugar a uma reprodução de modelos. Tudo bem: é preciso, sim, também focar no vestibular, ele faz parte de uma etapa da vida, mas nada justifica, por exemplo, o uso de termos não usuais na escrita (e muito menos na fala), como “outrossim”, “mitigar”, “urge” ou “destarte” com a justificativa de que fogem ao comum e deixam o texto mais culto, mais bonito, diferente.

Não restam dúvidas, então, de que, embora a redação escolar seja um gênero por estabelecer um padrão de estrutura composicional e cumprir uma função social, é preciso repensar não só o direcionamento dado pelo professor a esse texto como também os próprios moldes do vestibular em prol de uma escrita mais crítica e autêntica, que forneça aos alunos a oportunidade de conciliar o estilo do gênero ao seu próprio estilo (COSTA VAL, 2016).

#### 4.4 Sequências textuais

Ao abordar questões envolvendo gêneros e suas construções, não há como não abordar o conceito de sequências textuais, já que ambos os conceitos são interdependentes em termos de organização textual a ponto de serem, muitas vezes, confundidos por alunos e professores de língua. Assim, a fim de garantir uma análise mais ampla e cautelosa sobre o assunto, apresentamos e comparamos a perspectiva defendida por três autores.

Jean Michel Adam (1992) nomeia o que Marcuschi (2008) chama de *tipos textuais* como *sequências textuais* por compreender que diferentes tipos podem aparecer em um mesmo texto, significando que ele seria composto por diferentes sequências. Charaudeau (2008), por sua vez, emprega outra nomenclatura – modos de organização do discurso. Por mais que possa haver vários desses segmentos, independentemente da nomenclatura, em apenas um texto, sempre existe aquele que é predominante, cuja presença aparece de forma

marcante, espelhando o objetivo comunicativo de seu produtor de narrar, descrever, argumentar, instruir etc.

De acordo com Adam (1992), os gêneros são componentes da interação social, enquanto a sequência é um plano de organização textual presente na formação dos gêneros do discurso. Segundo ele, a sequência pode ser definida como “uma rede relacional hierárquica em grande medida decomponível em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem” (ADAM, 1992, p. 28). Para ele, há cinco sequências textuais: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. No entanto, antes de chegar a essa conclusão, o autor ainda faz menção a outras duas sequências: a injuntiva e a poética, que apenas foram retiradas do primeiro rol porque ele entendeu a primeira como parte da descrição e a segunda como um resultado de ajustes de superfície do texto.

Para Marcuschi (2008), são cinco as bases textuais típicas, que dão origem a cinco tipos textuais. Essas bases são: *descritiva, narrativa, expositiva, argumentativa e injuntiva*. O autor, na obra “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, de 2002, cita Werlich, que já falava dessas cinco categorias em 1975 e defende que esses tipos textuais são uma espécie de construção teórica definida pela sua composição linguística típica, considerando-se seus aspectos lexicais e morfossintáticos. Em suas palavras, “O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Já para Charaudeau (2008), a organização da matéria linguística acontece a partir de modos diferentes de organização do discurso, os quais vão depender da finalidade comunicativa do falante: enunciar, descrever, narrar e argumentar. O estudioso, referência nos estudos da Análise do Discurso Francesa, concorda com os outros autores quando afirma que esses modos se interpenetram, não estando, assim, completamente separados uns dos outros. Ele propõe que “os gêneros textuais tanto podem coincidir com um modo de discurso que constitui sua organização dominante quanto resultar da combinação de vários desses modos” (CHARAUDEAU, 2008, p. 79).

Assim, é possível perceber que esses três estudiosos – Adam, Marcuschi e Charaudeau – desenvolvem pesquisas bastante importantes sobre as estruturas dos textos, entretanto fazem uso de denominações diferentes em referência aos constructos abordados por cada um, conforme resume o quadro seguinte:

Quadro 22 – Comparativo das visões de Adam, Marcuschi e Charaudeau

<b>ADAM (1992): Sequências textuais</b>	<b>MARCUSCHI (2002): Tipos de texto</b>	<b>CHARAUDEAU (2008): Modos de organização do discurso</b>
Narrativa Descritiva Argumentativa Explicativa Dialogal	Narrativo Descritivo Argumentativo Expositivo Injuntivo	Enunciativo Descritivo Narrativo Argumentativo

Fonte: A autora, 2022.

Embora se trate de terminologias distintas, pois elas pertencem a teorias diferentes, todas não deixam de funcionar como um modo de organização do texto (AZEREDO, 2008). Nesta tese, assumiremos a nomenclatura sequências textuais, visto que ela é a abordada na Base Nacional Comum Curricular. No entanto, é válido ressaltar que, embora essa seja a nomenclatura utilizada, as cinco sequências citadas pelo documento, no geral, fazem referência aos nomes empregados por Luiz Antônio Marcuschi, como mostra a segunda coluna do quadro anterior.

Atentos a isso, passaremos agora a uma breve descrição de cada uma dessas sequências textuais citadas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Entende-se por *sequência narrativa* aquela que tem por objetivo narrar, relatar, contar um fato ou um acontecimento. Baseia-se em uma evolução de acontecimentos, mesmo que estes não mantenham relação de linearidade com o tempo real. Sendo assim, está pautada em verbos de ação e conectores temporais.

A *sequência descritiva* é aquela que se refere à descrição de objeto, pessoa, cena ou situação estática, ou seja, um tempo a ser considerado. Descrever é desenhar com palavras determinada imagem, de modo que a mesma possa ser visualizada pelo leitor em sua mente. Sua escolha para a construção de um texto está ligada ao objetivo de guiar o olhar do leitor, ressaltando determinados detalhes do objeto descrito, por meio de procedimentos que são determinados pelo objetivo que o enunciador busca alcançar e o efeito que deseja produzir.

Já a *sequência expositiva* apresenta um saber, muitas vezes, construído e legitimado, ou um saber teórico. Transmite informações, expõe, reflete sobre, explica e avalia ideias de modo objetivo. A exposição apenas retrata ideias sobre um determinado assunto com a intenção de informar e esclarecer, como fazem os verbetes de dicionário.

Por sua vez, entende-se por *sequência injuntiva* aquela que ensina como realizar uma ação. Também chamada de instrucional, leva o leitor a mais que uma simples informação,

sendo capaz de instruí-lo, guiá-lo. Seu objetivo é levar o interlocutor a seguir determinada orientação, como nas regras de jogo, nos manuais de instrução. Suas principais marcas são uma linguagem objetiva, simples e o emprego de verbos, na sua maioria, no modo imperativo, embora também possa haver o uso do infinitivo e o uso do futuro do presente do modo indicativo.

Por último, a *sequência argumentativa* tem como propósito convencer alguém para que este tenha a opinião ou o comportamento alterado. Segundo Azeredo (2008, p. 88), “a argumentação consiste no encadeamento de proposições com vista à defesa de uma opinião e ao convencimento do interlocutor”. Argumentar é agir por meio da linguagem, de modo que as palavras virem ações (CITELLI, 2006).

Tomando como base os textos que formam o *corpus* deste trabalho, fica claro que ambos, mesmo atendendo a gêneros diferentes, caracterizam-se como predominantemente argumentativos. Por isso e para entender melhor o seu funcionamento, a seguir, aprofundaremos um pouco mais a abordagem do que seja “argumentação”.

#### 4.5 Argumentação

Nas palavras de Souza (2001, p. 157), “argumentar é um ato que visa provocar em um auditório, por meio de um enunciado ou um conjunto de enunciados, uma relativa adesão a um outro enunciado (tese, conclusão ou inferência) deduzida a partir do primeiro”. Partindo dessa definição, nosso objetivo é, por meio de autores diversos, alargar os horizontes acerca do texto argumentativo, indo além da abordagem tradicional de que argumentar é simplesmente elaborar uma tese e argumentos para defendê-la.

De início, vale destacar que a argumentação, para alguns estudiosos, assume um papel protagonista, estando presente em todos os textos, tenham eles estrutura majoritariamente argumentativa ou não. Nas palavras de Koch e Fávero (1987, p. 9):

num *continuum* argumentativo, podem-se localizar textos dotados de maior ou menor argumentatividade, a qual, porém, não é jamais inexistente: a narrativa é feita a partir de um ponto de vista; na descrição, selecionam-se os aspectos a serem representados de acordo com os objetivos que se têm em mente; a exposição de ideias envolve tomadas de posição (nunca se tem a coisa em si, mas como ela é vista por alguém) e assim por diante.

Essa abordagem pode ser ainda ratificada ainda pelas ideias de Breton (2003) ou pelo pensamento de Oswald Ducrot, criador da teoria da argumentatividade na língua, que nos apresenta a descrição da língua associada ao seu uso. Para a TAL (Teoria de Argumentação na Língua), proposta por ele, “a argumentação está na língua” (DUCROT, 1989, p. 16), sendo, dessa forma, constitutiva do sistema linguístico, e a possibilidade de descrição semântica desses segmentos é a comprovação disso.

Mais que isso: a argumentação também é:

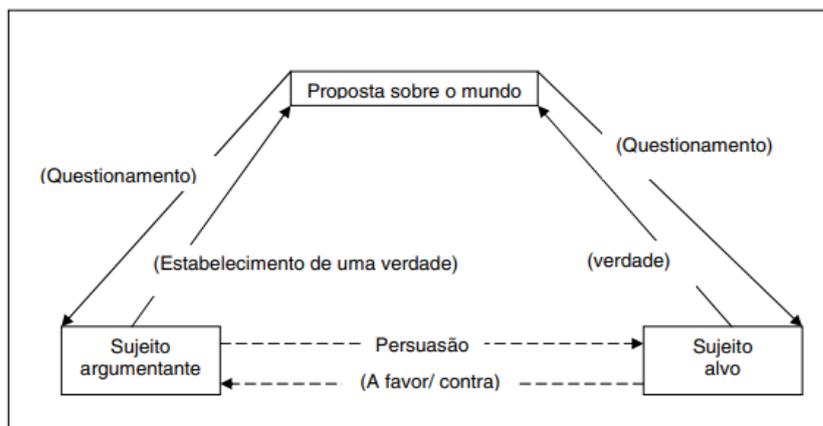
(...) constitutiva do sentido de tudo o que dizemos por meio de uma dada língua. Ou seja, só podemos dizer o que dizemos e, com isso, fazer nosso interlocutor reagir, porque o que dizemos é essencialmente argumentativo, tem a argumentação inscrita no próprio sistema linguístico que usamos para dizer (AZEVEDO, 2011)

Nessa perspectiva, embora não seja o foco específico deste trabalho, que considera textos estruturalmente argumentativos, é necessário reconhecer que não há textos neutros. "A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende 'neutro', ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade” (KOCH, 2000, p.19).

Em outras palavras, não existe produção pura e homogênea, mas, como bem afirma Adam (1992, p. 11), o texto “é uma estrutura de sequências heterogêneas, complexas, na qual podem figurar sequências de tipos diversos, ou uma sequência de tipo dominante”.

Patrick Charaudeau (2008), linguista francês e especialista em Análise do Discurso (AD), amplia a discussão sobre o texto argumentativo ao defender a ideia de que existem algumas condições para ele acontecer: uma perspectiva de mundo que gere questionamento quanto à viabilidade de uma proposta, um indivíduo que desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer a legitimidade da proposta e um outro indivíduo que atue como alvo da argumentação. Com esses elementos, o autor esquematiza suas ideias, conforme o quadro a seguir, deixando claro que argumentar é uma via de mão dupla, pois depende tanto de quem argumenta quanto de quem recebe essa argumentação e produz uma resposta a partir dela.

Quadro 23 – Relação entre sujeito argumentante, proposta e sujeito-alvo



Fonte: CHARAUDEAU, 2008, p. 205.

Nesse sentido, para haver argumentação, não basta que se emitam opiniões sobre o mundo a nosso redor. Todo discurso, segundo o estudioso (CHARAUDEAU, 2008, p. 221), pode ser argumentativo a partir do momento em que: for oriundo de uma proposta (Tese), passar por uma proposição (quando o indivíduo justifica a tese, pondera sobre ela ou vai de encontro a ela) e chegar até à persuasão do interlocutor (com a exposição de provas para refutar, justificar ou ponderar).

Quanto a esse ponto de chegada, Othon Moacyr Garcia, no livro *Comunicação em Prosa Moderna*, usa outra nomenclatura. Logo no início do capítulo 4, ele defende que “Argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente” (GARCIA, 2010, p. 380). Como é possível notar, o verbo “persuadir” não é usado, mas “convencer”. Teriam os dois o mesmo significado? Embora usados, muitas vezes, na vida prática, como sinônimos,

No campo da argumentação, faz-se necessário distinguir *convencer* de *persuadir*. No primeiro caso queremos que o autor pense como nós. No segundo, que aja como nós. Abreu (1999:25) destaca que “CONVENCER é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando”, enquanto que “PERSUADIR é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro”. [...] Em síntese, ao convencer uma pessoa, mudo o seu pensamento; ao persuadir, levo-o a alterar sua prática (VALENTE, 2011, p. 52).

Koch (2009) também diferencia *convencer* de *persuadir*, dizendo que o convencimento é dirigido a um público universal, enquanto o ato de persuadir dirige-se a um público particular. O convencimento busca trazer a certeza por meio da razão, já a persuasão utiliza argumentos que podem levar a inferências, mas não a verdades absolutas.

Enriquecendo o debate, Philippe Breton, no livro “A argumentação na comunicação”, explica que “[...] o público, após o ato argumentativo, não dispõe simplesmente de uma opinião ‘a mais’ sobre o que ele pensava, mas precisa mudar seu ponto de vista ou até sua visão de mundo, ao menos partes desta visão que estão ligadas ao argumento representado” (BRETON, 2003, p. 34).

Após essa análise, não é preciso muito para notar que o texto argumentativo, escrito na escola em diferentes gêneros e exigido no maior vestibular do país, está presente no cotidiano de todos, já que, a todo momento, cada indivíduo procura expor sua visão de mundo e provar que é a mais “correta”, a mais “adequada”. E é exatamente por utilizarmos a argumentação em tantas esferas sociais que concordamos com Breton (2003, p. 19) quando ele afirma:

(...) saber argumentar não é um luxo, mas uma necessidade. Não saber argumentar não seria, aliás, uma das grandes causas recorrentes da desigualdade cultural, que se sobrepõe às tradicionais desigualdades sociais e econômicas, reforçando-as? Não saber tomar a palavra para convencer não seria, no final das contas, uma das grandes causas da exclusão? Uma sociedade que não propõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira competência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática?

Mais que um raciocínio consistente, para argumentar, também é necessário provar as ideias que se defendem, e tal prova pode ser oferecida por meio de evidências, por meio de certezas manifestas, como já propunha Descartes. Segundo Garcia (2010, p. 381), “são cinco os tipos mais comuns de evidência: os  *fatos*  propriamente ditos, os  *exemplos* , as  *ilustrações* , os  *dados estatísticos*  (tabelas, números, mapas etc.) e o  *testemunho* .”. Apesar de os fatos serem considerados os recursos argumentativos mais importantes, cada um desses funciona como estratégia relevante na construção da argumentação, sendo o ponto crucial de análise deste trabalho, que visa analisar como esses mecanismos são empregados por alunos da Escola Básica.

Garcia (2010) explica, ainda, que é preciso pensar na “arquitetura” do texto para empregar essas estratégias adequadamente, de forma mais produtiva, o que gerará maior segurança para quem o produz e maior objetividade ao próprio texto. No caso da argumentação formal, ele nos apresenta um plano-padrão composto por quatro estágios, resumidos na figura a seguir:

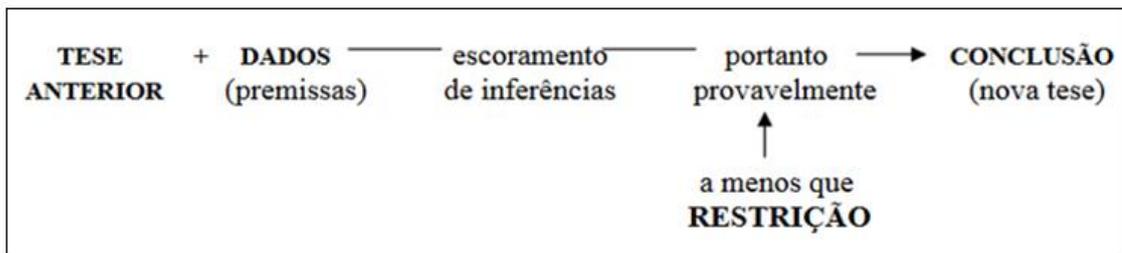
Quadro 24 – Plano padrão da argumentação formal



Fonte: A autora, 2021.

Além de Garcia (2010), Adam (1992) também já apresentava seu próprio esquema de organização da sequência argumentativa:

Quadro 25 – Esquema típico da sequência argumentativa



Fonte: ADAM, 1992, p. 118.

A Tese Anterior trata-se de uma conclusão inicial a qual pode se chegar a partir das primeiras informações (dados) fornecidas pelo texto. Os Dados referem-se aos argumentos que ancoram a conclusão. O Escoramento de Inferências, também chamado de Sustentação, refere-se aos princípios de base que dão sustentação aos dados. A Restrição diz respeito aos argumentos opostos que levam a uma conclusão não-C, isto é, contrária à conclusão esperada a partir do uso das regras de inferência. A Conclusão, também denominada Nova Tese é, como o nome mesmo já sugere, a conclusão ou tese defendida pelo locutor, a qual pode estar subentendida.

Por último, mas não menos importante, Koch e Elias (2016) nos lembram, retomando Ducrot, de que, em se tratando de argumentação, não podemos esquecer a importância dos chamados operadores discursivos. Eles ajudam não só na “arrumação” do texto, no

encadeamento de enunciados sucessivos, mas também são úteis para indicar a força argumentativa dos enunciados.

Ou seja, com o propósito de estabelecer a coesão, a orientação argumentativa e a coerência textual, esses operadores podem atuar em diferentes níveis da concatenação textual:

no da **organização global do texto**, em que explicitam as articulações das sequências ou partes maiores do texto. [...]  
 no **nível intermediário**, em se assinalam os encadeamentos entre parágrafos ou períodos. [...]  
 no **nível microestrutural**, em que indicam os encadeamentos entre as orações e termos da oração. (KOCH; ELIAS, 2016, p. 121). (grifo das autoras)

Em qualquer desses níveis, os usos adquirem funções diversas. Por exemplo: para somar argumentos, podemos usar *além disso, também, não só...mas também*; para introduzir um argumento que se opõe a outros, *mas, contudo, embora, ainda que, do contrário* são boas alternativas; para explicar, *graças a, uma vez que, porque, devido a*; para comparar, *assim como, por analogia, de forma idêntica*; para introduzir argumentos com ideia de prioridade, *sobretudo, primeiramente, antes de mais nada*<sup>36</sup>.

Assim, as ideias defendidas por Koch e Elias (2016) vão ao encontro das ideias dos systemicistas Halliday e Hasan (1976) quando estes defendem que a coesão no texto tem duas funções: ligação direta com o percurso do argumento e construção da representação estrutural do texto.

Embora haja caminhos e técnicas para ajudar na organização do texto, não há uma estrutura única possível: a argumentação deve atender aos padrões básicos dos gêneros argumentativos, mas mantendo uma margem de “liberdade” para o produtor do texto. Ao analisar tais perspectivas teóricas, não restam dúvidas de que argumentar é um ato complexo. Talvez seja por isso que há dificuldades em se lidar com essa atividade de linguagem na escola. Embora seja preciso explorar a capacidade de raciocínio dos alunos, pouco se teoriza sobre como chegar a isso (CHARAUDEAU, 2008).

Assim, o objetivo desta seção não é encerrar as discussões sobre argumentação e sobre a sequência textual argumentativa. Pelo contrário: nosso propósito foi abordá-las a partir de uma diversidade de olhares a fim de ampliar os horizontes sobre aquele que é a base deste trabalho, o texto argumentativo, servindo de motivação para um maior conhecimento acerca da argumentação, que permeia todas as práticas de linguagem da vida cotidiana.

---

<sup>36</sup> Nossa intenção é apenas exemplificar, mas, em Koch e Elias (2016), é possível encontrar esses operadores argumentativos e tantos outros de acordo com as diversas funções que eles cumprem no texto.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

Cientes de que esta pesquisa se fundamenta na abordagem funcionalista, a qual prega a análise dos fenômenos linguísticos, considerando o sistema da língua em relação com o seu uso, temos um objetivo central muito bem delimitado. Nosso propósito é observar, sob a ótica da Teoria Sistêmico-Funcional, se ocorre inserção de vozes externas em textos de alunos nas séries finais do EF e do EM, como ocorre e qual é o papel cumprido por elas. Nesse sentido, o foco é analisar quais são as marcas léxico-gramaticais que ajudam na materialização das vozes alheias e investigar qual é a funcionalidade cumprida por elas em textos que, embora sejam de gêneros diferentes, apresentam a mesma base argumentativa. Assim, será possível saber se elas são bem empregadas e se convergem, ou não, para o fortalecimento das opiniões defendidas nesses textos.

Para tanto, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de base quali-quantitativa ou, segundo Creswell e Plano Clark (2011), de método misto: trata-se de um procedimento de coleta e análise de dados a partir da combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em um mesmo objeto de pesquisa. Entendendo as potencialidades e as limitações de cada técnica, acreditamos que a abordagem multimétodos, pautada na interação, oferece melhores possibilidades analíticas, possibilitando uma resposta mais concreta à questão proposta, já que retira o melhor de cada uma delas.

Tendo isso em vista, pretende-se analisar neste capítulo: a) o contexto escolar em que o *corpus* de pesquisa foi constituído; b) a motivação para a escolha do *corpus*; c) os procedimentos de coleta e de seleção dos textos; d) os procedimentos usados na análise das produções que constituem o *corpus* do trabalho.

### 5.1 Contexto escolar

A pesquisa foi realizada em uma escola particular, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, que oferece turmas do 1º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, em dois turnos. Indo além dos moradores do bairro em que se encontra, ela atende também a estudantes de diversos outros bairros próximos devido à tradição conquistada ao longo dos

anos – pois muitos estudantes são filhos e netos de ex-alunos – e à recorrência dos excelentes resultados e das aprovações em diversos vestibulares em nível nacional e internacional.

O corpo discente da escola, embora com ressalvas, é, de certa forma, homogêneo: alunos brancos, com boas condições financeiras e, por isso, com fácil acesso aos mais variados bens culturais – cinemas, teatros, exposições, viagens – desde cedo. Os que não têm esse perfil, são minoria: ou são negros, filhos de pais ascendentes economicamente, ou são filhos de funcionários que estudam com bolsa.

Vale destacar, ainda, que leitura e escrita fazem parte, desde muito cedo, da vida da maioria deles, se não em casa, na escola. Se em casa, também na escola. Encenações, leituras obrigatórias e atividades lúdicas, por exemplo, no horário escolar ou no contraturno, costumam fazer parte da rotina da instituição a fim de fomentar, nos alunos, uma bagagem cultural, um conhecimento voltado para uma formação completa, a qual vá além dos conteúdos escolares. Para isso, os alunos até o nono ano têm um total de 5 tempos de Língua Portuguesa e 2 de Produção Textual na grade semanal de aulas.

A equipe docente, por sua vez, é conhecida pela qualificação e pela experiência. No Ensino Médio, por exemplo, a maioria é formada em universidade pública, é mestre e alguns outros são doutores. Embora a titulação não seja sinônimo de ser um bom profissional, capaz, dentre tantas habilidades, de unir teoria e prática, esse fato, por si só, mostra o cuidado na seleção de quem está à frente da sala de aula. Cuidado esse que se perpetua com as formações continuadas: pelo menos duas vezes ao ano, em todos os segmentos, os professores participam de palestras, debates e cursos voltados à prática docente.

## 5.2 Motivação

Unir pesquisa acadêmica à prática escolar. Sem dúvidas, essa é a motivação central que orienta este trabalho. Além de pesquisadora, a autora é professora, atua na sala de aula da Escola Básica, na rede pública e privada, nas mais diversas séries, e acredita que toda pesquisa é útil, é funcional, no sentido de contribuir para melhorar a realidade escolar no que diz respeito às práticas de ensino-aprendizagem da língua materna.

Nesse sentido, concordamos com Bakhtin (2003) quando ele defende que essa estratégia de unir teoria e prática é positiva, pois permite uma maior reflexão não só sobre o próprio fazer pedagógico, como também contribui para que outros profissionais tenham a

mesma oportunidade de rever suas práticas e aprimorá-las. Como o próprio autor afirma, embora não seja uma tarefa fácil, existe a chance de “(...) tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 13).

Partindo desse cenário, escolhemos trabalhar com a produção textual de estudantes. Nada melhor do que utilizar a própria escrita dos alunos para analisar suas dificuldades e pensar em caminhos alternativos. Desde a dissertação de mestrado, intitulada “A organização temática nas redações do Enem: uma abordagem sistêmico-funcional”, o assunto escolhido para esta tese já nos inquietava.

Naquele momento, analisávamos a estrutura temática de redações produzidas no Enem. O objetivo era investigar como a presença de temas simples ou temas múltiplos influenciavam na construção do posicionamento e, conseqüentemente, na nota recebida pelo candidato no certame. Os resultados permitiram chegar à conclusão de que os textos bem avaliados, com notas acima dos 900 pontos, tinham, em sua maioria, temas múltiplos, ou seja, havia neles a presença de três significados: o ideacional, o interpessoal e o textual<sup>37</sup>. Embora o foco fosse outro, não havia como “fechar os olhos” para a realidade: os textos traziam muitas formas prontas de escrita, muitas vozes externas memorizadas para serem inseridas nos textos, as quais nem sempre conseguiam ser usadas, como se esperava, de forma pertinente, produtiva, para a construção de um posicionamento, revelando pouca ou nenhuma autonomia do autor da redação em relação a sua escrita.

Quanto à escolha pela instituição, ela se deu, basicamente, por três razões: a primeira se deve ao fato de ela contemplar as duas séries que gostaríamos de investigar, permitindo uma visão mais linear da formação desses estudantes com o passar dos anos. A segunda é que a autora deste trabalho faz parte da equipe docente da instituição, atuando à frente da disciplina de Produção Textual nas turmas de primeira série do EM, o que facilitou a comunicação com os colegas da equipe para o recolhimento dos textos que compõem o *corpus* desta tese. A terceira é que, graças à segunda, temos a chance de analisar até que ponto os alunos concluintes do ciclo escolar em uma escola particular elitizada estão, de fato, preparados para lidar com técnicas de produção escrita visando a objetivos específicos.

---

<sup>37</sup> A dissertação pode ser acessada de forma completa no seguinte link:  
[https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/6923/1/Ane%20Caroline%20Souza%20dos%20Santos\\_Dissertacao.pdf](https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/6923/1/Ane%20Caroline%20Souza%20dos%20Santos_Dissertacao.pdf)

### 5.3 Procedimentos de coleta e seleção dos textos

Em princípio, o primeiro procedimento para a coleta do *corpus* foi o contato com a coordenação e com a direção da instituição de ensino, as quais, após o entendimento da proposta, autorizaram o uso dos textos sem a exposição do nome da própria instituição e dos alunos. Com esse aval, o próximo ato foi o contato com os professores do 9º ano do EF e da 3ª série do EM, para explicar do que se tratava o estudo. Muito receptivos, eles aceitaram ajudar prontamente no desenvolvimento da pesquisa.

Assim começamos: os professores aplicaram em suas turmas uma mesma proposta de produção escrita, a partir dos mesmos textos de apoio. Entretanto, quanto ao gênero textual que deveria ser produzido, houve uma adaptação necessária devido ao planejamento diferente das séries em foco aqui: no nono ano do EF, artigo de opinião; na terceira série do EM, texto dissertativo-argumentativo (modelo Redação ENEM). Mesmo considerando as especificidades de cada um desses gêneros, eles têm muito em comum, graças à base argumentativa, o que, na nossa visão, não compromete o desenvolvimento da pesquisa. Afinal, a ideia não era fazer com que os docentes saíssem do seu programa anual para trabalhar algum ponto que estivesse fora do planejamento.

O tema explorado no texto produzido pelos alunos é amplo, de escolha e de elaboração da pesquisadora: “A relação do homem com o meio ambiente”. Foram selecionados cinco textos de apoio, de diferentes gêneros, apresentados a seguir, a fim de direcionar a produção do aluno:

**TEXTO 1**

<https://br.pinterest.com/pin/163677767689240480/>

**TEXTO 2**O que é sustentabilidade?

Em termos práticos, sustentabilidade significa suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. Na origem, sustentabilidade remete ao termo "sustentável", derivado do latim *sustentare*, que significa sustentar, defender, favorecer, apoiar, conservar e/ou cuidar.

O que é ser sustentável?

É simples: ser sustentável é utilizar e cuidar do que o mundo nos oferece para que não falte nada ao próximo, formando assim uma cadeia solidária que busca preservar da melhor maneira possível o meio ambiente. Em se tratando de pequenas ações, ser sustentável vai muito além da reciclagem e do plantio de árvores. É preciso rever hábitos do dia a dia, desde o consumo exagerado até a escolha de produtos de empresas que respeitem os recursos naturais em sua produção. Há diversas maneiras para começar ter atitudes sustentáveis: evitar o desperdício de alimentos, trocar o carro pelo transporte público ou a bicicleta; reduzir o consumo de carne; evitar o consumo de plástico; fazer o uso consciente da água e priorizar fontes renováveis de energia.

<http://www.uol.com.br/ecoa/fag/sustentabilidade.htm>

**TEXTO 3**

<http://artecult.com/o-criador-do-menino-de-cabelo-azul/>

**TEXTO 4**

Um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção, segundo o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema (IPBES). A plataforma da Organização das Nações Unidas (ONU) contou com 145 cientistas de 50 países, no que é considerado o relatório mais extenso sobre perdas do meio ambiente.

De acordo com os cientistas, a perda de biodiversidade não é apenas uma questão ambiental, mas também uma questão de desenvolvimento, econômica, de segurança, social e moral.

Três quartos do ambiente terrestre e cerca de 66% do ambiente marinho foram significativamente alterados por ações humanas. Em média, essas tendências foram menos severas ou evitadas em áreas mantidas ou gerenciadas por povos indígenas e comunidades locais.

Apesar das notícias não serem boas, o relatório aponta caminhos para uma mudança. Governos devem trabalhar em conjunto para a implementação de leis e produção mais sustentável.

Segundo o relatório, é possível melhorar a sustentabilidade na agricultura, planejando áreas de plantação para que elas forneçam alimentos e ao mesmo tempo apoiem as espécies nativas. Outras sugestões incluem a reforma de cadeias de suprimento e a redução do desperdício de alimentos.

Além disso, para preservar a vida marinha, o relatório sugere cotas de pesca efetivas, demarcação de áreas protegidas e redução da poluição que vai da terra para o mar.

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/05/06/um-milhao-de-especies-de-plantas-e-animais-estao-ameacadas-de-extincao-segundo-relatorio-da-onu.ghtml>. Adaptado.

**TEXTO 5****Pandemia e Meio Ambiente: Impactos momentâneos ou nova normalidade?**

*Desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia para a Covid-19, diversas tentativas de conter a disseminação do vírus foram propostas e implementadas, como, por exemplo, o isolamento social da população. A baixa atividade humana dos últimos meses gerou uma série de consequências e impactos, e, no tangente ao meio ambiente, muitas das mudanças foram positivas.*

O professor do Programa de Pós-graduação em Ecologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Fabrício Alvim Carvalho, afirma que as medidas de quarentena são positivas não só para a sociedade, mas para a fauna e flora silvestres. “É nítida a diminuição da exposição humana à poluição ambiental; conseqüentemente, diminuem-se também os problemas respiratórios relacionados. De certa maneira, também é positivo para a fauna silvestre, igualmente exposta a essas elevadas concentrações de gases.”

Possíveis explicações para a queda da poluição são a considerável redução no tráfego de automóveis e a inatividade de indústrias. Uma das maiores consequências ocorreu no norte do país, onde moradores conseguem ver o Himalaia – a 200 quilômetros de distância – pela primeira vez em 30 anos, além de também relatarem mais estrelas visíveis.

Essas mudanças ambientais, no entanto, são de teor temporário. São alterações de curto prazo, dependentes do que está acontecendo atualmente, sem uma garantia de durabilidade, conforme explica Carvalho. “Tenho uma visão muito cética e realista quanto aos problemas ambientais da humanidade. Eu não acredito, como especialista, que essa pandemia será o suficiente para romper esse paradigma de consumo exagerado, que é a principal causa de degradação da natureza”, observa.

<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/04/24/pandemia-e-meio-ambiente-impactos-momentaneos-ou-nova-normalidade/>

Adaptado.

O comando das propostas em si, tinha a seguinte estruturação:

**9º ano:**

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos seus conhecimentos de mundo, redija um artigo de opinião em norma padrão da língua portuguesa acerca da temática “*A relação do homem com o meio ambiente*”. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

**3ª série:**

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos seus conhecimentos de mundo, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa acerca da temática “*A relação do homem com o meio ambiente*”. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Dentre tantas temáticas relevantes na sociedade contemporânea, acreditamos que essa, além de permitir reflexões importantes sobre a nossa própria vida e sobre a forma como lidamos com o meio em que estamos inseridos, seria relativamente menos complexa em sua abordagem, por se tratar de um tema amplamente conhecido e discutido na escola e fora dela.

Partindo dessa ideia, as propostas foram apresentadas às turmas como tarefa de casa em setembro de 2021. Não houve nenhuma espécie de debate, de discussão acerca de ideias, de opiniões, de apontamentos que poderiam ser desenvolvidos ao longo da produção textual. Os gêneros já tinham sido trabalhados anteriormente e agora era hora de colocar, mais uma vez, em prática o que fora estudado. O tema foi postado na sala de aula virtual (*Google Classroom*) de cada série como uma “atividade”, com o prazo de entrega, pela mesma plataforma, de sete dias.

Diferentemente da rotina escolar em condições normais, a escola, assim como inúmeras outras espalhadas pelo Brasil, adotou, até o final de 2021, o sistema virtual para a entrega de textos, pois, devido à pandemia de Covid-19, ainda era possível ao aluno escolher se iria ou não frequentar as aulas no formato presencial, e esse seria o jeito mais fácil de receber e organizar as produções de texto dos estudantes.

Do total de textos produzidos, 60 foram escolhidos aleatoriamente para o desenvolvimento desta pesquisa, sendo 30 do nono ano do EF (Texto 1 até 30) e os outros 30 de alunos do terceiro ano do EM (Texto 31 até 60) – o correspondente a uma turma de cada série. Nenhum deles sofreu qualquer alteração, apresentando, todos, a escrita original.

#### **5.4 Procedimentos de análise**

De forma geral, a análise dos textos que compõem nosso *corpus* seguiu as seguintes etapas:

1. identificação, em um quadro, da estrutura responsável pela inserção da voz externa, destacando, com um sublinhado, a oração ou o grupo responsável por essa inserção.

No caso do complexo oracional:

2. análise das relações lógico-semânticas existentes (projeção ou expansão); quando projeção, identificando-se se se trata de locução ou de ideia;

3. verificação de casos de encaixamento e de como eles são materializados, se por projeção ou expansão;
4. levantamento quantitativo dos tipos de estruturas responsáveis pela materialização das vozes externas nas produções textuais analisadas;
5. análise da relação entre a incidência de vozes e o propósito de seu emprego na construção dos textos.

No caso dos grupos:

6. levantamento do quantitativo de grupos em oração responsáveis por apresentar vozes externas nos textos das duas séries;
7. análise do propósito dessas vozes nas produções textuais.

Com base nesses passos, vale destacar o fato de que nossa intenção não é avaliar a voz externa em si, mas a estrutura responsável por sua introdução. Por exemplo: nosso foco, em se tratando de projeção, não está na oração projetada, mas na projetante. Quando a estrutura é de expansão, analisamos se é ela a responsável pela inserção da voz ou se há alguma projeção compondo essa estrutura. Quando há encaixamento, a análise segue a mesma lógica: o foco não é a encaixada em si, mas a estrutura, dentro dela, que introduz a voz alheia.

A fim de esclarecer melhor os procedimentos descritos e de demonstrar mais detalhadamente como os textos produzidos pelos alunos foram analisados, selecionamos dois, um de cada série (respectivamente, textos 13 e 50), que apresentam uma maior variedade no tipo de estrutura empregada para veicular a voz do outro. Será feita uma apresentação inicial minuciosa de cada um deles, incluindo também a análise global e o levantamento das estruturas veiculadoras de vozes externas encontradas. Far-se-á uma análise do papel textual-discursivo cumprido por essas vozes no texto do 9º ano do EF e no texto da 3ª série do EM, observando se essa inserção contribui e, se for o caso, como contribui para o cumprimento do objetivo comunicativo dos gêneros em questão.

Espera-se, ao final da análise de todo o *corpus*, fazer um levantamento dos recursos mais empregados pelos alunos de cada uma das duas séries. Assim, será possível verificar se os estudantes concluintes do Ensino Médio utilizam, com mais propriedade que os estudantes do 9º ano, os diversos recursos léxico-gramaticais de que a língua dispõe para a inserção de vozes alheias em seus textos, demonstrando mais autonomia e maturidade para lidar com as escolhas que a língua nos oferece como usuários.

Vejamos o primeiro texto, do nono ano do Ensino Fundamental:

### Meio ambiente em perigo

Muitas pessoas hoje são negligentes com a questão da natureza. Cientistas do mundo inteiro informam que os efeitos dos maus tratos ao meio ambiente são graves. Isso acontece em forma de aumento das atividades sísmicas, aumento de desastres naturais como tsunamis, tornados, enchentes etc. Os especialistas preveem que na questão dos animais aquáticos já é um pouco mais difícil, até 2030 haverá mais plástico no oceano do que seres vivos.

Eu creio que se o mundo não mudar agora, ele terá consequências grandes no futuro, e ainda deixaremos uma herança nada agradável para nossos descendentes.

Muitos países hoje estão passando por muitas dificuldades pela brutalidade ao meio ambiente, como acontece com a Mongólia, que muitos habitantes compram filtros de ar para botar em suas casas, para não desenvolverem alergias e algumas doenças respiratórias, que podem acarretar maiores índices de câncer, AVC, ataque cardíaco etc. O clima de lá foi totalmente modificado, fazendeiros reclamam que o gado estava morrendo de frio, todas as estações variam de frio ou quente aleatoriamente, sendo assim as colheitas sendo muitas vezes destruídas, o que é muito triste.

O desmatamento no Brasil nos últimos anos cresceu de uma forma assustadora. Mesmo a mídia informando que 1 terço do Pantanal foi devastado por fortes queimadas que acabaram com grande parte da fauna e da flora local, o homem não para de maltratar o lugar onde mora e destruir tudo a sua volta. As pesquisas avaliam que o desmatamento na Amazônia é mais sério ainda, pois o Brasil desmatou 18% dela e se chegar a 22, ela vai atingir ao ponto de não retorno, assim ela irá encolher até parar de existir.

Ao analisar essa produção textual, é possível perceber sua organização em quatro parágrafos. Essa estrutura, inicialmente, estaria dentro do esperado para a produção de um texto com viés argumentativo, que precisa ter, como qualquer outro, introdução, desenvolvimento das ideias e conclusão, a fim de alcançar seu propósito comunicativo – nesse caso, expor o posicionamento do autor, buscando convencer, influenciar o outro, transformando seus valores por meio da argumentação (BRÄKLING, 2000). No entanto, com um olhar mais cuidadoso, é possível perceber que a construção textual desse aluno não cumpre satisfatoriamente esse objetivo.

Nesse texto, embora o papel básico do primeiro parágrafo seja cumprido – apresentar tema e tese –, a falta de contextualização para apresentar o primeiro elemento acaba sendo um aspecto negativo. Na verdade, o estudante já inicia a primeira frase do texto com o seu

posicionamento central: o homem é negligente com a natureza. Além disso, fica clara a sua preocupação com o fato de já trazer, logo na introdução, duas vozes externas, localizadas, especificamente, no segundo e no último períodos. Certamente, ciente de que o uso dessa estratégia é bem-vista, pretendeu explorá-la já desde o começo do texto. No entanto, esse recurso, talvez, pudesse ser melhor aproveitado como uma contextualização logo no primeiro período, com cuja ideia o estudante poderia concordar ou não, deixando o texto melhor organizado.

Ao analisar o emprego da primeira voz alheia, “Cientistas do mundo inteiro informam que os efeitos dos maus tratos ao meio ambiente são graves”, é possível perceber que ela funciona como uma espécie de comprovação do que foi afirmado anteriormente. Se muitas pessoas são negligentes com o meio, isso pode ser comprovado graças aos efeitos causados nele e já devidamente informados por cientistas. Os exemplos, que foram apresentados logo depois, fortalecem ainda mais essa ideia. No entanto, a falta de coesão sequencial entre os períodos não permite chegar a essa conclusão a partir de uma simples leitura, dando a impressão de que um período não tem diretamente relação com o outro.

No quadro de análise, apresentado mais à frente, esse complexo oracional é assim analisado:

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo
	Projeção			Circunstância de ângulo
	I	L		
<u>Cientistas do mundo inteiro informam que</u> os efeitos dos maus tratos ao meio ambiente são graves.		X		

É essa estrutura sublinhada que, de fato, nos interessa neste trabalho, já que é a responsável por introduzir, no texto do aluno, o discurso alheio. Dentre os caminhos possíveis para realizar essa estratégia argumentativa, há aqui a presença de uma projeção de locução graças ao verbo informar, o qual materializa um claro processo verbal. Assim, enquanto essa é a oração projetante – denominada na gramática tradicional como oração principal –, a seguinte, tudo que vem depois, é a projetada, ou seja, o que é dito por esses especialistas.

A preferência pela construção por hipotaxe também precisa ser destacada. Muitas vezes, não usar aspas significa maior domínio sobre o que é dito, já que o autor acaba adequando o discurso do outro ao seu. Contudo, nesse caso, ao não citar nomes específicos,

não usar as falas exatas dessas pessoas nem fornecer a fonte em que se buscou a informação, essa voz, que até então deveria ser de autoridade, acaba perdendo sua força, assemelhando-se mais a um discurso sem autoria específica, do senso comum. Afinal, embora ideias como essa lidem com conhecimentos partilhados pelos interlocutores, são reproduzidas a todo momento sem uma reflexão concreta e mais aprofundada, diminuindo, assim, o grau de informatividade do texto, já que acabam trazendo informações previsíveis.

No segundo caso – “Os especialistas preveem que na questão dos animais aquáticos já é um pouco mais difícil, porque até 2030 haverá mais plástico no oceano do que seres vivos.” –, também estruturado por um discurso reportado, o aluno encerra sua introdução trazendo uma perspectiva mais específica, sobre os animais aquáticos, com base, novamente, em especialistas da área. Todavia, fica a dúvida sobre quem são esses cientistas, que instituições representam e em que veículo de comunicação falaram sobre esse aspecto. Quando não se especifica, quando não se traz a fonte dessas informações nem se citam os nomes dessas autoridades, perde-se, novamente, a chance de dar maior credibilidade ao que é dito, e o emprego do referido mecanismo acaba enfraquecido. Nas palavras de Costa Val A verdade é que, em todo esse parágrafo, vemos o posicionamento claro desse autor apenas na primeira frase. Nas outras, há um apagamento da sua imagem, pautando-se ele, basicamente, no outro, o que é um recurso importante, mas pode e deve ser melhor articulado para reforçar a construção do posicionamento do autor do texto.

No quadro, a análise apresenta-se da seguinte forma:

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Os <u>especialistas preveem que</u> na questão dos animais aquáticos já é um pouco mais difícil, até 2030 haverá mais plástico no oceano do que seres vivos.	X					

Quanto à estrutura escolhida para a manifestação dessa segunda voz externa, estamos novamente diante do que Halliday e Matthiessen (2014) chamam de complexo oracional. A estrutura que mais nos interessa é “Os especialistas preveem que”, na qual, mais uma vez, a

projeção por hipotaxe foi o caminho escolhido pelo autor do texto. No entanto, a diferença é que, agora, temos uma projeção de ideia, já que “prever” é um processo mental.

No parágrafo seguinte, há apenas duas linhas, um único período e ideias basicamente só apresentadas, sem aprofundamento. Partindo da última fala dos estudiosos, o aluno chega a uma conclusão: como a previsão é de que até 2030 exista mais plástico no oceano do que ser vivo, ele acredita que, “se o mundo não mudar agora, ele terá consequências grandes no futuro, e ainda deixaremos uma herança nada agradável para nossos descendentes”. Ou seja, há posicionamento crítico, mas não há desenvolvimento da ideia, o que seria esperado em um parágrafo de desenvolvimento. Ter mais plástico nos mares é apenas uma das consequências – que nem foi assim apresentada pelo autor. Não é possível saber bem até o momento que outros impactos graves ele considera que podem ocorrer, que herança nada agradável a próxima geração receberá nem como ele se posiciona criticamente quanto a essa realidade. Assim, nota-se que esse parágrafo foi pouco desenvolvido, mas, como o texto ainda está começando, há a oportunidade de ampliar essas ideias adiante.

A seguir, o terceiro parágrafo não apresenta, também, nenhuma outra voz externa. Ele começa com a afirmação de que muitos lugares no mundo sofrem por causa da brutalidade com o meio ambiente, trazendo, agora, a discussão para uma dimensão do tempo presente. Para embasar sua ideia, apresenta, como exemplo, a Mongólia e o que alguns moradores fazem em suas casas para minimizar alergias e problemas respiratórios. No entanto, não é possível determinar quais razões levam a esse cenário apresentado, não se sabe como as pessoas ou as empresas desse local prejudicam a natureza a ponto de causar tais impactos. Nesse sentido, embora esse seja um rico conhecimento de mundo, não foi um recurso bem aplicado no artigo de opinião, fazendo com que quem saiba pouco sobre o país se sinta um pouco desorientado na leitura por desconhecer como é a relação deste com a natureza, já que isso não foi explicado no texto.

No período seguinte, o estudante continua mostrando outras consequências: alteração no clima, gado morrendo de frio, variação aleatória das estações do ano, colheitas destruídas. Seu posicionamento sobre tudo isso só vem na última oração – “o que é muito triste”. No entanto, não se sabe por qual razão é triste nem como a realidade dos mongolianos dialoga com a nossa. Haveria pontos parecidos? Se sim, quais? Não é possível depreender como lidamos com essa realidade em nível nacional nem o que podemos fazer em busca de mudança. Ou seja, um parágrafo que deveria se propor a apresentar mais opinião, mais criticidade em relação ao tema proposto, dedica-se majoritariamente a expor exemplos,

revelando o não domínio desse recurso como estratégia argumentativa por parte do estudante.

O quarto e último parágrafo, denominado de conclusivo, também não cumpre muito bem o seu papel quanto à reafirmação de posicionamento. Nos três períodos que o compõem, há, indevidamente, a apresentação de ideias novas, não abordadas anteriormente. Embora a pauta do desmatamento faça parte do eixo temático do meio ambiente, trazer esse aspecto para o final do texto mostra um não domínio do gênero em questão.

Ajudando a compor essas ideias novas, há a presença de duas outras vozes externas que trazem informações numéricas. Para a apresentação da primeira delas, temos um período composto, o qual é introduzido por uma oração subordinada adverbial concessiva – na Sistemico-Funcional, um típico caso de expansão por intensificação do tipo condição: concessiva: “Mesmo a mídia informando que 1 terço do Pantanal foi devastado por fortes queimadas que acabaram com grande parte da fauna e da flora local”.

Todavia, mesmo considerando tudo isso um caso de expansão, não podemos afirmar que é essa oração inteira a responsável por introduzir a voz alheia propriamente dita. Nesse sentido, ao longo da análise de todo o *corpus* que compõe esta tese, a decisão foi por não sublinhar, no quadro construído, toda a oração de expansão, mas apenas a parte dela responsável por apresentar a voz externa – neste caso: “Mesmo a mídia informando que”.

Ou seja, por entendermos haver, na expansão, uma oração projetante do tipo locução devido à presença do verbo “informar”, e é esta que será analisada. Todavia, para atentar a essa duplicidade de recursos empregados, em nossa análise, decidimos marcar com X a presença de expansão e projeção, ao mesmo tempo, ficando da seguinte forma:

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Mesmo a mídia informando que 1 terço do Pantanal foi devastado por fortes queimadas que acabaram com grande parte da fauna e da flora local, o homem não para de maltratar o lugar onde mora e destruir tudo a sua volta.		X	X			

--	--	--	--	--	--	--

Já no último período, ao invés do fechamento das ideias apresentadas ao longo de todo o texto, recorre-se duas vezes a uma mesma voz – as pesquisas: uma para mostrar que o cenário do desmatamento, na Amazônia, é “mais sério ainda” e outra, implícita, a fim de apresentar os dados divulgados também pelas pesquisas. Afinal, também foram as pesquisas que avaliaram, que forneceram, os números que foram apresentados no texto. Para tanto, nos dois casos, utilizou-se uma outra projeção hipotática do tipo ideia, porque “avaliar” é um processo mental. A escolha por esse processo revela, de certa forma, um conhecimento do estudante acerca dos processos introdutórios do discurso alheio, indo além de usos mais comuns para esse papel, como “dizer” e “afirmar”. No entanto, do mesmo jeito que não se sabe nada sobre os especialistas citados no começo do texto nem sobre a mídia, usada logo anteriormente, também não se sabe a quais pesquisas o autor se refere, revelando uma outra imprecisão no que é dito.

Logo, ao analisar especificamente o uso das cinco vozes externas empregadas, é possível chegar à seguinte conclusão: embora a voz do outro apareça com frequência ao longo da produção textual, o emprego desse recurso não é produtivo porque, na maioria das vezes, não ocorre uma análise crítica sobre ela, dando origem a sequências textuais mais expositivas do que argumentativas. Ainda que na conclusão, por exemplo, haja um bom aproveitamento do dado apresentado pela mídia, uma vez que, a partir dele, o aluno consegue fazer uma avaliação da postura humana frente ao meio ambiente, isso não acontece em todo o texto. Dessa forma, fica claro que trazer o discurso do outro para um texto de opinião não basta, pois de nada adianta fazer isso se não há um aproveitamento real desse recurso para reforçar a defesa do ponto de vista do autor.

Em seguida, analisaremos o texto escolhido da terceira série do Ensino Médio.

Thomas Hobbes já vislumbrava metaforicamente que o homem seria o lobo do próprio homem, expressando o poder autodestrutivo do ser humano na ausência do contrato social, teoria política apresentada em sua obra *Leviatã*. De maneira análoga, pode-se estabelecer um parâmetro de comparação e de semelhança entre a relação homem x meio ambiente. Hodiernamente, inúmeros fatores compõem um cenário perigoso para o ecossistema, dentre eles, a manutenção de uma sociedade consumista e a negligência governamental diante da utilização dos recursos naturais.

O capitalismo desenfreado é a principal razão do consumismo exacerbado, já que

associação do prazer ao consumo ocasiona na valorização de bens materiais que tornam-se obsoletos cada vez mais rápido, e à medida que seu consumo aumenta, aumenta também o desejo por possuir mais, gerando um ciclo vicioso muito danoso, não somente para os cidadãos, mas também para o meio ambiente cujos recursos são explorados e destruídos em prol do sustento deste modelo consumista que tanto nos afeta.

Além disso, o descaso do governo na questão ambiental representa outra parcela expressiva de responsabilidade pelas lesões na natureza. Segundo dados do INPE, 17% da Amazônia já foi desmatado, o que corresponde à 792 mil km<sup>2</sup> de seu território, números cuja tendência é aumentar, especialmente pela ineficiência das medidas interventivas governamentais. No filme Wall-e, o planeta torna-se inabitável por conta do acúmulo de lixo e gases tóxicos na atmosfera, forçando os humanos a refugiarem-se em uma nave espacial, entretanto, diferentemente da animação, a ausência de controle e cuidados com o meio ambiente ocasionará de forma definitiva a inviabilidade de vida no futuro, diante do fato de que o Brasil produz 71 milhões de toneladas de lixo por ano atualmente, segundo dados do Panorama dos Resíduos Sólidos.

Tendo em vista os fatos apresentados, evidencia-se a necessidade de intervenção do Ministério do Meio Ambiente com auxílio do Governo Federal para aprimorar as medidas interventivas, como o desenvolvimento de leis e penas mais rígidas para exploração ilegal, maior fiscalização ambiental e o estabelecimento de um limite anual de extração de recursos naturais visando mitigar os danos à natureza. Só com estas medidas, aliadas a criação de um maior senso de consumo por parte dos cidadãos, vislumbraremos um futuro positivo.

Em uma primeira leitura, já é possível perceber, nesse texto, a preocupação do estudante com o vocabulário empregado. Logo na introdução, palavras como “vislumbrava”, “análoga” e “hodiernamente”, que não são, normalmente, usadas no dia a dia de um adolescente, podem revelar o que muitas páginas de internet, manuais e apostilas de Redação propõem: “falar bonito” ajuda a valorizar o texto e a impressionar o possível avaliador. No entanto, isso não é verdade. O uso desses termos pode acabar sugerindo uma superficialidade na escrita, uma vez que aquela seleção vocabular não condiz, muitas vezes, com a realidade lexical do aluno, que se revela no texto como um todo – como acontece nesse caso.

Ao olhar com um pouco mais de atenção, percebe-se o emprego equivocado de um desses termos, o que só fortalece nossa tese: “De maneira análoga, pode-se estabelecer um parâmetro de comparação e de semelhança ao meio ambiente e como a humanidade mantém

uma relação predatória prejudicial à natureza”. De acordo com o dicionário, a palavra “análoga” significa aquilo que é de teor semelhante, parecido, que se estabelece por comparações. Ou seja, estamos diante de um caso comum de pleonasma. Afinal, não haveria a necessidade de empregar “análoga”, “comparação” e “semelhança” no mesmo período, revelando que, talvez, o aluno não saiba o verdadeiro significado desse termo.

Examinando-se sua estrutura, temos, novamente, um texto construído com quatro parágrafos, o que está dentro do esperado, considerando-se o texto de base argumentativa, objeto de avaliação no Enem e nos demais vestibulares. No entanto, embora o estudante apresente, de maneira explícita, tese e argumentos – de forma mais adequada do que o aluno do texto anterior –, ainda há diversos aspectos problemáticos na construção desse texto que merecem ser analisadas com cautela, principalmente no que diz respeito ao emprego das vozes externas.

Na introdução, além das questões vocabulares já abordadas, chama a atenção a menção ao filósofo inglês Thomas Hobbes e à ideia defendida por ele na obra *Leviatã*. Por meio da estrutura “Thomas Hobbes já vislumbrava metaforicamente que”, a qual introduz a voz externa, o aluno busca contextualizar o tema e, para isso, emprega, no âmbito do complexo oracional, uma projeção do tipo ideia, trazendo a voz de um estudioso que, certamente, foi estudado nas aulas de Filosofia. Ao se escolher a hipotaxe, podemos pensar, ainda, em um maior domínio desse recurso, pois o autor acaba adaptando o discurso do teórico ao seu próprio.

No entanto, como foi empregada a metáfora mais conhecida desse estudioso, de que o homem é o lobo do homem, fica uma dúvida: será que não estamos diante de uma referência “coringa”, daquelas decoradas, fácil de ser associada a qualquer tema que envolva uma problematização humana? Nesse caso, citar o contrato social e o nome da obra não seria mais uma tentativa de “falar bonito” e esconder, conseqüentemente, esse discurso pronto? Um dos motivos que gera tal questionamento é a gama de textos já vistos pela autora deste trabalho, ao longo de sua carreira, que emprega o mesmo repertório cultural. Entendemos que não é preciso usar sempre ideias diferentes do comum, buscando inovar no campo da citação, para que a produção textual seja avaliada como boa. O natural e esperado deveria ser que os alunos empregassem o que conhecem, o que está no dia a dia, em seus textos. Entretanto, a “indústria” de modelos influencia sobremaneira o trabalho da escola, refletindo-se nesse caso específico, nas produções de texto dos alunos.

Dois aspectos reforçam ainda mais essa ideia de que há uma forte presença de referências “coringas” trazidas para os textos dos alunos. O primeiro é que, embora seja

possível entender a metáfora empregada, o gerenciamento da voz externa não foi feito de forma produtiva: se, para Hobbes, o poder autodestrutivo do homem apareceria apenas na ausência de um contrato social, como isso se relacionaria à atualidade? Não haveria nenhum tipo de contrato na sociedade hoje? Como a frase de Hobbes poderia ser relacionada à ação humana no meio ambiente? Não ficou claro. O segundo motivo é o fato de essa mesma referência aparecer também nos textos 47 e 55, como vemos, respectivamente, a seguir:

- “Segundo o filósofo Thomas Hobbes, o homem é o lobo do próprio homem.”
- “Com isso, é preciso refletir sobre alguns atos e estimular o consumo consciente, para que no futuro todos desfrutem igualmente e o homem não seja lobo de si próprio.”

Para fechar a análise do primeiro parágrafo, pode-se afirmar que há a apresentação clara do posicionamento defendido, por meio da expressão “cenário perigoso”, e a antecipação dos dois argumentos que serão discutidos em seguida: manutenção de uma sociedade consumista e negligência governamental.

O segundo parágrafo, por sua vez, dedica-se a explicar qual é a relação entre consumismo e meio ambiente. Segundo o autor, com “o desejo por possuir mais”, graças a uma política de obsolescência, gera-se um ciclo vicioso não só para o homem, mas também para o contexto em que ele está inserido, já que se explora e se destrói em prol da manutenção desse modelo consumista. Embora algum exemplo da vida prática pudesse ter sido empregado para explicitar a ideia, alguma voz externa, comparação ou qualquer outra estratégia argumentativa pudesse ter sido utilizada para enriquecer a discussão, de forma geral, o argumento apresentado é válido e explicado de forma até satisfatória. No entanto, um problema de coesão textual se destaca: um único período construído ao longo de seis linhas, prejudicando diretamente a compreensão da mensagem.

Adiante, por meio da locução conjuntiva de adição “Além disso”, chega-se ao segundo argumento. Em vez de apenas um período, é possível perceber a presença de três, mas que ainda não configuram a organização esperada de início, meio e fim. No começo, apresentou-se, corretamente, a ideia núcleo: “o descaso do governo na questão ambiental representa outra parcela expressiva de responsabilidade pelas lesões na natureza”. Normalmente, espera-se que, em seguida, venha o desenvolvimento, a ampliação, dessa ideia. Por que se considera que o governo tem responsabilidade no que acontece com a natureza? O que o governo faz, na concepção do autor, que leve a esse cenário? Qual seria, então, o papel do governo? O que se

pensa acerca disso? Todavia, não é possível encontrar, ao longo de todo o parágrafo, respostas a essas perguntas.

O segundo período começa com uma voz externa, mas agora não apresentada como parte de um complexo oracional, mas de um grupo que integra uma oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014): “Segundo dados do INPE, 17% da Amazônia já foi desmatado, o que corresponde à 792 mil km<sup>2</sup> de seu território”. Nesse caso, a estrutura responsável por introduzir a voz externa e que interessa, portanto, a este trabalho é “Segundo dados do INPE”, que emprega uma circunstância de ângulo do tipo fonte.

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo
	I	L			
Segundo dados do INPE, 17% da Amazônia já foi desmatado, o que corresponde à 792 mil km <sup>2</sup> de seu território, números cuja tendência é aumentar, especialmente pela ineficiência das medidas interventivas governamentais.					X

Do jeito que a mensagem foi construída, pode-se deduzir que o responsável pelo cenário de devastação é o governo, o qual pouco faz para mudar o quadro. Essa ideia pode ser comprovada ainda no mesmo período quando o autor afirma que esses números devem aumentar “especialmente pela ineficiência das medidas interventivas governamentais”. No entanto, não é possível saber, de fato, como o governo tem responsabilidade no dado divulgado. A verdade é que a ideia não é desenvolvida e a voz externa acaba aparecendo sem um papel específico, o que, além de prejudicar o teor argumentativo, deixa questionamentos diversos para o leitor, como: qual é, de fato, a responsabilidade do governo nesses números? Que medidas são essas que o governo tem – ou não – tomado nesse sentido? Por que o autor não considera essas ações suficientes?

Essas perguntas não são respondidas também no período seguinte, parte ainda do terceiro parágrafo. Pelo contrário, apresentam-se novas ideias, que acabam ficando confusas devido a um período muito extenso, composto por seis linhas. A primeira delas é a referência ao filme Wall-e, abordando a relação homem versus meio ambiente. O aluno faz um breve resumo do enredo e mostra como ele contrasta com a vida real: se na ficção as pessoas se refugiam em uma nave espacial para fugir do acúmulo de lixo e de gases tóxicos, na realidade

não há alternativas. É a vida humana que está ameaçada devido aos 71 milhões de toneladas de lixo produzidos por ano.

Ao apresentar esse número, o aluno recorre novamente a uma voz externa. Esta é a segunda dentro de um mesmo parágrafo. Quanto à estrutura escolhida, estamos novamente diante do que Halliday e Matthiessen (2014) chamam de grupo. Mais uma vez, o caminho escolhido foi uma circunstância de ângulo do tipo fonte, como mostra o fragmento que nos interessa e que foi destacado no quadro que apresenta a análise desse texto: “segundo dados do Panorama dos Resíduos Sólidos”.

No entanto, é importante pensar até que ponto empregar duas vezes o mesmo recurso, no mesmo parágrafo, é produtivo para cumprir com o esperado de uma parte do texto denominada desenvolvimento, a qual precisa, como o próprio nome explica, de que as ideias do autor apareçam para desenvolver criticamente o argumento. Normalmente, espera-se que a voz, como recurso argumentativo, sirva para ser refutada ou para comprovar o que é dito, dando credibilidade às ideias desenvolvidas pelo autor do texto. Embora seja possível perceber posicionamento nesse parágrafo, é como se não fosse a voz alheia que estivesse a serviço do argumento, mas o argumento que estivesse a serviço da voz do outro.

Nesse sentido, o problema é inegável se nos pautarmos em Garcia (2010) quando ele explica, na obra *Comunicação em Prosa Moderna*, que, em um parágrafo, é preciso desenvolver “determinada ideia *central*, ou *nuclear*, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela”. Diferentemente do que sugere o estudioso, temos, no lugar de um tópico frasal bem trabalhado, uma soma de conteúdos diversos e uma grande preocupação em trazer referências externas diversas.

Em outras palavras, o autor não conseguiu cumprir a tarefa de isolar e depois ajustar convenientemente as ideias principais da sua composição, como também orienta Garcia (2010), não permitindo que o leitor acompanhe o desenvolvimento das ideias. Portanto, embora os dados trazidos sejam relevantes, supostamente verdadeiros e alertem para um cenário grave, eles em nada contribuem para explicar o descaso e a responsabilidade do governo em relação ao que ele chama de “lesões na natureza”.

A conclusão, por fim, também apresenta falhas. Logo de início, não se vê retomada de tese. O aluno introduz o desfecho do texto com “Tendo em vista os fatos apresentados”, mostrando que pretende apresentar uma conclusão acerca do que foi abordado antes, mas apresenta, logo em seguida, a proposta de intervenção, elemento obrigatório na Redação do ENEM. Há, aqui, todos os elementos necessários e exigidos pela referida banca: agente (Ministério do Meio Ambiente com auxílio do Governo Federal), ação (aprimorar as medidas

interventivas), meio/modo (com o desenvolvimento de leis e penas mais rígidas para exploração ilegal, maior fiscalização ambiental e o estabelecimento de um limite anual de extração de recursos naturais), finalidade (mitigar os danos à natureza) e um detalhamento desta no último período.

O curioso, todavia, é que a apresentação de todos esses elementos não foi uma exigência da proposta temática apresentada ao estudante. Vejamos novamente:

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos seus conhecimentos de mundo, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa acerca da temática “*A relação do homem com o meio ambiente*”. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Certamente, o fato de escrever, com frequência, um texto voltado para o vestibular ENEM levou o aluno a produzir um parágrafo conclusivo nesse formato, revelando uma possível mecanicidade nesse processo. Aliás, nossa prática e o *corpus* analisado neste trabalho revelam que muitos optam por encerrar o texto com proposta de intervenção, o que sugere que, talvez, não conheçam outra forma adequada de fazê-lo.

Por fim, mais dois aspectos problemáticos chamam a atenção nesse fechamento. Um deles está relacionado ao fato de, mais uma vez, termos um problema de construção textual relacionado à coesão: além de utilizar apenas dois períodos, o primeiro deles é longo demais, prejudicando a legibilidade do texto. O outro diz respeito ao uso da estrutura “Só com estas medidas”. Aqui, a questão coesiva do emprego do “estas” no lugar de “essas” não é o mais importante. A dúvida que fica é a seguinte: será que as propostas sugeridas pelo autor seriam as únicas possíveis para resolver os problemas apresentados ao longo do texto?

Por conseguinte, embora o vocabulário desse último texto seja mais sofisticado, mesmo que haja, claramente, uma maior bagagem cultural nele presente, o que permite fazer associações ao longo do texto, quando o foco está no emprego da voz externa, o cenário não é muito diferente daquele visto no texto do 9º ano do Ensino Fundamental. Mais uma vez, percebe-se um texto em que não se faz uso dessa estratégia de maneira produtiva, um texto com alusões e dados os quais acabam não cumprindo seu papel dentro do argumentativo. Desse modo, o que se revela é um não amadurecimento discursivo no que tange ao emprego de vozes externas, o que é normalmente esperado em textos de alunos concluintes do Ensino Médio.

## 6 ANÁLISE DO CORPUS

### Texto 1

Sustentabilidade, o equilíbrio entre a extração da natureza e sua recuperação, é algo essencial para o desenvolvimento saudável da sociedade. É fundamental que nós nos preocupemos com os impactos de nossas ações em gerações futuras. Se continuarmos como estamos, podemos ser extinguidos.

O homem percebe a fúria da natureza hoje, mas não muda sua postura. No fundo, nós não estamos dando a devida importância para as questões ambientais mais importantes do planeta. **O ex-presidente Trump, por exemplo, logo que iniciou seu mandato, anunciou que iria retirar os Estados Unidos da COP (Conferência das Partes),** que é uma conferência para alertar sobre o efeito estufa, o qual ele não acredita que existe.

Precisamos, também, ficar alertos de que nosso consumo de carne está assustadoramente acima do ideal. Para a produção do alimento, são necessárias toneladas de capim e litros de água para o boi, além de causar muito sofrimento aos pobres animais. Opte, sempre, por comprar produtos de empresas que obedecem às questões de sustentabilidade em suas fábricas e fazendas.

A velocidade com a qual estamos desmatando nossas florestas é assustadora. **Estudos permitem constatar que uma enorme parte da Floresta Amazônica é devastada todo ano, principalmente para a criação de gado e plantação.** Estamos correndo o perigo de perder parte de uma importante fonte de oxigênio e de umidificação do país.

Por isso e muito mais, em vez de virarmos as costas para o nosso lixo devemos cuidar dele: separá-lo nas lixeiras coloridas para que possam ser devidamente tratados. Os dejetos poluem o solo, deixando-os inférteis e levando áreas a situações inabitáveis inabitáveis. Vamos perder o meio ambiente se continuarmos assim, precisamos mudar.

Quadro 26 – Seleção das vozes externas no Texto 1

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
O ex-presidente Trump, por exemplo, logo que iniciou seu mandato, <u>anunciou que</u> iria retirar		X				

os Estados Unidos da COP (Conferência das Partes), que é uma conferência para alertar sobre o efeito estufa, o qual ele não acredita que existe.						
O ex-presidente Trump, por exemplo, logo que iniciou seu mandato, anunciou que iria retirar os Estados Unidos da COP (Conferência das Partes), que é uma conferência para alertar sobre o efeito estufa, o qual <u>ele não acredita que existe</u> .	X		X			
<u>Estudos permitem constatar que</u> uma enorme parte da Floresta Amazônica é devastada todo ano, principalmente para a criação de gado e plantação.	X					

## Texto 2

Por que devemos cuidar do meio ambiente?

Todos nós sabemos que uma fonte de apoio para nossa sobrevivência no Planeta Terra é o meio ambiente. **Porém, muitos acham que seus recursos são ilimitados e acabam não cuidando bem do mesmo, o que está errado, devemos cuidar sim.** Todavia, nossos materiais são limitados e um dia irão acabar e teremos sérios problemas para nos recuperarmos. Você não concorda? Então irei apresentar a vocês alguns motivos do porquê devemos cuidar do meio ambiente.

Como já foi dito anteriormente, não sobreviveríamos por muito tempo sem os recursos naturais, teríamos que ter um avanço tecnológico para conseguirmos viver sem o mesmo. O meio ambiente nos fornece todos os dias o ar, além das coisas materiais, como papel, carne vegetal, seja bovina ou suína, todos os minerais, entre outras coisas.

Devemos cuidar da natureza também por causa das condições climáticas, que mudariam drasticamente. Os gases poluentes que são soltados na atmosfera e o desmatamento, são um dos grandes causadores da alteração do clima. E os grandes culpados somos nós.

Acredito que você deve estar se perguntando o que devemos fazer para mudar essa situação, podemos começar com coisas, que na minha opinião, são simples, como replantando árvores, evitar usar carros para ir a lugares não tão distantes, preferir o uso da bicicleta, não gastar água desnecessariamente, ou seja, manter em harmonia a população e o meio ambiente.

Acho que todos deveríamos fazer sua parte, pois acredito que assim viveremos em um mundo melhor com a natureza, continuando com a qualidade de vida. Se precisamos do planeta, então devemos cuidar dele. Faça sua parte também.

Quadro 27 – Seleção das vozes externas no Texto 2

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Porém, <u>muitos acham que</u> seus recursos são ilimitados e acabam não cuidando bem do mesmo, o que está errado, devemos cuidar sim.	X				

### Texto 3

#### Homem x Meio ambiente

O homem e o meio ambiente, **alguns acham que o ser humano faz parte da natureza, já outros acham que ele é seu maior predador.** Bom, o homem de hoje desmata, queima e destrói grande parte da flora e da fauna mundial.

No meu ponto de vista, o humano necessita do meio ambiente, pois sem ele não temos, água, ar, alimento, solo e outras coisas básicas para a nossa sobrevivência. Eu sei que precisamos desmatar e usufruir dos materiais da natureza, mas acho que devíamos pensar melhor na saúde do nosso planeta e nas gerações futuras, mas nós somos individualistas. Na minha opinião deveríamos plantar mais árvores, tentar não usar máquinas que poluem o ar e retirar somente o que é realmente necessário. **Mesmo que muita gente acredite que não, a WWF Brasil (ong preocupada com o meio ambiente) já alertou que se continuarmos assim,**

em um futuro não muito distante, não vai sobrar árvores, ar limpo, água potável. Por isso o ser humano precisa se conscientizar e aprender a ser mais sustentável. Se todos nós colaborarmos, reciclando o lixo, evitando o desperdício de alimentos, optando por usar transportes públicos ou ir de bicicleta, reduzir o consumo de carne, não desperdiçar água e optar por fontes renováveis de energia. Vamos estar ajudando a preservar nosso planeta e deixar um bom ambiente para o próximo.

Quadro 28 – Seleção das vozes externas no Texto 3

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
O homem e o meio ambiente, <u>alguns acham que</u> o ser humano faz parte da natureza, já outros acham que ele é seu maior predador.	X				
O homem e o meio ambiente, alguns acham que o ser humano faz parte da natureza, <u>já outros acham que</u> ele é seu maior predador.	X				
<u>Mesmo que muita gente acredite que</u> não a WWF Brasil (ong preocupada com o meio ambiente) já alertou que se continuarmos assim, em um futuro não muito distante, não vai sobrar árvores, ar limpo, água potável.	X		X		
Mesmo que muita gente acredite que não, <u>a WWF Brasil</u> (ong preocupada com o meio ambiente) <u>já alertou que</u> se continuarmos assim, em um futuro não muito distante, não vai sobrar		X			

árvores, ar limpo, água potável.						
----------------------------------	--	--	--	--	--	--

#### Texto 4

##### A relação do homem com o meio ambiente

O homem acaba com o meio ambiente: com o crescimento população humana foi necessário abrir espaço para construção de casas, fábricas, shopping e várias outras coisas até aí tudo bem, porém o homem é ambicioso e por isso foi desmatando mais e mais e mais, até mesmo matando animais valiosos no mercado negro para conseguir um bom dinheiro. Mas, a sociedade mundial está pagando o preço todos os dias por maltratar o meio ambiente.

Muitas espécies de plantas e animais estão sendo ameaçadas de extinção. A arara azul era um animal típico do Brasil. Vivia aqui na Floresta Amazonia, era muito valiosa por conta de suas penas azuis, por isso foi caçada até ser considerada praticamente extinta, a única forma de protegê-las e evitar sua extinção por completo foi a criação de reservas biológicas lugares onde elas podem se reproduzir sem interferência humana, também são protegidas de caça e muitas outras coisas.

As plantas ameaçadas de extinção caso sejam extintas por completo poderemos ter muitas consequências, como a diminuição da biodiversidade e a perda de muitos recursos naturais até mesmo levando outras espécies à extinção de forma mais rápida.

Por isso devemos cuidar do nosso meio ambiente ou o veremos morrer aos poucos. Ele é muito importante não só para nós mas também para nosso planeta. Se não cuidarmos dele no futuro pode não ter mais vida nem humana, devem ser tomadas muitas fábricas poluindo muitas florestas sendo desmatadas para construção de coisas que não precisamos mais. Por isso eu digo que o homem acaba com o meio ambiente, tudo por causa de um pouco mais de dinheiro, um bem material não vale a vida de milhares de animais e plantas.

Quadro 29 – Seleção das vozes externas no Texto 4

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
-	-	-	-	-	-	-

#### Texto 5

Qual será o futuro de nosso “amado” planeta terra?

Cada ano que passa estamos cada vez mais próximos do caos (provável fim do nosso planeta). Cerca de um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção, e outras já foram totalmente erradicadas, nem temos um cálculo aproximado dessas espécies. **A Plataforma da organização das nações unidas (ONU) afirma que contou com a colaboração de 145 cientistas de 50 países, no que é considerado o relatório mais extenso sobre perdas do meio ambiente.**

Essa exploração de recursos naturais parece que veio diretamente do século 15/16, quando o Brasil ainda era explorado pelos portugueses por possuir tamanhas riquezas naturais. **Qualquer telejornal ou noticiário diz que em mais ou menos 500 anos ainda não mudamos de pensamento!** Que evolução não é mesmo? Será que devemos ser chamados de “homo sapiens” com essas atitudes completamente irracionais? Se eu soubesse que seria assim, claramente preferiria ficar na forma microscópica enquanto a terra ainda estava em formação.

A floresta amazônica mesmo sendo uma jóia da natureza é tratada como se suas riquezas fossem algo substituível. Essa floresta além de possuir imensas riquezas naturais possui histórias. Os nativos, não apenas dessa região, consideram os sentimentos da mãe natureza, apenas utilizando o que realmente precisam mesmo antes do termo "sustentável" existir. Mas nos dias de hoje são brutalmente assassinados, são tiradas suas terras para exploração entre outros. Não merecemos o que nos foi dado, a ganância sempre reinará, não que eu esteja sendo pessimista. Estou apenas sendo realista.

Quadro 30 – Seleção das vozes externas no Texto 5

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
A Plataforma da organização das nações unidas (ONU) afirma que contou com a colaboração de 145 cientistas de 50 países, no que é considerado o relatório mais extenso sobre perdas do meio ambiente.		X				
A Plataforma da organização das nações	X		X			

unidas (ONU) revela que contou com a colaboração de 145 cientistas de 50 países, no que <u>é considerado</u> <sup>38</sup> o relatório mais extenso sobre perdas do meio ambiente.						
<u>Qualquer noticiário ou jornal diz que em mais ou menos 500 anos ainda não mudamos de pensamento!</u>		X				

## Texto 6

### Mudanças já

Nos dias de hoje, com cada vez mais pessoas tomando conhecimento sobre o que é ser sustentável, o que é muito importante. Ou percebemos a importância da sustentabilidade, ou vamos sofrer com o mal da nossa própria natureza.

A sustentabilidade tem vários vieses, porém o mais viável é o de diminuir o máximo possível o desgaste do meio ambiente. Se nós não diminuirmos o uso de algumas matérias primas como o petróleo e carvão por exemplo, daqui a algumas décadas não teremos mais como utilizá-los, porque eles terão entrado em extinção. Hoje em dia já temos algumas alternativas para essas fontes não renováveis. Uma opção é a luz solar que pode ser usada como uma fonte de energia infinita. Podemos trocar a gasolina, que é derivado do petróleo, por energia solar, para mover carros, ônibus e motos. Claro que levaria tempo para fazer uma mudança assim, mas é possível.

Com toda essa polarização e importância que a sustentabilidade tem ganhado nos últimos anos é interessante para as empresas começar campanhas a favor do desenvolvimento sustentável, mostrando que elas se importam e que tiveram uma mudança na sua postura, não

---

<sup>38</sup> Para uma melhor análise dessa voz externa, utilizamos o conceito de agnação. Na verdade, diversos cientistas, de cinquenta países, ajudam a compor o que um alguém externo, e não necessariamente a ONU, diz ser o maior relatório já visto sobre perdas do meio ambiente. Nesse sentido, uma outra possibilidade de escrita que poderia ter sido utilizada seria: A Plataforma da organização das nações unidas (ONU) revela que contou com a colaboração de 145 cientistas de 50 países, no que muitos consideram ser o relatório mais extenso sobre perdas do meio ambiente.

mais pensando somente em lucrar, mas pensando também em afetar o meio ambiente o mínimo possível. Isso poderia ser uma ótima jogada de marketing, faria com que a empresa ganhasse mais visibilidade e mais pessoas comesçassem a comprar dela.

Mesmo com essa polarização, ainda tem muitas pessoas que não acreditam no desenvolvimento sustentável e, com o decorrer da pandemia, começou-se um consumo desenfreado e desnecessário, e muitas dessas compras são descartadas de forma errada, podendo afetar os animais aquáticos e até a nossa vida futuramente.

O que podemos tirar disso tudo é que precisamos fazer a nossa parte, caso contrário o que acontecerá com o nosso planeta? Como as futuras gerações vão viver? Ainda dá tempo de mudar!

Quadro 31 – Seleção das vozes externas no Texto 6

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Mesmo com essa polarização, ainda <u>tem muitas pessoas que não acreditam no desenvolvimento sustentável</u> <sup>39</sup> .	X		X		

### Texto 7

O que o homem faz para não ter uma boa relação com o meio ambiente?

Quando pensamos em meio ambiente geralmente pensamos na natureza, as plantas, os animais etc. Mas o homem, atualmente, não tem uma boa relação com o ambiente. A espécie humana o vê como algo sem valor. Mas por quê será? Por que nós não o respeitamos e o preservamos como deve ser?

Você deve saber que a humanidade é muito consumista, temos e utilizamos diversos recursos em nosso cotidiano. O ser humano compra, compra, compra e depois joga tudo no meio ambiente, poluindo a natureza e os ecossistemas presentes. Mergulha no mar do individualismo e lá fica. Parece trágico, não é? Mas é tudo verdade, infelizmente. Graças a

<sup>39</sup> Neste caso, por meio da agnação, chegamos à seguinte estrutura: Muitas pessoas não acreditam no desenvolvimento sustentável. Essa é uma estrutura de período simples, sem projeção “formal”, sem circunstância de ângulo, mas que veicula voz externa. Na estrutura original, entretanto, não temos um período simples. Nesse sentido, graças ao verbo empregado, “acreditar”, que indica processo mental, temos, uma projeção por ideia.

essas atitudes que os animais e as plantas não terão um bom lugar para crescer e se desenvolver, pois eles são seres vivos, assim como nós, e merecem o nosso respeito. Imagina se alguém polui a sua casa? Como você se sentiria? Então, é assim que eles pensam quando fazemos isso.

Outra coisa que para nós é bom mas para o ecossistema é ruim é o aproveitamento de recursos naturais. Com certeza você em casa deve ter algum objeto ou móvel feito de madeira. Porém, já se perguntou de onde vem essa madeira? Esse material vem das florestas. O ser humano vai lá e corta o tronco das árvores, ou pior, queima toda a floresta. Os principais motivos de tais comportamentos são principalmente os benefícios econômicos. Quando alguém comete desmatamento ou queimadas, essa pessoa quer a madeira para vender para indústrias ou utilizar a área da floresta para a agropecuária, ou seja, plantação e criação de gado. Mesmo sabendo que precisamos de tais recursos, acho um absurdo desmatar uma floresta inteira e não repor o estrago plantando outras árvores.

Com isso, acho que o ser humano precisa se controlar em relação ao meio ambiente e demonstrar um pouco mais de respeito por este. O porquê disso são as consequências, tanto para nós, como ficar sem oxigênio que as árvores liberam, quanto para as espécies animais e vegetais, que morrerão ou ficarão sem um habitat.

Quadro 32 – Seleção das vozes externas no Texto 7

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
-	-	-	-	-	-

## Texto 8

### Homem, o maior medo da natureza

Hoje em dia parece que muitos esqueceram que também somos parte da natureza e querem destruí-la. Eles esquecem que sem a natureza é impossível a vida humana, essas pessoas acabam cometendo grandes desmatamentos, grandes queimadas, matando animais silvestres e tudo isso esquecendo da realidade de que nós somos parte da natureza e sem ela nós não conseguimos sobreviver, eles fazem tudo isso visando o lucro e acabam ficando cegos por ele.

Apesar de falarmos mais sobre essas ações horripilantes do homem em ambiente terrestre, um lugar em que o homem também devastou é o oceano. Estudos dizem que “cerca

de 66% do ambiente marinho foi significativamente alterado por ações humanas”. É assustador pensar que estamos despejando toneladas de lixo e esgoto todo dia no mar, e o pior ainda está por vir. Este mesmo estudo diz que “cerca de Três quartos de ambientes terrestres foram significativamente alterados por ação humana.” Isso é 75% da terra, onde era habitat natural de muitas espécies de animais dos mais diferentes tipos.

O homem precisa ser mais sustentável, mas afinal, o que é ser sustentável? O dicionário explica que sustentabilidade é fazer o uso mas ao mesmo tempo cuidar da natureza para que nunca nos falte nada, assim o ser humano conseguiria facilmente viver em harmonia com a natureza, mas na maioria das vezes ele é egoísta e destrói completamente a natureza. Se você tem interesse em começar a ser mais sustentável, vai aqui três ações básicas: diminuir o consumo de água, optar por fontes de energia renováveis e trocar o carro pelo transporte público e se possível a bicicleta. Faça a diferença, e dessa forma poderemos pensar em dias melhores.

Quadro 33 – Seleção das vozes externas no Texto 8

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Estudos dizem que “cerca de 66% do ambiente marinho foi significativamente alterado por ações humanas.”		X			
Este mesmo estudo diz que “cerca de Três quartos de ambientes terrestres foram significativamente alterados por ação humana.”		X			
O dicionário explica que sustentabilidade é fazer o uso mas ao mesmo tempo cuidar da natureza para que nunca nos falte nada		X			

## Texto 9

Geração Z vem à tona com a pauta: sustentabilidade. “Agora, nós somos o futuro do planeta.

Se nós não cuidarmos dele, quem vai?”

Ultimamente o assunto da sustentabilidade está em alta. **Muitas crianças, adolescentes e jovens questionam que a própria geração não está envolvida da forma que é necessário.** A pauta de um mundo mais sustentável está sendo debatida pelo mundo inteiro.

Um tema, dentro desse tema de uma vida mais sustentável, os jovens se questionam em relação ao futuro do mundo. **Seus pais e parentes mais velhos falam que “o rumo desse planeta está nas mãos de vocês: jovens”.** A nova Geração Z está sendo cada vez mais informada por conta das redes sociais, que são tão presentes em suas vidas. A gente ri no Instagram durante dia e noite. Posta foto e conversa com os amigos. Se informa do que está acontecendo no mundo.

Hoje em dia, o conhecimento está ali, para quem quiser conhecê-lo. Isso facilita no momento em que você quer pesquisar algo. Inclusive, relacionado ao meio ambiente. Isso pode ser uma ferramenta muito poderosa nas mãos dessa nova geração.

Atualmente inúmeras ações poderiam tornar nossa vida mais sustentável e “suportável” na casa Terra em que vivemos. O homem não é um ser alienado: existem vários sites, ONGs, instituições, e diversas atividades relacionadas a esse tema. O problema é que não nos preocupamos.

Quadro 34 – Seleção das vozes externas no Texto 9

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
<u>Muitas crianças, adolescentes e jovens questionam que a própria geração não está envolvida da forma que é necessário.</u>		X			
<u>Seus pais e parentes mais velhos falam que “o rumo desse planeta está nas mãos de vocês: jovens”.</u>		X			

## Texto 10

### Os humanos e o meio ambiente

Uma boa relação entre os seres humanos e o Meio Ambiente seria ideal para a sociedade, mas infelizmente, não é isso que está ocorrendo. O homem está destruindo a natureza. Nos processos de indústria, são causados danos que prejudicam não só as plantas e animais, mas também as próprias pessoas.

Nas indústrias, é necessário uma boa matriz energética. Hoje em dia, a maioria das fontes de energia usadas não são renováveis e prejudicam o Meio Ambiente. Por exemplo, o petróleo é extremamente utilizado em todo o mundo, porém quando derramado no mar por acidente causa a morte de várias algas e, conseqüentemente, diminui a produção de gás oxigênio.

Os seres humanos necessitam de mobilidade. Utilizar transportes públicos, como o metrô, as bicicletas e patinetes elétricos podem ajudar na preservação do Meio Ambiente e promover a sustentabilidade. Mesmo assim, grande parte das pessoas preferem usar carros em trajetos que poderiam ser feitos até a pé. É importante lembrar que os automóveis emitem diversos gases poluentes para a atmosfera, como o dióxido de carbono.

Muitos produtores de bens agrícolas e de gado que não se preocupam com o desmatamento e o fim da biodiversidade acabam com vastas áreas de floresta através da queima, prejudicando o solo e emitindo gases poluentes.

Considerável parte dos seres humanos nem se importa com os ecossistemas nem pensa nas gerações futuras. Todos os fatores apresentados acima e muitos outros podem explicar como o homem vem causando a destruição do Meio Ambiente e, como resultado, será o causador da própria ruína.

Quadro 35 – Seleção das vozes externas no Texto 10

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
-	-	-	-	-	-	

## Texto 11

### A importância da sustentabilidade no século XXI

Desde os tempos antigos, o homem modifica o meio ambiente, seja por interesses econômicos, sociais ou territoriais. O impacto negativo da ação humana sobre a natureza é

evidente, a partir do momento no qual a biodiversidade é afetada, extinguindo a fauna e flora tão rica acerca de nós, e resultando em danos desastrosos. Dito isso, é crucial repensar nossas atitudes e adotar hábitos sustentáveis para minimizar os danos à nossa casa: o meio ambiente.

Primeiramente, o que é ser sustentável? Segundo a Uol, sustentabilidade significa suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. Em outras palavras, significa adotar pequenas grandes atitudes no nosso cotidiano, visando diminuir o seu impacto ao meio ambiente, como por exemplo, tomar banhos mais curtos, desligar a água enquanto se ensaboa, fazer uma separação seletiva do lixo reciclável, entre outros.

Ademais, fora de casa é muito importante influenciar outras pessoas a adotarem esse estilo de vida mais “limpo” e dar o exemplo. Isto é, substitua o carro pelo metrô, bicicleta ou pelo ônibus. Além de baratear seu custo de vida, contribuirá para uma redução na emissão de gases poluentes e uma consequente diminuição da poluição atmosférica. Noto cada vez mais no meu dia a dia o novo estilo de vida do século XXI, caracterizado por produtos eco-friendly, isto é, produtos que são “amigáveis” ao meio ambiente, tal como aqueles que substituem o plástico por outros materiais, e retorno a enfatizar sua importância.

Segundo o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema (IPBES), “Um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção”. Por isso, devemos cuidar daquilo que nos pertence.

Quadro 36 – Seleção das vozes externas no Texto 11

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Segundo a Uol, sustentabilidade significa suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras.					X	
Segundo o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema (IPBES), “Um milhão de espécies de animais e					X	

plantas estão ameaçadas de extinção”.						
---------------------------------------	--	--	--	--	--	--

## Texto 12

### A relação entre o homem e a poluição

Não é de hoje que sabemos que nossos atos têm grande impacto na natureza, mas será que sabemos o quão grande é esse impacto? Tudo o que fazemos afeta o ambiente.

O humano é um ser que tem uma grande necessidade de ter muitas coisas em excesso, como por exemplo o mesmo pote de plástico mas com cores diferentes. Aí, se passa um tempo e você fala “Nossa por que vários potes iguais? Vou jogar alguns fora!”, sabe para onde vai esse pote? pro lixo, demorando anos e anos para se decompor<sup>40</sup>. Esse exagero e necessidade de comprar gera desperdício, e não é só de pote não, é de tudo que você possa imaginar; comidas, roupas, brinquedos, fraldas, móveis etc.

Eu, Isabela, admito que não sou a pessoa mais sustentável do mundo, às vezes compro mais do que deveria e confesso que poderia ajudar mais nessa questão de sustentabilidade. Eu faço o básico (que inclusive acho que deveria ser obrigação), eu tento ao máximo não desperdiçar comida, joga o lixo no lugar certo e tento não gastar tanta água.

Eu sei bem que às vezes a gente sente preguiça de se preocupar com tudo que fazemos, mas deveríamos! Pois isso gera impactos para todos, isso afeta o ambiente e algum dia vai começar (no caso já começou) a gerar impactos nas nossas vidas. Mas o ser humano é assim, egoísta, só muda quando começa a afetar ele.

Os oceanos que são lindos e deliciosos de se mergulhar, por exemplo, são extremamente afetados pelo desperdício e pela poluição. Várias espécies marítimas sendo extintas, corais morrendo e a beleza deles se transformando em um filme de terror. Nem assim o humano muda, repetindo, só vai mudar quando afetar ele. A quantidade de biomas sendo destruídos por nossas ações é bizarro. A quantidade de lixo e de tudo que você possa imaginar na natureza, nossa da vontade de chorar. Mas é por isso mesmo que temos que mudar de uma vez por todas! Deixar nosso egoísmo de lado e focar no nosso planeta.

E aí?! Está disposto a mudar o nosso mundo?

<sup>40</sup> Entendemos que, neste período, não há uma estrutura que veicule voz externa, já que o “você” pode se referir a qualquer pessoa, funcionando como um indeterminador. Na verdade, acreditamos que essa voz é a voz do próprio autor, o qual constrói um texto que simula um diálogo.

Quadro 37 – Seleção das vozes externas no Texto 12

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
-	-	-	-	-	-	-

**Texto 13**

## Meio ambiente em perigo

Muitas pessoas hoje são negligentes com a questão da natureza. **Cientistas do mundo inteiro informam que os efeitos dos maus tratos ao meio ambiente são graves.** Isso acontece em forma de aumento das atividades sísmicas, aumento de desastres naturais como tsunamis, tornados, enchentes etc. **Os especialistas preveem que na questão dos animais aquáticos já é um pouco mais difícil, porque até 2030 haverá mais plástico no oceano do que seres vivos.**

Eu creio que se o mundo não mudar agora, ele terá consequências grandes no futuro, e ainda deixaremos uma herança nada agradável para nossos descendentes.

Muitos países hoje estão passando por muitas dificuldades pela brutalidade ao meio ambiente, como acontece com a Mongólia, que muitos habitantes compram filtros de ar para botar em suas casas, para não desenvolverem alergias e algumas doenças respiratórias, que podem acarretar maiores índices de câncer, AVC, ataque cardíaco etc. O clima de lá foi totalmente modificado, fazendeiros reclamam que o gado estava morrendo de frio, todas as estações variam de frio ou quente aleatoriamente, sendo assim as colheitas sendo muitas vezes destruídas, o que é muito triste.

O desmatamento no Brasil nos últimos anos cresceu de uma forma assustadora. **Mesmo a mídia informando que 1 terço do Pantanal foi devastado por fortes queimadas que acabaram com grande parte da fauna e da flora local, o homem não para de maltratar o lugar onde mora e destruir tudo a sua volta. As pesquisas avaliam que o desmatamento na Amazônia é mais sério ainda, pois o Brasil desmatou 18% dela e se chegar a 22, ela vai atingir ao ponto de não retorno, assim ela irá encolher até parar de existir.**

Quadro 38 – Seleção das vozes externas no Texto 13

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Cientistas do mundo inteiro informam que os efeitos dos maus tratos ao meio ambiente são graves.		X			
Os especialistas preveem que na questão dos animais aquáticos já é um pouco mais difícil, até 2030 haverá mais plástico no oceano do que seres vivos.	X				
Mesmo a mídia informando que 1 terço do Pantanal foi devastado por fortes queimadas que acabaram com grande parte da fauna e da flora local, o homem não para de maltratar o lugar onde mora e destruir tudo a sua volta.		X	X		
As pesquisas avaliam que desmatamento na Amazônia é mais sério ainda, pois o Brasil desmatou 18% dela e se chegar a 22, ela vai atingir ao ponto de não retorno, assim ela irá encolher até parar de existir.	X				
As pesquisas avaliam que desmatamento na Amazônia é mais sério ainda, pois [as pesquisas avaliam que] o Brasil desmatou 18	X				

porcento dela e se chegar a 22, ela vai atingir ao ponto de não retorno, assim ela irá encolher até parar de existir.						
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--

#### Texto 14

##### O quão sustentável um homem pode ser

Quando se trata de sustentabilidade, temos que ser muito delicados para não falar besteira. O humano vem tentando ser “amigo” do meio ambiente nos últimos anos, porém isso não é possível, pois a maioria de nós homens só pensamos em nós mesmos. Com isso, eu informarei aos leitores os efeitos dos maus tratos ao meio ambiente pois a humanidade é o maior inimigo da Terra.

Sustentabilidade é retirar das plantas, rios, oceanos, etc, apenas o que é necessário para a sobrevivência, deixando para as próximas gerações o que será necessário para eles. Na minha opinião todos nós devemos ser um pouco mais sustentáveis, caso contrário nosso mundo não existirá para as próximas gerações, com a emissão do efeito estufa, a camada de ozônio se romperá e os raios ultravioletas do sol esquentarão a Terra causando o aquecimento global.

No parágrafo anterior, falei do porquê devemos nos conscientizar sobre o meio ambiente, já neste, argumentarei sobre o porquê a humanidade é inimiga da Terra. Como provavelmente você já sabe a maioria do planeta foi modificado pelo homem, isto é, foi modificada para conseguirmos tirar proveito dele de uma maneira mais fácil, o ser humano acha que está sendo esperto fazendo isso, porém infelizmente está acabando com o mundo. A quantidade de enzimas tóxicas jogadas pelas indústrias na atmosfera, a quantidade de poluição de todos os tipos ( atmosférica, sonora, aquática, etc) tudo pelos meios de transporte, fábricas e também as próprias pessoas no dia a dia. **Cientistas falam que isso é apenas o começo e garantem que o planeta em que vivemos não será mais o mesmo em 100 anos.**

Não estou dizendo para você trocar sua vida, porém comece com ações simples como jogar o lixo na lixeira e outros hábitos mais simples do que imagina podem mudar o mundo, então seja sustentável e ensine para a próxima geração o que é ser realmente amigo do meio ambiente. No momento em que mudarmos, nosso planeta mudará também.

Quadro 39 – Seleção das vozes externas no Texto 14

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Cientistas falam que isso é apenas o começo e garantem que o planeta em que vivemos não será mais o mesmo em 100 anos.		X			
Cientistas falam que isso é apenas o começo e [Cientistas] garantem que o planeta em que vivemos não será mais o mesmo em 100 anos.		X			

### Texto 15

#### A dependência entre ser humano e meio ambiente

Nós dependemos da natureza para sobreviver, isto é fato. É dela que retiramos todas as matérias primas para a produção de qualquer tipo de coisa. Mas, ao meu ver, chegamos a um ponto em que a natureza depende de nós também. Depende do jeito que a exploramos, que a reconstruímos, que a preservamos. Por isso, é necessário discutir: como a sociedade lida com o meio ambiente?

Em algum momento de nossa história houve a segregação entre homem e meio ambiente. Os humanos passaram a colocar-se em uma categoria distinta da natureza, apenas pelo fato de serem seres racionais, e passaram a tratar os recursos naturais como fonte de exploração apenas.

Lógico que isto é falando de forma geral. Existem, poucos, mas existem, aqueles que se preocupam com o futuro de nosso planeta, e adaptam seu estilo de vida a um modelo sustentável, poupando a produção de lixo ou os gastos desnecessários, por exemplo. Mas ainda não é o suficiente.

Até existem leis ambientais, como a que proibiu os canudos de plásticos no estado do Rio em 2018, entretanto, estas não são devidamente respeitadas. Muitas vezes seu descumprimento é tratado apenas como um pequeno desvio ao invés de uma quebra de lei.

O “Relógio do Clima”, instalado na Union Square, em Manhattan, é um projeto da *Mercator Research Institute on Global Commons and Climate Change* (MCC) que visa alertar a população sobre quanto tempo ainda temos para reverter a crise climática mundial, através de uma contagem regressiva. O tempo existente é de aproximadamente sete anos. Parece pouco, e realmente é se pensarmos na situação atual, mas ainda há tempo para mudar!

Vamos parar de matar aquilo que nos mantém vivos. É hora de agir, faça sua parte, pesquise e coloque em prática, não temos mais tempo a perder!

Quadro 40 – Seleção das vozes externas no Texto 15

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Até existem leis ambientais, como a [lei] que proibiu os canudos de plásticos no estado do Rio em 2018, entretanto, estas não são devidamente respeitadas.		X	X	X		
O “Relógio do Clima”, instalado na Union Square, em Manhattan, é um projeto da <i>Mercator Research Institute on Global Commons and Climate Change</i> (MCC) que visa alertar a população sobre quanto tempo ainda temos para reverter a crise climática mundial, através de uma contagem regressiva.		X	X	X		

## Texto 16

Como um site em promoção afeta o meio ambiente

A pandemia da covid-19 mudou com o estilo de vida de toda a humanidade, mas se tem uma coisa que não mudou foram as compras pela internet. No tédio de ficar em casa,

abrir um site e ler a palavra “promoção” sem comprar nada é um desafio. Mas será que isso não prejudica a relação do homem com o meio ambiente?

Pode ser uma roupa, decoração para casa ou até mesmo um produto inovador de tirar cravos. Segundo afirmam as pesquisas, o comércio online teve um aumento de 41% em 2020, sendo a maior parte em produtos que não compraríamos normalmente. Propagandas extravagantes e promoções com preços baixíssimos estão diretamente relacionados a esse consumo desenfreado que estamos vivendo no dia de hoje.

Muitas pessoas não consideram que essas práticas afetam diretamente a relação do homem com o meio ambiente. A compra sem limites traz desastres ambientais que estão cada vez mais perto de se tornar irreversíveis e não somente lixo é gerado. Parte desses restos são jogados em rios, mares e florestas, o que pode causar diversos óbitos de animais e plantas ou até mesmo a extinção de alguns. Até mesmo o tão famoso aquecimento global entra nesses impactos.

Imagine daqui alguns anos seus netos não saberem a imagem de leões-marinhos, girafas ou araras azuis, esse cenário está chegando cada vez mais perto. É preciso de uma conscientização, ou os dias do nosso planeta já estarão contados. Um tanto impressionante como um site em promoção coloca em risco o futuro de toda uma população.

Quadro 41 – Seleção das vozes externas no Texto 16

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
<u>Segundo afirmam as pesquisas</u> , o comércio online teve um aumento de 41% em 2020, sendo a maior parte em produtos que não compraríamos normalmente.		X			
<u>Muitas pessoas não consideram que</u> essas práticas afetam diretamente a relação do homem com o meio ambiente.	X				

## Texto 17

### Como ser sustentável no mundo atual?

No mundo em que vivemos muitas vezes nossas vidas são tão corridas que é muito fácil nos esquecermos do quão importante o meio ambiente é importante para nossa sobrevivência. É de extrema importância que nós pratiquemos atitudes sustentáveis, porém muitas pessoas não sabem como ser sustentáveis.

Derivado do latim, sua definição é “suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras.”(<http://www.uol.com.br/ecoa/fag/sustentabilidade.htm>). Ser sustentável é ter em mente que o meio ambiente e seus recursos não são infinitos, é saber que ele não é só seu e sim de todos os seres vivos e não vivos no planeta Terra.

Existem muitas maneiras de ser sustentável, plantar árvores e economizar água são só os exemplos mais conhecidos, e não deixam de ser importantíssimos. Ser sustentável não se define por atos esporádicos e sim por ações que se tornam hábitos no seu dia a dia. alguns exemplos são: substituir o uso contínuo do carro por transportes públicos e bicicletas, diminuir ou até parar com o consumo de carne e produtos animais, favorecer indústrias que não fazem testes em animais e que não poluem a natureza, fazer reciclagem do lixo, etc.

Hoje em dia não é difícil ser sustentável, existem várias opções boas e sem custo para que todos possamos preservar nossa casa. O que muitas pessoas não percebem é que o mundo tem sim uma data de validade, o que nós estamos tentando fazer é prolongar esta data o máximo possível. O meio ambiente está gritando por socorro e nós somos aqueles que tem que salvá-lo.

Quadro 42 – Seleção das vozes externas no Texto 17

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Derivado do latim, sua definição é “suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras.”([de acordo com] <a href="http://www.uol.com.br/ecoa/fag/sustentabilidade.htm">http://www.uol.com.br/ecoa/fag/sustentabilidade.htm</a> ). <sup>41</sup>					X	

<sup>41</sup> Por meio da agnação, pode-se subentender que o elemento responsável por introduzir a circunstância está implícito, criando uma espécie de justaposição dessas ideias. Para explicitar a relação de ângulo, do subtipo fonte, dentro desse grupo, basta acrescentarmos, por exemplo, um “De acordo com”. Assim, podemos

## Texto 18

### O ser humano está destruindo a natureza

A natureza está ameaçada de extinção e não é de hoje. A muitos anos essa tragédia vem acontecendo e milhares de pessoas não se importam ou não se interessam pelo assunto, e acredito que esse seja o principal motivo do mundo atual estar tão desgastado assim, a ignorância e falta de respeito do ser humano com a natureza.

Como citado no 2º texto, mais de 1 milhão de espécies animais e vegetais estão sendo ameaçadas de extinção, e isso é 100% culpa do ser humano. Se não fosse por nós, a natureza estaria intacta e vivendo sem problemas. Já pararam para pensar na quantidade de lixo que é produzido diariamente no mundo? Ou em quanta poluição é jogada na atmosfera por meio de indústrias e transportes? Pois é, milhares de pessoas nunca pararam para fazer essa simples reflexão por pura ignorância.

Existem lugares onde você precisa usar máscara para não se contaminar com a poluição atmosférica! Ou outros que as águas estão tão poluídas que é proibido entrar! E isso tudo foi culpa do ser humano, ele que poluiu a atmosfera com gases tóxicos de indústrias e automóveis, ele que jogou lixo e produtos tóxicos nas águas de rios e mares. O mínimo que podemos fazer em nossa situação atual é melhorar um pouco a sustentabilidade da terra.

Mas afinal, o que é sustentabilidade? Quando eu falo sobre ser sustentável e cuidar da terra, não estou dizendo para ficar 5 horas por dia recolhendo lixo na rua, mas sim apenas fazer a sua parte, uma pequena ação, que em conjunto pode dar um resultado enorme. Estou falando de separar o lixo na sua própria casa, reduzir a saída de carros, não jogar lixo na rua etc. E parece muito bobo falando desse jeito, já que era para todos terem essa noção, porém existe uma parcela muito grande da sociedade que não aplica isso, ou por não saber, ou por não querer.

Porém existem muitos seres humanos bons, que participam de ONGs para ajudar o meio ambiente, que ajudam em coletas de lixo, substituem transportes que poluem o ar por outros não tão poluentes, entre outras atitudes. Se todos ajudassem um pouco, a natureza iria voltar a ser o que era antes, e nossas condições de vida aumentariam muito mais. Nós só conseguimos sobreviver aqui na terra por causa da natureza, então eu acredito que o melhor jeito de agradecer o meio ambiente seja não destruindo-o.

Quadro 43 – Seleção das vozes externas no Texto 18

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Como citado no 2º texto, mais de 1 milhão de espécies animais e vegetais estão sendo ameaçadas de extinção, e isso é 100% culpa do ser humano.		X			

### Texto 19

#### Respeitamos o meio ambiente?

Desde de que percebemos que nossa harmonia é necessária, passamos a ter outro ponto de vista sobre ele com vários acordos entre países para a sua melhora. Apesar disso, ainda existem sérios problemas em relação a tudo isso, o desenvolvimento nem sempre tem sido harmônico.

Segundo pesquisadores da ONU, a perda da biodiversidade não é apenas uma questão ambiental e isso se dá pois nós humanos precisamos nos desenvolver pensando no planeta. Os gases emitidos pelas fábricas o afetam, assim como o desmatamento, a queima para plantio e muitos outros fatores. Há pessoas em nossa sociedade que fazem questão de poluir as ruas, mesmo com tantas latas de lixos espalhadas.

No meu ponto de vista, não estamos nem perto de um “acordo” com a natureza, mesmo com tanta melhora, ainda não é o suficiente. Pelas ruas poderíamos ter panfletos biodegradáveis com a conscientização de que se não mudarmos de atitude, tudo que temos irá acabar. A chance do nosso nascimento é tão mínima que temos que aproveitar a vida que nos foi dada. A natureza já estava aqui quando nascemos, não podemos simplesmente “empurrá-la para os lados” como se fosse nosso direito.

Cerca de 66% do ambiente marinho foi alterado pelo ser humano (pesquisa feita pela ONU) e nós ficamos aqui parados observando toda essa destruição do que temos de mais belo. Poluímos múltiplas praias, rios e lagos e a troco de quê?, não ganhamos absolutamente nada com isso.

Para a melhora dos nossos problemas ambientais precisamos fazer nossa parte e deixar de lado esse pensamento irreduzível, da maioria da população, de que a raça humana é superior.

Quadro 44 – Seleção das vozes externas no Texto 19

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
<u>Segundo pesquisadores da ONU</u> , a perda da biodiversidade não é apenas uma questão ambiental e isso se dá pois nós humanos precisamos nos desenvolver pensando no planeta.					X	
Cerca de 66% do ambiente marinho foi alterado pelo ser humano ( <u>[De acordo com] pesquisa feita pela ONU</u> ) <sup>42</sup>			X	X		

## Texto 20

### O ser humano está perdendo o meio ambiente

O meio ambiente precisa de ajuda e nós temos o dever de cuidar dele. Ao invés disso, estamos fazendo exatamente o contrário. Vou ser um pouco mais claro: nós estamos destruindo a natureza, uma das coisas mais bonitas deste planeta.

Você provavelmente já ouviu isso, mas a situação está piorando cada vez mais e temos que tomar alguma providência. Já conhecemos as medidas básicas, como gastar menos água, não desperdiçar alimentos, entre outras; mas o básico não adianta, temos que fazer mais.

Existem muitas pessoas ignorantes que não se importam com nada que vai ser dito nesse texto, porém elas que fiquem para trás. Temos que ser a maioria, para ajudar o meio ambiente e nos ajudarmos. Sei que essa é apenas a minha opinião, contudo, quero incentivar o maior número de gente possível, pois quanto mais, melhor.

Tenho consciência de que não sou nenhum santo, mas estou mudando, na verdade, já mudei. Mas não adianta ficar lendo o que estou escrevendo neste artigo e ficar aí parado;

<sup>42</sup> Análise feita de maneira similar à do texto de número 17, em que explicitamos o elemento responsável por introduzir a circunstância dentro do grupo em questão.

como eu já disse, temos que tomar providências. Daí você me pergunta: “quais são elas então?”<sup>43</sup>. Posso te dar alguns exemplos: diminuir o uso de plástico, trocar o carro pelo transporte público ou bicicleta, priorizar fontes de energia renováveis. Essas são apenas algumas, existem muito mais, portanto não tem desculpa para ficar parado.

Muito provavelmente você, assim como sua família e seus amigos demoram no chuveiro, lavam a louça com a torneira ligada, porém fique tranquilo, ainda dá tempo de mudar. Imagino que quando abre a sua janela, após acordar, e vê toda aquela beleza, todo aquele verde da natureza, se sinta mais calmo, alegre, e relaxado. Então sim, o ser-humano está destruindo o meio ambiente, entretanto, nunca é tarde para tomar uma atitude.

Quadro 45 – Seleção das vozes externas no Texto 20

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
-	-	-	-	-	-	

## Texto 21

### O homem junto ao meio ambiente

A relação do homem com o meio ambiente é desgastante para esse, porém é benéfica para o primeiro. O homem aproveita muito dos recursos da natureza, contudo sem repor em mesma proporção. Fazendo assim com que cada vez mais espécies fiquem extintas.

Na minha opinião, os seres humanos, a partir de agora precisam preservar o meio ambiente porque seus recursos são limitados e irão se esgotar em algum momento. Precisamos adiar o seu esgotamento o maior tempo que conseguirmos e para isso precisamos parar de usar recursos do meio de forma exagerada e preservá-los o maior tempo que conseguirmos.

No meu ponto de vista, o meio ambiente poderia ter sido cuidado de uma forma muito mais sustentável e prática pela humanidade, evitando assim que hoje em dia práticas como desmatamento e queimadas se tornem cada vez mais frequentes e consideradas até comuns por algumas pessoas.

<sup>43</sup> Semelhantemente ao texto 12, entendemos que nesse período não há uma estrutura capaz de veicular voz externa. Trata-se de uma forma de construção textual que indetermina o sujeito, o qual pode, portanto, fazer referência a qualquer pessoa (HOUAISS, 2021).

Segundo a Agência Brasil afirma, em pesquisa realizada em 2019, a humanidade consumiu 1,7 planeta Terra e que em 2030 precisaríamos de duas terras para acompanhar a demanda de recursos naturais. Isso comprova a tese de que o ser humano se aproveita até demais dos recursos naturais precisando assim diminuir seu consumo rapidamente se não, como diz a pesquisa, em 2030 já teremos problemas em relação a isso.

Quadro 46 – Seleção das vozes externas no Texto 21

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Segundo a Agência Brasil afirma, em pesquisa realizada em 2019, a humanidade consumiu 1,7 planeta Terra e que em 2030 precisaríamos de duas terras para acompanhar a demanda de recursos naturais.		X				
Isso comprova a tese de que o ser humano se aproveita até demais dos recursos naturais precisando assim diminuir seu consumo rapidamente se não, como diz a pesquisa, em 2030 já teremos problemas em relação a isso.		X	X			

## Texto 22

A natureza gosta de sustentabilidade

É vital nós sermos sustentáveis nos dias de hoje, pois, o Brasil tem um dos maiores índices de desmatamento, poluição nos rios, mares e do ar atmosférico no mundo todo, principalmente nos dias de hoje e muito disso é pelo fato do nosso governo não colaborar. Por esse motivo nós não podemos ficar calados, nós temos o direito um lugar próspero e pacífico.

Na minha opinião, nós precisamos ser conservacionistas, que são um grupo de pessoas que usam a natureza de forma sustentável ou seja admitem o uso de recursos naturais desde que de forma racional e eficiente, sempre plantando o que colhemos. Mas existem várias outras correntes de pensamento como: preservacionistas, ecocapitalistas, entre outras. Para muitos não dizerem que essas ideias são apenas minhas, eu trouxe uma bióloga e uma professora de sustentabilidade, ambas com mestrado e doutorado em Stanford e MIT, para falarem um pouco sobre esta questão de ser sustentável e a importância que isso traz para o meio ambiente. Clara Melara, a bióloga diz que se nós não cuidarmos do meio ambiente e dos recursos que ele carrega, ele não irá durar por muito tempo. Já a professora diz que temos de ter uma visão Ecosocialista, que defende que a natureza não pode ser vista como mercadoria.

Então, com esse discurso de se emocionar das duas profissionais, espero que vocês tenham aprendido o valor de como a sustentabilidade é importante. obrigado.

Quadro 47 – Seleção das vozes externas no Texto 22

Estrutura	Complexo oracional		Expansão	Encaixamento	Grupo	
	Projeção				Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Clara Melara, <u>a bióloga diz que</u> se nós não cuidarmos do meio ambiente e dos recursos que ele carrega, ele não irá durar por muito tempo.		X				
Já <u>a professora diz que</u> temos de ter uma visão Ecosocialista, que defende que a natureza não pode ser vista como mercadoria.		X				
Já a professora diz que temos de ter uma visão Ecosocialista, <u>que defende que</u> a natureza não pode ser vista como mercadoria.		X	X			

### Texto 23

A mudança de comportamento na sociedade frente ao meio ambiente

Recentemente, a população geral começou a levar a sustentabilidade mais a sério, mas ainda é um caminho longo. Ainda falta na maioria das pessoas a preocupação e o desejo de cuidar do que é nosso para o próximo também ser capaz de aproveitar.

Os números do relatório divulgado pela IPBES (Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema) afirmam que cerca de um milhão de espécies de plantas e animais estão sendo ameaçadas de extinção. Isso por si só já é um fato preocupante, porém, para mim o mais assustador é o fato de que se a humanidade não mudar a sua forma de interagir com nosso planeta, esse número só aumentará.

Porém, o cenário está melhorando. Cada vez mais a ideologia sustentável está sendo introduzida nas mentes das grandes massas. O progresso é lento, mas não podemos negar que ele existe. A maior dificuldade que as pessoas geralmente possuem enquanto tentam melhorar sua relação com o meio ambiente é o entendimento de que para fazer a diferença, precisamos alterar nosso comportamento no dia a dia. Atos esporádicos de auxílio ao nosso planeta já não são suficientes nos dias de hoje. É necessária uma mudança de comportamento constante e consistente.

O objetivo final da sustentabilidade, segundo os estudiosos, é manter a biodiversidade e o meio ambiente de maneira geral contendo o mínimo de alterações humanas prejudiciais possível, para que a próxima geração possa desfrutar dos mesmos, ou pelo menos similares recursos que a geração atual possui nos dias de hoje. Principalmente devido ao fato de que a maior parte do planeta já foi explorado ou pelo menos influenciado negativamente pela ação humana.

Quadro 48 – Seleção das vozes externas no Texto 23

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
<u>Os números do relatório divulgado pela IPBES (Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema) afirmam que cerca de um milhão</u>		X				

de espécies de plantas e animais estão sendo ameaçadas de extinção.						
O objetivo final da sustentabilidade, segundo os estudiosos, é manter a biodiversidade e o meio ambiente de maneira geral contendo o mínimo de alterações humanas prejudiciais possível, para que a próxima geração possa desfrutar dos mesmos, ou pelo menos similares recursos que a geração atual possui nos dias de hoje.					X	

#### Texto 24

##### Devemos cuidar das áreas verdes

A relação entre o homem e o meio ambiente deve ser respeitosa e sustentável, entretanto, ao longo da história da humanidade não temos visto tanto respeito. Mais recentemente a situação tem piorado, pois, a todo momento, desmatamos grande parte de nossas áreas verdes e retiramos muitos animais delas, afetando não só a flora, como a fauna. A natureza depende da gente e nós dependemos dela, não podemos agredi-la e tratá-la de forma desprezível. Deveria haver uma relação mais harmônica.

Cientistas afirmam que a perda de biodiversidade não é apenas uma questão ambiental, mas também de desenvolvimento econômico, social e moral. Por isso, da natureza, devemos retirar somente o necessário para a nossa sobrevivência, para que ela seja duradoura. Temos de pensar a longo prazo e demonstrar afeto por ela, afinal, é um ser vivo como nós que gosta de carinho.

Atualmente, é comum ligarmos a televisão e assistirmos a mais um caso de desmatamento em alguma parte do mundo. Isso precisa acabar o mais rápido possível, pois muitos trechos do nosso ecossistema estão sendo alterados por nós. A floresta amazônica, por exemplo, abriga a maior parte da fauna e flora de nosso país, e a todo segundo temos pessoas cortando várias de suas árvores de forma ilegal para vender ou utilizar para o bem próprio, sendo que é uma floresta que pertence e beneficia o mundo inteiro e não uma pessoa ou um

grupo só. Outro exemplo de desrespeito à natureza é o caso dos ursos pandas que estão em extinção por causa dos homens.

Considerando tais fatores temos de pensar em melhorar nossas atitudes e criar um mundo melhor, mais harmônico e respeitoso entre todos os seres vivos, sejam homens, plantas ou animais. Só assim daremos um passo rumo à evolução, com amor ao outro, à sociedade e ao planeta Terra, afinal, tudo que está aqui, é a casa de todos.

Quadro 49 – Seleção das vozes externas no Texto 24

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Cientistas afirmam que a perda de biodiversidade não é apenas uma questão ambiental, mas também de desenvolvimento econômico, social e moral.		X			

### Texto 25

Penso que o homem está muito ganancioso nos dias atuais , já que ele não se importa com o meio ambiente , natureza , fauna , flora e o que suas ações podem causar. Este mal comportamento do homem pode afetar severamente o futuro do mundo

Um exemplo disso são alguns condomínios na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, que despejam seu esgoto em lagos e canais. Além de matar diversos animais que habitam aquela região (capivaras , jacarés , peixes , aves ) , esta ação pode causar irreversíveis estragos , podendo não haver mais jeito de limpar os canais e lagos e também afetar a vegetação do local.

A caça de animais é uma prática muito comum no Brasil e no mundo, mesmo sendo ilegal em alguns países. **Um documentário famoso da Netflix denunciou que, há poucos anos nas Savanas Africanas , o último elefante branco ( macho ) morreu .** Eles são grandes alvos de caça. Esta prática pode causar mortes por fome , ou uma grande quantidade de animais de uma mesma espécie em uma mesma região , pois seu predador foi extinto.

Este outro exemplo que irei citar agora , afeta tanto o meio ambiente quanto uma questão social. Estou falando das construções de hidrelétricas em locais onde habitam

peças. Para a construção, é necessário alagar uma grande área, então, caso tenha moradores nesta área são obrigados a sair de seu conforto. A questão ambiental está ligada à saída de animais em busca de comida e abrigo, pois como citei antes, a área na qual moravam foi alagada. Isso pode também influenciar na entrada de animais silvestres em cidades grandes, como já ocorreu em uma cidade do Mato Grosso.

Enquanto os jornais, os documentários e as escolas não mostrarem o que está acontecendo de verdade com o planeta, o homem vai continuar vivendo de forma irresponsável. Devemos tomar atitudes já! Ainda temos tempo de salvar o mundo! Estou começando agora recolhendo o lixo do chão. O que você pode fazer para ajudar o meio ambiente?

Quadro 50 – Seleção das vozes externas no Texto 25

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Um documentário famoso da Netflix denunciou que, há poucos anos nas Savanas Africanas, o último elefante branco (macho) morreu.		X				

## Texto 26

### Como o homem moldará o mundo

Desde a Pré-história, o homem convive com o meio-ambiente de forma permanente, mas com atitudes divergentes. Os povos indígenas da América endeusavam a natureza, enquanto os impérios coloniais europeus do século XIX a exploravam até seus limites no advento da Revolução Industrial. No mundo moderno, diversas correntes de pensamento ecológico foram formadas, como o preservacionismo e o conservacionismo, que ditaram a forma com a qual o homem se relaciona com o ambiente, definindo o futuro de toda a humanidade.

A liberação constante de gases de efeito estufa pelo ser humano, como o dióxido de carbono, em níveis extremamente elevados durante a maior parte dos últimos dois séculos veio a intensificar esse fenômeno natural, que opera como um “cobertor”, prendendo o calor emitido pelo Sol na atmosfera terrestre. Como nada em excesso faz bem, isso vem

umentando a temperatura média da Terra, o que os cientistas chamam de aquecimento global<sup>44</sup>. Essas mudanças climáticas afetarão todo o planeta, com intensas mudanças no regime de chuvas e no nível dos oceanos, ameaçando a existência da espécie humana a longo prazo.

As interferências antropogênicas no ambiente não param por aqui. A extração de recursos naturais de maneira não sustentável, isto é, de forma que gere um desequilíbrio ambiental, vem esgotando rapidamente a quantidade matéria-prima disponível para gerações futuras, em especial as não-renováveis, enquanto o uso desenfreado de combustíveis fósseis vem poluindo a natureza. Vazamentos de petróleo no mar e o desmatamento de florestas vem reduzindo a biodiversidade mundial. **De acordo com o IPBES, a Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema, associada à ONU, aproximadamente um milhão de espécies de animais e plantas estão sob risco de extinção, um massacre de proporções inimagináveis.**

Em 2015, centenas de países se reuniram em Paris, na França, onde assinaram o chamado “Acordo de Paris”, em que se comprometeram a reduzir ao máximo suas emissões de poluentes a fim de conter as alterações extremas no clima. Acredito que esse tipo de cooperação global seja chave para melhorarmos a maneira com a qual a sociedade em geral trata o lugar onde vive, solucionando problemas ambientais causados por nós mesmos e tornando mais harmoniosa e sustentável nossa convivência com a “Mãe Natureza”, para que possamos viver sem a necessidade de buscar outros planetas para explorar e colonizar.

Quadro 51 – Seleção das vozes externas no Texto 26

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
<u>De acordo com o IPBES, a Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema, associada à ONU, aproximadamente um milhão de espécies de</u>				X	

<sup>44</sup> Embora haja, neste período, o verbo “chamar”, não temos aqui uma voz externa. Na verdade, a expressão “aquecimento global” seria o nome dado pelos cientistas para o aumento da temperatura do planeta, mas não há, em nenhum momento, a representação da fala desses especialistas.

animais e plantas estão sob risco de extinção, um massacre de proporções inimagináveis.						
-----------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--

### Texto 27

#### Preocupação zero

É indiscutível que a relação do homem com o meio ambiente é de total desprezo e despreocupação. As pessoas têm vindo, cada vez mais, em uma onda de consumismo exagerado e desleixo em relação a medidas de sustentabilidade, o que é incontestavelmente preocupante.

Percebo que as pessoas estão cada vez consumindo mais, e, conseqüentemente, desperdiçando mais. Vivemos em uma geração muito globalizada, em que temos facilidade para fazer tudo, principalmente para comprar. Na internet é possível encontrar todo tipo de produto, o que faz a consumação aumentar, e isso é extremamente prejudicial ao meio ambiente, porque geralmente esses produtos têm uso exagerado de plásticos e matérias-primas. Isso gera o aumento do desmatamento e a poluição da natureza.

Noto que nas redes sociais cada vez se fala mais de sustentabilidade, o que é bom, mas, infelizmente, a maioria fala só por falar e ganhar engajamento. Muitas dessas pessoas ainda praticam atos que poderiam ser facilmente mudados, como, por exemplo, fechar a torneira enquanto escova os dentes, tomar banhos mais reduzidos, separar os lixos nas lixeiras corretas, não jogar resíduos nos chãos etc. Hábitos que estamos cansados de ouvir, e que são necessários e fáceis de cumprir.

**Em conclusão, por mais que o dicionário diga e os livros de ciência afirmem que a palavra “sustentabilidade” significa defender, favorecer, apoiar etc, nós fingimos que não sabemos disso.** Até quando? Em termos práticos, significa suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. É disso que precisamos. Não podemos esquecer que esse é o mundo em que vivemos, nosso lar, e é o único que temos. Esse também é o ambiente em que nossos filhos e futuras gerações vão viver, precisamos cuidar dele.

Quadro 52 – Seleção das vozes externas no Texto 27

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Em conclusão, <u>por mais que o dicionário diga e os livros de ciência afirmem que</u> a palavra “sustentabilidade” significa defender, favorecer, apoiar etc, nós fingimos que não sabemos disso.		X	X		
Em conclusão, por mais que o dicionário diga e <u>[por mais que] os livros de ciência afirmem que</u> a palavra “sustentabilidade” significa defender, favorecer, apoiar etc, nós fingimos que não sabemos disso.		X	X		

### Texto 28

Contribuindo com a sustentabilidade evitaremos a destruição do meio ambiente.

É essencial o ser humano ter uma boa relação com o meio ambiente, tomando atitudes para se tornar cada vez mais sustentável e evitando o desperdício e o consumismo ao redor do mundo. **No entanto, nossa prática é muito diferente do que aconselham os biólogos, cientistas e outros estudiosos do mundo todo.**

Com a pandemia do Coronavírus, as pessoas se tornaram mais consumistas, pois na quarentena, muitas delas foram influenciadas pelas redes sociais a comprarem coisas desnecessárias por impulso. Isso influenciou no crescimento da quantidade de lixo gerada nesse período, que na maioria das vezes não é descartado de forma correta, podendo chegar aos oceanos e matando os animais que habitam aquele ambiente e algas que têm uma enorme importância no ecossistema, já que elas produzem maior parte do oxigênio que respiramos. Com o incentivo à diminuição do consumo e à correta coleta de lixo, influenciará na melhoria de vida das gerações futuras e evitará a morte de animais aquáticos por conta da poluição.

Da mesma maneira que parte da população foi influenciada desse modo, outra se tornou mais consciente em relação à sustentabilidade. Nesse período de autodescobrimento, **muitas pessoas perceberam que não era essencial o consumo de alimentos derivados dos animais, tendo em conta que, para a produção de 1 kilo de carne, são utilizados em média, cerca de 15 mil litros de água, segundo prevê a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).** Outras, se encontram não utilizando mais produtos de origem animal, em forma de contribuição com o meio ambiente. Na minha opinião, se você não estiver disposto a abrir mão desses hábitos, seria interessante parar de comer derivados de animais uma vez toda semana, pois pequenas ações fazem uma grande diferença.

**Estudos do IBOPE calculam que mais de um terço das pessoas da Geração Z pretendem ser veganas ou vegetarianas.** É extremamente importante que as gerações futuras se preocupem com o meio ambiente, pois o destruir seria o mesmo de estar nos matando, já que nós só sobrevivemos por sua causa. Por isso devemos educar os mais novos quanto à preservação da fauna e da flora.

Quadro 53 – Seleção das vozes externas no Texto 28

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
No entanto, nossa prática é muito diferente <u>do que aconselham os biólogos, cientistas e outros estudiosos do mundo todo.</u>			X	X		
Nesse período de autodescobrimento, muitas pessoas perceberam que não era essencial o consumo de alimentos derivados dos animais, tendo em conta que, para a produção de 1 kilo de carne, são utilizados em média, cerca de 15 mil litros de água, <u>segundo prevê a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa</u>	X		X			

<u>Agropecuária).</u>						
<u>Estudos do IBOPE calculam que</u> mais de um terço das pessoas da Geração Z pretendem ser veganas ou vegetarianas.	X					

### Texto 29

Desde os primórdios, o meio ambiente sempre garantiu recursos essenciais para nossa sobrevivência. Hoje em dia, o desenvolvimento da ciência e o processo de simplificação do produto fez com que a sociedade se preocupasse mais em extrair seus consumos e apenas deixar de lado a natureza.

Precisamos salvar o planeta e para isto acho que o homem precisa diminuir a queima de combustíveis fósseis, parar com fumaças de fábricas e reciclar lixo. Falar é fácil mas o grande problema é como podemos começar. Poderia ser mais fácil se as todas pessoas tivessem uma boa educação. Bom, tenho certeza de que o governo, toma providências, mas precisamos principalmente da ajuda da sociedade.

A maioria das pessoas só pensam em si próprias e esquecem que sem a natureza não conseguimos mais produzir nada, pois a natureza é a base de tudo. Para muitos tudo na vida é dinheiro, então as pessoas preferem não fechar uma de suas fábricas e deixar o meio ambiente cada vez mais desgastado.

Para mim, na minha opinião, acho que primeiro devemos nós todos temos que nos empenhar e ajudar para depois salvar o planeta. Sozinhos nunca iremos conseguir, mas talvez se ficarmos e tentarmos juntos, conseguiremos. A união pode ser a chave disso tudo. O ideal seria não demorarmos, pois quanto mais cedo agirmos melhor e assim serão maiores as nossas chances de reverter.

É importante haver um processo participativo e sustentável, cada um fazendo a sua parte respeitando o ciclo de cada um. A inteligência do homem serve para proteger nosso planeta, cuidar dos resíduos gerados e não para destruir a vida.

Quadro 54 – Seleção das vozes externas no Texto 29

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
-	-	-	-	-	-	-

**Texto 30**

## A importância do meio ambiente para a vida do homem

O homem se relaciona com o ambiente desde o início dos tempos, seja quando usava os galhos das árvores para fazer fogo, ou as pedras para caçar, ele sempre teve um relacionamento com a natureza. Após milhares de anos, os humanos evoluíram, construíram civilizações, foguetes, máquinas, e milhares de outras coisas, porém, mesmo depois de tudo isso, o meio ambiente continua essencial aos homens. Ainda, parece que hoje em dia, eles não se importam mais com a natureza.

O que vemos nas últimas décadas é a destruição de bilhões de árvores e ecossistemas pelas pessoas, sem perceber o impacto que elas estão causando a si mesmas. Eu acho que existem muitas formas de tirar proveito do meio ambiente, sem causar danos excessivos a ele, como por exemplo, ao cortar uma árvore, plantar muitas outras, delimitar períodos específicos para a pesca, nas quais os animais não estejam procriando, e proibir a intervenção humana em locais que tenham seres ameaçados de extinção.

Existem movimentos específicos que defendem a utilização da natureza de uma maneira sustentável, mas a maioria deles não são ouvidos. **O problema é que se não dermos um jeito nessa situação nos próximos anos, ela pode ficar irreversível, como no caso da China, que defendia que, usando o meio ambiente, conseguiria os materiais que precisava e, com eles, iria restaurar o que destruiu.** Agora, ela está com extrema dificuldade para conseguir isso.

Na minha opinião, a natureza deve vir acima de praticamente tudo, pois é o meio ambiente que dá nosso sustento desde o início dos tempos e, sem ele, não iríamos alcançar tudo que alcançamos, e não conseguiremos alcançar mais nada, pois foi a natureza que fez tudo isso possível.

Quadro 55 – Seleção das vozes externas no Texto 30

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
O problema é que se não dermos um jeito nessa situação nos próximos anos, ela pode ficar irreversível, como no caso da China, <u>que defendia que</u> , usando o meio ambiente, conseguiria os materiais que precisava e, com eles, iria restaurar o que destruiu.		X	X		

### Texto 31

Já será tarde no dia depois de amanhã

O presente se encontra séculos após a criação da Floresta da Tijuca e das teorias demográficas, mas até quando a mãe-Terra será capaz de suportar? Ainda que haja uma aparente preocupação, o conflito entre a necessidade humana de cada vez mais recursos naturais e o desequilíbrio que isso provoca leva o homem e a natureza a permanecerem em constante antagonismo quando, na verdade, deveriam conviver como um só.

Embora existam lutas pelo problema, uma expressiva fração social é egoísta ao optar por terceirizar o dever individual, e isso é refletido em seu consumismo. **Apesar da mídia e das grandes empresas já buscarem uma conscientização mundial, o conceito defendido por Hanna Arendt, de que existe uma banalidade do mal, é aplicável ainda hoje.** Cria-se um paradoxo quando o indivíduo revoga a sua responsabilidade pela causa em um momento tão urgente quanto a exploração de 173% da biocapacidade do planeta para a produção e consumo desnecessários. Dessa forma, o egocentrismo ocupacional adoece o meio natural.

Em contrapartida, a contraofensiva é tão agressiva quanto no filme “O Dia depois de Amanhã”. O degelo das geleiras, a extrema variação de temperatura, a extinção de inúmeras espécies não são apenas consequências, mas também um pedido de socorro — assim como é, na obra “Moana”, a transformação de Te Fiti, representação de gaia, em Te Ka, a entidade impetuosa diante do que lhe tiraram. Dessarte, o ser humano, ao destruir a natureza mesmo sendo parte dela e tendo dela originado, está se autodestraindo.

Expõe-se, logo, que tal relação consiste em uma rivalidade em nome da própria sobrevivência, quando ambos se esquecem de sua interdependência. Por isso, em ritmo atual, é necessário que o povo se liberte desta cegueira seletiva das telas do entretenimento e se sinta parte de um todo. Ainda há tempo para recuperar a humanidade — sentimento e espécie — se não postergarem para “o dia depois de amanhã”.

Quadro 56 – Seleção das vozes externas no Texto 31

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Apesar da mídia e das grandes empresas já buscarem uma conscientização mundial, <u>o conceito defendido por Hanna Arendt</u> , de que existe uma banalidade do mal, é aplicável ainda hoje.		X		X		

### Texto 32

O filme "Wall-e" retrata uma visão distópica do futuro em que a Terra foi abandonada pela humanidade após ser completamente preenchida por lixo. Apesar de ficcional, a obra cinematográfica revela que a relação entre os humanos e o meio ambiente é preocupante. Esse cenário crítico se deve a fatores como a exploração das florestas e aos avanços tecnológicos.

Em primeiro plano, a exploração do meio natural é extremamente prejudicial. Desmatamento, caça de animais e extração de recursos naturais são exemplos de meios pelos quais o homem tira proveito da natureza. Essas ações abusivas acarretam, portanto, na emissão de gases poluentes à atmosfera e extinção de animais, ou seja, na destruição do meio ambiente.

Outrossim, a evolução da tecnologia traz consigo uma nova problemática: a geração excessiva de lixo eletrônico. O próprio filme Wall-e mostra em nível extremo a poluição gerada pelos resíduos eletrônicos, resultado da produção em massa.

Assim, o homem está condenado ao fracasso. Quase tudo vai mal: desmatamento, queimadas, lixo em excesso, somente resta a esperança de dias melhores. A exploração e as

novas tecnologias não devem ser obstáculos para que haja uma boa relação. Dessa forma o mundo não dependerá mais de "Wall-es" para resolver o problema da poluição.

Quadro 57 – Seleção das vozes externas no Texto 32

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
O filme "Wall-e" retrata uma visão distópica do futuro em que a Terra foi abandonada pela humanidade após ser completamente preenchida por lixo.						X
Apesar de ficcional, a obra cinematográfica revela que a relação entre os humanos e o meio ambiente é preocupante.	X					
O próprio filme Wall-e mostra em nível extremo a poluição gerada pelos resíduos eletrônicos, resultado da produção em massa.						X

### Texto 33

O filme Interestelar retrata um cenário distópico no qual o ser humano degrada o meio ambiente de forma que o planeta Terra se torna inabitável, e é necessária a busca de um novo planeta para a humanidade habitar. Embora seja ficcional, a obra faz uma analogia ao atual problemático cenário sobre a relação entre o homem e a natureza, e muito disso deve-se ao posicionamento do Estado e a postura da sociedade.

Primeiramente, é importante ressaltar que muitas vezes o Estado trata dos assuntos relacionados ao meio ambiente com um certo relaxamento. Logo, é notória a falta de fiscalização das grandes empresas multinacionais, que por sua vez, são uns dos principais poluentes do território brasileiro. Outrossim, é perceptível a negligência governamental sobre a segurança ambiental da população, segundo a Constituição de 1988.

Ademais, a postura negativa da sociedade em relação ao meio ambiente é outro ponto a ser observado. Os cidadãos acabam, desde jovens, levando seus interesses individuais à frente dos bens do planeta, o que resulta num grande prejuízo coletivo à natureza. Então, a relação da população com o ambiente é “tóxica” e isso é um dos grandes agravantes para os maiores problemas ambientais.

Portanto, a relação entre a humanidade e a natureza está longe de ser agradável. Logo, os governos de cada país do mundo têm o dever incentivar sua população a tomar medidas mais sustentáveis e fiscalizar mais firmemente os níveis de poluição das empresas, para que a humanidade possa ter um futuro mais próspero junto do meio ambiente e o planeta possa sobreviver por mais alguns séculos.

Quadro 58 – Seleção das vozes externas no Texto 33

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
O filme <u>Interestelar</u> retrata um cenário distópico no qual o ser humano degrada o meio ambiente de forma que o planeta Terra se torna inabitável, e é necessária a busca de um novo planeta para a humanidade habitar.						X
Outrossim, é perceptível a negligência governamental sobre a segurança ambiental da população, <u>segundo a Constituição de 1988</u> .					X	

### Texto 34

Dia 22 de abril, comemora-se, mundialmente, o “Dia da Terra”, cujo objetivo é a conscientização dos indivíduos sobre a preservação do meio ambiente. No entanto, a natureza, na atualidade, é vista, muitas vezes, apenas como um mero recurso para prosperidade econômica dos países, sendo destruída sem o pesar social. Dessa forma, a relação entre o

homem e o ambiente torna-se fruto da exploração capitalista, afastando-se a uma proximidade sentimental, muitas vezes, como acontece na literatura brasileira.

Em primeira análise, destaca-se a falta de comprometimento social no que tange às questões ambientais, visto a negligência dessa pauta. **Isso ocorre, pois o discurso capitalista predominante, baseado na exploração dos biomas em prol do desenvolvimento econômico, esconde as verdadeiras mazelas da destruição natural, como defende o pensador Karl Marx.** Do mesmo modo, a aniquilação do meio ambiente torna-se aceita pela sociedade, cega pelo crescimento econômico predatório, transformando a relação entre o homem e a natureza em uma mera relação de exploração. Logo, a busca pelo lucro justifica as novas formas de relações contemporâneas.

Observa-se, por outro lado, uma diferente perspectiva da socialização entre o homem e o meio natural na visão neoclássica da literatura brasileira. Mediante a tal narrativa, os poemas árcades exploram a temática da tranquilidade e boa convivência do eu lírico e o campo, descrito como acolhedor ao sofrimento humano. **Por essa óptica, a fuga das cidades para o ambiente campestre, é descrita como essencial para o bem-estar.** Assim, essa literatura assemelha-se à realidade de algumas comunidades, como os indígenas, que vivem em harmonia com a natureza, fugindo do molde capitalista predominante.

Portanto, fica evidente que as relações entre os homens e a natureza foram alteradas ao longo da história, principalmente devido à difusão da visão, na qual o meio ambiente é apenas um recurso natural. Nesse âmbito, a conscientização da população acerca da importância da preservação ambiental é importante para a manutenção dos biomas, em prol da aproximação da sociedade à natureza, como nas comunidades autóctones. Dessa maneira, a criação de datas informativas é essencial para desmistificar o pensamento capitalista, visando garantir o bem-estar dos cidadãos.

Quadro 59 – Seleção das vozes externas no Texto 34

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Isso ocorre, pois o discurso capitalista predominante, baseado na exploração dos biomas em prol do desenvolvimento econômico, esconde as		X			

verdadeiras mazelas da destruição natural, como defende o pensador Karl Marx.						
Por essa óptica, a fuga das cidades para o ambiente campestre, é descrita como essencial para o bem-estar.					X	

### Texto 35

O filme "Wall-e" retrata um cenário distópico onde a Terra se torna inabitável graças às ações da humanidade, que poluem completamente o planeta e conseqüentemente destroem o meio ambiente. Essa relação só é possível devido à exploração irracional e desarmônica do meio ambiente, levando a extinção assustadora de animais e o surgimento de novas doenças, caminhando assim, para o fim dos seres humanos.

O ritmo de extinção vem aumentando mais do que o esperado. Segundo pesquisas cerca de 12,5% das espécies de seres vivos atualmente estão ameaçadas de extinção. Dentre os diversos motivos, deve se destacar o avanço espantoso sobre a ecossistema principalmente para o plantio e cultivo de grãos, da criação de gado além da caça ilegal e excessiva por peles e chifres. A existência de certos bichos são essenciais para germinação de árvores e plantas e indispensáveis na cadeia alimentar.

Com o crescimento da prática do desmatamento, humanos e seres selvagens são forçados a viverem juntos. Muitas vezes por motivos sociais e culturais o consumo desses se tornou comum o que tornou quase obrigatório o surgimento de novas enfermidades, como foi o caso do coronavírus, que, conforme notícias, atingiu mais de 174 milhões de pessoas e matou 3,5 milhões até hoje.

As elevadas taxas de extinção, portanto, associadas ao desmatamento excessivo comprovam a relação desarmônica existente entre o ser humano e o mundo. Com a conscientização das pessoas e proteção ao ambiente e os animais há uma esperança de um futuro melhor. Caso isso não aconteça a tendência é de um planeta destruído assim, o futuro será inevitável e inexistente.

Quadro 60 – Seleção das vozes externas no Texto 35

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
O filme "Wall-e" retrata um cenário distópico onde a Terra se torna inabitável graças às ações da humanidade, que poluem completamente o planeta e consequentemente destroem o meio ambiente.					X
Segundo pesquisas cerca de 12,5% das espécies de seres vivos atualmente estão ameaçadas de extinção.				X	
Muitas vezes por motivos sociais e culturais o consumo desses se tornou comum o que tornou quase obrigatório o surgimento de novas enfermidades, como foi o caso do coronavírus, que, conforme notícias, atingiu mais de 174 milhões de pessoas e matou 3,5 milhões até hoje.				X	

### Texto 36

Não há como negar que o Brasil conta com diversas leis ambientais para proteger os ecossistemas e equilibrar a existência das espécies. Entretanto, a exploração descontrolada e o desmatamento excessivo evidenciam que o meio ambiente não é devidamente protegido e cuidado. Logo, faz-se pertinente o debate acerca da relação do homem com a natureza, considerando sua dependência e seus maus tratos.

A priori, a natureza é essencial para existência humana, sendo necessário um equilíbrio entre as vidas. **Sob essa lógica, o Acordo de Paris - tratado da ONU assinado por diversos países em 2015 - mostra a importância de preservar o meio ambiente à medida que impõe reduções anuais na emissão dos gases estufa.** Dessa forma, a sobrevivência humana depende da existência de um meio ambiente harmonioso, visto que o gás oxigênio usado na respiração dos seres vivos é expirado pelas plantas durante a fotossíntese, por exemplo.

Apesar de necessitar de uma relação balanceada com a natureza, os seres humanos também são responsáveis por grande parte de sua destruição, uma vez que buscam explorá-la e desmatá-la a fim de enriquecer. **A exemplo desse fato, o documentário “Seaspiracy” - disponibilizado em 2020 na plataforma de streaming Netflix - alerta sobre os impactos ambientais da indústria pesqueira, evidenciando como a desregulamentação dessa prática leva diversas espécies à extinção.** Dessa maneira, ao criar um valioso mercado de itens da natureza, a degradação do meio ambiente é acelerada, já que muitas pessoas passam a depender de sua mercantilização.

É fundamental, portanto, um equilíbrio entre a preservação e a exploração, buscando, cada vez mais, cuidar do meio ambiente e desenvolver a sociedade. É preciso, então, que as ONG’s incentivem a população a defender o espaço natural e mudar seus hábitos com o objetivo de diminuir os impactos da vida humana sobre o meio ambiente.

Quadro 61 – Seleção das vozes externas no Texto 36

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Sob essa lógica, <u>o Acordo de Paris</u> - tratado da ONU assinado por diversos países em 2015 - <u>mostra</u> a importância de preservar o meio ambiente à medida que impõe reduções anuais na emissão dos gases estufa.						X
A exemplo desse fato, <u>o documentário “Seaspiracy”</u> -						X

<p>disponibilizado em 2020 na plataforma de streaming Netflix - <u>alerta</u> sobre os impactos ambientais da indústria pesqueira, evidenciando como a desregulamentação dessa prática leva diversas espécies à extinção.</p>											
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

### Texto 37

O longa *Wall-E*, produzido pela Disney no ano de 2008, retrata um futuro distópico em que após soterrar o planeta com lixo e poluir a atmosfera, o ser humano deixa a terra para morar numa nave gigantesca vagando pelo universo. Na vida real não é diferente, pois o cenário atual, catastrófico da relação entre o ser humano e o meio ambiente se dá pelo excesso de lixo produzido pelo consumismo exacerbado e o desmatamento descontrolado das florestas e áreas vegetais pelo homem.

Em primeiro plano, a questão do descarte dos resíduos não-biodegradáveis não é regulada, e na maior parte não acontece de forma sustentável. Seguindo essa linha de pensamento, esse excesso de detrito é causado principalmente pela obsolescência programada que fabrica o produto de forma que se torne obsoleto ou não funcional em um curto espaço de tempo. Assim, isto é realizado especificamente para forçar o consumidor a comprar uma nova geração desse aparato, jogando fora o antigo, e acentuando cada vez mais a produção de lixo eletrônico.

Ademais, o excesso do desmatamento das áreas verdes também é considerado um problema pois prejudica a biodiversidade. Nessa perspectiva o ser humano vê a natureza como uma fonte inesgotável e isso faz com que a sociedade fique cada vez mais afastada do conhecimento de que a flora é um recurso finito. Agravando assim o desflorestamento para promover um estilo de vida capitalista que visa o lucro infinito e a saturação da natureza por completo.

Portanto, a relação entre o homem e a natureza é extremamente conflituosa pois está se esgotando os recursos naturais existentes considerando que eles são finitos. O desmatamento é estimulado pelo consumo constante, aonde seria interessante colocar em prática uma política sustentável se for possível tê-la dentro de um sistema econômico político capitalista.

Quadro 62 – Seleção das vozes externas no Texto 37

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
O longa Wall-E, produzido pela Disney no ano de 2008, retrata um futuro distópico em que após soterrar o planeta com lixo e poluir a atmosfera, o ser humano deixa a terra para morar numa nave gigantesca vagando pelo universo.					X

### Texto 38

A relação do homem com o meio ambiente existe desde o primeiro dia que a raça humana apareceu e quanto mais o tempo passou, pior ela foi ficando. Nos dias de hoje essa relação se dá como destrutiva e abusiva por parte do Homem, trazendo cenários como o desmatamento excessivo e a negligência do Governo sobre a precária situação do meio ambiente, evidenciam o quão ruim é esse relacionamento.

Em primeiro lugar, é notável que a situação entre o meio ambiente e a humanidade é desarmoniosa, semelhante ao amensalismo, que é a inibição do desenvolvimento de um, devido às ações do outro. Uma das ações mais praticadas é o desmatamento, tal prática vem destruindo o ecossistema a séculos, pela simples ambição do ser humano por bens e capital, causando a perda de aproximadamente 75% de toda a natureza terrestre, muito mais que necessário. Dessa forma a situação só se exacerba.

Ademais, a negligência do Governo em relação ao meio ambiente, é um alarmante fato que intensifica a desarmonização do Homem com o biosistema. **Como diz o filósofo Demócrito: “O animal é tão ou mais sábio que o homem: conhece a medida da sua necessidade, enquanto o homem ignora.”** Se instituições governamentais implantassem leis mais sustentáveis, talvez o relacionamento com a natureza seria melhor. Porém, a ignorância por meio dessas, fortalece a situação contemporânea.

A negligência do Poder Público, portanto, associada com o desflorestamento corrobora a relação precária que o ser humano tem com o meio ambiente nos dias atuais.

Quadro 63 – Seleção das vozes externas no Texto 38

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Como diz o filósofo Demócrito: “O animal é tão ou mais sábio que o homem: conhece a medida da sua necessidade, enquanto o homem ignora.”		X			

**Texto 39**

No filme “WALL-E” é retratado o planeta Terra não habitado por seres humanos, devido a grande quantidade de lixo e gases tóxicos em sua atmosfera. Apesar de retratar uma realidade fictícia, o filme possui uma verossimilhança externa visto que o elo do homem com a natureza tem sido enfraquecido nos últimos anos. Desse modo é importante analisar as causas desse problema para que sejam tomadas medidas governamentais e para a conscientização da população sobre o assunto.

Primeiramente, é importante ressaltar a importância das providências a serem tomadas, governamentais principalmente. O governo deveria promover conscientização da população sobre o desflorestamento, por exemplo. Além disso, leis ambientais deveriam ser mais fiscalizadas, principalmente com grandes empresas e companhias, pois estas têm responsabilidades ambientais.

Segundamente, é possível conscientizar a sociedade sobre o assunto com campanhas, mensagens na televisão, lixeiras em cada esquina, isso incentivado e financiado pelo governo. Ainda, é importante que as pessoas não tenham a impassibilidade com a fauna. Visto que para produzir creme de avelã, por exemplo, é necessário desmatar florestas, implicando na morte em massa de orangotangos.

Portanto, com algumas ações coletivas é possível restabelecer os laços entre a humanidade e o meio ambiente. Para isso, serão necessárias ações de sustentabilidade individual e preocupação governamental para com a população, algumas delas como estações de tratamento de esgoto, estações de tratamento de água com mais eficácia, poucos dos exemplos de melhorias que poderiam ser feitas pelo estado.

Quadro 64 – Seleção das vozes externas no Texto 39

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
No filme “WALL-E” <u>é retratado</u> <sup>45</sup> o planeta Terra não habitado por seres humanos, devido a grande quantidade de lixo e gases tóxicos em sua atmosfera.					X

#### Texto 40

No filme “WALL.E” um robô recebe a função de limpar o lixo da Terra, devastada pela humanidade. Nesse prisma, a ficção tem tudo a ver com realidade das pessoas com o meio ambiente, que aparece como uma interação desarmoniosa e prejudicial para os dois lados. Como responsáveis, aparecem fatores como a exploração irresponsável dos recursos naturais e poluição extrema.

É indubitável que a sociedade usufrui dos recursos do planeta de maneira não sustentável. Isso se deve ao crescimento demográfico intenso. **Desse modo, aparece o "Ecomalthusianismo", que defende o controle do aumento populacional de forma sustentável e que não prejudique a biodiversidade.** Nesse contexto, o número de indivíduos em muitos países se multiplicam de forma desordenada. Com isso, a demanda por itens como alimentos cresce e a degradação da Terra se agrava cada vez mais.

Outrossim, é notório que a contaminação ambiental pelos produtos ou seus restos industrializados. Como exemplo dessa degeneração, aparece o chamado “ Sétimo Continente”, uma ilha de milhões de quilômetros quadrados de lixo encontrado no Oceano Pacífico. Essa ação gera resíduos que atrapalham a vida animal e vegetal (tanto marinha como terrestre), podendo até matá-los e deterioram o ecossistema como um todo, o que afeta até os humanos.

O vínculo entre o Homem e o meio ambiente, portanto, é conturbado e desfavorável e, certamente, a instabilidade dessa interação se dá o uso inconsequente dos tesouros da Terra, que resulta de um elevado crescimento vegetativo irresponsável, que consome recursos não

<sup>45</sup> Por meio da agnação, entendemos que aqui a mensagem tem o seguinte teor: O filme Wall-e retrata o planeta Terra não habitado por humanos (...). Nesse sentido, não acreditamos estar diante de uma locução por projeção, mas sim de um grupo.

renováveis, e o depósito de dejetos como derivados do petróleo, que danifica o biosistema. No ritmo atual, o globo terrestre em pouco tempo estará em uma reta para em direção ao seu fim, aproximando filme e realidade.

Quadro 65 – Seleção das vozes externas no Texto 40

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Desse modo, aparece o "Ecomalthusianismo", <u>que defende</u> o controle do aumento populacional de forma sustentável e que não prejudique a biodiversidade.		X	X			

### Texto 41

Relação tóxica: o homem e o ambiente que o cerca

O filme “Depois da Terra” passa-se num mundo distópico, no qual, após anos desgastando o planeta, a humanidade foi obrigada, depois de um cataclismo, a abandonar a Terra, que se tornou um lugar hostil. No mundo real, o meio ambiente e o ser humano encontram-se num relacionamento tóxico, que prejudica ambos a longo prazo, visto que, na medida em que o homem destrói a natureza, ela volta-se cada vez mais contra ele.

De início, salienta-se o contexto de crescente aniquilação dos ecossistemas terrestres, que, sem dúvidas, tem como principais causas motivos econômicos. **A constante vontade de elevar os lucros, pregada pelo sistema capitalista, que rege o mundo de hoje, desencadeia a necessidade de aumento da produção e da busca por matérias primas.** Dessa forma, a exploração do meio ambiente toma enormes proporções, não só por meio de desmatamentos e queimadas, visando ampliar a agropecuária, mas também porque o homem retirada e utiliza exacerbadamente os recursos e os elementos naturais para abastecer as indústrias.

Outrossim, essa agressão antropológica em nome do desenvolvimento humano só contribui para a limitação do futuro da humanidade. De fato, é notável que os desastres naturais estão se agravando e se tornando mais presentes na atualidade, no mesmo passo que a ação humana interfere ainda mais no espaço natural. Terremotos, tsunamis, enchentes e mudanças climáticas extremas são só algumas das catástrofes que têm assolado o planeta com

progressiva frequência, deixando rastros de devastação e promovendo mudanças que podem se tornar irreversíveis, assim sendo capazes de impedir a vida humana na Terra.

Fica claro, portanto, a desarmonia da relação entre o ser humano e o meio ambiente, que pode causar a destruição dos dois, ao passo que o ser humano depende da natureza, mas a arruina, e, como resposta, o meio natural potencializa seus trágicos fenômenos, até o momento em que eles tornarão o globo inabitável. Dessa forma, é imprescindível que o ser humano adote um modo de vida mais sustentável, a fim de evitar que o que aconteceu no filme se torne realidade.

Quadro 66 – Seleção das vozes externas no Texto 41

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
A constante vontade de elevar os lucros, <u>pregada pelo sistema capitalista</u> , que rege o mundo de hoje, desencadeia a necessidade de aumento da produção e da busca por matérias primas.			X		

### Texto 42

O filme “Lorax” retrata uma realidade onde toda a biodiversidade foi devastada, somente sobrando árvores de plástico, assim enfatiza-se a relação deplorável entre o homem e a natureza, principalmente com as recorrentes atitudes do cidadão para com o meio ambiente. Sendo assim, essa chaga social, causada pela ganância e ignorância deve ser veementemente rechaçada.

Sob esse viés, pode-se salientar, a cobiça exagerada do conjunto social, que quando analisada no âmbito histórico realça como valores do século XVII ainda permeiam nossa realidade. Fato que é evidenciado no contexto da 1ª Revolução Industrial, já que uma ruptura, não só na forma de produzir, mas também na forma de consumir, acaba surgindo, essencialmente, por conta da busca insaciável pelo lucro. Assim, essa nova ótica de pensamento gerou no ser humano um contínuo descaso, que descarta os danos naturais em detrimento do seu próprio benefício.

Consequentemente, esses poderosos egoístas, não de maneira desprezível, possuem um projeto de alienação. **Visto que, segundo Karl Marx, exercem sobre a população um domínio intelectual, de acordo com os próprios interesses.** Esse monopólio de ideias desdobra-se na perda – por exemplo, no âmbito do desmatamento- da sensibilidade do ser humano com o processo produtivo. Logo, esse seletivo grupo se faz fiscalizador de seus atos, desse modo, a sua caça torna-se seu exclusivo objetivo, assim essa ação é facilitada, essencialmente pela falta de grandes obstáculos, devido uma população desamparada intelectualmente.

Infer-se, portanto, que o Estado, detentor de grande poderio ideológico, por meio da criação de novas leis, mais efetivas, transforme o consumo mais consciente. De modo que, exija que os fabricantes divulguem por meio de sites, de forma clara e sucinta, o processo para a formação daquele bem, buscando como finalidade que o consumidor escolha os produtos devido a sua consciência moral, optando por aqueles com uma menor destruição ambiental. Além disso, os governantes poderiam constituir políticas públicas de investimento em fiscalização e conscientização sobre meio ambiente.

Quadro 67 – Seleção das vozes externas no Texto 42

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
O filme “Lorax” retrata uma realidade onde toda a biodiversidade foi devastada, somente sobrando árvores de plástico, assim enfatiza-se a relação deplorável entre o homem e a natureza, principalmente com as recorrentes atitudes do cidadão para com o meio ambiente.						X
Visto que, <u>segundo Karl Marx</u> , [esses poderosos egoístas] exercem sobre a população um domínio intelectual, de acordo com os próprios interesses.					X	

### Texto 43

Segundo a atual Constituição Federal, a sociedade tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. Por isso, o poder público e a coletividade devem defendê-lo e preservá-lo para que as gerações futuras usufruam desse recurso. Entretanto, essa garantia encontra-se afetada, levando em conta fatores como a degradação do meio ambiente e a falta de consciência da população a respeito desse tema.

Primeiramente, é importante analisar os impactos do homem sobre o meio ambiente. O uso intenso e inconsciente dos recursos naturais por parte da população e de grandes empresas, como consequência da incessante busca por lucro, levou ao grande desequilíbrio ecológico. Exemplificando isso, tem-se a intensiva agropecuária como uma das maiores responsáveis pela degradação de recursos naturais e emissão de gases de efeito estufa.

Além disso, cabe mencionar o papel dos indivíduos para assegurar o equilíbrio ecológico. O consumo mais sustentável dos recursos naturais é pouco adotado pela população, embora seja amplamente estimulado pelas mídias sociais. Nesse sentido, observa-se a perpetuação do uso inconsciente e da visão da natureza apenas como produto. Segundo o filósofo Francis Bacon, a intolerância é disseminada pelos indivíduos, dificultando a resolução do impasse.

Portanto, a fim de garantir um convívio mais harmonioso do homem com a natureza, o Ministério do Meio Ambiente deve implementar medidas que conciliam as atividades econômicas com a preservação ambiental. Cabe ainda à escola, como responsável pelo desenvolvimento integral do educando, realizar trabalhos em grupo e projetos de reutilização e reciclagem, como meio de proteger os recursos naturais. Dessa maneira, será possível uma maior defesa e respeito ao meio ambiente, como foi salvaguardado pela Constituição Federal.

Quadro 68 – Seleção das vozes externas no Texto 43

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Segundo a atual Constituição Federal, a sociedade tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.					X	
Segundo o filósofo					X	

Francis Bacon, a intolerância é disseminada pelos indivíduos, dificultando a resolução do impasse.						
----------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--

#### Texto 44

Com o advento da indústria no século 18, que transformou e aumentou a produção, o meio ambiente passou a ser cada vez mais destruído pela ação antrópica. **Nesse contexto, segundo o pensamento do cofundador do Greenpeace Paul Watson, inteligência é a habilidade das espécies de viver em harmonia com o meio.** Tal harmonia é deturpada quando colocados em questão os desafios da relação entre o homem e o ambiente, amplamente ligados à industrialização, entre os quais se destacam o desmatamento e a produção de lixo.

**De acordo com o livro “A história das coisas”, entre quatro e cinco milhões de hectares de florestas são destruídos no mundo em prol da construção de indústrias e centros urbanos e, no Brasil, apenas 8,5% da área original da mata atlântica não foi desmatada em função da urbanização.** Entre as principais causas do desmatamento estão a expansão do agronegócio, a construção de fábricas e empreendimentos imobiliários.

Aliado ao fator mencionado, a grande quantidade de lixo produzido na contemporaneidade é um agravante da problemática apresentada. A modernidade é marcada pela facilidade de acesso a bens e serviços, o que tem levado ao consumismo. Deveríamos usar a tecnologia e a modernidade a nosso favor, mas, em vez disso, compramos de maneira inconsequente. Isso tem sido um agravante da produção de lixo, já que se consome mais e joga-se mais coisas fora, principalmente eletrônicos. No Brasil há mais de três mil lixões, o que contribui para o empobrecimento do solo e a morte das espécies.

Portanto, diante do exposto, para eliminar os desafios da relação entre o homem e o ambiente, faz-se necessária a criação de projetos e sistemas que destinem o lixo corretamente. Tal medida deve ser colocada em prática por meio da interferência do Ministério do Meio Ambiente, eliminando os lixões. Além disso, palestras devem ser feitas com o intuito de conscientizar a população acerca do consumismo e suas consequências.

Quadro 69 – Seleção das vozes externas no Texto 44

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Nesse contexto, <u>segundo o pensamento do cofundador do Greenpeace</u> paul Watson, inteligência é a habilidade das espécies de viver em harmonia com o meio.				X	
<u>De acordo com o livro “A história das coisas”</u> , entre quatro e cinco milhões de hectares de florestas são destruídos no mundo em prol da construção de indústrias e centros urbanos e, no Brasil, apenas 8,5% da área original da mata atlântica não foi desmatada em função da urbanização.				X	

### Texto 45

#### Paradoxo entre mudança e ganância

“**Para a ganância, toda a natureza é insuficiente**”. A relação exploratória e desgastante do homem com o meio ambiente é responsável, principalmente, pela degradação ambiental. Isso ocorre tanto pela negligência governamental, quanto pelo sistema capitalista.

Segundo o ativista Mahtma Gandhi defendia, “**Temos de nos tornar a mudança que queremos ver**”. Paradoxalmente, é notório que a citação de Gandhi não é exercida na prática, visto que os incentivos para a modificação (campanhas publicitárias informativas e/ou propagação de um consumo consciente e sustentável) no cenário consumidor e capitalista por parte de agentes públicos são mínimos e quase nulos. Sob esse viés, é válido destacar a problemática e ameaçadora existência dos desequilíbrios ecológicos ligados, em sua maioria, às negligências governamentais em políticas públicas ambientais.

Ademais, conforme dados de uma pesquisa no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojista (CNDL), no mês de Fevereiro, seis a cada

dez consumidores realizaram compras por impulso. Dessa maneira, é de extrema importância ressaltar a compulsão existente na sociedade de consumo, fomentada pelo capitalismo, que, conseqüentemente, acarreta na exploração dos recursos naturais e em diversas problematizações ambientais.

Inferese, portanto, que medidas são necessárias para reverter os desafios e ameaças provocados pela exploração ambiental causada pelo homem. Nesse contexto, cabe ao Governo em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, que é responsável por cuidar e preservar a fauna e a flora, investir em programas de reciclagem, que contribuam para a redução da degradação ambiental, organizados por profissionais competentes, a fim de promover um consumo sustentável e consciente. Assim, haveria uma nação verde-amarela disposta a praticar a mudança citada por Gandhi e que iria orgulhá-lo.

Quadro 70 – Seleção das vozes externas no Texto 45

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
“Para a ganância, toda a natureza é insuficiente”.	-	-	-	-	-	-
<u>Segundo o ativista Mahtma Gandhi defendia</u> , “Temos de nos tornar a mudança que queremos ver”.		X				
Ademais, <u>conforme dados de uma pesquisa no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojista (CNDL)</u> , no mês de Fevereiro, seis a cada dez consumidores realizaram compras por impulso.					X	

Aqui, cabe uma observação sobre a primeira estrutura retirada do texto e colocada no quadro, mas não analisada. Entendemos haver uma voz externa paratática, graças ao uso das aspas, mas não é possível classificá-la em nenhuma coluna do quadro. Ela não pode ser

denominada projeção, pois não existe uma oração projetante. Ela, também, não é expansão, não constitui encaixamento e nem pode ser vista como grupo, mesmo que haja apenas uma oração. Nesse caso, o que acontece, na verdade, é uma ausência de estrutura para introduzir a voz alheia. Certamente, ciente de que empregar essa estratégia é importante, o aluno a utiliza, mas não demonstra domínio de como fazê-lo, o que deixa o período solto em relação aos outros do mesmo parágrafo.

#### Texto 46

##### As escolhas do homem em prol do mundo

O ser humano não nasce a natureza, poluindo rios, jogando lixo no chão, queimando árvores ou desmatando. Ele foi ensinado a isso e não percebe que necessita fazer escolhas diariamente em diversos aspectos para cuidar do que é seu. A responsabilidade de arcar com as consequências de tais escolhas, afetam diretamente toda a sociedade e, por isso, o homem deveria exercer um papel de suma importância a favor da proteção ambiental. Com efeito, a negligência governamental e as seleções inadequadas do homem corroboram a imensa destruição do meio ambiente.

Diante desse cenário, é válido destacar que o governo possui o dever de preservar as riquezas naturais do Brasil. **Indubitavelmente, Francis Bacon, filósofo e cientista, citou: “ Só se pode vencer a natureza obedecendo a ela”.** Desse modo, são essenciais que mudanças atuem diretamente na construção de boas ações dos governantes. Por conseguinte, deve-se investir em medidas capazes de proteger o planeta, por exemplo, melhor reciclagem do lixo, reduzir o desmatamento e aumentar a plantação de árvores nas cidades.

Nesse sentido, é fundamental salientar que a população depreda a natureza hodiernamente pela consequência de decisões equivocadas. **Sob esse viés, o lema *árcade da literatura* “Inutilia Truncat”, significa cortar o inútil e levar uma vida sem exageros.** Dessa forma, é importante que os indivíduos diminuam o consumismo exagerado e reaproveitem materiais que anteriormente seriam descartados.

Torna-se evidente, portanto, que a negligência governamental e a falta de empatia das pessoas em relação ao meio ambiente estimulam a destruição de tal patrimônio. Nesse contexto, cabe ao Ministério do Meio Ambiente aprimorar rigidamente a aplicação das leis ambientais, além de incentivar a população a preservar a natureza, por meio de campanhas de orientações que versem sobre a importância das florestas e das riquezas naturais, até mesmo, para a conservação das próximas gerações. Essas medidas tem o intuito de mudar os hábitos incorretos da sociedade e evitar os impactos ambientais negativos que são gerados. Assim, a

humanidade conseguirá saber o que é suficiente para si e acabar com a destruição de sua própria casa.

Quadro 71 – Seleção das vozes externas no Texto 46

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Indubitavelmente, <u>Francis Bacon</u> , filósofo e cientista, <u>citou</u> : “ Só se pode vencer a natureza obedecendo a ela”.		X			
Sob esse viés, <u>o lema árcade da literatura “Inutilia Truncat”</u> , <u>significa</u> <sup>46</sup> cortar o inútil e levar uma vida sem exageros.	X				

### Texto 47

#### O homem no meio ambiente

No filme Tarzan, o personagem principal é criado por gorilas e passa, grande parte de sua juventude na selva, onde ele cria uma afeição e passa a proteger o lugar de diversas ameaças, principalmente humanas. Fora da Ficção, a realidade brasileira apresentada não é diferente, pois que a relação do homem com a natureza não é uma das melhores desde muitos anos. Isso ocorre tanto pela falta de proteção por parte do governo de preservação, quanto pela falta de consciência com a natureza que muitos nunca foram ensinadas a ter.

**Segundo o filósofo Thomas Hobbes, o homem é o lobo do próprio homem.** Nesse sentido, a falta de proteção de áreas preservadas e o descontrole do desmatamento em grandes regiões, torna evidente, a ineficácia do Ministério do Meio Ambiente em tentar controlar a destruição sem reparos causados pelas ações humanas. Sob essa lógica, é possível concluir que os constantes ataques a natureza vão refletir de maneira negativa na vida de toda uma sociedade que depende das transformações que provêm do meio ambiente para sobreviver.

<sup>46</sup> Nessa estrutura, consideramos que o verbo “significa” assume o papel de “considera”, “avalia”, sendo, portanto, um processo mental.

Além disso, o assunto sobre a relevância da preservação do meio ambiente quase nunca entra em debate sejam nas salas de aula ou dentro das famílias brasileiras. Diante disso, percebe-se que nunca foi um costume ou padrão no Brasil educar as pessoas sobre a importância que a preservação da natureza pode trazer para a vida de todos. **De acordo com a ideia defendida pelo filósofo Immanuel Kant, o homem sem educação não é nada.** Sendo assim, pode-se destacar o problema da educação necessária para valorizar o meio ambiente ainda ser um tópico incomum na sociedade brasileira.

Portanto, devemos encontrar medidas que reduzam os impactos prejudiciais da relação do homem com o meio ambiente. O Ministério do Meio Ambiente junto com as escolas e a mídia devem promover o respeito com as áreas que devem ser preservadas além do estímulo a práticas econômicas e sustentáveis, por meio de projetos, campanhas e divulgação de informações, a fim de mitigar as ações desastrosas do ser humano no ecossistema. Somente assim, a melhoria das relações do homem com o meio ambiente poderiam acontecer e progredir para uma melhor sociedade.

Quadro 72 – Seleção das vozes externas no Texto 47

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
<u>Segundo o filósofo Thomas Hobbes</u> é, o homem é o lobo do próprio homem.					X	
<u>De acordo com a ideia defendida pelo filósofo Immanuel Kant</u> , o homem sem educação não é nada.				X	X	

### Texto 48

#### O homem e seu relacionamento ambiental

O filme *Wall-E*, ao abordar as consequências que a geração do lixo e a desenfreada poluição causam no ecossistema, retrata sobre o possível cenário da ação do homem no planeta caso ele não tenha um desenvolvimento consciente do meio ambiente. Fora da ficção, o mesmo se faz presente no contexto brasileiro vigente uma vez que, a relação do homem

com o meio ambiente é propagado erroneamente , desencadeando em visíveis impactos ambientais similares aos da obra cinematográfica .Desse modo, na contemporaneidade , as consequências geradas por essa relação persistem devido à negligência governamental junto à uma sociedade capitalista .

**Sob essa perspectiva , segundo Nicolau Maquiavel , no livro “ O Príncipe ” , para se manter no poder , os governantes devem operar em busca do bem universal .** No entanto, nota-se que , mesmo o Governo possuindo o Ministério do Meio Ambiente , responsável pela adoção de estratégias para a proteção e recuperação do meio ambiente , não cumpre o seu devido papel pela falta de fiscalização sob cidadãos que não respeitam as leis ambientais e pela precária atuação de tal Ministério . Nesse sentido, a lesiva inércia pública fortalece o aumento do problema no Brasil .

Ademais , destaca-se o descaso do homem capitalista acerca dos cuidados e eficientes medidas de conservação do ecossistema como um dos fatores que validam a persistência da problemática . Sob esse viés , a Revolução Industrial agravou a relação entre o capitalismo e o cenário ambiental . O capitalismo desenfreado é peça central de um enorme jogo de xadrez cujos peões representam as pessoas submetidas ao poder do rei. Isto pois , as perversas políticas capitalistas como exploração excessiva de recursos naturais , descarte de materiais nos esgotos e massiva emissão de gases poluentes , desencadearam em crises ambientais , e portanto , é inaceitável que estas ações prossigam por desequilibrar o cenário ambiental.

Portanto , pode-se inferir que o relacionamento do homem com o meio ambiente é um tema relevante e que carece soluções . Sendo assim , cabe ao Governo por meio do Ministério do Meio Ambiente (MMA) ampliar as leis já existentes de modo que sejam mais efetivas e severas acima dos infratores que desrespeitam a legislação governamental , com exigência de breve reparação do dano e multas maiores com o fito de mitigar os impactos ambientais causados pelo homem . Outrossim , a Mídia televisiva deve criar propagandas chamativas e de fácil compreensão acerca das corretas ações de cuidado com o ecossistema a fim de orientar os cidadãos sobre a importância do mesmo. Dessa forma, a situação exposta no filme Wall-E poderá ser apenas uma distante realidade.

Quadro 73 – Seleção das vozes externas no Texto 48

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
O filme <u>Wall-E</u> , ao abordar as consequências que a geração do lixo e a desenfreada poluição causam no ecossistema, <u>retrata</u> sobre o possível cenário da ação do homem no planeta caso ele não tenha um desenvolvimento consciente do meio ambiente.					X
Sob essa perspectiva, <u>segundo Nicolau Maquiavel</u> , no livro “O Príncipe”, para se manter no poder, os governantes devem operar em busca do bem universal.				X	

### Texto 49

#### A relação do homem com o meio ambiente

No filme infantil “Tarzan”, o personagem principal demonstra sua harmonia e preservação com a natureza a sua volta. Fora da ficção, essa relação harmônica do homem com o meio ambiente não é comum. Com efeito, pode-se apontar, dentre as causas dessa problemática, a obsolescência programada e a negligência governamental com as questões ambientais.

Diante desse cenário, é válido destacar que a obsolescência programada, além de exigir mais produção das indústrias agravando o problema da poluição, causa também um outro problema: o lixo eletrônico. Já que a indústria da tecnologia produz, sozinha, 41 milhões de toneladas de lixo eletrônico por ano. Desse modo, o descarte irregular desse lixo

gera danos ao meio ambiente através da contaminação dos solos, lençóis freáticos e da redução do tempo de vida de aterros sanitários.

Nesse sentido, é fundamental salientar que o desinteresse do governo em relação as questões ambientais é o principal responsável pela má relação do homem com o meio ambiente. **O educador Paulo Freire já citava que “Ninguém luta pelo o que não entende e ninguém transforma aquilo que não conhece”**. Assim, muitas pessoas acabam não lutando contra as conseqüências que a degradação da natureza traz, o que é um entrave na preservação ambiental em sociedade, seja no Brasil ou no mundo inteiro.

Torna-se evidente, portanto, a urgência em resolver esse impasse. Destarte, cabe ao Governo Federal, firmar parcerias com indústrias e empresas por meio de investimentos para que estas utilizem seus métodos de maneira mais limpa. A partir disso, o homem viverá em harmonia com o meio ambiente, assim como o Tarzan.

Quadro 74 – Seleção das vozes externas no Texto 49

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
O educador Paulo Freire já citava que “Ninguém luta pelo o que não entende e ninguém transforma aquilo que não conhece”.		X				

### Texto 50

**Thomas Hobbes já vislumbrava metaforicamente que o homem seria o lobo do próprio homem, expressando o poder autodestrutivo do ser humano na ausência do contrato social, teoria política apresentada em sua obra Leviatã.** De maneira análoga, pode-se estabelecer um parâmetro de comparação e de semelhança entre a relação homem x meio ambiente. Hodiernamente, inúmeros fatores compõem um cenário perigoso para o ecossistema, dentre eles, a manutenção de uma sociedade consumista e a negligência governamental diante da utilização dos recursos naturais.

O capitalismo desenfreado é a principal razão do consumismo exacerbado, já que associação do prazer ao consumo ocasiona na valorização de bens materiais que tornam-se obsoletos cada vez mais rápido, e à medida que seu consumo aumenta, aumenta também o

desejo por possuir mais, gerando um ciclo vicioso muito danoso, não somente para os cidadãos, mas também para o meio ambiente cujos recursos são explorados e destruídos em prol do sustento deste modelo consumista que tanto nos afeta.

Além disso, o descaso do governo na questão ambiental representa outra parcela expressiva de responsabilidade pelas lesões na natureza. Segundo dados do INPE, 17% da Amazônia já foi desmatado, o que corresponde à 792 mil km<sup>2</sup> de seu território, números cuja tendência é aumentar, especialmente pela ineficiência das medidas interventivas governamentais. No filme Wall-e, o planeta torna-se inabitável por conta do acúmulo de lixo e gases tóxicos na atmosfera, forçando os humanos a refugiarem-se em uma nave espacial, entretanto, diferentemente da animação, a ausência de controle e cuidados com o meio ambiente ocasionará de forma definitiva a inviabilidade de vida no futuro, diante do fato de que o Brasil produz 71 milhões de toneladas de lixo por ano atualmente, segundo dados do Panorama dos Resíduos Sólidos.

Tendo em vista os fatos apresentados, evidencia-se a necessidade de intervenção do Ministério do Meio Ambiente com auxílio do Governo Federal para aprimorar as medidas interventivas, com o desenvolvimento de leis e penas mais rígidas para exploração ilegal, maior fiscalização ambiental e o estabelecimento de um limite anual de extração de recursos naturais visando mitigar os danos à natureza. Só com estas medidas, aliadas a criação de um maior senso de consumo por parte dos cidadãos, vislumbraremos um futuro positivo.

Quadro 75 – Seleção das vozes externas no Texto 50

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Thomas Hobbes já vislumbrava metaforicamente que o homem seria o lobo do próprio homem, expressando o poder autodestrutivo do ser humano na ausência do contrato social, teoria política apresentada em sua obra Leviatã.	X					
Segundo dados do INPE, 17% da Amazônia já foi				X		

desmatado, o que corresponde à 792 mil km <sup>2</sup> de seu território, números cuja tendência é aumentar, especialmente pela ineficiência das medidas interventivas governamentais.						
No filme Wall-e, o planeta torna-se inabitável por conta do acúmulo de lixo e gases tóxicos na atmosfera, forçando os humanos a refugiarem-se em uma nave espacial, entretanto, diferentemente da animação, a ausência de controle e cuidados com o meio ambiente ocasionará de forma definitiva a inviabilidade de vida no futuro, diante do fato de que o Brasil produz 71 milhões de toneladas de lixo por ano atualmente, <u>segundo dados do Panorama dos Resíduos Sólidos.</u>					X	

## Texto 51

### A Questão Ambiental na Sociedade Brasileira Atual

O filme wall-e retrata a história de dois robôs que convivem numa terra pós-apocalíptica. Nele, o telespectador pode refletir sobre a questão ambiental, visto que, os humanos deixaram o planeta após o seu esgotamento ecológico. Entretanto, não apenas na ficção um cenário de insustentabilidade ambiental acontece na terra, dado que, no mundo real, o planeta passa por problemas como aquecimento global e desmatamento oriundos principalmente do consumismo exacerbado e ganância das grandes corporações.

Dentro desse cenário, é fundamental salientar que o consumismo em altas proporções é uma das características da sociedade atual que mais contribuem para o aumento da temperatura global. **Ciente disso, a denúncia de Bauman de que vivemos numa sociedade líquida em que as pessoas, inseridas no contexto do capitalismo, necessitam cada vez mais comprar produtos para se sentirem completas, nunca fez tanto sentido.** Desse modo, o alto consumismo gera uma grande quantidade de lixo que, conseqüentemente, aumenta as emissões de gases poluentes que promovem o agravamento do efeito estufa.

Nesse sentido, é fundamental salientar que os grandes conglomerados, principalmente os ligados a agricultura e pecuária, são grandes antagonistas ‘a preservação dos ecossistemas. **Nesse viés, Gandhi defende que a natureza pode suprir todas as necessidades do homem, menos a ganância.** Tese comprovada pelo fato das grandes empresas do ramo agropecuário, regulamente, fazerem uso de queimadas como forma de abrir espaço para criação de gado ou plantação de soja.

Logo, é possível afirmar que a sociedade atual é marcada por problemas ecológicos que necessitam de atenção. Torna-se evidente, portanto, que o Ministério do meio ambiente aprimore medidas de fiscalização ambiental, por meio do aumento da verba destinada a segurança dos ecossistemas nacionais em que os agentes ambientais teriam plenas condições estruturais e financeiras de exercer seu trabalho para assim mitigar a questão da insustentabilidade ecológica no Brasil.

Quadro 76 – Seleção das vozes externas no Texto 51

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
O filme wall-e retrata a história de dois robôs que convivem numa terra pós-apocalíptica.						X
<u>Ciente disso, a denúncia de Zygmunt Bauman de que<sup>47</sup> vivemos numa</u>				X		X

<sup>47</sup> Por meio da agnação, o formato mais prototípico para realizar esse período seria: Zygmunt Bauman denuncia que vivemos numa sociedade líquida (...). No entanto, na estrutura sublinhada, empregada pelo aluno, percebemos a presença de um grupo nominal, cujo núcleo é o substantivo “denúncia”. Por essa razão, não

sociedade líquida em que as pessoas, inseridas no contexto do capitalismo, necessitam cada vez mais comprar produtos para se sentirem completas, nunca fez tanto sentido.						
Nesse viés, <u>Gandhi defende que</u> a natureza pode suprir todas as necessidades do homem, menos a ganância.		X				

## Texto 52

A Segunda Revolução Industrial potencializou de forma direta o crescimento da quantidade de lixo gerado. Após essa, foi se agravando até os dias atuais, taxas que comprovam que cada vez mais se fere o meio ambiente por conta da enorme quantidade de detritos. O consumismo da população, juntamente com a falta de infraestrutura no Brasil, são obstáculos à procura de uma produção e descarte de lixo mais sustentável.

Em primeira instância, é necessário entender que parte dos brasileiros sofrem por um falso sentimento de dependência sobre Novos Produtos e acabam comprando de forma desenfreada. **Marshall McLuhan já defendeu que “O homem cria ferramenta a ferramenta recria o homem”**. Sendo assim enormes quantidades de lixo são gerados todos os dias, simplesmente pelo fato da população estar sempre substituindo os seus bens e dando fim aos antigos.

Nessa perspectiva, é notório a falta de infraestrutura, oferecida à população, juntamente com o precário plano político de descarte de lixo no Brasil ponto diante desse cenário resta ao povo saber a causa dessas deficiências, a título de exemplo podemos condenar os órgãos públicos pela falta de investimento na área de coleta de detritos por conta disso vemos no meio plano diversas paisagens sendo afetadas com o descarte em locais inadequados.

---

estamos diante de um complexo oracional, mas de um grupo. Entretanto, como não existe aqui uma circunstância de ângulo, estamos diante de outras estruturas.

Fica claro, por tudo isso, que é necessário uma conscientização de toda população para que a relação entre homem e natureza se torne mais sustentável. Somente assim, será possível oferecer às gerações futuras condições do meio ambiente, iguais ou melhores a que é possível observar atualmente.

Quadro 77 – Seleção das vozes externas no Texto 52

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Marshall McLuhan já defendeu que “O homem cria ferramenta a ferramenta recria o homem”.		X				

### Texto 53

Após a 2ª Guerra Mundial, os Estados Unidos se tornaram a maior potência mundial, e o novo estilo de vida americano ganhou força no planeta. Esse modelo tinha como característica a produção e o consumo exacerbados. Assim, o meio ambiente foi altamente prejudicado ao ser muito explorado, por conta da extrema busca pelo lucro e o fim do pertencimento a natureza.

Primeiramente, é imprescindível destacar o desejo dos proprietários em acumular capital em seus bolsos como um dos causadores da destruição da fauna e flora. Sem pensar nas consequências futuras, o ser humano, seduzido pelo poder de compra, visualiza a natureza como uma fonte inesgotável de recursos.

Ademais, vale ressaltar a perda do vínculo do ser humano com o meio ambiente como fator propulsor desse panorama. As civilizações antigas, ainda não afetadas pelo sistema produtivo moderno, costumavam cultuar a natureza a fim de tratá-la como força superior, valorizando todos os seus recursos. Ao contrário, o homem dos tempos hodiernos, contemporâneos do modelo capitalista, perderam o sentimento de pertencimento e dependência à natureza. Ela é vista como mercadoria, sem considerar a sua necessidade perante a vida da sociedade.

Portanto, a degradante relação do homem com o local em que vive é intensa. Se o intenso descaso com a natureza não for revertido, a fauna e flora serão extintas, as queimadas, desmatamento e a poluição tomarão conta do ecossistema global e o modelo americano fará com que o homem, paradoxalmente, cause a sua própria destruição.

Quadro 78 – Seleção das vozes externas no Texto 53

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
-	-	-	-	-	-	-

#### Texto 54

O planeta terra como um grande conjunto de ecossistemas vem, há séculos, passando por crises e declínios na sua capacidade de abrigar gerações futuras. Seja por aquecimento global ou poluição da atmosfera, o comportamento do homem está diretamente relacionado a esse problema e com a persistência dessas ações, o cenário só tende a piorar. Isso se deve a fatores como a influência capitalista e o contexto imperialista.

Em primeira análise, é evidente que os meios de produção insustentáveis focados no lucro são os principais responsáveis pelos males ambientais hoje conhecidos, e a sociedade como consumista, contribui e impulsiona esse fator. **Por isso, Marx cita que “a natureza não gera valor de troca, porém, ela é a fonte do valor de uso”**. Assim, a natureza perde cada vez mais sua importância na consciência de uma população que sofre constante pressão de um tempo extremamente consumidor.

Ademais, ao analisar a relação de povos originários das Américas, por exemplo, é notável que esses costumes foram destruídos com a onda imperialista europeia, que reflete diretamente na realidade problemática de hoje em dia. Desse modo, com as imposições colonialistas, é possível ilustrar o futuro cenário da troca de qualquer costume saudável por uma destruição enraizada na sociedade que se antecede ao início do capitalismo.

Evidencia-se, portanto, que esses fatores agravadores da relação humana com o meio ambiente, criam um grande risco na situação futura do planeta se medidas não forem tomadas e cada cidadão não tomar responsabilidade e consciência para fazer sua parte. Um futuro de anormalidades climáticas, crescimento dos oceanos, e ar impróprio e poluído, não está tão

longe, porém com soluções sustentáveis de massa surgem esperanças de alcançar um mundo mais saudável.

Quadro 79 – Seleção das vozes externas no Texto 54

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Por isso, <u>Marx cita que</u> “a natureza não gera valor de troca, porém, ela é a fonte do valor de uso”.		X				

### Texto 55

#### Futuro verde

Sustentabilidade consiste no usufruto consciente dos recursos atuais sem que haja prejuízos para as gerações futuras. Entretanto, esse uso cauteloso, teoricamente, contrasta com um descontrole na prática, evidenciando um cenário degradante que, por sua vez, associa-se ao consumo exagerado e a uma omissão do governo.

É primaz ressaltar que a relação atribulada do homem com o meio ambiente se deve aos comportamentos consumistas da humanidade nos dias atuais. A partir da influência da globalização, o consumo se expandiu a nível mundial estimulado por governos, grandes corporações e indivíduos. Dessa forma, quanto maior a procura, maior é o impacto causado aos recursos naturais.

Além disso, pode-se destacar que um Estado negligente acarreta na manutenção de um contato desigual entre ser humano e natureza. **Segundo estudiosos, a biodiversidade - além de ser um assunto ambiental - engloba também questões socioeconômicas e políticas.** É possível notar uma omissão do governo no que tange ao desmatamento de biomas brasileiros, como o Cerrado e a Amazônia, levando a uma queda drástica da variedade ambiental nessas regiões. Essa exploração está relacionada aos grandes capitais que favorecem o Governo e interesses privados, provocando uma imobilidade das autoridades.

Logo, é possível destacar que o consumo desalinhado e um descompromisso estatal confirmam uma relação abusiva entre o homem e o meio ambiente. O consumismo pressiona os recursos naturais uma vez que conta com uma posição indiferente do governo. Com isso, é

preciso refletir sobre alguns atos e estimular o consumo consciente, para que no futuro todos desfrutem igualmente e o homem não seja lobo de si próprio.

Quadro 80 – Seleção das vozes externas no Texto 55

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Segundo estudiosos, a biodiversidade - além de ser um assunto ambiental - engloba também questões socioeconômicas e políticas.					X	

### Texto 56

O ser humano é dependente do meio ambiente, e mesmo assim não o valoriza. A associação difícil entre os dois é de tempos. Desde o começo dos tempos, o ambiente é utilizado para nosso próprio benefício, porém, a partir de um certo momento, essa relação ficou tóxica.

No princípio, os homens das cavernas utilizavam-se da natureza para somente o necessário, e, ao longo do tempo, foi se extraindo cada vez mais excedente, visando o lucro. Com a modernização, a industrialização e a globalização, a retirada de materiais da natureza cresceu desproporcionalmente, tendo em vista que, ao retirarem, não repunham o mesmo de volta ao meio ambiente, plantando-o. Foi necessária muita matéria-prima para o deslanche da industrialização.

Outro problema é a retirada incorreta e ilegal que acontece, simultaneamente, resultando em cada vez menos fontes no meio ambiente.

O problema desse forte desmatamento, é que o preço só é pago pelas gerações futuras, que serão fortemente afetadas já que o desmatamento gera outros problemas, como a perda da biodiversidade, degradação de habitat e alterações climáticas.

Quadro 81 – Seleção das vozes externas no Texto 56

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
-	-	-	-	-	-	-

**Texto 57**

## Relacionamento desordenado

Sustentabilidade é usufruir do que o planeta oferece de forma que não falte nada no futuro. Entretanto, desde que o ser humano começou a usar de sua supremacia racional para melhorar seu padrão de vida, modificou o meio ambiente ignorando a prática sustentável. Esse jeito de viver em sociedade foi evidenciado ao passo em que, com a pandemia e o distanciamento social, a poluição foi extremamente reduzida já que a população estava em suas casas.

Primeiramente, o egocentrismo presente no cotidiano é refletido no meio ambiente, consumindo-o desordenadamente. Observa-se esse fato uma vez que uma parcela significativa da população mundial não preza pela economia das riquezas naturais, sendo ou minutos a mais no banho, que em escala global afeta bastante o ecossistema, ou a, cada vez maior, cultura do consumismo, que faz-se necessário maior uso de matéria-prima. **O sociólogo Durkheim afirma que o individualismo é um produto ensinado como valor pela sociedade.** Como consequência, três quartos do ambiente terrestre foi modificado pelo homem.

Além disso, a falta de informação sobre a importância de cuidar do meio em que se vive é um fator para as péssimas atitudes atuais, haja vista que as consequências são a longo prazo. Por isso, uma parte relevante da população acredita que as pequenas atitudes cotidianas são irrelevantes perto do tamanho da riqueza global e continuam agindo de forma irresponsável. **Pitágoras afirma que educando as crianças sobre o assunto, não será necessário punir os homens.**

Fica claro, portanto, que o excessivo uso do meio ambiente para ascensão do padrão de vida humano é de extrema importância. Para que o problema seja resolvido, a sociedade precisa de conscientização pois, caso contrário, faltará recursos básicos para sobrevivência em determinado momento. Logo, sejamos sustentáveis para que salvemos nossas futuras gerações.

Quadro 82 – Seleção das vozes externas no Texto 57

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
O sociólogo Durkheim afirma que o individualismo é um produto ensinado como valor pela sociedade.		X			
Pitágoras afirma que educando as crianças sobre o assunto, não será necessário punir os homens.		X			

### Texto 58

Desde o advento das tecnologias, houve um aumento na produtividade, industrialização e conseqüente urbanização, mas os impactos dessas profundas modificações estão cada vez mais claros. Desse modo, o consumismo desenfreado e a completa falta de atenção às causas ambientais por parte de grandes indústrias estão esgotando recursos naturais e acabando com o equilíbrio ambiental que torna a vida humana possível.

Primeiramente, o consumo é necessário para a sustentação do sistema, também se faz necessária a constante degradação do meio ambiente em um ciclo sem fim. **Nessa lógica, Freud afirma que indivíduos tendem a suprir o seu próprio ego e agir de acordo com o meio, oprimindo as diferenças, assim agindo de forma a sempre adquirir riquezas, não importando o meio ou as conseqüências de seus atos.** Sendo assim, as matérias-primas precisam ser constantemente retiradas do meio natural e, posteriormente, transformadas em bens materiais por meio da industrialização.

Além disso, entende-se que frear o processo de degradação ambiental é de suma importância. Isso porque, com o aumento da temperatura global os ciclos ambientais se modificaram, a exemplo disso o derretimento das geleiras no círculo polar ártico que ocasiona grande perda de água doce, que é vital para todos os seres vivos. Essa alteração tem gerado grandes perdas no habitat dos ursos polares, que se tornou uma das principais espécies mais ameaçadas de extinção e símbolo da luta contra o aquecimento global.

Quadro 83 – Seleção das vozes externas no Texto 58

Estrutura	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
Nessa lógica, <u>Freud afirma que</u> indivíduos tendem a suprir o seu próprio ego e agir de acordo com o meio, oprimindo as diferenças, assim agindo de forma a sempre adquirir riquezas, não importando o meio ou as consequências de seus atos.		X			

**Texto 59**

## O fim iminente

O filme infantil *Wall-e* mostra que a humanidade tem seu futuro prejudicado sendo obrigada a deixar a Terra após entulha-la de lixo e poluir a atmosfera com gases tóxicos. Inegavelmente, o Brasil caminha para um destino próximo por conta da grande quantidade de resíduos que são descartados indevidamente. Dessa forma, o descaso do governo e o consumo exagerado da população corroboram na destruição do meio ambiente.

Diante desse cenário, é válido destacar a negligência governamental com o planeta. Maquiavel afirma que o principal objetivo dos chefes e nação é se manter no poder, independente e tiverem que prejudicar alguém ou um grupo. Sem dúvida, essa afirmação é comprovada pelo desleixo que o Estado tem com o aterro de Jardim Gramacho e seus resíduos, que podem se infiltrar no solo e poluir lençóis freáticos.

Nesse sentido, é fundamental salientar o consumo exagerado que a sociedade brasileira pratica. O Capitalismo é um agente essencial para que isso ocorra, produzindo mecanismos que prejudicam a população pois só visam o lucro. Um grande exemplo disso é a obsolescência programada, que é a decisão do produtor de propositalmente desenvolver um produto de forma que se torne obsoleto para forçar o consumidor a comprar a nova geração do objeto.

Torna-se evidente, portanto, o descuido que o Estado e as pessoas tratam questões ambientais. Nesse contexto, cabe a escola ensinar a importância das práticas que preservam o meio em que vivem, por meio de aulas informativas. Essa medida tem como intuito formar cidadãos mais conscientes e preocupados com o futuro do meio ambiente.

Quadro 84 – Seleção das vozes externas no Texto 59

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
O filme infantil <u>Wall-e</u> mostra que a humanidade tem seu futuro prejudicado sendo obrigada a deixar a Terra após entulha-la de lixo e poluir a atmosfera com gases tóxicos.	X					
<u>Maquiavel</u> afirma que o principal objetivo dos chefes e nação é se manter no poder, independente e tiverem que prejudicar alguém ou um grupo.		X				

### Texto 60

A vida humana depende da saúde dos pulmões, portanto, sem a sobrevivência desse órgão vital, a vida não pode existir. A vida humana obviamente depende da floresta amazônica, capaz de filtrar dióxido de carbono e liberar oxigênio em grandes quantidades. Logo, cabe a nós sabermos como cuidar do meio ambiente e melhorarmos nossa relação com a natureza, para que assim possamos ter um planeta mais saudável e preservado.

Atualmente, com os avanços tecnológicos e estudos mais avançados sobre o meio ambiente, seria racional acreditar que os homens tenham tomado consciência da importância desse e que teriam conseguido administrar bem o seu uso. Entretanto, a realidade é justamente o oposto e o resultado desse contraste é claramente refletido, por exemplo, no uso irracional, ganancioso e egoísta da química por parte do ser humano, visto que o aquecimento global é originado da razão das substâncias produzidas sinteticamente por essa.

Faz-se mister, também, considerar a desinformação acerca da importância de preservar o meio ambiente, como um impulsionador de problemas relacionados aos impactos ambientais, visto que muitos não têm consciência dos danos que estão efetivando com seus atos. Segundo Albert Schweitzer afirmava, “Vivemos em uma época perigosa, o homem domina a natureza antes que tenha aprendido a dominar a si mesmo”. A atual relação do homem com a natureza é de extrema ganância por parte do homem, que não sabe nem controlar a si.

Portanto, de acordo com o escritor Victor Hugo, “É triste pensar que a natureza fala e o homem não a ouve”. Nesse sentido, fica claro que o uso inadequado do meio ambiente traz consigo enormes prejuízos a longo prazo. Para que possamos ter uma relação menos egoísta com a natureza, precisamos de conscientização, visto que se continuarmos dessa maneira, as gerações futuras irão pagar pelo nosso egoísmo.

Quadro 85 – Seleção das vozes externas no Texto 60

Estrutura	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo	
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L				
Segundo Albert Schweitzer afirmava, “Vivemos em uma época perigosa, o homem domina a natureza antes que tenha aprendido a dominar a si mesmo”.		X				
Portanto, de acordo com o escritor Victor Hugo, “É triste pensar que a natureza fala e o homem não a ouve”.				X		

### 6.1 Análise dos textos do nono ano

Ao separar cada uma das estruturas responsáveis por introduzir as vozes externas empregadas, chegamos aos seguintes resultados quantitativos:

Tabela 3 – Quantificação das estruturas veiculadoras de vozes externas nos textos de 1 a 30

Texto	Complexo oracional		Encaixamento	Grupo		Número de estruturas que veiculam vozes externas	
	Projeção			Circunstância de ângulo	Outras estruturas		
	I	L					
1	2	1	1	0	0	0	3
2	1	0	0	0	0	0	1
3	3	1	1	0	0	0	4
4	0	0	0	0	0	0	0
5	1	2	1	0	0	0	3
6	1	0	0	1	0	0	1
7	0	0	0	0	0	0	0
8	0	3	0	0	0	0	3
9	0	2	0	0	0	0	2
10	0	0	0	0	0	0	0
11	0	0	0	0	2	0	2
12	0	0	0	0	0	0	0
13	3	2	1	0	0	0	5
14	0	2	0	0	0	0	2
15	0	2	2	2	0	0	2
16	1	1	0	0	0	0	2
17	0	0	0	0	1	0	1
18	0	1	0	0	0	0	1
19	0	0	1	1	1	0	2
20	0	0	0	0	0	0	0
21	0	2	1	0	0	0	2
22	0	3	1	0	0	0	3
23	0	1	0	0	1	0	2
24	0	1	0	0	0	0	1
25	0	1	0	0	0	0	1
26	0	0	0	0	1	0	1
27	0	2	2	0	0	0	2
28	2	0	2	1	0	0	3
29	0	0	0	0	0	0	0
30	0	1	1	0	0	0	1
Total	14	28	14	5	6	0	50

Analisando os dados da tabela, chama-nos a atenção, primeiramente, os textos 4, 7, 10, 12, 20 e 29, uma vez que não empregam nenhuma voz externa e, conseqüentemente, nenhuma estrutura capaz de materializar essa estratégia argumentativa. A verdade é que todos os seis textos ficam apenas nas próprias palavras de seu autor, perdendo ele a oportunidade de

aprimorar o potencial argumentativo de seu texto, ampliando as discussões apresentadas, o que é considerado importante no gênero solicitado – artigo de opinião.

Conforme apresentado nos quadros em que foi feito o levantamento das estruturas responsáveis pela inserção das vozes externas em cada texto, em dois deles parece que, a princípio, seus autores tentam ir além da sua própria voz nos parágrafos de desenvolvimento, mas não foram bem sucedidos:

- “Aí, se passa um tempo e você fala “Nossa por que vários potes iguais? Vou jogar alguns fora!”, sabe para onde vai esse pote? pro lixo, demorando anos e anos para se decompor.” (Texto 12)
  
- “Mas não adianta ficar lendo o que estou escrevendo neste artigo e ficar aí parado; como eu já disse, temos que tomar providências. Daí você me pergunta: “quais são elas então?”” (Texto 20)

Nos dois casos, o que existe, na verdade, é a indeterminação do sujeito com o uso do “você” (HOUAISS, 2001). Ou seja, os autores utilizam um pronome que indica um agente genérico e consagrado na linguagem familiar, informal, criando um efeito expressivo. Ou seja, esse “você” pode ser qualquer um e pode ser, facilmente, substituído por “alguém”, sendo uma estratégia muito comum da fala (MOREIRA, 2006, p. 7). Além disso, a escolha do exemplo utilizado pelo autor do texto 12 é questionável, pois não é uma prática muito usual uma pessoa comprar vários potes com cores diferentes a ponto de se perguntar o porquê de ter adquirido tantos iguais e jogar fora. O exemplo, que deveria trazer identificação com o leitor, aproximando-o do texto, pode acarretar efeito contrário: um estranhamento na mensagem e negação, por parte do leitor, do que foi dito. Já no exemplo 20, quando exige mudança de postura no leitor, dizendo que não adianta ler o artigo e “ficar parado”, o estudante utiliza a pergunta, logo em seguida, como um caminho para chegar às mudanças que sugere. Aliás, vale destacar: cobra-se mudança de postura, mostram-se diversas medidas, exemplos do que fazer, mas a argumentação, ponto fundamental dos parágrafos de desenvolvimento, acaba não sendo a prioridade.

Ou seja, nos dois textos, além de ideias pouco desenvolvidas, podemos chegar à conclusão de que, talvez, não seja claro para esses estudantes o que seja, de fato, trazer o

discurso alheio para seu texto, seja para refutá-lo ou para embasar a ideia que se deseja defender.

Nos outros quatro textos – 4, 7, 10 e 29 –, não há, por sua vez, sequer a tentativa de trazer a voz do outro. Embora seja possível perceber um maior senso crítico e conhecimento de mundo nas produções 4 e 7, parágrafos superficiais construídos com apenas um período (texto 10), ideias pouco desenvolvidas (texto 10), discursos vagos e generalizações (texto 29), por exemplo, comprovam que ainda há muito o que ser aprimorado para a construção de posicionamento esperada em textos do último ano do Ensino Fundamental.

Com uma visão um pouco mais ampla sobre todos os textos desse primeiro grupo, fatores como falhas na estrutura argumentativa apresentada, insuficiência no desenvolvimento das ideias e construções vagas também chamam a atenção e merecem ser destacados.

Não é preciso uma análise muito minuciosa para notar como a estrutura básica da argumentação não foi cumprida com êxito em muitas dessas produções. Embora os parágrafos de introdução não sejam os mais problemáticos, pois trazem, de forma geral, a apresentação do posicionamento central do autor, a falta de uma mínima contextualização para apresentar o tema não permite estabelecer um contexto inicial capaz de ambientar o leitor no que vai ser tratado. Em muitos casos, já se começa logo com a tese, ou pressupondo que o leitor conheça o tema antes mesmo de ler o texto. Com isso, perde-se, muitas vezes, a oportunidade de utilizar, de forma produtiva a voz do outro para isso, como mostram, por exemplo, as introduções abaixo, retiradas, respectivamente, dos textos 19, 21 e 27:

- “Desde de que percebemos que nossa harmonia é necessária, passamos a ter outro ponto de vista sobre ele com vários acordos entre países para a sua melhora. Apesar disso, ainda existem sérios problemas em relação a tudo isso, o desenvolvimento nem sempre tem sido harmônico.”
- “A relação do homem com o meio ambiente é desgastante para esse, porém é benéfica para o primeiro. O homem aproveita muito dos recursos da natureza, contudo sem repor em mesma proporção. Fazendo assim com que cada vez mais espécies fiquem extintas.”
- “É indiscutível que a relação do homem com o meio ambiente é de total desprezo e despreocupação. As pessoas têm vindo, cada vez mais, em uma onda de

consumismo exagerado e desleixo em relação a medidas de sustentabilidade, o que é incontestavelmente preocupante.”

No que diz respeito aos parágrafos de desenvolvimento, é possível perceber a presença de alguns muito curtos ou com apenas um período, como nas produções 10, 13 e 15. Mesmo que casos assim não sejam recorrentes, não há como não atentar ao fato de que muitos textos produzidos por esse primeiro grupo de estudantes apresentam problemas quanto ao desenvolvimento das ideias apresentadas. O que se percebe é que se tratam de textos “enxutos”, o que prejudica não só a construção argumentativa como um todo, mas também, conseqüentemente, a defesa consistente do ponto de vista do autor. Observe, a seguir, apresentados na ordem, os exemplos retirados dos textos 9, 15, 21, 29:

- “Hoje em dia, o conhecimento está ali, para quem quiser conhecê-lo. Isso facilita no momento em que você quer pesquisar algo. Inclusive, relacionado ao meio ambiente. Isso pode ser uma ferramenta muito poderosa nas mãos dessa nova geração.”
- “Em algum momento de nossa história houve a segregação entre homem e meio ambiente. Os humanos passaram a colocar-se em uma categoria distinta da natureza, apenas pelo fato de serem seres racionais, e passaram a tratar os recursos naturais como fonte de exploração apenas.”
- “No meu ponto de vista, o meio ambiente poderia ter sido cuidado de uma forma muito mais sustentável e prática pela humanidade, evitando assim que hoje em dia práticas como desmatamento e queimadas se tornem cada vez mais frequentes e consideradas até comuns por algumas pessoas.”
- “A maioria das pessoas só pensam em si próprias e esquecem que sem a natureza não conseguimos mais produzir nada, pois a natureza é a base de tudo. Para muitos tudo na vida é dinheiro, então as pessoas preferem não fechar uma de suas fábricas e deixar o meio ambiente cada vez mais desgastado.”

Nos quatro exemplos destacados, embora estejamos diante de parágrafos que compõem o desenvolvimento dos textos, é fato que eles não conseguem, de fato, cumprir com o que se espera: desenvolver, de forma crítica e, portanto, produtiva, o ponto de vista do autor.

No primeiro caso, diz-se que “o conhecimento está ali”, facilitando quando queremos pesquisar “algo” por ser uma “ferramenta muito poderosa”. Todavia, não é possível saber onde seria esse “ali” nem a que conhecimento o autor se refere. Seria o ambiental? Pesquisar o quê? Qual ferramenta muito poderosa seria essa? Por que ela seria tão poderosa? São várias perguntas sem respostas. Encerra-se o parágrafo em questão, chega-se à conclusão, mas não se explica, de maneira clara, como a tecnologia poderia ajudar a melhorar a relação do homem com o meio ambiente.

A seguir, no texto 15, já chama a atenção o primeiro período desse parágrafo de desenvolvimento: “Em algum momento de nossa história houve a segregação entre homem e meio ambiente”. Não se sabe a qual momento específico a autora faz referência. Na verdade, talvez nem ela saiba. Do jeito que foi construído o parágrafo, a informação acaba ficando muito vazia, muito ampla. Além disso, afirma-se que passamos “a tratar os recursos naturais como fonte de exploração apenas”. Como assim fonte de exploração? Haveria algum exemplo que nos fizesse visualizar melhor essa ideia? Não é possível desvendar o que leva o autor a ter esse posicionamento nem como é possível comprová-lo. O leitor fica esperando, em vão, encontrar as respostas para os questionamentos que surgem.

No exemplo do texto 21, quando se afirma que “o meio ambiente poderia ter sido cuidado de uma forma muito mais sustentável e prática pela humanidade”, mais uma vez o cenário amplo e difuso se repete: não basta dizer, é preciso explicar. Como ser cuidado de forma mais sustentável e prática? Estamos diante de uma informação que não é devidamente explorada. Não há exemplos, não há criticidade maior do autor sobre o que ele mesmo afirma, o que só reitera a construção de um texto esvaziado de informações.

Já no último parágrafo destacado, o problema maior está na seguinte construção: “esquecem que sem a natureza não conseguimos mais produzir nada, pois a natureza é a base de tudo”. O uso das palavras “nada” e “tudo”, generalizantes, só enfraquece o posicionamento a ser defendido. Como não produzimos nada? O que seria esse “nada”? A natureza seria a base de tudo, mas tudo o quê? Não há explicação. Mais uma vez não é possível descobrir.

Seguindo nessa mesma linha de raciocínio, o uso recorrente de palavras como “coisa” – presente, por exemplo, nos textos 2, 3, 4 e 7 – e de construções vagas, como as apresentadas a seguir, também merece destaque. Observe:

- “O que podemos tirar disso tudo é que precisamos fazer nossa parte, caso contrário o que acontecerá com o nosso planeta?” (Texto 6)
- “É preciso de uma conscientização, ou os dias do nosso planeta já estarão contados.” (Texto 16)
- “Para a melhora dos nossos problemas ambientais precisamos fazer nossa parte e deixar de lado esse pensamento irredutível, da maioria da população, de que a raça humana é inferior.” (Texto 19)
- “É importante haver um processo participativo e sustentável, cada um fazendo a sua parte respeitando o ciclo de cada um.” (Texto 29)

Esses períodos destacados são apenas alguns exemplos que reúnem ideias vagas, imprecisas, em um mesmo parágrafo do texto: a conclusão. Diante das complicações na relação homem *versus* meio ambiente, é comum esperar que o autor sugira alternativas de mudança para o cenário apresentado no texto, mas apenas dizer que cada um deve fazer a sua parte ou se conscientizar não é suficiente. Essas ideias não foram explicadas em nenhum momento nesses textos. Como fazer a minha parte? Qual é a minha parte nesse processo? Como posso me conscientizar disso? Conscientizar-me está relacionado diretamente a uma mudança de postura minha como leitor? Não necessariamente. Talvez, nem os próprios alunos saibam explicar como, de fato, podemos contribuir para cuidar melhor do meio ambiente no qual estamos inseridos.

Fugindo um pouco desse perfil, os textos 3, 6, 14 e 17, por exemplo, embora ainda apresentem problemas diversos, já conseguem propor caminhos mais efetivos, como não jogar lixo na rua, reciclá-lo, evitar o desperdício de alimento, andar de bicicleta e investir na instalação de placas solares.

Além disso, vale destacar: como estamos diante de um artigo de opinião, propor medidas não é uma etapa obrigatória do gênero e, se elas estiverem presentes no texto, não precisariam estar apenas ser feito apenas na conclusão – como foi feito nesses textos e como normalmente é cobrado em textos voltados à prova do ENEM. Embora houvesse certa liberdade, no gênero em questão, para que esses alunos pudessem explorar essas mensagens, percebemos que elas não foram bem aproveitadas, talvez, por, até mesmo, desconhecimento.

Quando voltamos os olhares especificamente para as estruturas veiculadoras de vozes externas nesses textos, aspecto central neste trabalho, os problemas relacionados à questão do desenvolvimento das ideias ganham ainda mais relevância, pois podem auxiliar na análise

sobre se, de fato, acontece um bom aproveitamento do recurso em questão para construir o posicionamento do autor, fortalecendo a base argumentativa do seu texto.

No entanto, antes de trazermos um panorama qualitativo em relação ao uso de vozes alheias, é importante retomar a quantificação dos tipos de mecanismos empregados para inseri-las nos textos e o total de vozes empregadas pelos alunos do nono ano do Ensino Fundamental. Reunimos essas informações na tabela a seguir:

Tabela 4 – Total de estruturas veiculadoras de vozes externas (9º ano EF)

	Complexo oracional			Grupo	
	Projeção		Expansão	Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
<b>Total</b>	14	28	2 <sup>48</sup>	6	0
<b>Vozes externas por tipo</b>	44			6	
<b>Total de estruturas que veiculam vozes externas</b>	50				

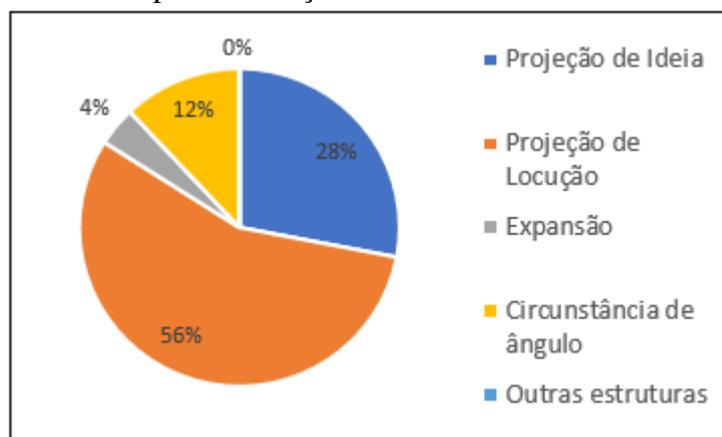
Ao observar os números encontrados, nota-se uma quantidade significativa de vozes externas nesses vinte e quatro textos restantes: 50 no total, distribuídas entre grupo – 6 casos – e complexo oracional – 44 casos. Isso significa que os autores empregam, na verdade, predominantemente, estruturas gramaticalmente mais complexas, do período composto para apresentar vozes de outrem.

Quando analisamos a inserção de vozes por meio do complexo oracional, esse último número, é possível perceber, claramente, a preferência desses alunos, mesmo que, talvez, involuntária, por trazer a voz do outro por meio da projeção, forma mais prototípica, totalizando 42 ocorrências. Dessas, a maioria é do tipo locução, em que verbos como *dizer*, *mostrar*, *explicar* e *aconselhar*, por exemplo, aparecem com mais frequência (28 vezes) do que outros que marcam a projeção do tipo ideia, como *constatar*, *achar*, *considerar* ou *prever* (14 vezes). Não desprezioso, esse número sugere um maior conhecimento dos processos verbais do que dos processos mentais como mecanismo gramatical para a inserção de discurso relatado em textos.

O gráfico a seguir mostra esse resultado em porcentagem, permitindo uma comparação mais clara entre as incidências dos diferentes mecanismos gramaticais de inserção de vozes nos textos do 9º ano.

<sup>48</sup> Vale destacar que, embora tenham sido encontrados, no total, quatorze casos de expansão, apenas dois deles (textos 19 e 28) são responsáveis de forma direta por carregar a estrutura que introduz a voz alheia, sendo, portanto, os dois únicos casos contabilizados.

Gráfico 1– Porcentagem dos mecanismos empregados por alunos do 9º ano do EF para a inserção de vozes externas



Fonte: A autora, 2022

Com o devido levantamento, é possível ter maior precisão em relação à quantidade de vozes externas nesses textos, em relação a quais são as estruturas empregadas para isso e com qual frequência elas aparecem. No entanto, embora altos, os números parciais e o resultado total encontrado não podem ser vistos, imediatamente, como sinônimo de qualidade.

Por isso, seguindo a linha de raciocínio empregada na análise dos textos das duas séries, selecionados e apresentados na Metodologia, é preciso avaliar se o emprego, de forma recorrente, da voz do outro se mostra, nesses casos, de fato, produtivo como estratégia para produção de textos com viés argumentativo. Mais do que quantidade, é fundamental um olhar crítico a fim de perceber como essa estratégia é empregada, se de forma a somar na construção do posicionamento defendido ou não.

Inicialmente, observemos os textos 17, 19 e 22, em que seus autores, claramente, demonstram não ter domínio de como trazer para seus artigos as estruturas veiculadoras de vozes externas. Considerando a importância do contexto para a construção do significado, destacamos, desses textos, os parágrafos completos que contemplam o aspecto agora em foco:

- “Derivado do latim, sua definição é “suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. (<http://www.uol.com.br/ecoa/fag/sustentabilidade.htm>). Ser sustentável é ter em mente que o meio ambiente e seus recursos não são infinitos, é saber que ele não é só seu e sim de todos os seres vivos e não vivos no planeta Terra.” (Texto 17)

- “Cerca de 66% do ambiente marinho foi alterado pelo ser humano (pesquisa feita pela ONU) e nós ficamos aqui parados observando toda essa destruição do que temos de mais belo. Poluímos múltiplas praias, rios e lagos e a troco de quê?, não ganhamos absolutamente nada com isso.” (Texto 19)
  
- “Para muitos não dizerem que essas ideias são apenas minhas, eu trouxe uma bióloga e uma professora de sustentabilidade, ambas com mestrado e doutorado em Stanford e MIT, para falarem um pouco sobre esta questão de ser sustentável e a importância que isso traz para o meio ambiente. Clara Melara, a bióloga diz que se nós não cuidarmos do meio ambiente e dos recursos que ele carrega, ele não irá durar por muito tempo. Já a professora diz que temos de ter uma visão Ecosocialista, que defende que a natureza não pode ser vista como mercadoria.” (Texto 22)

No primeiro caso destacado, correspondente ao segundo parágrafo do texto, podemos perceber a escolha da projeção paratática, retratada no uso das aspas, e a informação sobre a fonte de onde a informação foi retirada entre parênteses. Na verdade, o site completo foi, certamente, copiado e colado, já que o texto foi digitado e a entrega, como vimos no capítulo anterior, feita de forma virtual. No entanto, o fato de justapor essas informações, deixando-as desconexas, é o grande problema. O que há, na verdade, é uma ausência de estrutura adequada para apresentar essa voz que vem de fora, permitindo-se levantar a hipótese de um desconhecimento por parte do aluno das estratégias que a língua dispõe para isso. Se é a fonte, inclusive, que ajudaria a dar credibilidade ao que é dito, colocá-la entre parênteses faz com que ela pareça uma informação a mais, sem maior importância, que pode ser, inclusive, desconsiderada pelo leitor.

Como estamos diante de um parágrafo de desenvolvimento, esperava-se encontrar, ainda, um argumento, ou seja, um possível embasamento capaz de justificar o ponto de vista defendido pelo autor. Todavia, o que se vê é apenas a explicação do site Uol sobre o que é sustentabilidade, seguida de uma explicação nas palavras do próprio autor, construindo-se um parágrafo expositivo, em que o posicionamento crítico em si não é prioridade. Isto é, não fica clara, nesse parágrafo, a perspectiva do autor sobre qual é a relação do homem com o meio ambiente nem como ela acontece. Logo, não há, de fato, atendimento pleno ao tema nem opinião, fazendo com que a definição trazida não sirva para agregar força argumentativa ao texto como um todo.

Ao se analisarem os demais parágrafos, percebe-se que o aluno acaba abordando mais a sustentabilidade em si, propondo diversos exemplos sobre como ser sustentável no dia a dia, como ocorre no terceiro parágrafo – mais uma vez expositivo – do que analisando criticamente como o ser humano se relaciona com o espaço onde vive. Nesse sentido, a definição do site Uol – única voz externa do texto, trazida no início do segundo parágrafo – permite o questionamento de qual seria, de fato, a sua relevância para a construção textual, já que não cumpre nenhuma função argumentativa.

No segundo parágrafo destacado (texto 19), de desenvolvimento, mais uma vez o dado estatístico é apresentado sem que sua fonte seja referida por meio de uma estrutura prototípica de relato. Os 66% em questão são apresentados para confrontar o leitor quanto a uma postura de acomodação frente a esse percentual de alteração no ambiente marinho. Nesse sentido, embora não explorado, o dado já é empregado de forma mais produtiva do que no texto 17, que apresenta uma definição e um link como fonte dela. Contudo, a fonte de onde foi retirado aparece, também, entre parênteses, sem uma estrutura específica para inseri-la, o que não foi a melhor alternativa.

Aqui não é possível afirmar que haja, novamente, por parte do aluno, um desconhecimento total dos mecanismos para a incorporação da voz externa a seu texto. Prova disso é o segundo parágrafo do texto, o qual apresenta, também por hipotaxe, a voz de especialistas, introduzida por uma circunstância de ângulo – “Segundo pesquisadores da ONU”. Ou seja, pode-se levantar a hipótese de que o estudante conhece um mecanismo linguístico para a inserção de voz externa em seu texto, mas não outros. Então, para não repetir essa estrutura, prefere o uso dos parênteses, sem entender as implicações trazidas por suas escolhas. Mais uma vez, portanto, é reconhecida a importância do discurso alheio, mas sem um domínio efetivo de como fazê-lo.

No trecho destacado do texto 22, por sua vez, percebemos a fala de duas especialistas na área, confirmando, de fato, o posicionamento defendido no primeiro período do parágrafo. No entanto, o que chama a atenção é o que é dito anteriormente: “Para muitos não dizerem que essas ideias são apenas minhas eu trouxe uma bióloga e uma professora de sustentabilidade”. Ou seja, o autor afirma trazer as vozes por entender que isso será cobrado pelo leitor (ou pelo avaliador do texto – o professor). Ele conhece a importância dessa estratégia, traz a voz de pessoas renomadas para seu texto e faz questão de deixar isso claro, fazendo referência às universidades em que elas estudaram. A grande questão aqui diz respeito à apresentação inicial dessas duas vozes, o que acabou resultando em uma construção

superficial, mal articulada. É como se o autor do texto estivesse cumprindo meramente um protocolo que ele ouviu dizer ser importante.

Consideramos que a presença de apenas uma dessas vozes externas já cumpriria a função de reforçar o ponto de vista do autor do texto. Entretanto, como a “cultura” escolar valoriza essa estratégia argumentativa, o aluno faz uso dela duas vezes, provavelmente, buscando atribuir valor a seu texto. Além disso, ao fazer uso das construções “a bióloga diz que” e “a professora diz que”, percebe-se a repetição do processo verbal (“dizer”), um dos mais prototípicos para construir uma projeção por locução. Esse fato demonstra ou uma certa despreocupação por parte do autor em variar o processo empregado ou um desconhecimento de outros que possam ser utilizados nessa situação.

Sem dúvida, essas vozes são relevantes, levam a uma reflexão, fortalecem a visão conservacionista defendida pelo autor no primeiro período do parágrafo, mas a forma como foram apresentadas sugere o cumprimento de um protocolo, de uma etapa necessária à construção do gênero. Mais que isso: vemos um apagamento da voz do autor em seu próprio texto, o que acaba por transferir a força argumentativa do raciocínio desenvolvido pelo autor para a voz dessas duas mulheres – como se pode ver na conclusão do texto. É a voz delas que prevalece, não a do estudante. Assim, mais uma vez, deparamo-nos, mesmo que de maneira diferente, mesmo com a presença agora de uma estrutura capaz de veicular a voz alheia, com um texto ineficiente quanto a esse aspecto, um texto que ainda não faz uso de tal mecanismo com propriedade.

Diferentemente desses três textos, que, mesmo de forma inadequada, ainda apresentam fontes seguras, confiáveis, diversos outros apresentam problemas nesse aspecto, pois acabam por utilizar fontes vagas, sem notoriedade social, prejudicando a credibilidade da mensagem veiculada. Exemplos não faltam: afirmar que muitos acham (texto 2) ou que muitas pessoas consideram (texto 16) determinado aspecto, que muita gente acredita (texto 3) ou não (texto 6) em alguma informação. Trazer a voz de pais e parentes (texto 9) também é uma prática frequente nesse grupo de textos.

Outros, tentando ir além desse discurso mais baseado no dia a dia, trazem construções como as destacadas a seguir, acreditando estar no caminho correto para a construção de um texto argumentativo bem-sucedido:

- “Estudos dizem que “cerca de 66% do ambiente marinho foi significativamente alterado por ações humanas”.” (Texto 8)

- “Segundo afirmam as pesquisas , o comércio online teve um aumento de 41% em 2020, sendo a maior parte em produtos que não compraríamos normalmente.” (Texto 16)
- “Cientistas afirmam que a perda de biodiversidade não é apenas uma questão ambiental, mas também de desenvolvimento econômico, social e moral.” (Texto 24)
- “Um documentário famoso da Netflix denunciou que, há poucos anos nas Savanas Africanas , o último elefante branco ( macho ) morreu .” (Texto 25)

Os quatro exemplos anteriores, recortados dos parágrafos, apresentam a imprecisão em relação à origem da informação apresentada. Diferentemente do que pode ser visto nos textos 3, 5, 11 e 21, por exemplo, em que há a referência a, pelo menos, uma fonte segura (mesmo que nem sempre da maneira eficiente, como veremos adiante), aqui, ficam alguns questionamentos: quais estudos e quais pesquisas chegaram aos números divulgados nos dois primeiros fragmentos? são confiáveis? pesquisas e estudos feitos por quem? Esses estudos foram realmente feitos ou são uma criação do autor do texto? quem são os cientistas que tratam a biodiversidade não apenas como uma questão cultural? a qual documentário da Netflix o autor do último período está se referindo? São informações muito amplas e imprecisas, que representam, ao mesmo tempo, como já bem defendia Costa Val (2006), a fala de todos e de ninguém. Construções assim acabam refletindo a superficialidade da reflexão, reduzindo a eficiência pragmática do texto e afetando diretamente questões como interesse pela leitura e relevância (COSTA VAL, 2006). Afinal, se a apresentação de dados, mesmo criados pelo autor do texto, é uma estratégia para criar empatia, identificação com o interlocutor, isso não ocorreu devido à imprecisão na apresentação da fonte.

Além disso, ao analisar o contexto do qual cada um desses períodos foi retirado, é importante avaliar se há validade no uso dessas vozes externas e se seu emprego contribui para a construção do texto, considerando a perspectiva argumentativa. No primeiro caso, por meio da parataxe, o autor confirma o que foi dito antes, utilizando a voz alheia, adequadamente, como estratégia de sustentação – embora posteriormente não desenvolva muito seu posicionamento. No terceiro caso, também sem maiores problemas: a voz do outro introduz o desenvolvimento e serve como ponto de partida para o desenvolvimento do raciocínio do autor do texto.

No segundo, todavia, a estrutura “Segundo afirmam as pesquisas” introduz um percentual referente ao aumento do comércio on-line, mas não há, no parágrafo, informação sobre como esse número afeta diretamente o meio ambiente. Ou seja, cabe ao leitor fazer a associação entre o aumento do consumo de roupas, objetos de decoração ou outros produtos e o prejuízo causado à natureza. Seria por causa do lixo produzido? Não há certeza ao se ler o texto. Já no quarto caso, trazer o documentário mencionado comprova a ocorrência da caça a animais, mesmo sendo esta ilegal. O uso do processo verbal “denunciou” em lugar de simplesmente, por exemplo, “mostrou” ou “disse” também é destaque positivo. O problema é que, embora seja interessante a informação trazida, a voz externa não está bem relacionada às demais informações para ajudar na defesa do posicionamento do autor. O que motiva a caça desses animais? Como essa prática pode causar morte por fome? Por quê? Não se sabe. Assim, essas vozes externas no segundo e quarto textos, que serviriam para sustentação da tese, esclarecimento ou ilustração do assunto, acabam perdendo força.

Seguindo com a análise de outros textos que compõem esse primeiro grupo do *corpus*, percebemos mais problemas no que diz respeito à inserção de vozes externas e a suas estruturas veiculadoras. O texto 5, por exemplo, mostra a dificuldade de articulação da voz alheia com o projeto do texto, problema muito frequente na amostra recolhida. Vejamos:

“Cada ano que passa estamos cada vez mais próximos do caos (provável fim do nosso planeta). Cerca de um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção, e outras já foram totalmente erradicadas, nem temos um cálculo aproximado dessas espécies. A Plataforma da organização das nações unidas (ONU) revela que contou com a colaboração de 145 cientistas de 50 países, no que é considerado o relatório mais extenso sobre perdas do meio ambiente.”

Nesse parágrafo introdutório, é possível ver uma contextualização (primeiro período), um dado que funcionaria muito bem como voz externa, mas não pode ser assim considerado, já que nenhuma fonte foi apresentada – parecendo, então, ser uma afirmação do próprio autor – e não uma informação advinda da ONU. Analisando com um pouco mais de atenção, percebemos que os dois primeiros períodos mantêm uma relação entre si: falar que um milhão de espécies de animais e plantas está sendo ameaçada de extinção é comprovar que a relação humana com o meio ambiente não é saudável e que estamos próximos de “provável fim do nosso planeta”. Todavia, o último período dessa introdução não se relaciona bem aos anteriores, parecendo ser somente uma informação a mais e permitindo alguns

questionamentos: será que é essa Plataforma da ONU que, no relatório citado, chegou a esse número de um milhão de espécies ameaçadas citado anteriormente? Se não, qual seria a relevância de mais uma informação nessa introdução? Embora o dado possa servir para ambientar o leitor no tema abordado, acabamos diante de um parágrafo mais expositivo, com um mal aproveitamento desse recurso.

Além desse texto e do 13, analisado na Metodologia, outros, como o 9 e o 28, apresentados, respectivamente, a seguir, também trazem, sem muito sucesso, a voz alheia no parágrafo introdutório:

- Ultimamente o assunto da sustentabilidade está em alta. Muitas crianças, adolescentes e jovens questionam que a própria geração não está envolvida da forma que é necessário. A pauta de um mundo mais sustentável está sendo debatida pelo mundo inteiro.
- É essencial o ser humano ter uma boa relação com o meio ambiente, tomando atitudes para se tornar cada vez mais sustentável e evitando o desperdício e o consumismo ao redor do mundo. No entanto, nossa prática é muito diferente do que aconselham os biólogos, cientistas e outros estudiosos do mundo todo.

Mais uma vez, vemos dois casos de vozes sem “força” social, como já abordamos anteriormente: a de muitas crianças, adolescentes e jovens e a de biólogos, cientistas e outros estudiosos, citados genericamente. Nesses casos, o uso que se faz aqui da voz do outro acaba assemelhando-se à voz do senso comum, ferindo novamente o fator informatividade (COSTA VAL, 2006). No entanto, o aspecto em foco agora é a relação entre essas vozes e a construção do parágrafo introdutório dos textos.

Com o papel de atrair o leitor para o texto como um todo, a introdução precisa, sempre que possível, ir além da mera apresentação da tese, contextualizando o tema. Aqui, essa contextualização não se dá de forma produtiva. Prova disso é o fato de o texto 9 começar de maneira clichê (Ultimamente) e o texto 28 já trazer a tese logo no primeiro período – o que poderia ter sido feito de forma, mas não foi o que aconteceu.

No texto 9, a clara desarticulação das ideias também precisa ser destacada. A falta de conectivos capazes de promover a coesão sequencial, o encadeamento dos períodos, faz com que cada um deles, pareça ser independente dos outros. Aliás, em uma leitura mais atenta, percebe-se, ainda, que o tema tratado parece ser mais sustentabilidade do que a relação do ser

humano com o meio ambiente. Embora o segundo englobe o primeiro, não podemos considerar que se trate da mesma ideia.

Ao focar na voz externa trazida para esse texto, perguntamo-nos: ela está articulada ao posicionamento do autor? sua escolha é justificada ao longo parágrafo? Não é preciso esforço para comprovar que não. Basta perceber que o parágrafo em si é construído por um fato (“Ultimamente o assunto da sustentabilidade está em alta.”) seguido de dois períodos em que não há uma tomada clara de posicionamento. Não há uma tese. Crianças, adolescentes e jovens opinam, o mundo debate, mas e o autor? O que ele pensa sobre tudo isso? Pode ser que a crença na necessidade de empregar a voz do outro faça com que esta se sobressaia à própria voz do autor, problema comum em diversos textos analisados.

No texto 28, por sua vez, seria muito interessante, por exemplo, começar o parágrafo introdutório com o aconselhamento dos biólogos, cientistas e outros estudiosos. Isso já ajudaria na contextualização e na ambientação do leitor, evitando a apresentação da tese e, em seguida, de forma tão direta e inicial. O autor poderia partir da voz de autoridade para ampliar o tema e, em seguida, posicionar-se sobre ele. Também poderia ir além, dando mais força ao uso dessa voz: afinal, o que esse grupo, de fato aconselha? Essa ideia está vaga no texto. Essa informação não foi trazida explicitamente. Tratar-se-ia de evitar o desperdício e o consumismo ao redor do mundo? Poderia ser, mas não há como ter certeza disso. Ou seja, mais uma vez, percebemos o emprego de um discurso – neste caso hipotático – que não contribui de forma satisfatória com o parágrafo e com o projeto de texto.

Sob esse ponto de vista, vale lembrar o que já vimos em alguns casos anteriores: o uso não produtivo da voz alheia não se restringe à introdução, conforme comprovam os parágrafos de desenvolvimento a seguir:

- Primeiramente, o que é ser sustentável? Segundo a Uol, sustentabilidade significa suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras. Em outras palavras, significa adotar pequenas grandes atitudes no nosso cotidiano, visando diminuir o seu impacto ao meio ambiente, como por exemplo, tomar banhos mais curtos, desligar a água enquanto se ensaboa, fazer uma separação seletiva do lixo reciclável, entre outros. (Texto 11)
- Até existem leis ambientais, como a que proibiu os canudos de plásticos no estado do Rio em 2018, entretanto, estas não são devidamente respeitadas. Muitas vezes

seu descumprimento é tratado apenas como um pequeno desvio ao invés de uma quebra de lei. (Texto 15)

- Os números do relatório divulgado pela IPBES (Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços de Ecossistema) não deixam dúvida: cerca de um milhão de espécies de plantas e animais estão sendo ameaçadas de extinção. Isso por si só já é um fato preocupante, porém, para mim o mais assustador é o fato de que se a humanidade não mudar a sua forma de interagir com nosso planeta, esse número só aumentará. (Texto 23)

No parágrafo de desenvolvimento trazido do Texto 11, há apenas a exposição de ideias. Seu autor, semelhantemente ao que fez o autor da produção 17 – analisada anteriormente – utiliza o site Uol, por meio de uma circunstância de ângulo do tipo fonte, para definir sustentabilidade e depois explica, com suas palavras, o que seria esse termo. Embora a explanação, somada aos exemplos, esteja correta, não é possível encontrar o posicionamento do autor sobre o tema sustentabilidade nem sobre nenhum aspecto relacionado ao meio ambiente. Será que o homem faz uso do meio ambiente de forma sustentável? Sim, não, por quê? A sustentabilidade é importante? É colocada em prática? Como o autor enxerga esse conceito? Sem respostas. Ou seja, como não se partiu da voz para a promoção de uma análise crítica, nem que fosse para refutá-la, ela acabou perdendo seu potencial argumentativo, prejudicando todo o propósito comunicativo do texto.

Já no segundo exemplo, a referência empregada é muito interessante. É a única vez, em todos os sessenta textos analisados, em que houve referência à lei que proibiu a circulação de canudos de plástico na cidade carioca. Só a menção a esse fato já demonstra uma fuga dos padrões e uma aplicação prática dos conhecimentos que envolvem o dia a dia do aluno. Até a forma como essa voz externa foi aplicada se destaca: aqui, o que temos é o caso de uma oração projetante ajudando a compor a expansão, ou seja, a primeira está inserida na segunda.

A expansão, vista no capítulo 3, como o próprio nome sugere, é quando a segunda oração expande a primeira, ajudando no desenvolvimento do texto e veiculando uma espécie de quadros (figuras) que formam uma sequência na horizontal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Nesse caso específico, estamos diante uma expansão por intensificação, já que há o reforço da ideia contida na primeira oração, indicando uma circunstância de modo, da categoria comparação. Para facilitar a associação, basta pensarmos que, na NGB, estaríamos diante de uma oração subordinada adverbial comparativa.

Vale relembrar que, embora haja o entendimento de que a expansão inteira seja “como a que proibiu os canudos de plásticos no estado do Rio em 2018” e que tenhamos também marcado essa opção no quadro de análise, como explicado na Metodologia, interessa-nos mais especificamente a estrutura responsável por introduzir essa voz externa – “a [lei] que proibiu”, a qual classificamos como projeção por locução. Perceber a presença da projeção dentro da expansão ajuda a refletir acerca de uma maior complexidade estrutural empregada pelo estudante.

Voltando ao texto analisado, percebemos que o uso de uma estrutura diferenciada se destaca, atrai a nossa atenção, mas não é suficiente para a construção dos propósitos comunicativos do gênero em questão. Para comprovar essa ideia, basta ver, por exemplo, a extensão do parágrafo de desenvolvimento: apenas dois períodos e, no texto original, três linhas digitadas. Quando se utiliza “entretanto, estas não são devidamente respeitadas”, o leitor tem a expectativa de obter outras informações. Por que isso acontece? Qual é a visão do autor sobre isso? Como isso exemplifica, de fato, a maneira como o ser humano se relaciona com o meio ambiente? Por que as pessoas acabam vendo o descumprimento de leis apenas como um pequeno desvio? Situação semelhante acontece no parágrafo seguinte desse mesmo texto, em que predomina a explicação sobre o “Relógio do Clima”, e a opinião do autor só é explicitada no último período. Ou seja, não há, na verdade, desenvolvimento da ideia apresentada, não se permitindo, assim, ao leitor encontrar uma avaliação crítica, um posicionamento claro do autor do texto sobre o tema.

No exemplo retirado do texto 23, já é possível perceber a voz externa seguida de uma observação crítica – “Isso por si só já é um fato preocupante”. O problema, no entanto, é que só dizer que é preocupante não é suficiente, seria preciso explicar alguns pontos: por que há um número tão expressivo de espécies ameaçadas de extinção? o que levaria, na visão do autor, a essa realidade? Não é simplesmente a falta de desejo de cuidar do que é nosso, como sugere a introdução. Por que tudo isso é preocupante? Mais uma vez, argumentação não constrói um raciocínio eficaz, capaz de persuadir o leitor.

Por fim, não podemos esquecer de analisar criticamente, também, o emprego e a produtividade das vozes alheias, especificamente, nos parágrafos de conclusão. Embora essa seja uma prática que aconteça com uma menor frequência – textos 8, 11, 13, 21, 23, 27 e 28 –, algumas considerações precisam ser feitas. Vejamos três exemplos:

- Segundo o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre

Biodiversidade e Serviços de Ecossistema (IPBES), “Um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção”. Por isso, devemos cuidar daquilo que nos pertence. (Texto 11)

- O desmatamento no Brasil nos últimos anos cresceu de uma forma assustadora. Mesmo a mídia informando que 1 terço do Pantanal foi devastado por fortes queimadas que acabaram com grande parte da fauna e da flora local, o homem não para de maltratar o lugar onde mora e destruir tudo a sua volta. As pesquisas avaliam que o desmatamento na Amazônia é mais sério ainda, pois o Brasil desmatou 18% dela e se chegar a 22, ela vai atingir ao ponto de não retorno, assim ela irá encolher até parar de existir. (Texto 13)
- O objetivo final da sustentabilidade, segundo os estudiosos, é manter a biodiversidade e o meio ambiente de maneira geral contendo o mínimo de alterações humanas prejudiciais possível, para que a próxima geração possa desfrutar dos mesmos, ou pelo menos similares recursos que a geração atual possui nos dias de hoje. Principalmente devido ao fato de que a maior parte do planeta já foi explorado ou pelo menos influenciado negativamente pela ação humana. (Texto 23)

Ao ler esses três casos, um ponto de convergência se destaca: em todos eles, há presença maior da voz do outro do que da voz do próprio autor. Em vez de o foco principal dessas construções ser a reiteração da tese por parte do autor, a sua última reflexão crítica ou apenas um momento de encerramento das ideias já apresentadas, percebemos a predominância de informações novas – por meio de vozes externas – e o verdadeiro apagamento do autor do artigo de opinião.

Em 11, ainda é apresentada, pelo menos, uma conclusão do que se diz no parágrafo final – mesmo que não tão bem desenvolvida. Em 13, a voz da mídia e das pesquisas ocupa dois dos três períodos escritos. Embora os números apresentados sejam, de fato, assustadores, como diz o autor, eles por si só não deveriam ser os responsáveis por nos convencer a ter uma melhor relação com a natureza. O parágrafo acabou se configurando como expositivo, diferentemente do que se espera em um texto de opinião. Em 23, não é muito diferente: há muita explicação sobre sustentabilidade, mas sem clara retomada da tese, prejudicando o encerramento do texto.

Agora, já com o reconhecimento dos devidos problemas existentes nesse primeiro grupo de textos em relação às vozes externas e às estruturas que as veiculam, passaremos à análise dos textos selecionados da terceira série do Ensino Médio.

## 6.2 Análise dos textos da terceira série

Separando cada uma das estruturas responsáveis por introduzir as vozes externas nesse grupo de textos, chegamos aos seguintes resultados:

Tabela 5– Quantificação das estruturas veiculadoras de vozes externas nos textos de 31 a 60

Texto	Complexo oracional			Encaixamento	Grupo		Número de estruturas que veiculam vozes externas
	Projeção		Expansão		Circunstância de ângulo	Outras estruturas	
	I	L					
31	0	1	0	1	0	0	1
32	1	0	0	0	0	2	3
33	0	0	0	0	1	1	2
34	0	1	0	0	1	0	2
35	0	0	0	0	2	1	3
36	0	0	0	0	0	2	2
37	0	0	0	0	0	1	1
38	0	1	0	0	0	0	1
39	0	0	0	0	0	1	1
40	0	1	1	0	0	0	1
41	0	0	1	0	0	0	1
42	0	0	0	0	1	1	2
43	0	0	0	0	2	0	2
44	0	0	0	0	2	0	2
45	0	1	0	0	1	0	2
46	1	1	0	0	0	0	2
47	0	0	0	1	2	0	2
48	0	0	0	0	1	1	2
49	0	1	0	0	0	0	1
50	1	0	0	0	2	0	3
51	0	1	0	1	0	2	3
52	0	1	0	0	0	0	1
53	0	0	0	0	0	0	0
54	0	1	0	0	0	0	1

55	0	0	0	0	1	0	1
56	0	0	0	0	0	0	0
57	0	2	0	0	0	0	2
58	0	1	0	0	0	0	1
59	1	1	0	0	0	0	2
60	0	1	0	0	1	0	2
Total	4	15	2	3	17	12	49

Assim como nos textos produzidos pelos alunos do nono ano do Ensino Fundamental, chama-nos a atenção, primeiramente, a presença de duas produções que não fazem uso de vozes externas: textos 53 e 56. Mesmo que essa ausência aqui seja mais rara – apenas dois casos –, ela merece ser abordada com mais detalhes.

No primeiro deles (Texto 53), com uma leitura mais atenta, é possível perceber que, de forma geral, há posicionamento crítico e conhecimento de uma estrutura argumentativa básica. Na introdução, podemos ver a presença de três períodos que configuram, de fato, a organização do parágrafo em três partes, seguindo a lógica de início, meio e fim de um raciocínio, contextualizando o tema de forma histórica e apresentando a tese – “o meio ambiente foi altamente prejudicado ao ser muito explorado” – e os dois argumentos a serem trabalhados – “extrema busca pelo lucro” e “fim do pertencimento a natureza”.

No desenvolvimento, contudo, a diferença na extensão dos parágrafos impacta diretamente no aprofundamento das ideias: um primeiro parágrafo com dois períodos e um segundo com quatro. Embora escrever mais não signifique necessariamente escrever com mais qualidade, é possível ver que, no terceiro parágrafo, o autor consegue desenvolver muito mais as suas ideias do que no anterior. Vejamos os dois:

Primeiramente, é imprescindível destacar o desejo dos proprietários em acumular capital em seus bolsos como um dos causadores da destruição da fauna e flora. Sem pensar nas consequências futuras, o ser humano, seduzido pelo poder de compra, visualiza a natureza como uma fonte inesgotável de recursos.

Ademais, vale ressaltar a perda do vínculo do ser humano com o meio ambiente como fator propulsor desse panorama. As civilizações antigas, ainda não afetadas pelo sistema produtivo moderno, costumavam cultuar a natureza a fim de tratá-la como força superior, valorizando todos os seus recursos. Ao contrário, o homem dos tempos hodiernos, contemporâneos do modelo capitalista, perderam o sentimento de pertencimento e dependência à natureza. Ela é vista como mercadoria, sem considerar a sua necessidade perante a vida da sociedade.

A quais proprietários o aluno se refere? Quais consequências futuras? Como “seduzido pelo poder de compra”? Por qual razão isso acontece? Como? Trazer um dado estatístico ou a fala de um especialista, por exemplo, seria interessante, mas não resolveria, de fato, a superficialidade das ideias apresentadas no primeiro parágrafo de desenvolvimento se isso não fosse feito de forma bem articulada. Aqui, o que falta é mesmo a presença do autor.

Já no parágrafo seguinte, vê-se, por outro lado, a tentativa de explicar o tópico frasal, organizando as ideias e tirando delas um raciocínio final. Por meio de uma comparação histórica, o autor consegue mostrar que a relação do homem com o meio ambiente mudou, levando ao cenário visto hoje. O problema maior é que ele não explica como, de fato, isso aconteceu ou a que civilizações antigas ele se refere, deixando a ideia incompleta, o que prejudica a defesa do seu posicionamento.

Na conclusão, diferentemente da grande maioria dos textos desse grupo, temos um aspecto positivo a ser destacado: a retomada de tese seguida de uma reflexão crítica. Aqui, foge-se do perfil de texto ENEM. Trata-se de um dos poucos textos que não apresentam proposta de intervenção completa – mesmo que esse critério não tenha sido solicitado na proposta temática.

Nesse sentido, acreditamos que o fato de o autor não utilizar a voz do outro como estratégia argumentativa pode ter impactado a qualidade final do texto 53. Entretanto, o autor consegue, ao longo de seu texto, desenvolver suas ideias e construir seu posicionamento de forma satisfatória. O fato de não empregar, de forma desconexa, frases prontas, dados estatísticos decorados e, até mesmo, inventados, acaba sendo um ponto a favor do aluno, uma vez que a voz externa precisa contribuir para a construção da argumentação de forma produtiva e encaixar-se, de fato, na voz do autor. Não sabemos se o estudante não sabe, de fato, empregar esse recurso, mas podemos perceber que, se ele não sabe, também não fez uso indevido dele apenas para cumprir um protocolo. Pelo contrário, conseguiu, de forma mais autêntica, produzir um texto que expresse sua visão acerca do tema.

No entanto, o mesmo não acontece no texto 56: a presença de quatro parágrafos não foi suficiente para garantir que ele tivesse a estrutura básica esperada de um texto argumentativo. Embora seja possível ver nele marcas de coesão sequencial a fim de buscar promover um encadeamento das ideias, por exemplo, essas marcas não são suficientes, pois parecem empregadas de forma aleatória, sem relação clara com o projeto de texto.

Na introdução, a tese apresentada logo no primeiro período representa uma tentativa vaga de contextualização, com o uso das construções “Desde o começo dos tempos” e “a partir de um certo momento”, o que não é esperado de um texto de aluno concluinte do

Ensino Médio. Desde o começo quando? Que momento de mudança foi esse? Aqui, uma explicação/alusão histórica – como foi feito no texto anterior – ou uma explicação própria a fim de fornecer maior precisão às ideias apresentadas seria importante para ajudar na ambientação do texto. O fato é que tudo isso acaba sendo explicado no parágrafo seguinte, de desenvolvimento.

Adiante, a presença de um parágrafo de desenvolvimento com apenas um período prejudica bastante o desenrolar da ideia principal, que não é, em momento nenhum, esclarecida. Veja novamente:

Outro problema é a retirada incorreta e ilegal que acontece, simultaneamente, resultando em cada vez menos fontes no meio ambiente.

Retirada incorreta e ilegal de quê? Como isso acontece? Onde ocorre com maior incidência? Aqui, sem dúvidas, era preciso ampliar a ideia central a fim de mostrar como e por qual razão a relação humana com o meio ambiente vem sendo tão “tóxica” – palavra empregada pelo próprio autor. Nesse caso, uma melhor explicação, somada à voz externa, seria, sem dúvidas, um recurso valioso.

O último parágrafo, novamente constituído por um único período, não reitera a tese defendida, mas foca na apresentação das consequências da ação irresponsável do homem sobre o meio ambiente, “como a perda da biodiversidade, degradação do habitat e alterações climáticas”, ou seja, trata-se de um parágrafo de fechamento que não encerra as ideias, mas apresenta, equivocadamente, outras novas e não explicadas, apenas enumeradas.

Conclusão: estamos diante de um texto frágil no quesito argumentação, que não apresenta a estruturação esperada para a defesa de um posicionamento e não apresenta estruturas de inserção de vozes externas. Pela superficialidade das ideias empregadas e pela fragilidade estrutural do texto (tendo em vista ser um texto de aluna da 3ª série do EM), não podemos levantar a hipótese, assim como no texto anterior, de que a não utilização de voz alheia tenha sido uma escolha consciente do autor: ele pode não conhecer o recurso; pode conhecê-lo, mas não saber de sua importância estratégica em um texto argumentativo do tipo exigido nos exames; ou pode mesmo não saber empregá-lo.

Seguindo com a análise, focaremos, a partir de agora, especificamente, nos textos que apresentam estruturas que veiculam vozes externas. No entanto, antes de analisarmos qualitativamente esse aspecto, vamos retomar, novamente, a quantificação dos tipos de

mecanismos empregados e o total de vozes empregadas, mas agora pelos alunos da terceira série do Ensino Médio. Reunimos essas informações na tabela a seguir:

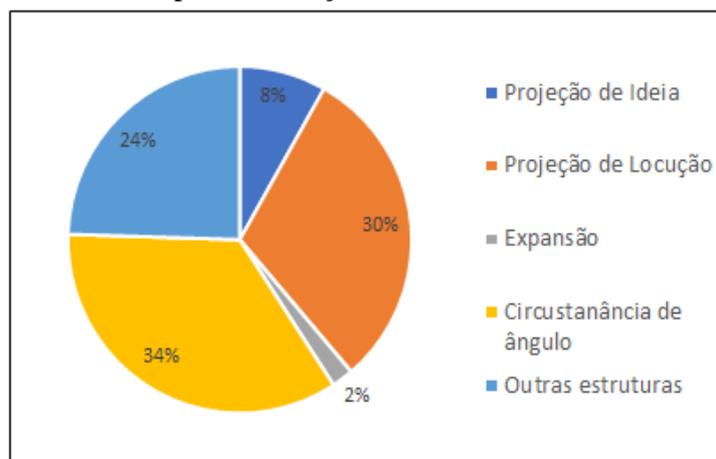
Tabela 6– Total de estruturas veiculadoras de vozes externas (3ª série EM)

	Complexo oracional			Grupo	
	Projeção		Expansão	Circunstância de ângulo	Outras estruturas
	I	L			
<b>Total</b>	4	15	1 <sup>49</sup>	17	12
<b>Vozes externas por tipo</b>	20			29	
<b>Total de estruturas que veiculam vozes externas</b>	49				

Ao olhar os resultados encontrados nesse segundo grupo de textos analisados, chegamos a um total de 49 estruturas que introduzem vozes alheias, distribuídas entre grupo – 29 casos – e complexo oracional – 20 casos. Desmembrando esses números, é possível perceber, claramente, o equilíbrio existente, de forma geral, entre três dos recursos empregados: 15 projeções do tipo locução, 17 circunstâncias de ângulo e 12 com outras estruturas, as quais, embora sejam consideradas grupo, não são introduzidas por uma circunstância.

O gráfico a seguir mostra esses números em porcentagem:

Gráfico 2 – Porcentagem dos mecanismos empregados por alunos da 3ª série do EM para a inserção de vozes externas



Fonte: A autora, 2022.

<sup>49</sup> Semelhantemente ao que fizemos na computação dos dados dos textos do 9º ano do EF, consideramos aqui não o total de expansões encontradas (dois casos), mas apenas a expansão com estrutura responsável por introduzir a voz externa.

Percebe-se aqui, de forma geral, a predominância de três recursos léxico-gramaticais disponíveis na Língua Portuguesa para a inserção de voz alheia no texto.

Além do levantamento quantitativo, é preciso, analisar, mais uma vez, se a voz externa é utilizada de forma a contribuir para a construção do posicionamento defendido no texto. Por isso, assim como se fez em relação ao grupo de textos produzidos pelos alunos do nono ano do EF, será analisado, a partir de agora, como acontece o emprego da voz alheia nessas produções para se comprovar se, de fato, essa estratégia é empregada de maneira produtiva na produção de textos argumentativos pertencentes ao gênero Redação de vestibular.

Começamos essa análise com a primeira incidência de voz externa de voz externa encontrada, que aparece logo no segundo parágrafo do texto 31:

Embora existam lutas pelo problema, uma expressiva fração social é egoísta ao optar por terceirizar o dever individual, e isso é refletido em seu consumismo. Apesar da mídia e das grandes empresas já buscarem uma conscientização mundial, o conceito defendido por Hanna Arendt, de que existe uma banalidade do mal, é aplicável ainda hoje. Cria-se um paradoxo quando o indivíduo revoga a sua responsabilidade pela causa em um momento tão urgente quanto a exploração de 173% da biocapacidade do planeta para a produção e consumo desnecessários. Dessa forma, o egocentrismo ocupacional adoece o meio natural.

Ao se observar o fragmento, já se destaca, no terceiro período, o fato de o texto não apresentar a fonte do número trazido sobre a exploração da biocapacidade do planeta, como se ele tivesse sido aferido pelo próprio autor do texto, o que não é fato. Embora essa seja uma informação fornecida por alguém ou por alguma entidade, a qual deveria ser apresentada, foi incorporada ao texto, pelo autor, de forma indevida.

É necessário pensar, também, em como o segundo período foi mal aproveitado para a defesa do ponto de vista: há uma banalização do mal, o indivíduo “revoga” a sua responsabilidade, mas como isso aconteceria de fato? Por quê? O que levaria os indivíduos a esse cenário? Não sabemos o que o autor pensa, de fato, sobre isso, pois faltou o desenvolvimento do seu raciocínio.

Além disso, um outro aspecto muito importante precisa ser destacado. Hanna Arendt é alemã e uma das filósofas mais influentes do século XX, mas nem ao menos se apresenta quem ela é nem o contexto em que sua teoria foi desenvolvida. Se o leitor não a conhece, a referência perde até mesmo sua relevância. Embora possa ser subentendida a questão da

banalização do mal, utilizar essa teoria de forma desconectada de seu contexto e da importância de sua autora faz com que ela perca sua força potencial como voz de autoridade.

Para entendê-la um pouco melhor, é preciso ir ao livro *Eichmann em Jerusalém*, publicado em 1963. Nele, Hanna aborda a vida de Karl Adolf Eichmann, um dos principais colaboradores de Hitler, e chega à conclusão de que o mal praticado por ele não era demoníaco, mas, nas palavras de Hanna, um “mal constante” que fazia parte da “rotina” dos oficiais nazistas como “instrumento de trabalho”. Ou seja, a banalização de um mal é a naturalização de um mal cuja prática se tornou comum, cotidiana. A partir disso, já fica claro que a filósofa não desenvolveu essa teoria pensando no consumismo ou na relação do homem com o meio ambiente.

Utilizou-se, aqui, um conceito da filosofia em um texto sobre a relação do homem com o meio ambiente sem se relacionar, explicitamente, um ao outro, sem se construir uma “ponte” entre eles, o que seria possível de se fazer, mas não foi feito. O entendimento do conceito e a relação que ele tem com a temática tratada no texto fica sob a responsabilidade do leitor. Uma explicação possível para esse fenômeno, que se repete em muitos textos produzidos na escola e nos exames, é o fato de diversos manuais de Redação na internet ou em cursinhos preparatórios utilizarem essa referência como possibilidade de repertório sociocultural “coringa”, útil a várias temáticas – já que existem vários males banalizados na sociedade. Com isso, os alunos se sentem à vontade para usar a referência, mesmo que, algumas vezes, nem saibam, por exemplo, como essa ideia se originou.

Continuando com a análise dos demais textos, percebemos, facilmente, como o uso de outras “citações-chave” mal empregadas, desarticuladas do que se pretende defender, não é raridade. Vejamos alguns parágrafos em que isso, por exemplo, acontece:

- “Ademais, a negligência do Governo em relação ao meio ambiente, é um alarmante fato que intensifica a desarmonização do Homem com o biosistema. Como diz o filósofo Demócrito: “O animal é tão ou mais sábio que o homem: conhece a medida da sua necessidade, enquanto o homem ignora.” Se instituições governamentais implantassem leis mais sustentáveis, talvez o relacionamento com a natureza seria melhor. Porém, a ignorância por meio dessas, fortalece a situação contemporânea.” (Texto 38)
- “Além disso, cabe mencionar o papel dos indivíduos para assegurar o equilíbrio

ecológico. O consumo mais sustentável dos recursos naturais é pouco adotado pela população, embora seja amplamente estimulado pelas mídias sociais. Nesse sentido, observa-se a perpetuação do uso inconsciente e da visão da natureza apenas como produto. Segundo o filósofo Francis Bacon, a intolerância é disseminada pelos indivíduos, dificultando a resolução do impasse.” (Texto 43)

- “Com o advento da indústria no século 18, que transformou e aumentou a produção, o meio ambiente passou a ser cada vez mais destruído pela ação antrópica. Nesse contexto, segundo o pensamento do cofundador do Greenpeace Paul Watson, inteligência é a habilidade das espécies de viver em harmonia com o meio. Tal harmonia é deturpada quando colocados em questão os desafios da relação entre o homem e o ambiente, amplamente ligados a industrialização, entre os quais se destacam o desmatamento e a produção de lixo” (Texto 44)

No primeiro exemplo, retirado do desenvolvimento do texto 38, o primeiro questionamento que pode ser feito é se o aluno realmente sabia a frase do filósofo pré-socrático igual ela foi pronunciada para empregar uma referência paratática. Embora Demócrito possa ter sido estudado nas aulas de filosofia, conhecer de memória, integralmente, o que dissera o estudioso – uma fala que encaixe exatamente no tema sobre a relação entre o homem e meio ambiente – não é comum. Como o texto foi escrito em casa, a informação pode ter sido, até mesmo, pesquisada na internet – o que não seria problema, desde que tivesse sido empregada de forma produtiva.

O que vemos, no entanto, é uma não articulação entre o argumento de autoridade, introduzido por circunstância de ângulo, e a ideia desenvolvida. O tópico frasal aborda a negligência do Governo com o meio ambiente, porém a ideia não é ampliada. Não há provas desse descaso governamental, não se aborda como ele acontece, não há exemplos nem explicações do que leva o autor a pensar dessa maneira. No lugar disso, o texto continua com a frase de Demócrito, sem nenhuma explicação sobre ela (o que poderia e deveria ter sido feito), como se ela, por si só, fosse capaz de garantir qualidade ao parágrafo e explicar o raciocínio do autor. Casos assim acontecem outras vezes, como nas Redações 52 e 58, em que as vozes de Marshall McLuhan e de Freud, de forma paratática e hipotática, respectivamente, sobrepõem-se e apagam a voz dos autores, que deveria ser o foco, nos parágrafos de desenvolvimento.

Por fim, no texto 38, parecendo mais uma proposta de intervenção, deparamo-nos com uma possível fundamentação para o argumento quando o autor se refere a leis mais sustentáveis. No entanto, mais uma vez, o raciocínio não é desenvolvido.

No parágrafo destacado do texto 43, por sua vez, diferentemente do anterior, temos um argumento e sua devida explicação. No entanto, ao observarmos o trecho em hipotaxe que apresenta a ideia do filósofo inglês Francis Bacon, vemos como a voz externa não consegue ser bem articulada ao que foi desenvolvido anteriormente. Pelo contrário, o trecho parece um período autônomo, solto. Haveria, então, uma intolerância do homem em relação ao meio ambiente? O ser humano não o tolera? Como isso se dá? Nesse sentido, embora possa haver uma relação entre a falta de consciência ambiental das pessoas, as quais, segundo o autor, não desenvolvem o consumo sustentável, e a ideia do inglês, isso não fica explicitado, o que prejudica não só a leitura do texto, mas a ideia que o autor pretende defender. Assim, não utilizar a voz alheia nesse caso teria evitado o problema, mas trazer ideias externas é apresentado como um aspecto importante do texto argumentativo nas escolas e pode explicar o porquê de muitos o fazerem, mesmo sem o devido domínio (BOCH e GROSSMAN, 2002).

Com um olhar mais atento, é possível perceber que a referência empregada ainda é, na realidade, um raciocínio generalizado, que serviria, do ponto de vista temático, a diversos temas. Quando se fala de uma intolerância disseminada pelos indivíduos, dificultando a resolução de um impasse, podemos associar essa ideia a diversos eixos temáticos que abordem questões raciais, religiosas, xenofóbicas ou quaisquer outros tipos de preconceito. Afinal, todos esses cenários têm em comum o fato de a intolerância dificultar a resolução do problema em si.

Já no caso do parágrafo destacado do texto 44, estamos diante de uma introdução em que são empregadas duas informações com base em conhecimento de mundo para uma possível contextualização do tema: uma referência histórica e uma voz externa em construção hipotática. Em se tratando de uma temática ambiental, trazer o raciocínio do fundador de uma ONG tão relevante na área, como é o caso do Greenpeace, é uma estratégia importante. No entanto, percebe-se que, mais uma vez, o emprego da voz externa, por diferentes razões, não foi produtivo: primeiro, porque ela não está bem encadeada com o período anterior; segundo, porque a própria ONG não foi devidamente apresentada. Se o leitor não conhecer o Greenpeace, a alusão perde a força que o autor do texto pretende que ela tenha; terceiro, não se explica a ideia, não se apresenta minimamente o tema e parte-se diretamente para a apresentação da tese. Afinal, por que essa habilidade de viver em harmonia com o meio seria inteligente? O que podemos entender dessa ideia? Sobre o que ela nos permite refletir?

Além disso, é preciso um olhar crítico para essa citação indireta. Mais uma vez, estamos diante de uma voz externa favorável a qualquer tema sobre natureza, como bem mostram diversas páginas na internet com “dicas” para Redação<sup>50</sup>. Nesse contexto, o que se percebe são muitos estudantes perdendo sua autonomia de escrita, acreditando que é preciso, a todo custo, usar vozes alheias – mesmo que eles não saibam como. Mesmo tendo sido uma ideia pensada previamente e trazida “pronta” para o texto, se ela estivesse bem articulada a ele, a introdução cumpriria melhor a sua função.

Seguindo com a análise, retomemos o texto de número 45. A voz externa, em estrutura de parataxe, não está materializada em uma estrutura de projeção. O que acontece, nesse caso específico, é a apresentação entre aspas da frase dita por alguém, logo no parágrafo introdutório, mas sem a indicação da autoria ou da fonte. Vejamos:

“ “Para a ganância, toda a natureza é insuficiente”. A relação exploratória e desgastante do homem com o meio ambiente é responsável, principalmente, pela degradação ambiental. Isso ocorre tanto pela negligência governamental, quanto pelo sistema capitalista.”

Se a verdadeira intenção do autor do texto, ao empregar essa estrutura em parataxe, era construir a contextualização do tema, não bastava apresentar a frase. A força e a credibilidade da citação, que teriam sido trazidas pelo nome do pensador, não se realizam, e o texto não ganha uma contextualização adequada. Seria preciso explicá-la melhor, relacioná-la aos períodos seguintes, também parte da introdução.

Com uma simples pesquisa na plataforma de buscas Google, conseguimos saber que a frase empregada pertence a Sêneca – filósofo, escritor e político romano. Contudo, não se sabe se essa frase realmente fazia parte do conhecimento de mundo trazido pelo adolescente para seu texto. Índícios levam a crer que não: ao digitar a citação na página de busca, acrescida das palavras “ENEM” e “citações”, além de sua autoria, vários outros resultados encontrados estavam relacionados a textos exemplares para o ENEM que usavam essa mesma

<sup>50</sup> Ver, por exemplo, as páginas a seguir, sugeridas pelo Google quando colocada a frase na ferramenta de busca:

- 1- <https://descomplica.com.br/blog/cliches-nao-citacoes-sim-11-citacoes-interessantes-para-argumentos-de-autoridade-que-deixarao-sua-tese-mega-consistente/>
- 2- <https://foconoem.com/citacoes-sobre-meio-ambiente-redacao-enem/>
- 3- <https://vestibulares.estrategia.com/portal/materias/redacao/7-citacoes-sobre-meio-ambiente-para-usar-na-redacao/>
- 4- <https://professoralarissa.com/citacoes-para-usar-na-redacao-do-enem/>

referência e, também, a frases prontas que poderiam ser empregadas em temas que envolvessem o meio ambiente. Veja, por exemplos, os três primeiros resultados encontrados:

Figura 12 – Resultado de busca sobre citação empregada no texto 45



Ainda na mesma redação, quando voltamos ao texto integral, vemos a presença de outras duas estruturas que introduzem novas vozes externas, sobre as quais é importante fazermos considerações: uma de Mahatma Gandhi e a outra do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) somada à da CNLD (Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas). Vejamos:

Segundo o ativista Mahtma Gandhi defendia, “Temos de nos tornar a mudança que queremos ver”. Paradoxalmente, é notório que a citação de Gandhi não é exercida na prática, visto que os incentivos para a modificação (campanhas publicitárias informativas e/ou propagação de um consumo consciente e sustentável) no cenário consumidor e capitalista por parte de agentes públicos são mínimos e quase nulos. Sob esse viés, é válido destacar a problemática e ameaçadora existência dos desequilíbrios ecológicos ligados, em sua maioria, às negligências governamentais em políticas públicas ambientais.

Ademais, conforme dados de uma pesquisa no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojista (CNDL), no mês de Fevereiro, seis a cada dez consumidores realizaram compras por impulso. Dessa maneira, é de extrema importância ressaltar a compulsão existente na sociedade de consumo, fomentada pelo capitalismo, que, conseqüentemente, acarreta na exploração dos recursos naturais e em diversas problematizações ambientais.

Na primeira delas, vemos novamente uma frase considerada “coringa”, vista inúmeras vezes, improdutivamente em produções textuais na escola e em exames vestibulares e no ENEM. Frases assim são consideradas, de forma geral, valiosas na visão de professores e de cursinhos que preparam os alunos para concursos, lançando mão de “macetes” que, em sua perspectiva, garantem um bom desempenho. No entanto, no nosso exemplo, é exatamente o contrário: aqui, o autor parte da frase do outro, mas acaba deixando seu argumento (a negligência governamental) como ideia secundária, sendo este abordado apenas no último período. Ou seja, construções assim, mesmo quando bem empregadas, o que não é o caso do texto 45, podem acabar revelando uma superficialidade nesse uso (uso clichê) e uma ausência de autoria.

Já no uso que o autor faz das informações oriundas do SPC e da CNDL, vemos uma voz externa introduzida por uma estrutura de grupo (circunstância de ângulo), mas não bem aproveitada no parágrafo argumentativo. Embora o dado apresentado seja relevante (“seis a cada dez consumidores realizam compras por impulso”), seria importante explorar mais o argumento trazido, abordando, talvez, a questão do consumismo, acarretando a exploração intensa de recursos naturais e diversos problemas ambientais com o descarte dos resíduos depois. Assim, não basta saber que a maioria das pessoas compra sem pensar, é preciso apresentar as possíveis consequências desse cenário. Mais que isso: a quais recursos naturais o autor se refere quando aborda a exploração? A que problemas sociais ele faz referência? Partiu-se da pesquisa, chegou-se ao argumento, mas não houve o devido aprofundamento deste, aspecto que é primordial em um parágrafo de desenvolvimento. Ou seja, em vez de termos um tópico frasal que foque no posicionamento do autor, na sua visão crítica, para depois explorá-la, acaba-se colocando como ideia principal, equivocadamente, a exposição, o fato.

Ainda no âmbito de frases generalizadas, vejamos os parágrafos a seguir, respectivamente retirados dos textos 47, 49, 51 e 57:

- Segundo o filósofo Thomas Hobbes, o homem é o lobo do próprio homem. Nesse sentido, a falta de proteção de áreas preservadas e o descontrole do desmatamento em grandes regiões, torna evidente, a ineficácia do Ministério do Meio Ambiente em tentar controlar a destruição sem reparos causados pelas ações humanas. Sob essa lógica, é possível concluir que os constantes ataques a natureza vão refletir de maneira negativa na vida de toda uma sociedade que depende das transformações

que provêm do meio ambiente para sobreviver.

- Nesse sentido, é fundamental salientar que o desinteresse do governo em relação as questões ambientais é o principal responsável pela má relação do homem com o meio ambiente. O educador Paulo Freire já citava que “Ninguém luta pelo o que não entende e ninguém transforma aquilo que não conhece”. Assim, muitas pessoas acabam não lutando contra as conseqüências que a degradação da natureza traz, o que é um entrave na preservação ambiental em sociedade, seja no Brasil ou no mundo inteiro.
- Nesse sentido, é fundamental salientar que os grandes conglomerados, principalmente os ligados a agricultura e pecuária, são grandes antagonistas ‘a preservação dos ecossistemas. Nesse viés, Gandhi defende que a natureza pode suprir todas as necessidades do homem, menos a ganância. Tese comprovada pelo fato das grandes empresas do ramo agropecuário, regulamente, fazerem uso de queimadas como forma de abrir espaço para criação de gado ou plantação de soja.
- Além disso, a falta de informação sobre a importância de cuidar do meio em que se vive é um fator para as péssimas atitudes atuais, haja vista que as conseqüências são a longo prazo. Por isso, uma parte relevante da população acredita que as pequenas atitudes cotidianas são irrelevantes perto do tamanho da riqueza global e continuam agindo de forma irresponsável. Pitágoras afirma que educando as crianças sobre o assunto, não será necessário punir os homens.

Utilizando a mesma referência que introduz o texto 50, analisado no capítulo de Metodologia, o parágrafo de desenvolvimento destacado do texto 47 também não emprega de forma produtiva a famosa frase de Thomas Hobbes. Logo depois da reprodução da frase de Hobbes, o autor usa a locução conjuntiva “Nesse sentido”, que tem valor de conclusão. No entanto, o que se apresenta em seguida não é uma conclusão da frase anterior – e, mesmo se fosse, não seria o mais adequado, já que o foco deveria ser desenvolver o argumento. A questão é que a metáfora de Hobbes não foi explicada, nem associada, diretamente, ao argumento a ser defendido – a falta de proteção por parte do Governo. A ideia poderia ter sido melhor relacionada ao último período, quando o autor afirma que os ataques à natureza influenciarão negativamente o futuro (já que o homem é o lobo do próprio homem), mas isso

não foi feito. Cabe ao leitor, então, fazer as inferências necessárias se quiser compreender melhor a relação entre as informações trazidas pelo autor.

No texto 49, por sua vez, outro nome muito famoso nas produções textuais de quem está prestes a fazer o vestibular: Paulo Freire. Famoso entre os alunos por suas frases relacionadas à educação, a frase do educador aparece, nesse caso, em uma estrutura de projeção paratática – “O educador Paulo Freire já citava que”. Embora o estudioso tenha, de fato, uma grande relevância social, não basta, simplesmente apresentar sua ideia para garantir que o parágrafo tenha credibilidade e potencial argumentativo. Afinal, não sabemos, a partir da leitura, qual é a ligação entre o desinteresse do Governo em relação às questões ambientais e a frase citada. Como poderíamos comprovar, de fato, o desinteresse do Governo?

Em vez de tentar responder a essas perguntas e ampliar o tópico frasal, temos apenas a voz do educador. Se ela fosse relacionada explicitamente à ideia central não haveria problemas. Ou seja, temos argumento, mas a questão é que só no último período podemos começar a inferir o que o aluno tenha tentado dizer, mas não disse de fato: o desinteresse governamental pode ser explicado quando vemos a falta de informações disponibilizadas sobre os prejuízos ambientais. O problema é que o foco, mais uma vez, acaba na voz externa e não na ideia a ser defendida, sendo este mais um caso em que o estudante entende ser de suma importância trazer a voz de outrem para sua produção, mesmo que de forma insuficiente e desconexa.

No texto 51, vemos novamente a voz de Gandhi – com a mesma mensagem empregada no texto 45, fortalecendo a ideia de usos de frases clichê–, mas agora ao lado da voz de Zygmunt Bauman, renomado sociólogo polonês, referenciado no parágrafo anterior. Mais uma vez, não há apresentação nem de um nem de outro. No primeiro caso, Bauman, inclusive, acaba assumindo grande parte da responsabilidade pela explicação da ideia colocada em posição central no parágrafo.

No fragmento em questão, logo depois do tópico frasal, apresentado no primeiro período, espera-se que a ideia seja explicada, o que não acontece. Afinal, por que empresas ligadas ao ramo da agricultura e da pecuária seriam as vilãs do meio ambiente? Não identificamos, como leitores, o que elas fazem, na concepção do autor, que atrapalha a preservação do ecossistema. Seria a ganância? A busca incessante pelo dinheiro? A explicação só vem no último período. Quebra-se esse raciocínio para apresentar, no segundo período, a citação de Gandhi. Ou seja, percebe-se que o autor sabe da importância dessa voz, mas acaba apresentando-a desconectada da mensagem anterior. Depois, percebe-se a concordância do aluno com a voz de Bauman, ampliando, apenas no último período, a ideia

que deveria ser o foco do parágrafo. Nesse sentido, é inegável que a estrutura está confusa, o que demanda, além de uma explicação do pensamento trazido, uma melhor organização dessas informações.

No texto 57, último exemplo destacado, quando focamos no uso das vozes externas, percebemos a utilização de duas projeções de locução com o mesmo verbo: *afirmar*. Considerando o emprego dessas vozes, novamente a impressão é de frases prontas, trazidas de memória para serem usadas em quaisquer temas apresentados na proposta de redação. No parágrafo em questão, é indispensável pensar em como a frase de Pitágoras foi aplicada. Do jeito que foi construída a apresentação da voz, parece que o matemático disse “Educai as crianças e não será preciso punir os homens”, pensando exatamente na questão ambiental.

Embora essa seja uma frase coerente e usada, de fato, em variados contextos, por que não o próprio autor dizer que considera importante ensinar as crianças a desenvolver uma relação saudável com o meio ambiente para que, quando cresçam, tenham o mínimo de consciência ambiental? Pitágoras apareceu de forma solta, sem a mínima explicação sobre a relação possível entre sua frase e o tema desenvolvido no texto. O autor traz uma voz externa para seu texto, para cumprir um protocolo, mas não é capaz de refletir criticamente sobre as escolhas feitas e sobre como elas podem impactar, positiva ou negativamente, a tese a que se propõe defender.

Diferentemente desses exemplos, podemos encontrar, no *corpus*, mesmo que em menor número, textos mais produtivos no que diz respeito à seleção da voz externa empregada. A Constituição brasileira, lei fundamental e suprema do país, por exemplo, ainda que de forma superficial, foi explorada na introdução do texto 33. Embora válida, a segurança ambiental, proposta na lei, foi meramente citada e, por não estar articulada ao período seguinte, não tornou a contextualização muito produtiva.

Outros parágrafos, aparentemente, buscam trazer vozes externas relacionadas a conteúdos vistos em sala de aula, por exemplo, nas aulas de Sociologia e de Geografia. A estratégia por si só mostra-se interessante, pois já revela a tentativa do estudante de extrapolar as frases prontas e a sua preocupação em dialogar com outras áreas do conhecimento de forma menos superficial. Alguns exemplos disso podem ser vistos nos parágrafos a seguir:

- Em primeira análise, destaca-se a falta de comprometimento social no que tange às questões ambientais, visto a negligência dessa pauta. Isso ocorre, pois o discurso capitalista predominante, baseado na exploração dos biomas em prol do

desenvolvimento econômico, esconde as verdadeiras mazelas da destruição natural, como defende o pensador Karl Marx. Do mesmo modo, a aniquilação do meio ambiente torna-se aceita pela sociedade, cega pelo crescimento econômico predatório, transformando a relação entre o homem e a natureza em uma mera relação de exploração. Logo, a busca pelo lucro justifica as novas formas de relações contemporâneas. (Texto 34)

- A priori, a natureza é essencial para existência humana, sendo necessário um equilíbrio entre as vidas. Sob essa lógica, o Acordo de Paris - tratado da ONU assinado por diversos países em 2015 - mostra a importância de preservar o meio ambiente à medida que impõe reduções anuais na emissão dos gases estufa. Dessa forma, a sobrevivência humana depende da existência de um meio ambiente harmonioso, visto que o gás oxigênio usado na respiração dos seres vivos é expirado pelas plantas durante a fotossíntese, por exemplo. (Texto 36)
  
- É indubitável que a sociedade usufrui dos recursos do planeta de maneira não sustentável. Isso se deve ao crescimento demográfico intenso. Desse modo, aparece o "Ecomalthusianismo", que defende o controle do aumento populacional de forma sustentável e que não prejudique a biodiversidade. Nesse contexto, o número de indivíduos em muitos países se multiplicam de forma desordenada. Com isso, a demanda por itens como alimentos cresce e a degradação da Terra se agrava cada vez mais. (Texto 40)

Embora a intenção de trazer tais vozes externas seja positiva, ao analisar a aplicação de cada uma delas nos parágrafos destacados, não podemos afirmar que todas tenham sido empregadas de maneira produtiva. Na primeira, presente no texto 34, a voz do filósofo alemão Karl Marx – que também aparece nos textos 41, 42 e 54 – está bem harmonizada com o argumento em si, de forma fluida. Ao empregá-la em uma construção hipotática, o autor mostra maior domínio da estrutura, permitindo que ela funcione, produtivamente, como forma de validação da ideia apresentada. No entanto, nos dois casos seguintes, a realidade é um pouco diferente.

No primeiro parágrafo de desenvolvimento da redação 36, vemos o argumento seguido logo da estrutura “o Acordo de Paris (...) mostra”. Ou seja, o autor não prioriza explicar, de fato, como a natureza é essencial para o ser humano, e por quais razões o equilíbrio entre o

homem e a natureza é importante. Explica-se, simplesmente, o que é o Acordo em questão e diz-se o que ele propõe, ressaltando sua importância. A breve explanação sobre o tópico frasal só vem no último período, quando se fala do gás oxigênio e da nossa respiração como um simples exemplo (o mesmo problema acontece, também, no parágrafo seguinte desse mesmo texto, quando o documentário citado substitui a explicação do argumento em si). Vejamos:

Apesar de necessitar de uma relação balanceada com a natureza, os seres humanos também são responsáveis por grande parte de sua destruição, uma vez que buscam explorá-la e desmatá-la a fim de enriquecer. A exemplo desse fato, o documentário “Seaspiracy” - disponibilizado em 2020 na plataforma de streaming Netflix - alerta sobre os impactos ambientais da indústria pesqueira, evidenciando como a desregulamentação dessa prática leva diversas espécies à extinção. Dessa maneira, ao criar um valioso mercado de itens da natureza, a degradação do meio ambiente é acelerada, já que muitas pessoas passam a depender de sua mercantilização.

Assim, mesmo que haja uma relação entre as ideias apresentadas, dentre as diversas construções possíveis, o parágrafo ficaria muito mais organizado se o autor, por exemplo, explicasse primeiramente todo o seu raciocínio, mostrasse como o meio ambiente auxilia no equilíbrio da vida e só então apresentasse o tratado da ONU, que vem buscando medidas para preservar o meio ambiente.

No fragmento do texto 40, o problema na articulação da voz externa é basicamente o mesmo. Na primeira frase, vemos a reafirmação da tese (“a sociedade usufrui dos recursos do planeta de maneira não sustentável”). Na segunda frase, apresenta-se o argumento de que o responsável por essa situação é o crescimento demográfico intenso. Logo depois, sem maiores explicações, traz-se a voz do Ecomalthusianismo por meio de uma projeção por locução – cujo processo é defender – dentro de uma expansão.

Embora o autor tenha utilizado duas operações para essa construção, o que poderia apontar para um maior amadurecimento linguístico, perguntamo-nos como leitores do texto: como o crescimento demográfico intenso tem afetado o meio ambiente? Por que o autor pensa assim? Como ele comprova essa ideia? Se a população não crescesse, não teríamos problemas ambientais? Seria esse um bom encaminhamento para abordar o tema? Isto é, mesmo que válido, mesmo cumprindo duas tarefas ao mesmo tempo, mesmo sendo uma voz menos comum que as demais, o emprego dessa projeção de locução aqui, ainda, não pode ser visto como sinônimo de qualidade textual. Na verdade, o período em que ela se encontra parece

desconectado dos dois primeiros e dos dois últimos, já que estes últimos acabam retomando a ideia do aumento demográfico, respondendo a algumas das questões que haviam ficado em aberto no texto. É como se a ideia que vinha sendo desenvolvida estivesse sendo interrompida apenas para a inserção da voz do outro.

Nesse sentido, o problema poderia ser resolvido se o texto explicasse, primeiramente, que o crescimento da população, sem maiores planejamentos, implica maior demanda de alimentos e que, sem a educação ambiental, sem a devida responsabilidade social com a natureza, a degradação da Terra só aumenta. Uma possibilidade de encaminhamento seria usar a teoria em questão como alternativa ao cenário apresentado, explicitando sua importância e discutindo como a ideia poderia ser recebida pela sociedade em geral, pelo Governo etc.

Ainda que com menor incidência no *corpus* analisado, destacamos dois outros aspectos em relação ao uso de vozes externas nos textos. O primeiro deles está relacionado ao uso de fontes imprecisas, mesmo que em menor quantidade quando comparado aos textos do nono ano: “Segundo pesquisas” (texto 35), “conforme notícias”(texto 35) e “Segundo estudiosos” (texto 55). Quais pesquisas? Feitas por quem? Quais estudiosos? De que área? Era preciso legitimar esse conhecimento, considerando sua fonte. O segundo diz respeito ao uso específico que se faz da voz externa na conclusão do texto 60, único caso em isso ocorre. Vejamos:

Portanto, de acordo com o escritor Victor Hugo, “É triste pensar que a natureza fala e o homem não a ouve”. Nesse sentido, fica claro que o uso inadequado do meio ambiente traz consigo enormes prejuízos a longo prazo. Para que possamos ter uma relação menos egoísta com a natureza, precisamos de conscientização, visto que se continuarmos dessa maneira, as gerações futuras irão pagar pelo nosso egoísmo.

Deparamo-nos, logo no começo do parágrafo, com uma ideia nova. Se entendemos que o papel da conclusão em um texto argumentativo é, basicamente, reiterar a tese, como podemos explicar a aparição de uma citação, não explicada, iniciando o parágrafo? Qual é o seu verdadeiro papel nesse parágrafo? Para concluir o texto, é mais produtiva a presença da voz do outro ou a presença da voz do próprio autor, que precisa reforçar o ponto de vista defendido?

Para encerrar a análise das estruturas veiculadoras de vozes externas nesse grupo de textos, não se pode deixar de mencionar, também, a constante referência a filmes – estratégia

usada, majoritariamente, na introdução dos textos a fim de buscar ambientar o leitor em relação à temática que será discutida. Vejamos, por exemplo, os parágrafos abaixo, retirados, respectivamente, dos textos 32, 37 e 39:

- O filme "Wall-e" retrata uma visão distópica do futuro em que a Terra foi abandonada pela humanidade após ser completamente preenchida por lixo. Apesar de ficcional, a obra cinematográfica revela que a relação entre os humanos e o meio ambiente é preocupante. Esse cenário crítico se deve a fatores como a exploração das florestas e aos avanços tecnológicos.
- O longa Wall-E, produzido pela Disney no ano de 2008, retrata um futuro distópico em que após soterrar o planeta com lixo e poluir a atmosfera, o ser humano deixa a terra para morar numa nave gigantesca vagando pelo universo. Na vida real não é diferente, pois o cenário atual, catastrófico da relação entre o ser humano e o meio ambiente se dá pelo excesso de lixo produzido pelo consumismo exacerbado e o desmatamento descontrolado das florestas e áreas vegetais pelo homem.
- No filme "WALL-E" é retratado o planeta Terra não habitado por seres humanos, devido a grande quantidade de lixo e gases tóxicos em sua atmosfera. Apesar de retratar uma realidade fictícia, o filme possui uma verossimilhança externa visto que o elo do homem com a natureza tem sido enfraquecido nos últimos anos. Desse modo é importante analisar as causas desse problema para que sejam tomadas medidas governamentais e para a conscientização da população sobre o assunto.

Não é que haja mal em usar o filme "Wall-e" para abordar uma temática que envolva meio ambiente, afinal há uma relação direta entre ambos. No formato seguido, aliás, a contextualização do tema aparece de forma clara, já que é relacionada, logo em seguida, à realidade. O problema é que, embora tenhamos destacado apenas três exemplos, o filme em questão foi abordado, de forma muito parecida, também nas produções 35, 48, 51 e 59. Além de Wall-e, Lorax (texto 42) e Interestelar (texto 33), outras duas produções cinematográficas, também foram empregadas, ajudando a totalizar quase um terço de introduções que são construídas, basicamente, da mesma forma.

Na maioria desses usos, a estratégia para introduzir a voz alheia foi a mesma: o uso de um grupo, formado por estruturas diferentes da conhecida circunstância de ângulo, marcado

pelo processo mental *retratar*. Ou seja, até que ponto essas construções revelam a autoria, revelam a autonomia do autor no planejamento de seu texto? Será que esses estudantes conseguem, de fato, articular esse recurso ao seu projeto de texto ou só o fazem por seguirem um modelo previamente estabelecido? Diante desse cenário duvidoso, não há como discordar da professora Maria da Graça Ferreira da Costa Val (2016), quando ela defende que a redação escolar impede que o aluno se desenvolva como sujeito autor, pois o faz renunciar à sua individualidade e à sua subjetividade.

Assim, embora seja comum o estudante apresentar dificuldades para iniciar o processo de escrita de seu texto, pois isso implica tomar decisões, planejar, como professores, não deveríamos considerar o emprego de uma fórmula repetitiva a solução. A verdade é que, ao haver uma escolha frequente por um mesmo tipo de estratégia introdutória, para os textos, de uma forma geral, percebemos estar diante de um grupo de autores que acaba desvalorizando as demais opções existentes e perdendo a chance de explorar, por exemplo, a comparação, a enumeração, a citação de exemplos, a alusão histórica, a interrogação e a definição – esta última, por exemplo, utilizada apenas nos textos 55 e 57.

### 6.3 Análise dos resultados

Após analisar de forma detalhada os textos que compõem o *corpus* deste trabalho, é possível chegar a algumas conclusões gerais que passaremos a apresentar, apoiados, também, nesta última tabela, em que os resultados encontrados nos dois grupos de textos são apresentados:

Tabela 7– Comparação quantitativa das estruturas veiculadoras de vozes entre os dois grupos de textos

Grupos de textos	Complexo oracional			Grupo		Total
	Projeção		Expansão	Circunstância de ângulo	Outras estruturas	
	I	L				
9º ano do EF	14	28	2	6	0	50
3ª série do EM	4	15	1	17	12	49

Por meio dos números encontrados, é possível perceber que os dois grupos de texto, do 9º ano e da 3ª série, utilizam uma quantidade muito parecida de estruturas que veiculam vozes externas – 50 e 49, respectivamente. No entanto, as diferenças entre as escolhas são visíveis: enquanto o primeiro grupo prioriza, claramente, apresentar a voz alheia por meio da projeção de locução – 28 ocorrências –, o segundo já mostra uma distribuição mais proporcional entre três possibilidades – projeção de locução, circunstância de ângulo e outras estruturas.

Entender esses números não é uma tarefa simples. Com um primeiro olhar mais ingênuo, parece haver uma certa incoerência nos resultados encontrados: se as projeções, presentes no complexo oracional, são construções sintaticamente mais complexas do que as estruturas de grupo, poder-se-ia esperar que aquelas estivessem mais presentes nos textos da terceira série do EM e estas, nos textos do nono ano do EF. No entanto, não é o que acontece. Mais do que uma questão estritamente gramatical, em que se considera a estrutura de oração projetada mais complexa do que as estruturas de grupo, como a de circunstância de ângulo, por exemplo, precisamos considerar que as estruturas de projeção são as mais prototípicas para a inserção da voz do outro em um texto, o que explica, então, a sua predominância nos textos do Ensino Fundamental. Enquanto isso, as possibilidades de apresentar a voz externa por meio de um grupo, embora mais simples do ponto de vista gramatical, aparecem em maior quantidade nos textos do EM, se comparados aos textos do EF, revelando maior sofisticação estrutural e fuga do tradicionalmente esperado. Todavia, isso ainda não é suficiente, nesses casos, para mostrar maior domínio discursivo da estratégia argumentativa analisada.

Além disso, vale ressaltar os casos de expansão encontrados. Ainda que para a contabilização total das estruturas veiculadoras de outras vozes tenhamos apenas um caso no 9º ano do EF e um caso na 3ª série do EM – responsáveis diretamente por trazer a voz alheia –, não podemos deixar de prestar atenção nos casos em que a projeção se faz presente na expansão, ou seja, casos em que o autor consegue mobilizar essas duas operações, uma dentro da outra. Na verdade, quando isso ocorre, podemos afirmar que há uma construção mais elaborada, mais difícil de ser construída do que aquela em que o aluno emprega apenas a projeção, no seu molde mais prototípico.

Nesse sentido, seria mais comum esperar encontrar esse tipo de construção em textos de quem está concluindo a Escola Básica, mas o cenário é outro: na terceira série, apenas um caso; no nono ano, dez. Ou seja, os autores mais novos, considerados, normalmente, mais imaturos na escrita, empregam com maior domínio essa estratégia, demonstrando, nesse aspecto, maior amadurecimento discursivo. O porquê desse cenário? Certamente, como já

abordamos antes neste trabalho, o treinamento, o “adestramento” que, normalmente, existe nas séries finais para escrever um texto dentro do padrão considerado esperado nos diversos vestibulares, inibindo quaisquer outras construções que fujam aos modelos previamente apresentados pelos docentes e encontrados em diversos manuais de Redação.

Para além da última tabela, outro aspecto que chama a atenção, ainda, no uso de orações projetantes, diz respeito aos processos empregados. Como há uma maior quantidade de projeção do tipo locução nos textos de 1 a 30, já era de se esperar que existisse também, neles, uma maior diversidade de processos verbais do que nos textos de 31 a 60. Todavia, cabe ressaltar: para construir os 15 casos encontrados no segundo grupo (EM), foram empregados apenas quatro verbos diferentes: *dizer* (um caso); *citar* (três casos); *afirmar* (cinco casos) e *defender* (seis casos). Ou seja, percebe-se a preferência por um processo específico – *defender*. Na maioria das vezes, sempre defende-se, afirma-se ou cita-se. A grande questão, como já discutido, é que a fala da autoridade ou da instituição, por exemplo, não aparece relacionada adequadamente à voz do próprio autor. Nesse sentido, muitas vezes, o leitor acaba conhecendo o que diz a autoridade e o que defende a instituição, mas não como o autor do texto em si se posiciona frente ao que é exposto, prejudicando diretamente a argumentação.

Seja ajudando a compor projeções do tipo ideia ou um grupo, chama-nos a atenção, também, o uso constante, pelos alunos do Ensino Médio, de um processo específico, o *retratar*, que aparece oito vezes, sempre relacionado à apresentação da voz externa representada pela mensagem veiculada por um filme. A predominância desse processo só reitera o que já vimos na análise qualitativa: a limitação desses alunos para explorar outras possibilidades, podendo esse uso repetitivo ser, mais uma vez, reflexo dos famosos modelos prontos de redação, que acabam anulando a possibilidade de escolha de outras construções.

Sob essa perspectiva, não chama a atenção o fato de 13 textos da 3ª série do EM começarem fazendo referências a filmes – 9 vezes com estruturas que introduzem vozes externas e 4 vezes como exemplos. Praticamente metade dos textos assumem esse modelo. Quando há a repetição constante de uma mesma estrutura e de uma mesma voz, tudo leva a crer que os alunos concluintes da Escola Básica, na amostragem em questão, preferem usar modelos previamente existentes, os quais acabam por anular sua autoria retirando na produção do texto.

Diferentemente, as produções do 9º ano do EF, mesmo com os problemas já apontados, revelam maior autoria. Além da maior variedade de processos mentais utilizados – *acreditar, constatar, achar, considerar, prever, avaliar e calcular* –, não há repetições

constantes de uma estrutura prototípica padrão Enem, perseguida, normalmente, pela escola, para inserção da voz alheia. Há, inclusive, maior diversidade no repertório utilizado. Esses alunos conseguem dialogar com o seu cotidiano quando citam, por exemplo, leis da sua cidade (texto 15) e questões atuais (Texto 1), trazendo mais autenticidade para sua escrita. Claramente, nessas produções, há maior “liberdade” de escrita do que naquelas.

A questão da preferência por construções paratáticas ou hipotáticas nos textos avaliados também merece ser destacada. Nas primeiras, o que está sendo citado se aproxima ao máximo do que realmente fora dito – graças, principalmente, ao uso das aspas. Embora esse seja um recurso que assegure confiança e credibilidade ao que está sendo discutido, pode revelar também, em casos de autores-alunos, a dificuldade de atuar sobre esse discurso usando suas próprias palavras, pois, ao escolher a parataxe, eles acabam evitando, então, construir uma reformulação que não seja pertinente (BOCH e GROSSMAN, 2002). Partindo dessa ideia, poderíamos concluir que, de forma geral, estruturas de introdução de vozes externas construídas por hipotaxe demonstrariam maior domínio e maturidade de escrita, porque seus autores conseguiriam, de fato, atuar sobre a voz do outro, articulando-a a seu próprio dizer.

No entanto, não é isso que acontece no *corpus* em questão. De fato, percebemos maior presença da hipotaxe nos dois grupos de textos avaliados, mas o problema é que o conteúdo introduzido, muitas vezes, principalmente pelos concluintes do EM não passa pela reformulação do autor, que, muitas vezes, somente muda uma ou outra palavra, parafraseia, mas não avalia, não critica, não valoriza o que foi dito. Assim, o fato de não conseguir empregar, com domínio, esse artifício acaba revelando que, mesmo ao final do Ensino Médio, não podemos afirmar estar diante de escritas proficientes em relação a esse aspecto.

Analisando-se todos os sessenta textos, pode-se identificar neles, de forma geral, a preocupação de cada autor em ir além da voz – importante aspecto em se tratando de um texto argumentativo (excluindo-se uma minoria de casos em que a voz do outro sequer aparece). No entanto, percebe-se que as vozes com fontes imprecisas predominam nas produções do 9º ano. Isto é, esses textos, mais do que os da 3ª série, recorrem a participantes do tipo genérico – estudos, pesquisas, especialistas – os quais, normalmente, não apresentam força argumentativa maior que um participante específico, seguido de cargo ou função, por exemplo. As produções da 3ª série, por sua vez, embora quase não apresentem essa questão, pois seus autores já entenderam, em sua maioria, que trazer nomes conhecidos agrega ao texto, ainda têm problemas. Na maioria desses textos, acontece apenas a apresentação desconexa da voz externa (já que sua presença é, inclusive, critério de avaliação nos vestibulares), sem que seu uso seja justificado e alinhado à voz de seu próprio autor. Em

outras palavras, não há, portanto, uma contribuição produtiva da voz do outro ao ser incorporada ao texto produzido pelo aluno.

Os resultados encontrados são claros e reiteram os estudos de Pinton e Pereira (2017): o movimento de se colocar no lugar do outro para mobilizar argumentos em prol da defesa de uma tese é um dos aspectos mais complexos na escrita do texto pelo aluno da Escola Básica, que mostra não dominar os mecanismos de negociação pontos de vista.

O cenário é mais complicado quando analisamos o movimento inverso: mobilizar uma voz que seja contrária à tese defendida pelo autor. Foi possível perceber que, de forma geral, os dois grupos avaliados empregam a voz do outro a fim de buscar reiterar uma ideia. Se já é complicado trazer para o texto uma voz externa para tentar validar o que se defende, empregar a contra-argumentação é ainda mais complexo para os alunos, uma vez que esse exercício exige um maior grau de previsão, pelo autor, das possibilidades de posicionamento contrário no que diz respeito à tese que está defendendo.

Com base em todos os aspectos observados até aqui, percebe-se que uma preocupação com o emprego da voz alheia nos textos *corpus* aqui analisados e que essa preocupação acaba se sobrepondo ao posicionamento do autor do texto. A autonomia de escrita, no fim da Escola Básica, deu lugar ao uso de ideias prontas, ideias-clichê, que se adaptam a diversos contextos, mas que não se vinculam, efetivamente, à ideia que se deseja defender, não atendendo de forma adequada ao projeto textual de seu autor. Por isso, fica claro que há que se repensar o trabalho feito nas escolas com o uso de vozes alheias nos textos argumentativos. Afinal, não basta ter a preocupação de trazê-las para o texto. É preciso que haja o exercício crítico da seleção das citações a serem utilizadas. Essa estratégia precisa ser posta em prática com discernimento, reflexão, considerando os propósitos do texto argumentativo e dos gêneros em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática discutida ao longo desta tese objetiva promover uma reflexão crítica sobre como se dá a materialização de vozes externas em produções de textos na Escola Básica. Por meio da visão funcionalista de Michael Halliday, observaram-se as marcas léxico-gramaticais que as introduzem. A partir de uma gramática de base semântica, interpretaram-se, quantitativa e qualitativamente, os recursos linguísticos empregados na inserção das vozes externas em textos de alunos de 9º ano do EF e de alunos da 3ª série do EM. Os textos aqui são entendidos como processo (HALLIDAY; HASAN, 1989), permitindo-nos observar conscientemente as atividades as quais levam a sua produção.

Nesse sentido, percebe-se que escrever qualquer gênero, na escola ou fora dela, vai muito além de escrever corretamente, de ter nascido com o dom da escrita, ou de dominar fórmulas prontas. Pelo contrário: escrever se aprende e se ensina, e esse papel de ensinar cabe à escola. O texto, de forma geral, pode e precisa ser visto como uma escrita planejada, construída para cumprir com a função social do gênero e com os objetivos comunicativos do autor. No entanto, a partir do estudo aqui desenvolvido, foi possível perceber que, embora as últimas décadas tenham sido de importantes transformações positivas em relação à forma como a língua, a leitura e a escrita são entendidas no contexto escolar, ainda há muito o que ser feito.

A análise quantitativa e qualitativa dos textos que formam o nosso *corpus*, considerando-se os limites deste trabalho, permite chegar à seguinte conclusão: as produções dos alunos concluintes do Ensino Médio não são, como normalmente se espera, mais maduras que as do 9º ano do Ensino Fundamental em relação ao aspecto avaliado, porque, nos textos da 3ª série, as vozes alheias não são empregadas de forma mais consciente, crítica e proveitosa para a realização de seu projeto de texto. O “adestramento” feito na terceira série do Ensino Médio voltado para o vestibular perfil Enem é o principal responsável pelo retrocesso do estudante no processo de construção da autonomia e da criatividade, no que diz respeito à inserção das vozes externas em seus textos. Nesse sentido, comprovamos nossa hipótese de que os trinta primeiros textos apresentam mais autonomia. Embora tenha sido encontrada uma diversidade de estruturas para a inserção de vozes externas no último grupo de textos, foi possível observar que não houve, como normalmente se espera, avanço no que diz respeito ao aspecto avaliado neste trabalho.

Por meio de nossa análise, percebemos que muitos alunos que finalizam a Escola Básica não escrevem com autonomia, com originalidade, por buscarem atender a um modelo de texto propagado como o ideal para atingir o objetivo de obter uma vaga na Universidade. Teoricamente sabem o que precisa ser feito, mas empregam, em seus textos, frases prontas, pensamentos do lugar-comum, e não conseguem relacioná-los de forma produtiva à construção de seu posicionamento. Muitos textos simplesmente reproduzem discursos alheios, acreditando, seus autores, que obterão sucesso na avaliação de sua redação. Entretanto, essas outras vozes mobilizadas não são relacionadas, com eficiência, à voz do autor do texto, que não as contesta nem as apoia, o que seria fundamental. Afinal, o sentido do texto produzido não se constrói somente a partir das diferentes vozes empregadas, mas, principalmente, da posição do autor frente àquelas vozes alheias que escolheu para fazerem parte de seu texto.

Na verdade, defendemos que essas produções exemplificam como escreve a maioria dos alunos que hoje conclui o Ensino Médio. Frutos de aulas que tendem a reproduzir uma escrita mecânica destituída de qualquer valor interacional, os estudantes não mostraram uma evolução no quesito avaliado nas produções aqui analisadas. Parece incrível, mas é exatamente na escola que as pessoas “exercitam” a linguagem ao contrário, ou seja, aquela que não diz nada (ANTUNES, 2006). Se se solicitar que os alunos escrevam qualquer outro gênero, que vá além desse formato, fica a dúvida sobre se os textos serão, de fato, bem-sucedidos. O peso da nota de redação na composição da nota final nos vestibulares e, principalmente, no ENEM acaba fazendo com que o investimento dos cursinhos preparatórios, da escola e dos alunos seja direcionado para um modelo dissertativo-argumentativo, com todas as características que o acompanham. Isso acaba fazendo com que a maioria não consiga desenvolver uma verdadeira autonomia em relação à habilidade escrita.

Sem dúvidas, há um longo caminho a ser percorrido. Se entendemos a língua como uma “entidade viva” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 5), essência da comunicação e da interação humana, conforme vimos ao longo deste trabalho, temos um cenário contraditório instalado: não é coerente continuarmos apoiando essa escrita automatizada, que se curva ao que é exigido por um determinado vestibular, mas não produz verdadeiros significados. De nada adianta redefinirmos concepções importantes – como ensino, língua e escrita – e os documentos oficiais – como os PCN e a BNCC – defenderem um ensino crítico, funcional, se a prática ainda destoa bastante da teoria. Nesse sentido, precisamos urgentemente explorar o que já havia sido proposto desde o início da década de 1980 por diversos estudiosos: deixar de produzir textos artificiais e passar, finalmente, a construir textos. Afinal, aprender a escrever é

também aprender a ler o mundo, não por meio da manipulação mecânica de palavras, mas relacionando linguagem e sociedade, como bem defendia Paulo Freire (1989).

Partindo dessa lógica, acreditamos que o mapeamento das estruturas léxico-gramaticais que introduzem vozes externas possibilita um novo olhar para os textos dos alunos da educação básica. Além de explicitar as dificuldades que esses jovens enfrentam na hora de escrever, os resultados encontrados também apontam pistas do que pode ser feito para aprimorar o processo de construção do texto argumentativo na Escola Básica.

Ciente das perspectivas discutidas nesta pesquisa e do cenário sobre os textos produzidos na escola nela apresentado, o docente pode pensar aulas mais produtivas, propondo atividades didáticas que “explicitem” a articulação de vozes – autoral e alheia – a fim de que os alunos sejam capazes de construir sua autoria relacionada ao discurso do outro. Acreditamos que, com práticas que articulem aspectos formais e funcionais da linguagem, será possível desenvolver nos alunos, de fato, a capacidade de produzir textos autorais, que cumpram seu propósito comunicativo. Dessa forma, a escola poderá desenvolver, juntos aos estudantes, uma escrita mais crítica e eficaz para que estes sejam capazes de assumir a palavra e agir de forma mais assertiva em suas práticas comunicativas.

Ao fim desta pesquisa, a intenção é de a ela dar continuidade, já que alguns questionamentos surgiram a partir dos resultados aqui encontrados:

- em um *corpus* consideravelmente maior de textos dessas duas séries, continuaríamos encontrando a mesma preferência pelas estruturas que veiculam as vozes externas?
- em situações normais de ensino, ou seja, em contexto de não pandemia e com aulas presenciais, os resultados qualitativos encontrados seriam diferentes?
- se o público-alvo da pesquisa deixasse de ser os alunos de uma escola elitizada particular e passasse a ser alunos de uma instituição, privada ou pública, do Subúrbio ou da Baixada Fluminense, por exemplo, como seriam os resultados?

A análise desenvolvida não pretendeu colocar um ponto final ao assunto abordado, pois ainda há muito o que ser investigado sobre o tema. Todavia, com base no que propõe a Linguística Sistêmico-Funcional, espera-se ter contribuído, de alguma forma, ao lado de outros estudos, para que os docentes de Língua Portuguesa compreendam, cada vez mais, a relevância de orientar uma produção textual pautada em escolhas léxico-gramaticais, investindo em um trabalho mais proveitoso com a língua em sala de aula. Afinal, a produção de texto no ambiente escolar não deveria servir a outro propósito senão a desenvolver uma

formação crítica no estudante, para que ele seja um participante ativo da sociedade em que vive.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *Les textes: types e prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irlandé. *Língua texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ARNT, Janete Teresinha; CATTO, Nathalia Rodrigues. Entre funções e metafunções: estudo comparativo entre Jakobson e Halliday. *Linguagem. Estudos e Pesquisas*, v. 14, p. 95-109, 2010.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

AZEVEDO, Tânia Maris de. A semântica argumentativa: a teoria e seu potencial para a pesquisa e o ensino. In: FANTI, Maria da Glória Corrêa di; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Texto, enunciação e discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

AZEVEDO, Tânia Maris de. (2011). Outras vozes na argumentação: atualização da polifonia e reformulação da descrição semântico-argumentativa do discurso. *Letras De Hoje*, v. 46, n. 1, p. 64-72, 2011.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 29.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Toward a reworking of the Dostoievsky book. In: BAKHTIN, Mikhail. *Problems of Dostoievsky's poetics*. 3ªed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *O discurso no romance*. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de estética e literatura: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1993. p. 71-210

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo, 2016.

- BAKHTIN, Mikhail.; VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKER, Mikhail. *In other words: a coursebook on translation*. London: Routledge, 1992.
- BARBISAN, Leci Borges; TEIXEIRA, Marlene. Polifonia: Origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. *Organon*, v. 16, n. 32-33, p. 161-180, 2002.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Saberes gramaticais na escola. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 31-54.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1983.
- BECKER, Fernando. *O que é construtivismo*. Ideias. São Paulo: FDE, n.20, p.87-93, 1993.
- BECKER, Fernando. A origem do conhecimento. In: BECKER, Fernando., *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*, 8ª edição, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 8. edição, 2002, p. 35-109.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRETON, Philippe. *A argumentação na Comunicação*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BOCH, Françoise; GROSSMANN, Francis. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. A opção pedagógica pode ter consequências individuais e sociais importantes. *Revista de Educação AEC*, v. 54, p.41-45, 1984.
- BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com o artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: BRAIT, B.; ROJO, R. *A prática da linguagem na sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ Campinas: Mercado de Letras, p. 221-247, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília, 2018.
- BRASIL. Diretoria de Avaliação da Educação Básica Daeb. Ministério da Educação (org.). *Redação Do Enem - Cartilha do participante*. 2020. ENEM. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_daeducacao\\_basica/a\\_redacao\\_do\\_enem\\_2020\\_-\\_cartilha\\_do\\_participante.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_daeducacao_basica/a_redacao_do_enem_2020_-_cartilha_do_participante.pdf). Acesso em: 10 out. 2020.

CÂMARA JÚNIOR, Mattoso. J. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*. 13. ed. Petrópolis, 1986.

CASTILHO, Ataliba Texeira de; CASTILHO, Celia de. MM. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. II: Níveis de Análise Linguística. 2. Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

COSTA-HÜBES, Teresinha da C.; ESTEVES, Leliane R. O. O gênero discursivo regras de jogo no livro didático do ensino fundamental. *Linha D'Água*, v. 28, n. 2, 2015.

COSTA VAL, Maria da Graça. O que é produção de texto na escola. *Presença Pedagógica*. v. 4, n. 20, p. 83-87, 1998.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. 3. ed. Martins Fontes, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação escolar: um gênero textual? In: GARCEZ, Lucia Helena do Carmo; CORRÊA, Vilma Reche. *Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores*. Brasília: Cebraspe. p. 64-72, 2016.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicky L. Plano. *Designing and conducting mixed methods research*. 2. Los Angeles: SAGE Publications, 2011.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de 'unidade informacional'. *Scripta: Linguística e Filologia*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 23-38, 1999. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10274/8394>. Acesso em: 08 jan. 2021.

DUARTE, Newton. O debate contemporâneo dos temas pedagógicos. In: MARTINS, Lígia Martins; DUARTE, Newton. *Formação de professores; limites contemporâneos e alternativas necessárias* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. *O Dizer e o Dito*, v.2, p. 161-218, 1987.

DUCROT, Oswald. Argumentação e 'topoi' argumentativos. *História e Sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, p. 13-39, 1989.

DUTRA, Vania L. R. GSF e complexo oracional. In: MATOS, Denilson P. de (org.). *Sintaxe na Linguística Funcional*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

DUTRA, Vania L. R. *Relações conjuntivas causais no texto argumentativo*. 2007. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2007. Acesso em: 20 out. 2021.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. 2nd. ed. London: Continuum, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2009.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. *Prática de texto para estudantes universitários*. Petrópolis: Vozes, 1992.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MULLER, Ana Lúcia de Paula. *Mas o que é mesmo Gramática?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FOSNOT, Catherine Tworney. *Construtivismo: teorias, perspectivas e prática pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FUZA, Ângela F.; MENEGASSI, Renilson J. A responsividade discursiva em produções escritas no ensino fundamental. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 1., 2008, Maringá. A responsividade discursiva em produções escritas no ensino fundamental. Maringá: UEM, 2008. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/A%20RESPONSIVIDADE%20DISCURSIVA%20EM%20fuzaza%20e%20menegassi.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2021.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GARCEZ, Lucília Helena do C. *Técnicas de Redação: o que é preciso saber para bem escrever*. 2. ed, 2. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- GLEASON, Henry Allan; GLEASON JR, HA. *Linguistics and English grammar*. New York: Hartford Seminary Foundation, 1965.
- GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e Gramática: uma introdução à lingüística sistêmico-funcional. *Matraga- Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v.16, n.24, p.13-47, 2009.
- HALLIDAY, Michael A. K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold. 2ed. 1994.
- HALLIDAY, Michael. A. K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London; New York: Routledge, 2004.
- HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 4. ed. London; New York: Routledge, 2014.
- HASAN, Ruqaiya. The structure of a text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social semiotic perspective*. Oxford: University Press, 1985.
- HASAN, Ruqaiya. Part B. In: HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social semiotic perspective*. Oxford: University Press, 1989.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- HUNSTON, Susan. *A corpus study of some English verbs of attribution*. *Functions of Language*. 2, 2, p. 133-158, 1985.
- INEP. *A redação do ENEM 2020 – Cartilha do estudante*. 52 p. Disponível em : [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/a\\_redacao\\_do\\_enem\\_2020\\_-\\_cartilha\\_do\\_participante.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/a_redacao_do_enem_2020_-_cartilha_do_participante.pdf). Acesso em: 13 mar. 2022.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2.ed., 2005.
- KATO, Mary A. Formas de Funcionalismo na Sintaxe. *DELTA*, v. 14, p. 145-168, 1998.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto. 5.ed., 2000.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo. Contexto, 3.ed, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 12. ed. 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; FÁVERO, L. Lopes. Contribuições a uma tipologia textual. *Letras & Letras*. v.3, n. 1, 1987.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: Diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

KRISTEVA, Julia. *Semiótica do Romance*. Lisboa: Arcádia, 1977.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: University Press, 1977. v. 2.

MACEDO, Lino de. *Ensaaios construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo. Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. *The Problem of Meaning in Primitive Languages, Supplement I to C.K. Ogden & I.A.* New York: Harcourt Brace, 1923.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Coral gardens and their magic: a study of the methods of tilling the soil and of agricultural rites in the Trobriand Islands*. London: Geoge Allen & Unwin Ltd/Museum Street, 1935.

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. *Coleção explorando o ensino: língua portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 65-84.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: MARCUSCHI, L.A. *Fenômenos de linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 146-168.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (ed.). *Manual de lingüística*. Editora Contexto, 2008.

MARTIN, James Rose. *English text: system and structure*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, James Rose. *Grammar meets genre: reflections on the ‘Sydney School’*. Aula inaugural na Universidade de Sydney, 2000, p. 47-95.

MARTIN, James R.; ROSE, David. *Genre relations: Mapping culture*. [S.l.]: Equinox, 2008.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, James R. Grammar meets genre: reflections on the ‘Sydney School’. *Arts: the journal of the Sydney University Arts Association*, v.22, p. 47-95, 2012.

MAURI, T. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: COLL, C. et al. *O construtivismo em sala de aula*. São Paulo: Editora Ática, 2006. p.79-121.

MELO, L. C. ; ESPINDOLA, E. . O Sistema Semântico de Projeção em Citações na Escrita Acadêmica de Relatórios de Estágios. *Raído*, v. 8, n. 16, p. 197-222, 2014.

MESQUITA, Antonio M.; LIMA, Caetano José de. *Criatividade em Língua Portuguesa*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.

MESERANI, Samir. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo, Cortez, 1995.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: [s.n.], 1986.

MOREIRA, Jorge de Azevedo. Entre a norma padrão e a norma culta escrita uma análise dos usos lingüísticos em Luiz Fernando Veríssimo. *Cadernos do X CNFL*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 14, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/7/07.htm>. Acesso em: 14 out. 2022.

MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, Viviane Maria. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER, B.; MOTTA-ROTH. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MUSSIO, Simone Cristina. Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo. *Soletas*, n. 30, p. 178-190, 2015.

NININ, Maria Otilia Guimarães. Escrita acadêmica e gramática sistêmico funcional: perspectivas para o ensino. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 54, n. 3, p. 593–619, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8647382>. Acesso em: 10 mar. 2022.

NININ, Maria Otília Guimarães; BARBARA, Leila. Engajamento na perspectiva lingüística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 52, n. 1, p. 127-14, jan./jul. 2013.

PERELMAN, Chaim. *L' empire Rhétorique: rhétorique et argumentation*. 2.ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1988.

PERFEITO, Alba Maria. Artigo de opinião: análise lingüística. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO. 2006, Maringá. *Anais...* Maringá; [s.n.], 2007. p. 745-755.

PERINI, Mário Alberto. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. 2.ed. Belo Horizonte: Vigília, 1985.

PINTON, Francieli Matzenbacher; PEREIRA, Gabriela Eckert. Atitude e engajamento em textos argumentativos produzidos no contexto escolar: desafios para o professor de leitura e escrita. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 266-282, ago./dez. 2017.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2002.

PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotsky*. São Paulo: Cortez, 2005.

RAZZINI, Maria Paula Gregorio. *O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. 2000. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium. In: SIGNORINI, Inês (org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 73-107.

ROSE, David.; MARTIN, James R. *Learning to write, reading to learn: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney school*. London: Equinox, 2012.

SANTOS, Ane Caroline Souza dos. *A organização temática nas redações do Enem: uma abordagem sistêmico-funcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1984.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Autores Associados, 2002.

SCHLEE, Magda Bahia. *O finito e a modalidade em editoriais de jornal*. Disponível em : [http://http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/50n\\_schlee\\_1007a1020.pdf](http://http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/50n_schlee_1007a1020.pdf). Acesso em: 27 dez. 2021.

SKINNER, Burrhus Frederic. *The technology of teaching*. [S.l.]: B.F.Skinner Foundation, 1968, 2003.

SOLÉ, Isabel; COLL, César. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, César et al. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.

SOUZA, Wander Emediato de. Retórica, argumentação e discurso. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2001. p. 157-177.

SOUZA, Medianeira; MENDES, Wellington Vieira. Uma análise sistêmico-funcional do dizer em artigos científicos de graduandos. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 28, p. 537-560, 2012.

TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*. 3rd. ed. London: Routledge, 2014.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1998.

VALENTE, André C. Argumentação e textualidade em crônicas jornalísticas. In: VALENTE, André C.; PEREIRA, Maria Teresa G. (org.). *Língua Portuguesa : descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

VENTURA, Carolina Siqueira Muniz; LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves. O Tema: caracterização e realização em português. *Direct Papers*, v. 47, p. 1-18, 2002.

VIAN JUNIOR, Orlando. Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 9, p. 387-410, 2009.

VIAN JUNIOR, Orlando; LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. A perspectiva teleológica de Martin para a análise de gêneros textuais. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 29-45.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João, 2013.

XAVIER, Antonio Carlos. *Como se faz um texto: a construção da dissertação-argumentativa*. Catanduva: Editora Rêspel, 2010.